UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- FFLCH
Departamento de Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – PPGH

**A EXPANSÃO GEOGRÁFICA DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E
MUSCULAÇÃO NA RMSP: BIOPOLÍTICA, CONSUMO ESTÉTICO E USOS DO
TERRITÓRIO**

Aluno: Lucas Miranda da Rocha

Orientador: Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- FFLCH
Departamento de Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – PPGH

VERSÃO CORRIGIDA

**A EXPANSÃO GEOGRÁFICA DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E
MUSCULAÇÃO NA RMSP: BIOPOLÍTICA, CONSUMO ESTÉTICO E USOS DO
TERRITÓRIO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, submetido à Banca Examinadora com vistas à aprovação para a obtenção do título de mestre em Geografia Humana.

Aluno: Lucas Miranda da Rocha

Orientador: Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R672e ROCHA, Lucas Miranda da
A Expansão Geográfica das Academias de Ginástica e Musculação na RMSP: biopolítica, consumo estético e usos do território / Lucas Miranda da ROCHA ; orientador Francisco Capuano SCARLATO. - São Paulo, 2020.
315 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Academia de Ginástica. 2. Espaço Urbano. 3. Consumo. I. SCARLATO, Francisco Capuano, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Lucas Miranda da Rocha

Data da defesa: 09 / 12 / 2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 17 / 02 / 2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

RESUMO

ROCHA, Lucas Miranda da. **A expansão geográfica das academias de ginástica e musculação na RMSP: biopolítica, consumo estético e usos do território.** 2020. 315 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) se caracteriza, no início do século XXI, como um território permeado por diversas problemáticas decorrentes dos processos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais que resultam em grandes deslocamentos pendulares para a classe trabalhadora, congestionamentos, poluição e uma profunda desigualdade socioterritorial. Todos esses elementos contribuem para o agravamento da percepção da qualidade de vida na metrópole, à qual se associam questões ligadas à saúde, ao desempenho com o trabalho, às demais atividades da vida, à alimentação e à estética corporal. Em meio a este cenário, as academias de ginástica e musculação surgiram rapidamente no território como objetos capazes de atender aos anseios das pessoas com relação à saúde, à qualidade de vida e à estética. Ademais, um conjunto novo de elementos constituintes do universo *fitness* compõem a cadeia produtiva do setor, como a suplementação alimentar, clínicas de estética, moda *fitness*, entre outros. Em virtude disso, o objetivo da pesquisa é compreender os fundamentos da acelerada expansão geográfica das academias de ginástica e musculação na RMSP, no início do século XXI, bem como a consolidação do universo *fitness* nos usos do território. A pesquisa adota uma abordagem dialética, que se debruça em compreender a totalidade do fenômeno e considera as contradições, contrarrazões e o irreduzível no processo. A triangulação de métodos é adotada como caminho para a superação de dicotomias, trabalhando com análises conjuntas de elementos quantitativos e qualitativos, promovendo a interdisciplinaridade na investigação e dialogando com um conjunto teórico-conceitual de diferentes áreas do conhecimento, o qual está ancorado no entendimento do espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações (SANTOS, 2012a [1996]). No Capítulo 1, introduzimos a temática da pesquisa e detalhamos os caminhos teórico-metodológicos utilizados. No Capítulo 2, apresentamos o panorama da Nova Vida Urbana e a Qualidade de Vida na RMSP, abordando os desdobramentos que a metropolização de São Paulo causou na saúde da população, os aspectos relacionados à comensalidade urbana contemporânea, à globalização da alimentação e os elementos que constituem a produção e o consumo da estética corporal idealizada. No Capítulo 3, nos aprofundamos em investigar o desenvolvimento da corporeidade, bem como o processo de expansão das academias e o universo *fitness*. Contextualizamos a expansão frente aos processos de financeirização do território, a concentração e centralização de capital, analisando números globais da indústria *fitness*, bem como elementos que envolvem a cadeia produtiva e a regulação do território. No Capítulo 4, nos debruçamos em analisar os dispositivos biopolíticos que permeiam a disciplina e o controle dos corpos, resultando no aumento da produtividade capitalista, no estímulo à supervitalidade e no relaxamento de normas morais, favorecendo a ampla prática de atividades físicas no território. Por fim, analisamos as políticas públicas que promovem exercícios em espaços públicos e privados, conjugando ações entre Estado e empresas.

Palavras-chave: Academias de Ginástica; Biopolítica; Consumo Estético; Usos do Território; RMSP;

ABSTRACT

ROCHA, Lucas Miranda da. **The geographical expansion of the gym clubs in RMSP: biopolitics, aesthetic consumption and the uses of the territory.** 2020. 315 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

The São Paulo Metropolitan Region (RMSP) is characterized, at the beginning of the 21st century, as a territory permeated by various problems arising from historical, social, economic, political and cultural processes that result in large commuting for the working class, congestion, pollution and deep socio-territorial inequality. All these elements contribute for the worsening perception of the quality of life in the metropolis, which is associated with issues related to health, work performance, other life's activities, diet and body aesthetics. In the midst of this scenario, gyms clubs arose quickly in the territory as objects capable of meeting people's desires regarding health, quality of life and aesthetics. In addition, a new set of elements of the *fitness* universe make up the productive chain of the sector, such as food supplementation, aesthetic clinics, *fitness* fashion, among others. Because of this, the objective of the research is to understand the fundamentals of the accelerated geographical expansion of the gym clubs in the RMSP, at the beginning of the 21st century, as well as the consolidation of the *fitness* universe in the uses of the territory. The research adopts a dialectical approach, which focuses on understanding the totality of the phenomenon and considers the contradictions, counter-rationalities and the irreducible in the process. The triangulation of methods is adopted as a way to overcome dichotomies, working with joint analyzes of quantitative and qualitative elements, promoting interdisciplinarity in research and dialoguing with a theoretical-conceptual set of different areas of knowledge, which is anchored in the understanding of the geographic space concept as an inseparable set of systems of objects and actions (SANTOS, 2012a [1996]). In Chapter 1, we introduce the research thematic and detail the theoretical-methodologic ways that were used. In Chapter 2, we present the panorama of the New Urban Life and the Quality of Life in the RMSP, addressing the consequences that the metropolization of São Paulo caused in the population's health, the aspects related to contemporary urban commensality, the globalization of food and the elements that constitute the production and consumption of idealized body aesthetics. In Chapter 3, we delve into investigating the development of corporeality, as well as the process of gym's expansion and the *fitness* universe. We contextualized the expansion against the financialization processes of the territory, the concentration and centralization of capital, analyzing global numbers of the *fitness* industry, as well as elements that involve the productive chain and the regulation of the territory. In Chapter 4, we focus on analyzing the biopolitical devices that permeate the discipline and control of bodies, resulting in increased capitalist productivity, stimulation of supervitality and relaxation of moral norms, favoring the wide practice of physical activities in the territory. Finally, we analyze the public policies that promote exercises in public and private spaces, combining actions between the State and companies.

Keywords: Gym Clubs; Biopolitics; Aesthetic Consumption; Uses of the Territory; RMSP;

*“Pretty hurts, shine the light on whatever’s worse,
perfection is a disease of a nation,
Pretty hurts, shine the light on whatever’s worse,
tryin’ to fix something, but you can’t fix what you
can’t see, it’s the soul that needs the surgery”*

Beyoncé Knowles; Sia Furler (2013)

AGRADECIMENTOS

Enfim, chego a este momento com profunda emoção em ter conseguido concretizar algo que almejei desde muito cedo de forma muito especial e carregado do mais puro sentimento de gratidão e alegria!

Agradeço ao Universo inspirador e criador, do qual nós somos parte formando uma totalidade em movimento.

Agradeço profundamente aos meus pais Esrom (*in memorian*) e Sonia, que sempre incentivaram os estudos durante toda minha vida, mesmo diante de muitas dificuldades, avanços e retrocessos. Sempre se colocaram à disposição de forma compreensiva para me darem amparo quando precisei. Sinto-me privilegiado de ser filho de vocês, muito obrigado!

Agradeço aos meus irmãos e cunhada Ricardo, Loyde e Samuel, por serem parceiros sempre quando necessário!

Agradeço aos quais eu tenho o prazer de chamar de queridos amigos Everton Toledo, Alan Fernando dos Santos, Júlio Bertoloto, Isaías Silva, Felipe Teodoro, Bruno Harlyson, Vinícius Menezes, Rafael Marquês e Enrico Cella, alguns dos quais, tive a oportunidade de morar junto por alguns períodos. No decorrer desses anos de mestrado, vocês me apoiaram, me ajudaram a me desenvolver, me deram broncas quando necessário, estiveram comigo nos momentos difíceis e foram os responsáveis por me proporcionar muita risada e diversão! Amo vocês, amigos!

Agradeço enormemente a demais pessoas especiais que entraram em minha vida e me proporcionaram experiências incríveis, autoconhecimento e muito crescimento! Obrigado Bianca Madaschi, Rodrigo Vilella, Marcelo Vasconcelos.

Agradeço aos meus saudosos professores da graduação na Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), em especial profa. Vivian Fiori, profa. Adriana Furlan, prof. Flavio Silva, profa. Gabrielle Cifeli e profa. Silvia Lopes. Com vocês, me apaixonei profundamente pela Geografia e carrego a certeza que estive no lugar certo, fazendo a coisa certa! Sem a contribuição de vocês, não teria chegado até aqui, obrigado!

Agradeço especialmente ao meu professor e orientador Francisco Scarlato! Obrigado por ser compreensivo, solícito quando precisei, pela flexibilidade e confiança com que me

tratou desde o início, pelos conselhos valiosos e pelas conversas e risadas! Ter o senhor como meu orientador é uma grande honra e um privilégio!

Agradeço aos queridos professores e professoras da Universidade de São Paulo (USP), alguns dos quais tive aulas enriquecedoras e outros com os quais aprendi muitos ensinamentos em congressos, eventos e na vida acadêmica, em geral, em especial profa. Amália Inês, profa. Glória Alves, profa. Marta Inez, prof. Fábio Contel, profa. Mônica Arroyo, prof. Ricardo Mendes, prof. Eduardo Giroto, prof. Manoel Fernandes, prof. Reinaldo Perez, profa. Ligia Barroso, profa. Ana Zimmermann e profa. Soraia Saura.

Agradeço grandemente à Ana Rodrigues, que desde o início do mestrado me recebeu de braços abertos no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental (LABOPLAN), contribuindo muito para meu suporte e desenvolvimento acadêmico. Agradeço aos meus queridos colegas da Geografia que compartilharam diversos momentos produtivos em aulas, eventos, descontraídos em campo, nos bares e festinhas pela cidade, momentos de mobilização coletiva na Representação Discente e no VI Seminário de Pesquisa em Geografia Humana da USP (SEPEGE 2017) e discussões valiosas em todos esses lugares!! Com especial ênfase Alessandra Garcia, Alexandre M. Pires, Aline Santos, Beto Santos, Bianca Almeida, Bruno Spadotto, Bruno Cândido, Carol Pupo, Caio Alves, Carin Gomes, Daniel Vasconcelos, Danilo Sato, Emerson Marques, Eudes Leopoldo, Evandro Andaku, Fábio Tozi, Ginneth Gomez, Heloisa Molina, Igor Venceslau, Jeferson Rezende, Ladislau Sanders, Leonardo Sena, Lucas Coutinho, Mateus Sampaio, Paul Clívilan, Pedro Mezgravis, Rafael Almeida, Ricardo Correia, Rita Castro, Rodolfo Quiroz, Simone Affonso, Thiago Nogueira, Tuwile Jorge, Victor Iamonti e Wagner Nabarro.

Agradeço aos funcionários da Secretaria do PPGH e demais laboratórios do DG - USP que gentilmente nos auxiliaram quando necessário.

Agradeço aos meus colegas e superiores do meu trabalho na Parla Contact Center e Sky TV, que estiveram comigo no decorrer deste último ano e, por diversas vezes, muito me apoiaram e confiaram em mim, organizando períodos para que eu continuasse minha pesquisa, com especial ênfase à Nice Ferreira, José Carvalho, Vanessa Jacob, Douglas Oliveira, Rodrigo Solfa, Ana Carolina e Geovane Queiroz. Sem a compreensão e o auxílio de vocês, não teria conseguido concluir com sucesso esta importante etapa da minha vida!

Agradeço a Reinaldo Gregori, da empresa Cognatis Geomarketing e Big Data, por prontamente colaborar com a obtenção de dados fundamentais para a pesquisa.

Agradeço às pessoas entrevistadas na pesquisa, as quais se dispuseram a me atender e contribuir com suas vivências, experiências e percepções, com especial ênfase ao sr. Arnaldo Pereira, da Loja Combat Sport, Renata Rodrigues e Vinícius Dias, da academia Smart Fit.

Obrigado!

LISTA DE FOTOS:

FOTO 1: SUPERLOTAÇÃO DO METRÔ EM HORÁRIO DE PICO, ESTAÇÃO DA SÉ, EM SÃO PAULO .	54
FOTO 2: ALA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS NO SUPERMERCADO (<i>LIGHT, DIET, FIT</i> E <i>DETOX</i> E ORGÂNICOS)	70
FOTO 3: SÃO PAULO FASHION WEEK (SPFW), EM 2017	86
FOTO 4: ITEM DO UNIVERSO <i>FITNESS</i> : TRATAMENTO DE BELEZA COM MÁQUINA DE CRIOLIPÓLISE (CONGELAMENTO DA GORDURA LOCALIZADA PARA POSTERIOR ELIMINAÇÃO FACILITADA PELO ORGANISMO)	95
FOTO 5: AULA DE ZUMBA EM ACADEMIA, EM SÃO PAULO	110
FOTO 6: O FISCULTURISTA ARNOLD SCHWARZENEGGER ANTES DE DEFENDER O QUINTO TÍTULO NO CONCURSO MR. OLYMPIA, EM 1974.	119
FOTO 7: SR. ARNALDO PEREIRA, PROPRIETÁRIO DA COMBAT SPORTS, LOJA DE SUPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR E REVISTA DO SEGMENTO.....	122
FOTO 8: FACHADA DA ACADEMIA BIO RITMO, NA ZONA SUL DE SÃO PAULO	125
FOTO 9: ACADEMIA DE GINÁSTICA DO SESC	128
FOTO 10: APARELHO DE GINÁSTICA COM BOTÃO DE ACIONAMENTO REMOTO AO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA (INDICAÇÃO EM AMARELO).....	189
FOTO 11: AFERIÇÃO DE GORDURA CORPORAL COM BALANÇA DE BIOIMPEDÂNCIA EM ACADEMIA EM SÃO PAULO	196
FOTO 12: O “VELHO” E O “NOVO” NA AFERIÇÃO CORPORAL: A FITA MÉTRICA E O APLICATIVO DE AVALIAÇÃO DE REDUÇÃO DE GORDURA ABDOMINAL.....	199
FOTO 13: LOJA DE SUPLEMENTOS ALIMENTARES EM <i>SHOPPING CENTER</i> EM SÃO PAULO	211
FOTO 14: VENDA DE SUPLEMENTOS ALIMENTARES EM FARMÁCIA, EM SÃO PAULO (INDICAÇÃO EM AMARELO).....	212
FOTO 15: DIFERENÇA ENTRE TERMOGÊNICOS DA MESMA MARCA SEM EFEDRINA (LADO ESQUERDO) E COM EFEDRINA (LADO DIREITO) VENDIDOS EM COMÉRCIO EM SÃO PAULO	214
FOTO 16: PESSOAS SE EXERCITANDO EM PARQUE PÚBLICO	227
FOTO 17: TOTEN DE AVALIAÇÃO MÉDICA DIGITAL DA ACADEMIA SMART FIT	230
FOTO 18: MENSAGENS DE MOTIVAÇÃO ASSOCIADAS À PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS EM CAMISETAS	232
FOTO 19: ACADEMIA DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA EMPRESA VIA VAREJO, EM SÃO PAULO (ACESSO AOS FUNCIONÁRIOS	240

FOTO 20: EXERCÍCIOS FÍSICOS EM PARQUE PÚBLICO	252
FOTO 21: AULA PÚBLICA DE GINÁSTICA PROMOVIDA PELA PREFEITURA DE SÃO PAULO, NO IBIRAPUERA, EM SETEMBRO DE 1977	253
FOTO 22: POLO DO PROGRAMA ACADEMIA DA SAÚDE (PAS)	262
FOTO 23: ACADEMIA DE GINÁSTICA ORIGINALMENTE CONSTRUÍDA EM CONDOMÍNIO RESIDENCIAL	266
FOTO 24: PLANTA DE LANÇAMENTO IMOBILIÁRIO COM ÁREA <i>FITNESS</i>	266
FOTO 25: AULA ABERTA DE FITDANCE NA AVENIDA PAULISTA PROMOVIDA PELO SMART FIT TRUCK	268
FOTO 26: ESTAÇÃO DE GINÁSTICA E ALONGAMENTO EM CANTEIRO CENTRAL DE AVENIDA, EM SÃO PAULO	268
FOTO 27: AQUECIMENTO PREPARATÓRIO EM CALÇADA PARA CORRIDA DE RUA PROMOVIDA POR EMPRESA ESPECIALIZADA, EM SÃO PAULO	269

LISTA DE FLUXOGRAMA:

FLUXOGRAMA 1: A CADEIA PRODUTIVA DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA	202
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS:

GRÁFICO 1: CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO EM SÃO PAULO (MUNICÍPIO) E REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO (RMSP), ENTRE 1940 E 2010.....	42
GRÁFICO 2: GLOBAL FASHION WEEK – RECEITA TOTAL (EM MILHÕES DE EUROS).....	84
GRÁFICO 3: GLOBAL FASHION WEEK – NÚMERO DE VISITANTES	85
GRÁFICO 4: GLOBAL FASHION WEEK – GASTO MÉDIO POR VISITOR NOS EVENTOS (EM EUROS)	85
GRÁFICO 5: QUANTIDADE GLOBAL DE MEMBROS E ACADEMIAS DE GINÁSTICA (2009 A 2018)	130

GRÁFICO 6: FATURAMENTO GLOBAL DO SETOR DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA (2009 A 2018)	131
GRÁFICO 7: EVOLUÇÃO DO FATURAMENTO ANUAL DO SETOR DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA NAS MAIORES ECONOMIAS DO SEGMENTO – EXCETO EUA (2015 A 2018)	133
GRÁFICO 8: RANKING DOS 10 PAÍSES COM O MAIOR NÚMERO DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA (2015 A 2017)	134
GRÁFICO 9: RANKING DOS 10 PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE MEMBROS ACADEMIAS DE GINÁSTICA (2016 A 2018)	135
GRÁFICO 10: NÚMERO DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA – BRASIL (2007 A 2018)	136
GRÁFICO 11: QUANTIDADE DE ACADEMIAS POR MUNICÍPIO DA RMSP, EXCETO SÃO PAULO	139
GRÁFICO 12: MÉDIA COMPARATIVA DE NÚMERO DE MEMBROS POR ACADEMIA DE GINÁSTICA (2016)	167
GRÁFICO 13: TAXA DE PENETRAÇÃO DE MERCADO DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA: RANKING DOS 10 PAÍSES LÍDERES GLOBAIS E OS 3 PRINCIPAIS DA AMÉRICA LATINA – ARGENTINA, BRASIL E MÉXICO (2017)	168
GRÁFICO 14: PRINCIPAIS LOCAIS DE PRÁTICAS DE EXERCÍCIOS FÍSICOS	169
GRÁFICO 15: NÚMERO DE ACADEMIAS NO BRASIL COM INDICAÇÃO DO PERÍODO COMPREENDIDO COMO A FASE ATUAL DE CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO DE CAPITAL NO SETOR	179
GRÁFICO 16: PAÍSES COM O MAIOR NÚMERO DE CIRURGIAS PLÁSTICAS PARA FINS ESTÉTICOS REALIZADAS EM 2013.	192
GRÁFICO 17: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EGRESSOS EM AMBOS OS CURSOS (BACHARELADO E LICENCIATURA) DE EDUCAÇÃO FÍSICA (2010 A 2015)	207
GRÁFICO 18: FATURAMENTO (EM REAIS) E CRESCIMENTO (%) DA INDÚSTRIA DE SUPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR NO BRASIL (2010 A 2016)	211
GRÁFICO 19: ACADEMIAS EM EMPRESAS PREMIADAS NO BRASIL, CONFORME GPTW (2019)	242
GRÁFICO 20: ACADEMIAS EM EMPRESAS PREMIADAS NO BRASIL, CONFORME GPTW – GRANDES EMPRESAS (2019)	242
GRÁFICO 21: ACADEMIAS EM EMPRESAS PREMIADAS NO BRASIL, CONFORME GPTW – EMPRESAS MÉDIAS MULTINACIONAIS (2019)	243
GRÁFICO 22: ACADEMIAS EM EMPRESAS PREMIADAS NO BRASIL, CONFORME GPTW – EMPRESAS MÉDIAS NACIONAIS (2019)	244
GRÁFICO 23: IMPLANTAÇÃO ANUAL DE ESTRUTURA CICLOVIÁRIA (EM METROS) NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, CLASSIFICADA POR TIPOLOGIA	254

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: CAPAS DA REVISTA MEN’S HEALTH	76
IMAGEM 2: CAPAS DAS REVISTAS WOMEN’S HEALTH E BOA FORMA	77
IMAGEM 3: OUTDOOR COM PUBLICIDADE DE ROUPAS ÍNTIMAS EM PRÉDIO, EM LOS ANGELES, EUA	77
IMAGEM 4: <i>PRINSTCREEN</i> DA REDE SOCIAL INSTAGRAM DE GRACIANE BARBOSA, ÍCONE DO UNIVERSO <i>FITNESS</i> (DETALHE PARA GRANDE NÚMERO DE CURTIDAS).....	78
IMAGEM 5: <i>PRINSTCREEN</i> DA REDE SOCIAL INSTAGRAM DE JONAS SULZBACH, ÍCONE DO UNIVERSO <i>FITNESS</i> , JUNTAMENTE COM SUA ESPOSA (DETALHE PARA GRANDE NÚMERO DE CURTIDAS).....	82
IMAGEM 6: CAPAS DAS REVISTAS MARIE CLAIRE, VOGUE E ELLE.....	87
IMAGEM 7: PUBLICIDADE DE ACADEMIA ENFATIZANDO A MUSCULATURA DO CORPO COMO ATRATIVO PARA A ADESÃO DO CLIENTE AO SERVIÇO	91
IMAGEM 8: PUBLICIDADE DE ALIMENTOS <i>FITNESS</i> “EMAGRECEDORES” COM O CORPO DE MULHER SEMINU À MOSTRA PARA ENFATIZAR A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CORPO AO INGERI-LOS	91
IMAGEM 9: PUBLICIDADE DE PRODUTO DO UNIVERSO <i>FITNESS</i> : GEL MODELADOR CORPORAL (REDUTOR DE MEDIDAS).....	92
IMAGEM 10: MAPA UTILIZADO PARA A GINÁSTICA DE QUARTO VIA RÁDIO (DÉCADAS DE 1930 E 40)	115
IMAGEM 11: O INCENTIVO AO CIVISMO E O NACIONALISMO ERA UM DOS APELOS DA RÁDIO-GINÁSTICA.....	115
IMAGEM 12: ILUSTRAÇÃO DE EXECUÇÃO DA RÁDIO-GINÁSTICA.....	116
IMAGEM 13: EXECUÇÃO DE GINÁSTICA PELA TELEVISÃO, PROGRAMA ENERGIA (TV CULTURA)	117
IMAGEM 14: FACHADA DA ACADEMIA ROLDAN.....	121
IMAGEM 15: GINÁSTICA PELA TELEVISÃO COM APRESENTAÇÃO DE JANE FONDA	123
IMAGEM 16: INDÚSTRIA <i>FITNESS</i> GLOBAL: FATURAMENTO, NÚMERO DE ACADEMIAS E MEMBROS, CONFORME IHRSA (2016)	132
IMAGEM 17: AULAS DE GINÁSTICA DE QUARTO DISPONÍVEIS PELA REDE SOCIAL YOUTUBE...	169
IMAGEM 18: <i>PRINTSCREEN</i> DE APLICATIVO DE CELULAR PARA A ATIVIDADE FÍSICA	170

IMAGEM 19: ACADEMIA DO DINHO, LOCALIZADA EM FAVELA COM APARELHOS IMPROVISADOS	171
IMAGEM 20: PUBLICIDADE COM MEIA DE LYCRA PARA GINÁSTICA FEMININA	194
IMAGEM 21: APLICATIVO DE CELULAR SMART NUTRI, VINCULADO À CAMPANHA DA REDE PARA O ACOMPANHAMENTO DE PESO E AVALIAÇÃO NUTRICIONAL.....	197
IMAGEM 22: ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DE CLÍNICA ESTÉTICA PARA CRIOLIPÓLISE NO CARTÃO DE CRÉDITO	198
IMAGEM 23: CROQUI BÁSICO DE UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO, CONFORME SUGESTÃO DO SEBRAE (2016).....	204
IMAGEM 24: EXEMPLO DE REDES DE ACADEMIAS CONVENIADAS COM A EMPRESA GYMPASS	245
IMAGEM 25: BENEFÍCIOS DA CONTRATAÇÃO DE PLANO CORPORATIVO DE ATIVIDADES FÍSICAS AO TRABALHADOR	246

LISTA DE MAPAS:

MAPA 1: POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO UNIDADES DE INFORMAÇÕES TERRITORIALIZADAS (UITs), EM 2010.....	49
MAPA 2: EMPREGOS POR HECTARE (PESQUISA OD), SEGUNDO UITs, EM 2007	50
MAPA 3: VARIAÇÃO DE TEMPERATURA NA SUPERFÍCIE DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, CONFORME DENSIDADE URBANA E VEGETAÇÃO (2002)	52
MAPA 4: CONCENTRAÇÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, POR ZONA OD (2010)	140
MAPA 5: CONCENTRAÇÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, POR ZONA OD (2013)	141
MAPA 6: CONCENTRAÇÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, POR ZONA OD (2016)	142
MAPA 7: GEOLOCALIZAÇÃO E MAPA DE CALOR POR DENSIDADE DE PONTOS DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO (RMSP), EM 2010	146
MAPA 8: GEOLOCALIZAÇÃO E MAPA DE CALOR POR DENSIDADE DE PONTOS DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO (RMSP), EM 2013	147

MAPA 9: GEOLOCALIZAÇÃO E MAPA DE CALOR POR DENSIDADE DE PONTOS DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO (RMSP), EM 2016	148
MAPA 10: CONCENTRAÇÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), POR ZONA OD, EM 2010	152
MAPA 11: CONCENTRAÇÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), POR ZONA OD, EM 2013	153
MAPA 12: CONCENTRAÇÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), POR ZONA OD, EM 2016	154
MAPA 13: GEOLOCALIZAÇÃO E MAPA DE CALOR POR DENSIDADE DE PONTOS DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), EM 2010	157
MAPA 14: GEOLOCALIZAÇÃO E MAPA DE CALOR POR DENSIDADE DE PONTOS DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), EM 2013	158
MAPA 15: GEOLOCALIZAÇÃO E MAPA DE CALOR POR DENSIDADE DE PONTOS DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), EM 2016	159
MAPA 16: SEQUÊNCIA CARTOGRÁFICA DA CONCENTRAÇÃO DE ACADEMIAS NA RMSP, POR ZONA OD (2010 A 2016)	161
MAPA 17: SEQUÊNCIA CARTOGRÁFICA DA CONCENTRAÇÃO DE ACADEMIAS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), POR ZONAS OD (2010 A 2016)	162
MAPA 18: SEQUÊNCIA CARTOGRÁFICA DE GEOLOCALIZAÇÃO E MAPA DE CALOR POR DENSIDADE DE PONTOS DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (MSP), ENTRE 2010 E 2016	163
MAPA 19: ZONAS DE MAIOR CRESCIMENTO CUMULATIVO DE ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO (EM %), NA RMSP, ENTRE 2010 E 2016	165
MAPA 20: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO PROGRAMA RUAS ABERTAS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO (2019)	258
MAPA 21: ABRANGÊNCIA TERRITORIAL DO PROGRAMA ACADEMIA DA SAÚDE (PAS), EM 2018	261

LISTA DE QUADROS:

QUADRO 1: AS DEZ MAIORES CORPORAÇÕES GLOBAIS DO SETOR ALIMENTAR, CONFORME CAMPANHA “BEHIND THE BRANDS”, DA ONG OXFAM, EM 2015.....	66
QUADRO 2: RELAÇÃO DE NOMES DE SUBDISTRITOS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO COM SUAS RESPECTIVAS SIGLAS.....	151
QUADRO 3: AS GRANDES REDES DE ACADEMIA DO BRASIL	181
QUADRO 4: LISTA DE ENDEREÇOS PARTICIPANTES DO PROGRAMA RUAS ABERTAS	259

LISTA DE TABELA:

TABELA 1: <i>RANKING</i> DE ACADEMIAS <i>PER CAPTA</i> – COMPARATIVO ENTRE PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE ACADEMIAS NO MUNDO E O RECORTE ESPACIAL DA RMSP, EM 2016 .	138
---	-----

LISTA DE SIGLAS

ABAECON	Associação Brasileira de Assessorias Esportivas em Condomínios
ABENUTRI	Associação Brasileira de Empresas de Produtos Nutricionais
ABESO	Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica
ABF	Associação Brasileira de Franquias
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABIAD	Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos Dietéticos
ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APEF	Associação de Professores de Educação Física
ASN	Agência SEBRAE de Notícia
AVC	Acidente Vascular Cerebral
BRASNUTRI	Associação Brasileira dos Fabricantes de Suplementos Nutricionais e Alimentos para Fins Especiais
CONFED	Conselho Federal de Educação Física
CREF	Conselho Regional de Educação Física
CREF4/SP	Conselho Regional de Educação Física - 4ª Região São Paulo
DCNT	Doenças Crônicas Não-Transmissíveis
EMPLASA	Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano
EUA	Estados Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FBAPEF	Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física
FSP	Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo
GPTW	Great Place to Work
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEA	Instituto de Economia Agrícola
IHME	Institute for Health, Metrics and Evaluation
IHRSA	International Health, Racquet & Sportsclub Association
IMC	Índice de Massa Corpórea
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

KPI	Key Performance Indicator
MCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Programa Academia das Cidades
PAC-R	Programa Academia da Cidade – Recife
PAS	Programa Academia da Saúde
PMSP	Prefeitura Municipal de São Paulo
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
QVT	Programa de Qualidade de Vida Total
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SBCP	Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica
SB	Síndrome de Burnout
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SIPES	Simpósio Internacional de Pesquisa em Estilos de Vida e Saúde
SMUL	Secretaria Municipal de Licenciamento
SPFW	São Paulo Fashion Week
SUS	Sistema Único de Saúde
SVMA	Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade
TPL	Transtorno de Personalidade Limítrofe
UnB	Universidade de Brasília
UNICSUL	Universidade Cruzeiro do Sul
USP	Universidade de São Paulo
VCN	Vem Com Nós
VIGITEL	Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico
WUP	World Urbanization Prospects

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	22
1.1 – Introdução à temática sobre as academias de ginástica e musculação na Ciência Geográfica	23
1.2 – Objetivo e caminhos teórico-metodológicos da pesquisa.....	28
2 – A NOVA VIDA URBANA E A QUALIDADE DE VIDA	37
2.1 – O processo de metropolização e seus desdobramentos na saúde e qualidade de vida	41
2.2 – A comensalidade contemporânea: transformações no campo e na cidade	59
2.3 – Consumo e produção do imaginário estético idealizado	75
3 – A EXPANSÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA RMSP	98
3.1 – O nascimento dos ginásios e a construção da corporeidade na História aos dias atuais	100
3.2 – A hipertrofia das academias: desenvolvimento do processo de expansão geográfica do fenômeno	111
3.3 – A continuidade do processo de expansão frente à financeirização do território, a concentração e centralização do capital	172
3.4 – O universo <i>fitness</i> : elementos constituintes, cadeia produtiva e regulação do território	186
3.4.1 – <i>Aparelhos de ginástica e musculação: desenvolvimento tecnológico e noção de conforto ao usuário</i>	<i>187</i>
3.4.2 – <i>Cosmética e cirurgias plásticas para fins estéticos.....</i>	<i>190</i>
3.4.3 – <i>Alimentos light e diet associados à magreza e beleza</i>	<i>193</i>
3.4.4 – <i>Moda fitness: vendas impulsionadas pelo apelo estético</i>	<i>193</i>
3.4.5 – <i>Instrumentos de medição corporal e o fomento ao consumo estético</i>	<i>195</i>
3.4.6 – <i>A cadeia produtiva.....</i>	<i>199</i>

3.4.7 – Regulamentação do Profissional de Educação Física	205
3.4.8 – Suplementação alimentar.....	208
4 – A BIOPOLÍTICA ASSOCIADA AO USO DO TERRITÓRIO NA PRODUÇÃO DO UNIVERSO FITNESS	216
4.1 – Biopolítica e governo dos corpos na expansão das práticas de exercícios físicos.....	220
4.2 – A nova biopolítica corporativa e as academias de ginástica e musculação	235
4.3 – Políticas e espaços públicos de estímulo à atividade física	249
4.3.1 – Parques públicos	250
4.3.2 – Ginástica em praças públicas	253
4.3.3 – Implementação de ciclovias	254
4.3.4 – Programa Ruas Abertas.....	256
4.3.5 – Programa Academia da Saúde (PAS).....	260
4.3.6 – Áreas fitness em condomínios residenciais.....	265
4.3.7 – Campanhas corporativas de atividades físicas no espaço público	267
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	271
REFERÊNCIAS.....	277
APÊNDICES	293
APÊNDICE A: <i>Entrevista 1: Vinícius Dias – Gerente da Smart Fit – Unidade Bonfiglioli</i>	293
APÊNDICE B: <i>Entrevista 2: Renata Rodrigues – Profissional de Educação Física e professora de ginástica e dança da academia Smart Fit – Unidade Augusta</i>	295
APÊNDICE C: <i>Entrevista 3: Arnaldo Pereira – Proprietário da Loja Combat Sport (Suplementação Alimentar) e Editor da Revista Combat Sport</i>	298
APÊNDICE D: <i>Questionário</i>	309

1 – INTRODUÇÃO

Fonte: Freepik, s/d.

1.1 – Introdução à temática sobre as academias de ginástica e musculação na Ciência Geográfica

Nas últimas décadas, as preocupações com a saúde, a estética, a qualidade de vida, a alimentação e o desempenho nas diversas atividades da vida, tais como no trabalho, nos estudos, nos relacionamentos, em geral, têm se tornado cada vez mais latentes. O principal elemento, que está no centro de todas essas preocupações, é o *corpo humano*. A condição física reflete nosso desempenho nas atividades práticas e intelectuais, a alimentação, bem como a forma e a frequência com que nos movimentamos reflete nossa estética, nossa saúde física e mental – incluindo-se aí a autoestima.

Com base nessas preocupações, diversas mudanças têm sido observadas nos usos do território, sobretudo nas grandes metrópoles de todo o mundo, e elas têm buscado atender às preocupações com o corpo. Dentre elas, a mais notável é a multiplicação das academias de ginástica e musculação, principalmente no decorrer das primeiras décadas do século XXI, na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

O cerne da pesquisa é entender *quais os motivos da rápida expansão geográfica das academias de ginástica e musculação na RMSP*. As preocupações com a estética corporal, a saúde e a qualidade de vida invocam o *uso do território* para o centro da investigação como componente-chave para destrinchar a dinâmica do processo no espaço e no tempo, bem como identificar os atores envolvidos, suas intencionalidades e potencialidades no cenário geral.

O desenvolvimento da investigação defronta com questões ainda mais amplas, que envolvem a crescente demanda pelas práticas de exercícios físicos na sociedade. Um conjunto novo de elementos decorrentes dessa demanda surge como resposta, oferecendo produtos, serviços e movimentando toda uma cadeia produtiva alicerçada na necessidade da atividade física e de correspondência a padrões estéticos tidos como ideais. Ainda assim, as academias se destacam como os *principais elementos* em meio a esse conjunto, emergindo de forma acelerada nos últimos anos na paisagem urbana da RMSP e parecem sintetizar os anseios relacionados a esta questão.

A forma como percebemos a *qualidade de vida* no território da RMSP indica um caminho de fundamental importância para começarmos a responder a essas perguntas. As mudanças de ordem social, política, econômica e cultural nas últimas décadas tiveram fortes rebatimentos na manifestação do stress, do sedentarismo, da obesidade, das mais diversas

Doenças Crônicas Não-Transmissíveis (DCNT)¹, assim como de patologias reconhecidas como típicas do século XXI, como a depressão e demais transtornos neuronais (RIO, 1996; OLIVEIRA, 2013; HAN, 2017).

Portanto, dentre as diversas pautas que foram incorporadas à nova agenda social, a questão da qualidade de vida, sobretudo nas grandes metrópoles, tem ganhado cada vez mais importância nos discursos em meio aos diversos atores, dentre os quais citamos o Estado, as empresas, instituições, assim como os sujeitos comuns das metrópoles, dos mais jovens aos mais idosos. “[...] de uma coisa não podemos duvidar, **a qualidade de vida tem uma dimensão social**. Caso a vida social esteja impregnada de stress, certamente a qualidade de vida, como um todo, sofrerá consequências importantes.” (RIO, 1996, p. 106, negrito do autor).

A preocupação concernente à qualidade de vida nos espaços urbanos metropolitanos, especialmente no que se refere à RMSP, está posta em virtude de uma gama de problemas e características atribuídas ao desenvolvimento histórico e à configuração geográfica desses espaços, como o *espraiamento da mancha urbana*, processo que se relaciona com os mecanismos de *valorização do solo urbano* e o incentivo a *políticas rodoviaristas* (SZMRECSÁNYI in SZMRECSÁNYI, 2004; LENCIONI, 2008; SANTOS, 2009a [1990]). A caracterização resultante dessa mancha urbana configura, em geral, densa ocupação habitacional nas periferias, onde as condições de habitação, infraestrutura básica, serviços públicos e lazer a céu aberto são reduzidas ou precárias em comparação a áreas mais centrais. Tais aspectos prejudicam a percepção da qualidade de vida em parcela expressiva da população (MELO, 2011).

O espraiamento urbano ocorrido na RMSP, resultado da conurbação de diversos núcleos de povoamentos localizados em diferentes pontos da capital paulista e demais municípios vizinhos no decorrer da história, constituiu, no período atual, centralidades e subcentralidades em áreas específicas do território, as quais concentram os empregos, a renda e o capital (SZMRECSÁNYI in SZMRECSÁNYI, 2004; LENCIONI, 2008; SANTOS, 2009a [1990]).

Grande parte da classe trabalhadora passou a submeter-se a longos deslocamentos pendulares diários para ir e voltar de seus empregos/estudos localizados nessas áreas distantes

¹ As patologias classificadas como Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) se relacionam com o excesso de peso, a saber: Acidente Vascular Cerebral (AVC), Asma, Câncer de Cólon, Câncer de Mama, Câncer de Ovário, Câncer de Pâncreas, Câncer de Pele (Melanoma), Câncer de Reto, Câncer de Tireoide, Câncer da Vesícula Biliar, Câncer do Endométrio, Câncer Esofágico, Câncer Renal, Colelitíases e Colecistites, Diabetes tipo 2, Doenças Isquêmicas do Coração, Dorsalgia, Embolia Pulmonar, Hipertensão Arterial, Insuficiência Cardíaca Congestiva, Leucemia, Linfoma não-Hodgkin, Mieloma Múltiplo, Osteoartrites e Pancreatite (OLIVEIRA, 2013).

dos locais de moradia (LENCIONI, 2008; SANTOS, 2009a [1990]). O desenvolvimento histórico e geográfico da morfologia urbana de São Paulo, extremamente desigual e fracionada, resultou em formas precárias de deslocamento e circulação, que impactam negativamente a saúde da população e a percepção da qualidade de vida no seu dia-a-dia, desde a parcela usuária de transporte particular, aos usuários de modais públicos de deslocamento (RIO, 1996; SILVA, 2014).

A mobilidade intra-urbana, quase sempre associada a grandes extensões e longas horas dispendidas entre diferentes locais de moradia, trabalho, escola e universidade, passa a caracterizar o cotidiano do cidadão metropolitano (SILVA, 2014). A constituição quilométrica de filas de carros, caminhões, ônibus e motocicletas nas grandes avenidas durante os horários de pico incidem, diariamente, em aspectos relacionados ao agravamento da poluição atmosférica, sonora e visual, gerando também stress e problemas de saúde a condutores e pedestres (RIO, 1996; LENCIONI, 2008).

Neste mesmo sentido, os meios de transporte coletivo, como os ônibus, trens e metrô, também reproduzem rebatimentos na saúde e qualidade de vida dos trabalhadores que fazem o uso cotidiano desses modais. Com especial ênfase nos horários de pico, a população usuária encontra-se submetida a diversas formas de constrangimentos e stress devido à superlotação dos transportes, carência de condições dignas de estrutura e manutenção e, também, à existência de uma malha insuficiente para a demanda de usuários (SILVA, 2014).

Apesar disso, um dos aspectos mais fortes que identificam a vida cotidiana moderna das grandes metrópoles é a necessidade da *velocidade* – compreendida aqui dentro de um sentido da condução dos hábitos das pessoas. A celeridade não se produz somente como característica relacionada aos deslocamentos urbanos (muito embora, na prática, a mobilidade se mostra mais vagarosa à classe trabalhadora conforme se observa no trânsito caótico e na dificuldade dos usuários de transportes coletivos), ela também se impõe como *regra* e se torna cada vez mais comum aos modos de vida dos sujeitos, sendo expressa por meio da pressa no caminhar, da prontidão demandada no trabalho e mesmo da velocidade e praticidade atribuídas ao ato de se alimentar (GARCIA, 2003; SANTOS; SILVEIRA, 2014 [2001]).

Os hábitos alimentares cotidianos no espaço urbano metropolitano têm sido objetos de cooptação dos indutores da praticidade e velocidade, que demandam, preferencialmente, menos tempo para o preparo e consumo alimentar, a fim de que haja mais tempo para outras atividades, como o trabalho, o lazer e/ou o consumo consumptivo. Por meio desta mudança de hábitos, objetos relativamente novos na história urbana se fazem presentes e se proliferam – tais como

os supermercados de grande superfície, aos quais são destinados boa parte da produção globalizada de alimentos industrializados pré-prontos, e também as diversas redes de *fast foods*, que exaltam a pressa no preparo e consumo, exprimindo a rapidez e a juventude como valores implícitos aos seus produtos e marcas (GARCIA, 2003).

Além de rebatimentos observados no espaço geográfico por meio do surgimento de novos objetos destinados ao consumo globalizado de alimentos industrializados, a aceleração da vida cotidiana no espaço urbano moderno também induz a hábitos alimentares igualmente rápidos (GARCIA, 2003). As dificuldades e o tempo destinados ao preparo e consumo diário de alimentos saudáveis tornam-se uma difícil e cara tarefa.

Assim sendo, diante da maior oferta de produtos industrializados, a programação e racionalização do cotidiano moderno do trabalhador foram facilitadas em razão da praticidade e rapidez do preparo alimentar. No entanto, na maioria das vezes, esses alimentos possuem baixo teor nutritivo e alto teor calórico para ampliar a validade dos produtos postos à venda (GARCIA, 2003).

A qualidade nutricional enquadra-se dentro da percepção da qualidade de vida, uma vez que dela depende a constituição da saúde do sujeito, previne doenças e, em última instância, revigora a força de trabalho da qual o sujeito dispense para a produção capitalista (RIO, 1996; HARVEY, 2005).

A construção deste cenário contemporâneo da vida cotidiana no espaço urbano metropolitano passa a se defrontar com uma morfologia urbana, uma série de hábitos diários de deslocamento e consumos que denotam, para amplos setores da sociedade, a perda da qualidade de vida. Esta percepção negativa expressa-se em diferentes escalas de intensidade, varia conforme as condições materiais e as possibilidades enfrentadas pelos mais diferentes estratos sociais, bem como o lugar onde os sujeitos vivem e para/por onde transitam.

Em contrapartida, “[...] a saúde se impõe como obsessão das massas”. (LIPOVETSKY, 2004, p. 63). Uma mudança expressa na paisagem e nos estilos de vida de parcelas gradualmente crescentes da população metropolitana passa a manifestar o interesse pela atividade física e a disciplinarização dos corpos para fins de saúde e estética, com ênfase a partir do final do século XX e início do século XXI (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]; ANTAS JR., 1995; TEIXEIRA; CAMINHA, 2010).

Em meio às formas urbanas, surgem diversos elementos representativos do “universo *fitness*” em ascensão, dentre os quais, as diversas academias de ginástica e musculação: dotadas de diferentes tamanhos, graus de sofisticação e localizadas em diferentes pontos da cidade,

desde áreas mais ricas até porções mais carentes. Além delas, outros serviços e equipamentos aqui compreendidos como elementos da cadeia produtiva associada ao mercado de academias permeiam o território, tais como lojas de suplementação alimentar, lojas de produtos *fitness*, moda *fitness*, entre outros.

Novos usos do território refletem essas transformações. O estímulo aos exercícios físicos torna-se uma necessidade criada neste período, modificando também hábitos alimentares e os comportamentos das pessoas, as quais passaram, inclusive, a atribuir ao parque público, às praças, ruas, avenidas e canteiros centrais a prática de atividade física ao ar livre. O uso destinado a tais práticas nesses lugares configura um dado recente na apropriação do espaço público para o esporte e, moralmente, para o que se julga ser ou não aceito a se fazer em público (ANTAS JR, 1995).

A racionalização e programação dos hábitos cotidianos é vista, de igual modo, na forma como muitas pessoas realizam a seleção da alimentação muito em vista de impulsos obsessivos pela saúde ou, até mesmo, diante de certa repulsa ou medo de desenvolver em seus corpos gordura ou flacidez. Assim, passam a contabilizar cada quilograma e caloria ingerida de acordo com o limite nutricional diário estipulado. O mercado, ao perceber tal comportamento, passou a introduzir alimentos, cujo teor nutricional e a rotulagem publicitária se destinam ao atendimento desta parcela de consumidores, apelando para a saúde e o bem-estar físico e emocional, por meio de rótulos *light*, *diet*, *fit*, *detox*, *zero*, entre outros.

O movimento deste fenômeno não se limita somente à questão da saúde, mas também à construção de uma esfera imagética e linguística, cujo apelo visual e discursivo volta-se para a criação da *estética corporal idealizada*. A difusão e objetivação do padrão de corpo configura-se como estratégia publicitária propagada pelos mais diferentes meios comunicacionais, sejam eles as revistas, jornais, televisão, cinema, internet, redes sociais, *outdoors*, etc. – o que para alguns autores, se trata da indústria cultural – quase sempre atribuindo valores subjetivos como *status* e aceitação social à forma física fomentada (CASTRO, 2007; RODRIGUES; CANIATO, 2009; MARQUES, 2014; VALVERDE, 2015).

Em meio a essa problemática, as academias de ginástica e musculação ganham proeminência no espaço urbano metropolitano, com destaque para a RMSP, pois consolidam-se como o espaço propício para o estímulo de tais valores subjetivos, além de se enquadrarem como as grandes promotoras da qualidade de vida na modernidade. A máxima da obtenção da qualidade de vida saudável continua sendo: *práticas de atividades físicas e alimentação*

balanceada. Submeter-se a diversos procedimentos estéticos e não estar em consonância com este preceito máximo, pode significar não manter, a longo prazo, a forma corporal desejada.

No contexto demográfico atual, em que a população está cada vez mais concentrada em áreas urbanas com transformações espaciais (viárias, ambientais, urbanísticas) crescentes, a prática de atividades físicas em espaços livres pode se tornar desestimulante e, até mesmo, perigosa para parcelas da população da RMSP – risco de acidentes, calçadas irregulares, poluição, violência, etc. – exceto em casos específicos privilegiados de pessoas que moram próximas a parques públicos e podem usufruir de sua estrutura conciliando com os tempos de trabalho, estudo e tarefas domésticas.

As academias, por sua vez, se promovem como espaços apropriados para este fim, enfatizando a ideia representada pela minimização de riscos da atividade física por ser um ambiente controlado (contrapondo-se, até certo grau, à atividade ao ar livre, que é executada por cerca de 50% dos praticantes de exercícios físicos, segundo Mindminers, 2018, em Domênico, 2019), em razão da flexibilidade de tempo para o trabalhador que deseja exercitar-se de manhã, de tarde ou à noite, e também são reconhecidas como lugares de estímulo à sociabilidade por alguns grupos de pessoas (CASTRO, 2007).

A rápida proliferação desses objetos constituintes das atuais formas urbanas sobre o território denota, não somente, a incorporação de um novo equipamento de consumo consumptivo, mas também, o principal elemento de uma mudança mais ampla de paradigmas socioculturais e biopolíticos expressos na paisagem e na própria geografia da RMSP, que abarca o universo *fitness* e toda a gama de hábitos comportamentais, alimentares e valores socioculturais da contemporaneidade concretizadas nos usos do território. A investigação centrada nos motivos da expansão geográfica das academias permite elucidar as demais questões relacionadas aos usos do território pelo universo *fitness*, em geral.

1.2 – Objetivo e caminhos teórico-metodológicos da pesquisa

Sinalizamos que o objetivo central desta pesquisa é compreender o rápido crescimento do número de academias de ginástica e musculação na RMSP durante a primeira quinzena do século XXI, bem como analisar suas implicações na estrutura urbana e nos hábitos cotidianos da população.

O caminho metodológico que norteará a produção desta dissertação é complexo, visto que se trata de um tema interdisciplinar pouco abordado na ciência geográfica, mas com maior

tradição de investigação com outras abordagens nas ciências sociais, além das ciências da saúde e filosofia. Trata-se, portanto, do fomento à discussão de ideias, opções e práticas que visam a compreensão da realidade, que se apresenta de forma multifacetada (MINAYO, 2010).

A interdisciplinaridade arrogada a esta pesquisa coloca-se como inerente à própria condição do objeto de análise, pois agrega tanto elementos concretos dos *usos do território* atribuídos à dinâmica geográfica e histórica da sociedade, quanto ao *sujeito que está em interação com o espaço*, bem como ao *sujeito em razão de si mesmo* e sua própria percepção de corporeidade e movimento. Sem este conjunto triádico complexo de relações, não há como nos aproximarmos do entendimento da *totalidade* atrelado ao processo de expansão das academias de ginástica e musculação na RMSP.

A incidência de múltiplas determinações associadas ao entendimento dos aspectos da saúde é melhor discutida por Cecília Minayo (2010), que aponta para uma compreensão complexa de relações que auxiliam demasiadamente na elaboração da pesquisa:

No entanto, por tratarem de um híbrido biológico-social (Latour, 2000), as inflexões das ciências da saúde também precisam (embora não tenha me sentido competente para fazê-lo) incorporar os avanços da biologia, da física, e de outras disciplinas, associando-as às questões socioeconômicas, políticas e ideológicas. Portanto, no campo da saúde se vivencia a complexidade dos objetos de estudos pois a abrangente área biomédica não pode prescindir da problemática social, uma vez que **o corpo humano está atravessado pelas determinações das contradições, situações e estilos de vida**. (MINAYO, 2010, p. 28, negrito nosso).

Visto que nossa ênfase recai sobre um entendimento complexo da análise de um fenômeno expansivo no território, o qual também abarca aspectos que perpassam a compreensão da saúde e corporeidade do sujeito na sociedade, reconhecemos que a simples adoção de uma única opção epistemológica não daria conta de elaborar uma investigação satisfatória acerca dos elementos que se mostram na realidade. Assim sendo, concordamos com a proposta de Minayo (2010), que admite a convergência de variadas propostas de métodos qualitativos e quantitativos para a construção interdisciplinar da pesquisa por meio da “Triangulação de Métodos”, conforme argumenta:

[...] a Triangulação de Métodos pode ser compreendida como uma dinâmica de investigação que integra a análise das estruturas, dos processos e dos resultados, a compreensão das relações envolvidas na implementação das ações e a visão que os atores diferenciados constroem sobre todo o projeto: seu desenvolvimento, as relações hierárquicas e técnicas, fazendo dele um constructo (Schutz, 1982) específico. Além da integração objetiva e subjetiva nos processos de pesquisa, esta proposta inclui os atores contactados em campo, não apenas como objetos de análise, mas, principalmente, como sujeitos de autoavaliação, uma vez que são introduzidos na construção do objeto de estudo. A ética que fundamenta a triangulação apoia-se nos

princípios da filosofia comunicativa (Habermas, 1987). Pois essa estratégia propicia meios para que, no desenvolvimento do processo de investigação e de análise, os que implementam as ações se apropriem da compreensão dos dados quantitativos e qualitativos gerados pelo trabalho e recolham subsídios para as mudanças necessárias. A triangulação de métodos é particularmente recomendada para estudos de avaliação. (MINAYO, 2010, p. 361 – 362).

A opção pela triangulação de métodos também é válida em vista da superação de dicotomias entre o que é apenas *quantitativo* oposto ao *qualitativo*, pois permite a construção conjunta, dialética e interdisciplinar de diversas áreas do conhecimento (MINAYO, 2010). O desafio da produção interdisciplinar também é comentado e incentivado pelo professor Milton Santos (2012c [1978]), o qual avalia que a recusa dos geógrafos em dialogar com outras ciências resulta no empobrecimento das disciplinas, de forma geral. Assim sendo, há de se procurar sanar tais limitações reconhecendo e valorizando as especificidades de outras áreas do conhecimento em vista do aprofundamento que cada qual possui em determinado recorte da realidade para que haja diálogos e o intercâmbio de ideias (SANTOS, 2012c [1978]).

A interdisciplinaridade, na perspectiva de Santos (2012c [1978]), deve ser promovida no intuito de haver “a imbricação entre as disciplinas ao redor de um mesmo objetivo de estudo” (SANTOS, 2012c [1978], p. 133) e não somente a justaposição de conceitos que não se dialogam entre si – em que, para o autor, reside a diferença entre uma abordagem *multidisciplinar* e *interdisciplinar*. A construção intelectual em torno de um objeto de pesquisa comum mostra-se como desafio proposto à Geografia em favor do entendimento mais complexo dos fenômenos.

No intuito de contribuir com uma discussão mais aprofundada dos aspectos relativos à adoção de um caminho metodológico que corresponda com a complexidade compatível à temática, entendemos também que a abordagem dialética auxilia no entendimento dos processos, suas contradições, suas relações, representações e o que é irredutível diante da totalidade da realidade. Minayo (2010) também fornece as pistas que indicam a importância da ênfase da *dialética* enquanto componente metodológico imprescindível:

Propondo fazer uma síntese sobre a questão qualitativa, tentando superar o positivismo e as abordagens compreensivistas, a dialética marxista abarca não somente o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que constituem a vivência das relações objetivas pelos atores sociais que lhe atribuem significados (Goldmann, 1967). Ante as abordagens que separam a quantidade da qualidade, a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais é sua propriedade inerente e que a quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes. [...] A dialética, do ponto de vista filosófico, enseja a dissolução de dicotomias tais como quantitativo/qualitativo, macro/micro, interioridade/exterioridade com que se debatem como parte integrante da totalidade, devendo ser compreendidos e

interpretados tanto ao nível das representações sociais como das determinações essenciais. Sob esse enfoque, não se entende a ação humana interdependente do significado que lhe é atribuído pelo autor, mas também não se identifica essa ação com a interpretação que o ator social lhe reserva. (MINAYO, 2010, p. 25).

Portanto, muito embora enfatizamos em nossa pesquisa a necessidade de abarcar uma abordagem que seja tanto quantitativa, em razão da análise dos elementos concretos dispostos no espaço geográfico, os números de expansão do mercado *fitness* e toda mensuração atribuída ao fenômeno, quanto os aspectos qualitativos que valorizam a dimensão subjetiva, que tem ganhado força como ideologia da saúde, do bem-estar e do culto ao corpo, o intuito metodológico adotado deseja não se esgotar diante da dicotomia quantitativo/qualitativo. O esforço adotado buscará desenvolver uma compreensão metodológica complexa, dialética e interdisciplinar por meio da triangulação de métodos.

Neste sentido, a escolha de um arsenal teórico-conceitual para a pesquisa deverá ser feita com o devido cuidado, compreendendo a contextualização dos conceitos selecionados para resultar na interação teórica desejada e pertinente à investigação científica desta temática. Por se tratar de uma investigação científica atinente à Geografia, o suporte teórico deverá indicar, de forma geral, a *dimensão espacial* do nosso objeto, assim como os usos socioculturais a ele atribuídos no atual período histórico.

Sendo assim, recorremos a Santos (2014 [1985]) o entendimento do espaço geográfico, enquanto instância da sociedade, tal como a econômica, a político-institucional e a cultural-ideológica. **O espaço geográfico integra de maneira indissociável as relações humanas e sua base material (natural ou artificial), constituindo a totalidade.**

A categoria de *território usado* tem aqui um papel fundamental de compreensão do fenômeno, pois delinea os diferentes atores, a dinâmica conferida aos diferentes lugares, bem como as intencionalidades atreladas aos sistemas de ações e de objetos (SANTOS; SILVEIRA, 2014 [2001]). Por isso, consideramos fundamental a abordagem por meio desta perspectiva, pois enfatiza o território enquanto ator que também participa da dinâmica espacial, potencializando a concentração ou dispersão de determinado elemento no território – no nosso caso, o fenômeno atrelado aos motivos que levam à rápida expansão das academias de ginástica e musculação na RMSP, assim como sua concentração e peso neste recorte em comparação com outras porções do espaço.

Outros conceitos que auxiliam no entendimento da natureza do espaço geográfico e sua dinâmica são imprescindíveis para a construção basilar desta pesquisa, sejam eles a *tecnosfera* e *psicosfera* (SANTOS, 2012a [1996]), os quais possibilitam elaborar reflexões no

entendimento de que forma o conjunto de ideias, valores, signos, crenças e imagens contribuem na constituição da estrutura material de academias nas cidades; e também o desenvolvimento teórico acerca do funcionamento atribuído aos conjuntos dos *sistemas de ações e objetos* (SANTOS, 2012a [1996]).

A produção teórica a respeito do processo de urbanização e metropolização de São Paulo é densa e abarca a possibilidade de diversos autores, dentre os quais destacamos Pierre Monbeig e Maria Irene Szmrecsányi (2004), Milton Santos (2009a [1990]; 2009b [1994]; 2012a [1996]; 2012b [1996]), Francisco C. Scarlato (1988), Francisco C. Scarlato e Everaldo B. da Costa (2017), Sandra Lencioni (2008), Ciro Biderman (SZMRECSÁNYI, 2004), entre outros. O médico Rodrigo Pires do Rio (1996) apresenta uma discussão fundamental acerca do stress e da qualidade de vida no urbano. Ademais, Ricardo Mendes Antas Jr. (1995) e Victor A. de Melo (2011) também trazem contribuições importantes relacionando a questão da urbanização com aspectos atribuídos ao surgimento de áreas verdes, as práticas esportivas e a qualidade de vida na metrópole no decorrer de diferentes períodos históricos.

Entendemos que seja importante os aportes teóricos de outras áreas do conhecimento para a elaboração da pesquisa. Assim sendo, desejamos construir as devidas relações entre a contribuição de Henri Lefebvre (1969) no entendimento das relações do sujeito no interior da vida cotidiana no mundo moderno e sua crítica à sociedade burocrática do consumo dirigido. Tais considerações também dialogam bastante com as formulações desenvolvidas por Jean Baudrillard (2008 [1970]) acerca da sociedade do consumo, Guy Debord (2003 [1967]) e a sociedade do espetáculo, bem como aportes mais atuais de Zygmund Bauman (2004, 2008) e Gilles Lipovetsky (2004, 2007) com relação aos aspectos do consumismo e da modernidade líquida ou hiperconsumo e hipermodernidade, tal como, respectivamente, cada um desses dois autores desenvolve sua problemática.

Questões atinentes a discussões mais aprofundadas sobre as relações subjetivas do sujeito na metrópole são encontradas em diversas contribuições trazidas especialmente por teóricos da Educação Física e Psicologia. Aqui, destacamos alguns textos lidos pelas psicólogas Alexandra A. Rodrigues e Ângela Maria P. Caniato (2009) e Fábio Teixeira e Iraquitan Caminha (2010) a respeito da subjetividade relacionada à percepção do corpo humano e todas as formas de racionalização, medicalização, disciplinarização e dor sentida pelas formas de dominação ideológica da indústria cultural, que elegem determinadas expressões da modernidade como aceitáveis e positivas – dentre elas, a prática de exercícios físicos nas

academias, tal como o famoso bordão “*no pain, no gain*” (sem dor, sem ganhos), mas também outras práticas como as modificações corporais de tatuagem, *piercings*, entre outras.

Uma discussão que correlaciona características do modo de produção capitalista e a corporeidade do trabalhador com os investimentos nos corpos realizados por meio da disciplina, controle e esquadramento são abordadas por Karl Marx (2017 [1867]) e David Harvey (2005) e aprofundadas por Michel Foucault (1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]), Antas Jr., (1995), Castro (2007), Bauman (2008) e Sérgio Paes de Barros (2012) em nossa pesquisa.

As elaborações filosóficas citadas também relacionam a problematização feita pela questão da biopolítica e do biopoder na modernidade. Portanto, são contribuições que se somam à discussão que já havíamos proposto amparando-se nas concepções de Foucault (1999 [1978], 2008b [1978]), Teixeira e Caminha (2010) e Sandra Caponi (2014). A inclusão desta perspectiva crítica nos fornece elementos que apontam para o fenômeno de expansão geográfica das academias como um processo moderno das formas de domínio, docilização, disciplinarização dos corpos, bem como os dispositivos de controle-repressão e controle-estimulação, que despontam no estágio atual do neoliberalismo, e que possuem fortes rebatimentos territoriais de análise.

Não tanto como contraponto, mas sim buscando diálogos que estabeleçam uma continuidade do raciocínio, a análise recente do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017) sobre a “Sociedade do Cansaço” propõe revisões inéditas a respeito do dispositivo disciplinar de Foucault e considera a constituição do *paradigma do desempenho* na atualidade como causadora de diversas neuroses e psicoses vivenciadas nas grandes metrópoles. A nossa análise sobre tal proposta não descarta a dissolução dos mecanismos de controle foucaultianos, mas os considera ainda mais sutis e aperfeiçoados na contemporaneidade.

Ademais, a relação entre as áreas do conhecimento também nos indica uma discussão que permeia as noções de corporeidade e a percepção do movimento humano relacionadas com os atuais processos individualistas, hedonistas e narcisistas da modernidade. Este caminho teórico aproxima-se das concepções da fenomenologia desenvolvida por Maurice Merleau-Ponty, trazendo a noção de “*consciência incorporada*” ou “*consciência encarnada*”, tal como compreendendo o sujeito enquanto uma unidade fisio-psico-biológica, que também se relaciona e interage com o espaço onde se encontra, percebendo-o, concebendo-o e o vivenciando (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988; SAURA; ZIMMERMANN, 2016). Neste sentido, há fortes relações com a tríade filosófica de Lefebvre (2006 [1974]).

Contribuições de Josué de Castro (1980 [1946]), Rosa Garcia (2003), Jean-Pierre Poulain (2006) e Carlos Augusto Monteiro (ZORZETTO, 2018) adentram em nosso corpo teórico como importantes referências acerca da discussão desenvolvida sobre a alimentação e a comensalidade urbana contemporânea. Ademais, Marco Antônio Souza e Kátia de Almeida (2007), bem como Geni Sato (2009) entram na discussão com importantes análises acerca do desenvolvimento do varejo supermercadista ancorado pela globalização produzindo mudanças nas matrizes alimentares em escala global e local (nas cidades).

Os aportes sociológicos pesquisados em Tatiane Trinca (2006), Ana Lúcia de Castro (2007) e Jean-Pierre Poulain (2006), assim como os da historiadora Edna Araújo (2008), nos auxiliam na construção de uma investigação crítica a respeito da imagem idealizada do corpo enquanto norma e os rebatimentos aos corpos “fora da norma”, ou seja, o entendimento de como a sociedade se posiciona frente à obesidade.

As pesquisas que abordam diretamente a temática sobre as academias de ginástica e musculação como objetos de análise foram imprescindíveis para o intercâmbio de ideias realizado aqui e para contribuir com dados e pontos de vistas de autores de diferentes áreas citados. O “Atlas do Esporte no Brasil”, organizado por Lamartine Da Costa (2006) abarca uma série de temas vinculados ao desenvolvimento e estruturação das atividades físicas no Brasil, no decorrer da história, envolvendo as academias, as organizações do setor, os profissionais do ramo e as modalidades esportivas. A tese da historiadora Eliana de Toledo (2010) possui grande relevância para a nossa pesquisa ao investigar “A legitimação da ginástica de academia na modernidade: um estudo da década de 1980”. Esta pesquisa demonstrou o desenvolvimento da ginástica e os motivos pelos quais a mesma passou a ganhar relevância na sociedade brasileira dos anos 1980, sendo um trabalho historiográfico com grande relevância, apresentando um vasto levantamento documental e bibliográfico sobre o tema.

Autores na área de Educação envolvendo a temática de Educação Física com forte viés crítico também foram abarcadas e possuem centralidade importante para a elaboração de nossa investigação. Dentre os quais, destacamos Roberto Furtado (2009) a respeito do desenvolvimento do mercado de academias de ginástica e a tese de Bárbara Cristina Pupio (2017), que se debruça em compreender a “Cadeia produtiva da indústria da cultura corporal em academias de ginástica”. A hipótese levantada pela autora relaciona importantes mudanças ocorridas nos parâmetros curriculares do ensino superior em Educação Física como decorrentes da reestruturação produtiva do setor de academias, nas últimas décadas.

Além da revisão bibliográfica interdisciplinar que envolve diversos outros autores não citados especificamente aqui, esta pesquisa abarca também a visão dos diferentes sujeitos que “compõem” o objeto de análise. Algumas entrevistas direcionadas a distintos profissionais que tangenciam esta temática foram feitas, como a consultora do SESI Geórgia Antony Gomes de Matos, em oportunidade durante o Simpósio Internacional de Pesquisa em Estilos de Vida e Saúde, em 2016; o gerente Vinícius Dias, líder regional e gerente de unidade da Smart Fit, em março de 2017, via e-mail; a profissional de Educação Física Renata Rodrigues, em dezembro de 2017, por e-mail; bem como o sr. Arnaldo Pereira, comerciante e proprietário da loja de suplementos alimentares e revista com o mesmo nome Combat Sport, pessoalmente em trabalho de campo realizado em outubro de 2018. A íntegra das entrevistas está disponível na sessão de Apêndices da pesquisa.

Elaboramos também um questionário estruturado no Google Formulários, ferramenta on-line que facilita a construção, difusão e respostas de entrevistados do público em geral através da internet. Nosso objetivo foi dar voz aos sujeitos que utilizam ou não os serviços de academias, mas que também estão expostas às questões referentes à alimentação cotidiana, aos valores estéticos difundidos no território e às dificuldades de mobilidade urbana. Preferencialmente, o questionário foi aplicado às pessoas que moram no recorte espacial de nossa pesquisa – a RMSP – porém, não se restringiu ao mesmo.

O questionário foi elaborado com o auxílio das professoras Ana Zimmermann e Soraia Chung, ambas da EEFEE – USP, e do orientador da pesquisa, o professor Francisco Scarlato, da FFLCH – USP. A estrutura total possui 20 questões e está separada em quatro seções, sendo a primeira mais especificamente sobre a prática de exercícios físicos nas academias; a segunda, sobre as questões recorrentes à alimentação cotidiana; a terceira, sobre a estética corporal; e a quarta, acerca do cotidiano urbano metropolitano. Entre 05/10/2017 a 15/10/2017, conseguimos 56 respostas ao nosso questionário. Disponibilizaremos na sessão de Apêndices da pesquisa os resultados gerais conforme apresentados na estrutura do formulário Google.

O questionário foi respondido por pessoas que praticam ou não exercícios físicos nas academias, pois há elementos na percepção deles, que são importantes para a pesquisa e que, não necessariamente, estão contemplados apenas por usuários de academias (como os aspectos ligados à alimentação no espaço urbano ou aos apelos publicitários em vista da padronização estética difundida amplamente no tecido social).

Para a confecção dos mapas, utilizamos o *software* de geoprocessamento QGIS 3.0 “Girona”, no qual atrelamos diferentes dados geográficos publicamente obtidos pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), assim como a Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô), por meio da Pesquisa Origem-Destino (OD), que regionaliza a RMSP em zonas ainda em níveis mais precisos que os subdistritos municipais e os Dados Abertos da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

Cruzamos com dados tabulares sobre o mercado de academias de ginástica e musculação cedidos gentilmente por Reinaldo Gregori, da consultoria Cognatis Geomarketing, Big Data e Analytics, para a construção da pesquisa a fim de obter as visões necessárias aos mapas e análises espaciais, utilizando técnicas de cartografia temática, mapas de calor (técnica de Kernel) e serviço de *web-imagery* fornecido ao *software* pela ESRI, os quais serão melhor explanados no decorrer do texto.

2 – A NOVA VIDA URBANA E A QUALIDADE DE VIDA

Fonte: Freepik, s/d.

Estudar a expansão das academias de ginástica e musculação é, antes de mais nada, compreender os estímulos das pessoas pela busca de realizar exercícios, de movimentarem seus corpos, de transformarem sua saúde e formas físicas. No entanto, tais estímulos somente são provocados dentro de determinadas circunstâncias históricas, socioculturais, biopolíticas e geográficas inéditas no espaço urbano que, sem a contextualização dessas mudanças, as quais antes transformaram as cidades, não poderíamos compreender a potência de nosso objeto de pesquisa.

A vida urbana constitui um dos dados mais antigos da história humana. Desde os primórdios, os sujeitos passaram a se organizar em aglomerações sedentárias e a definir uma divisão do trabalho que se distanciou cada vez mais das atividades agrícolas, originando o fato urbano, dentre as quais as cidades de Ur e Uruk, na Suméria e, posteriormente, Atenas, Roma, Alexandria, Babilônia, Florença e Gênova se destacaram desde a Antiguidade como grandes exemplos desse processo em razão da pujança econômico-cultural que representaram (SCARLATO; COSTA, 2017).

O pressuposto de compreensão da vida urbana perpassa pelo caminho que trilhamos em razão de conhecer os processos históricos que resultaram na estrutura da cidade, a disposição de suas formas e funções, mas também de estarmos dispostos a perceber as *representações do espaço*, sentir o modo de como a organização da sociedade afeta nossos corpos e nossa saúde, como os símbolos e discursos induzem nossa relação com o território e como os nossos sentidos respondem aos constantes e diferentes estímulos presentes na cidade.

Conforme comentam Francisco Scarlato e Everaldo Costa sobre a essência do urbano (2017, p. 3):

É no processo permanente de produção material e emocional da cidade, bem como na situação de indivíduos, de grupos e da própria sociedade, que se faz a essência do urbano, podendo ser revelada pela difícil interpretação das complexas dimensões e formas da existência humana espacializada. Devemos, sempre, pensar que essa essência são aquelas determinações que não são meras contingências. [...] O processo de produção das cidades, na história, relaciona-se à dialética entre as necessidades humanas, a culturalização da natureza e a divisão técnico-social do trabalho. [...] a essencialidade do urbano não se encontra para além da aparência, mas está na própria percepção do urbano, quando essência e aparência se revelam como totalidade. A essência do urbano está nas intencionalidades e aderências ao território; o que se dá no transcurso da história e não é visto, maquinalmente, no aqui-agora. (SCARLATO; COSTA, 2017, p. 3).

Portanto, é necessário que a análise da vida urbana inclua também a percepção dos elementos que interagem nas dimensões sensoriais entre a relação sociedade-natureza para que nos aproximemos de um entendimento mais holístico dos processos. Embora o fato urbano

tenha atingido novos patamares com a industrialização, a urbanização e, mais recentemente, a consolidação do processo de mundialização da economia, marcado por profundas contradições e pelo avanço das normas, das técnicas e de tecnologias que ampliaram como nunca a difusão da informação e da comunicação, o arcabouço teórico e analítico oferecido pela fenomenologia continua sendo fundamental para a interpretação do mundo e de suas interações, dado ao patamar de complexidade da realidade atual.

Diante da realidade que se mostra aos nossos sentidos, que fato novo poderíamos atribuir ao urbano no período atual? Para respondermos a essa pergunta, desejamos primeiro contextualizar nossa análise na produção dos elementos que se fazem presentes no cenário precedente à nossa pesquisa, o qual se relaciona diretamente com ela, pois cria todas as condições que resultam nas características que anunciaremos como sendo parte intrínseca de uma “*nova vida urbana*”.

Sem o intuito de nos aprofundarmos acerca dos detalhes e interstícios de cada um dos processos a seguir, nosso objetivo é demonstrar o desencadeamento de fatores que resultaram no cenário atual invocado na problemática da pesquisa, estabelecendo pontes entre os processos históricos e o espaço geográfico. A categoria-chave que nos permitirá realizar essas incursões com a garantia do rigor necessário ao método é a *divisão social do trabalho*, cuja expressão territorial é observada por meio de funções atribuídas a formas novas e antigas do espaço geográfico, conforme comenta Santos (2012b [1996]):

A cada nova divisão do trabalho ou a cada um novo momento decisivo seu, a sociedade conhece um movimento importante, assinalado pela aparição de um novo elenco de funções e, paralelamente, pela alteração qualitativa e quantitativa das antigas funções. A sociedade se exprime através dos processos que, por sua vez, desdobram-se através de funções, enquanto estas se realizam mediante formas. [...] A cada movimento social, possibilitado pelo processo de divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender a novas funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes. Daí a estreita relação entre divisão social do trabalho, responsável pelos movimentos da sociedade, e a sua repartição espacial. (SANTOS, 2012b [1996], p. 59 – 60).

As mudanças estruturais resultadas do processo de divisão social do trabalho formam a base do entendimento do que elencamos aqui como a *nova vida urbana*. Trata-se do resultado do amplo processo de industrialização e urbanização ocorrido no decorrer do século XX, que imprime no espaço urbano – sobretudo nas grandes cidades de países subdesenvolvidos – profundas marcas de desigualdade socioterritorial e complexos problemas socioambientais vivenciados com mais afínco desde o final do século XX e nas primeiras décadas do século

XXI, os quais reproduziram consequências para a saúde física e mental da população e induzem a necessidade de se pensar e qualidade de vida no contexto metropolitano atual.

A RMSP ganha aqui papel de destaque em razão de ser a maior região metropolitana configurada na formação socioespacial brasileira, na expressividade de sua população e economia, bem como na proporção dos problemas nela verificados por terem uma dimensão significativa para toda a nação. Nesse sentido, o entendimento do que propomos como a *nova vida urbana* possui fortes laços com a questão da *qualidade de vida* no nosso recorte de pesquisa escolhido.

As profundas marcas de desigualdade socioterritorial deixadas pelo processo de industrialização e urbanização na RMSP resultaram na configuração do padrão de ocupação e valorização do solo urbano. Desde o início desse processo, ainda no decorrer do século XIX, as fábricas e as linhas ferroviárias marcaram o padrão de ocupação da classe trabalhadora, a qual foi destinada às áreas menos valorizadas da cidade que começava a se organizar em função da então divisão social do trabalho dinamizada pela pujança do comércio cafeeiro (SZMRECSÁNYI in SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).

O desenvolvimento desse processo e, novamente, a organização do espaço propiciada pelas exigências da nova divisão social do trabalho, já associada à globalização econômica, acentuaram as condições de precarização da habitação da classe trabalhadora e, consequentemente, os padrões de deslocamento urbano. As periferias se adensaram e o acesso dessa população aos locais de emprego, estudo e lazer tornou-se mais difícil em virtude do tempo utilizado para a mobilidade, a qualidade e a quantidade do transporte público oferecido (SZMRECSÁNYI in SZMRECSÁNYI, 2004; LENCIONI, 2008; SANTOS, 2009a [1990]). O uso do transporte individual, embora estimulado no imaginário coletivo e ofereça certo conforto frente ao transporte coletivo, está sobrecarregado na metrópole, resultando em engarrafamentos quilométricos em algumas vias – produzindo stress e impactos na cidade (RIO, 1996; LENCIONI, 2008; GUIMARÃES, 2017).

Ademais, as consequências da nova divisão social do trabalho no espaço urbano da RMSP possuem também rebatimentos nos elementos físico-naturais constituintes do território. A demasiada utilização de recursos naturais e a despreocupação com a dinâmica da natureza resultou em sérios problemas tais como o desmatamento, a poluição dos rios, solos, da atmosfera, bem como a poluição sonora e o uso intenso de iluminação na cidade, os quais proporcionam um cenário ecologicamente degradado, além de consequências graves para a saúde da população (sobretudo a mais pobre), que se encontra vulnerável às enchentes, aos

deslizamentos de terra, às doenças causadas pela poluição e ao stress (RIO, 1996; GUIMARÃES, 2017).

O médico Rodrigo Pires do Rio (1996, p. 104) sinaliza que “[...] o crescimento rápido e desordenado das cidades, por exemplo, é altamente preocupante, por estar, dentre outras coisas, criando uma série de destrutivos esgotos comportamentais”. Ou seja, os resultados oriundos da nova divisão social do trabalho, tanto para o meio físico das cidades, quanto para as dimensões sociopolítica e da saúde mental e física da população são problemáticas, potenciais desencadeadores de stress e de um quadro nocivo à vida das pessoas.

Portanto, não há como dissociar na análise que desejamos fazer a noção dos processos históricos que configuraram e organizaram o espaço geográfico sem que também incluamos a percepção de qualidade de vida das pessoas. O impacto que a nova vida urbana propicia nos corpos e na percepção se manifesta por meio das formas de deslocamento (o cansaço dos trajetos longos, a relação com o stress e a poluição), os hábitos alimentares desenvolvidos no espaço urbano globalizado e toda a percepção envolvida nos estímulos publicitários, discursivos e neurolinguísticos a respeito do culto ao corpo, que por sua vez, buscam estimular o consumo de bens e serviços vinculados à estética corporal.

Esses elementos deverão ser analisados mais detalhadamente nos próximos subcapítulos, mais precisamente, no 2.1, a respeito da metropolização e os desdobramentos na saúde e qualidade de vida, no 2.2, a respeito da comensalidade urbana contemporânea e a globalização alimentar, e no 2.3, acerca do consumo e produção do imaginário estético idealizado.

2.1 – O processo de metropolização e seus desdobramentos na saúde e qualidade de vida

O processo de urbanização nunca foi tão relevante na história humana quanto nos dias atuais. De acordo com o documento da Organização das Nações Unidas (ONU), o Relatório de Prospecção da Urbanização Mundial (WUP, 2018 – *sigla em inglês*²), em 1950, cerca de 30% da população mundial morava em áreas urbanas. No ano da publicação do documento, o indicador já subira para 55%, apontando que a maioria da população já vive em áreas urbanas. A projeção para as próximas décadas confirma a tendência, sinalizando cerca de 68% da população como urbana em 2050 (WUP, 2018).

A análise do caso brasileiro não foge à regra. Somente “entre 1940 e 1996, a população brasileira cresceu cerca de quatro vezes, passando de 41.236.315 para 157.079.573” (SANTOS;

² World Urbanization Prospects (WUP).

SILVEIRA, 2014 [2001], p. 200). Conforme dados mais recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, o país contava com uma população de mais de 208.494.000 habitantes – dos quais, cerca de 21,6 milhões moram na RMSP, sendo ainda a maior aglomeração urbana do Brasil (OLIVEIRA, 2018).

O incremento populacional, tanto no município de São Paulo, quanto em sua própria Região Metropolitana, se deu de forma gradual, crescente e exponencial no decorrer do século XX (SANTOS, 2009a [1990]). O Gráfico 1 apresenta o crescimento da população delimitando ambos os recortes espaciais, conforme dados dos Censos Demográficos coletados pelo IBGE para formar a série histórica, entre 1940 e 2010 – o último censo divulgado até então (SÃO PAULO – MUNICÍPIO, 2019). Os dados de 2018 foram divulgados como estimativa do IBGE para o ano (EMPLASA, 2019).

Gráfico 1: Crescimento da população em São Paulo (Município) e Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), entre 1940 e 2010

Fonte: SÃO PAULO - MUNICÍPIO (2019).

Embora a expansão da base material do espaço urbano de São Paulo fosse influenciada pelo grande contingente demográfico devido a décadas de intensos movimentos migratórios, a adoção de políticas públicas rodoviaristas e de valorização do solo urbano, logo no início da pujança metropolitana da cidade, em meados do século XX, constituíram o marco determinante para conferir à metrópole paulista uma de suas principais características: a extensão territorial.

A partir da década de 1930, o incentivo ao rodoviarismo consolidou o padrão de crescimento urbano, que priorizou a abertura de estradas e o amplo consumo de carros como símbolo de *status* e progresso. Isso ocorre em conjunto com a proposital inviabilidade do poder público em prover com eficiência outros modais de transporte de massa, como o metrô, por exemplo, cuja rede em cidades com população comparável a São Paulo já era extensa (tal como Londres, Nova York, Paris ou mesmo Buenos Aires), mas que somente foi inaugurado décadas mais tarde, em 1974 (SZMRECSÁNYI *in* SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).

A supressão dos bondes elétricos e de seus trilhos, cobertos de asfalto, entre o final da década de 1950 e início dos anos 1960, marcou definitivamente a adoção do rodoviarismo como o modelo de expansão da cidade. Para viabilizar o modelo, cujas contrapartidas econômicas consolidavam o perfil industrial da cidade, a administração pública canalizou (e, em alguns casos, recobriu de asfalto) diversos cursos hidrográficos, cuja a topologia plana favorecesse na criação de avenidas marginais (SZMRECSÁNYI *in* SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).

As indústrias automobilísticas viram em São Paulo um imenso potencial de crescimento. Da mesma forma, tanto o poder público, quanto grande parte da sociedade concordaram com tais políticas, as quais foram compreendidas na época como imperativos necessários para o progresso pelo qual São Paulo passava (SZMRECSÁNYI *in* SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).

No entanto,

Essa expansão rodoviária, combinada a fatores institucionais, acarreta, direta ou indiretamente, duas principais consequências: a primeira se dá quanto ao desenho urbano, com a cidade se expandindo ao longo de avenidas radiais mais ou menos adaptadas às linhas de relevo; a segunda, parcialmente resultante da primeira condição, verifica-se através de um grande empurrão no processo de especulação que iria acompanhar a evolução urbana até os nossos dias. A tendência à formação de uma cidade espalhada, com as áreas ocupadas intercaladas com grandes espaços vazios convidativos à especulação, data dos primeiros decênios do século XX (Maria do Carmo Bicudo Barbosa, 1987). Essa tendência vai, porém, tornar-se exponencial no último quartel desse século [XX]. (SANTOS, 2009a [1990], p. 29).

O espraiamento da metrópole, característica observada a partir da década de 1960, inicia um novo ciclo em que a precarização das condições de vida da classe trabalhadora se intensifica. Na medida em que os vetores do modelo rodoviarista agregam novas áreas para a malha urbana da metrópole paulista, a dinâmica de precificação do solo também é modificada nas áreas centrais. Como essa alteração se dá concomitante ao período de pujança industrial (de consolidação do modelo rodoviarista e mecanização do campo), o incremento demográfico da

massa de pobres se amplia e se destina, sobretudo, às periferias da metrópole, onde o valor da terra é mais baixo (SZMRECSÁNYI *in* SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).

A localização da população de baixa renda em São Paulo foi constantemente alterada, na medida em os processos de expansão do modelo rodoviarista associados à especulação do solo urbano redefiniram os preços da terra. De forma contínua, esses processos marcaram o distanciamento da população pobre às áreas consolidadas da metrópole, onde se encontram maior oferta de trabalho, bens e serviços (SZMRECSÁNYI *in* SZMRECSÁNYI, 2004). Mesmo as várzeas, que a princípio eram áreas destinadas ao lazer da classe trabalhadora foram suprimidas, conforme comenta Ricardo Mendes Antas Jr (1995, p. 58):

No período que se estende da década de 1930 até meados da década de 1960, portanto, as várzeas constituíram em lugar privilegiado para a ocupação do tempo livre da população, pois apresentavam elementos atrativos para a prática de esportes, jogos e festas. [...] Com a conclusão das obras de retificação e a construção das avenidas marginais, o processo de valorização se acentua, promovendo o loteamento das várzeas pelas grandes empresas do setor imobiliário que atuavam em São Paulo. [...] Concomitante à eliminação gradativa das principais áreas de lazer da população, agravava-se as condições de moradia nas periferias, devido à crescente carência de infraestrutura básica. Com a falta de investimento e o contínuo fluxo migratório acelerava-se a crise habitacional acarretando em maior número de favelas e autoconstruções em loteamentos cada vez mais distantes do local de trabalho (KOWARICK, 1995) (ANTAS JR., 1995, p. 58).

“[...] É um terrível círculo vicioso” (SANTOS, 2009a [1990], p. 58). A expansão territorial da mancha urbana se intensificou de modo gradual e crescente em decorrência da especulação imobiliária associada ao acréscimo demográfico na RMSP. Assim, a metrópole adentrou no século XXI repetindo o mesmo padrão: as classes alta e média se localizando em áreas onde os bens e serviços estão melhor consolidados e as populações de baixa renda ainda lutando para se instalar nas periferias e nos interstícios das áreas consolidadas, muitas das quais apresentam riscos e sem condições de vivência, como várzea dos rios ou encostas de vertentes (SZMRECSÁNYI *in* SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).

Diante do modelo de habitação desenvolvido em São Paulo, em que o valor do solo flutua conforme os interesses imobiliários, as periferias da cidade, bem como alguns municípios vizinhos, se adensaram demograficamente. Nesses lugares se estabeleceram as populações de renda média-baixa e baixa renda (SZMRECSÁNYI *in* SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).³

³ Embora o padrão centro-periferia conforme grande parte do território da RMSP, estabelecendo nexos de trabalho-habitação com populações moradoras dos municípios adjacentes à capital, existem também diversos outros sub-centros que exercem atração similar, porém de menor poder centrífugo à classe trabalhadora, tais como Osasco,

Tais mecanismos se enquadram no processo conhecido como involução urbana. Milton Santos, no texto sobre “A metrópole: modernização, involução e segmentação” descreve acerca do rápido crescimento das metrópoles do Terceiro Mundo enfatizando a involução urbana como elemento fundamental de análise. Segundo o autor, a metrópole possui uma capacidade de adensamento demográfico que reflete, sobretudo, em um mecanismo de atração das massas de população pobre para o seio das cidades⁴ (SANTOS *in* VALLADARES; PRETECEILLE, 1990).

A especulação imobiliária e a valorização do solo nas áreas centrais da cidade também tiveram implicações no desenvolvimento no perfil de economia urbana na metrópole paulista. O crescimento industrial, que começou ainda no final do século XIX, mas que ganhou pujança na primeira metade do século XX, marcou a paisagem metropolitana e cunhou a economia de São Paulo como predominantemente industrial – perfil secundário (BIDERMAN *in* SZMRECSÁNYI, 2004).

Entretanto, ao passo em que a especulação imobiliária cresce e valoriza o solo urbano, as plantas industriais no centro da cidade tornaram-se cada vez mais caras e economicamente inviáveis. O preço do metro quadrado, as dificuldades de escoamento da produção partindo de antigas indústrias em áreas urbanas consolidadas e as implicações socioambientais passaram a cogitar com gradual ênfase no campo de forças distintas dos atores que produzem o espaço urbano em São Paulo, sobretudo a partir da década de 1960. As indústrias pesadas passaram a se dispersar para localidades distantes dos centros urbanos, porém ainda nas cidades junto às rodovias (BIDERMAN *in* SZMRECSÁNYI, 2004).

Barueri, Guarulhos, além da relação singular entre os municípios do chamado ABCD Paulista (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano e Diadema). Conforme comenta Santos (2009a [1990], p. 72 – 73): “[...] numa área tão extensa quanto à Região Metropolitana de São Paulo, a contradição centro-periferia tem de ser manejada com cuidado, ao menos por duas razões. Em primeiro lugar, o próprio município núcleo tem o seu centro e a sua periferia. Em segundo lugar, os municípios não-centrais repetem esse mesmo modelo, na medida em que dispõem de suas próprias burguesias e de uma segmentação socioprofissional que induz a uma segregação socioespacial e a uma valorização diferencial dos terrenos. ”

⁴ Na constatação do movimento de involução urbana, nota-se tanto a diminuição do ritmo de crescimento econômico da metrópole frente a comparações com cidades médias ou a unidade federativa, quanto a reversão do leque salarial para os que ganham pouco (indicando uma situação em que trabalhadores do campo ganham mais que os urbanos, em faixas baixas de renda), além do usufruto da qualidade de vida em cidades menores ser superior à metropolitana, no que se refere ao acesso a bens e serviços públicos, com poucas exceções.

A noção do processo de involução urbana é importante para se contextualizar a qualidade do crescimento populacional intenso ocorrido em grandes adensamentos metropolitanos, como é o caso da RMSP. A involução urbana, no entanto, se associa a outros mecanismos que caracterizam a vida cotidiana do trabalhador na metrópole, tais como a segmentação da economia, que diversifica os tipos existentes de capital na metrópole no Terceiro Mundo e colabora para um movimento de expansão do emprego, ainda que mal remunerado (SANTOS *in* VALLADARES; PRETECEILLE, 1990).

São Paulo firma-se, assim, como uma metrópole voltada, predominantemente, para o perfil terciário da economia, cuja das atividades se concentram no comércio e serviços especializados (dentre os quais, destacamos as academias de ginástica e musculação), além de conter indústrias voltadas para a alta tecnologia.

[...] Faz parte da racionalidade da acumulação capitalista concentrar um grande número de população, renda, indústrias de alta tecnologia e trabalho qualificado, bem como fazer da metrópole difusa e espalhada territorialmente, uma única bacia de trabalho e *habitat*. (LENCIONI, 2008, p. 8).

A predominância do perfil terciário atrelada à RMSP não extinguiu a atividade produtiva industrial, apenas a deslocou para áreas mais periféricas, sobretudo em municípios vizinhos da capital paulista, onde o preço do solo e a proximidade com os eixos rodoviários para o escoamento produtivo e incentivos tributários facilitaram a criação de distritos industriais (BIDERMAN *in* SZMRECSÁNYI, 2004; SANTOS, 2009a [1990]).

Nas áreas centrais da capital paulista predominam as atividades voltadas para a oferta de serviços e o comércio, as quais se caracterizam diferentemente entre si em razão do desenvolvimento do processo histórico e econômico conferido ao território. No centro velho, o perfil terciário está majoritariamente atrelado às atividades do circuito inferior da economia⁵, ao passo que no eixo que se estende do centro ao quadrante sudoeste de São Paulo, as atividades do circuito superior predominam (SANTOS, 2009b [1994]).

No espaço privilegiado onde se concentram as atividades do circuito superior da economia em São Paulo, ocorre o que Santos (2009b [1994]) enfatiza como o desenvolvimento de atividades relacionadas ao “setor quaternário”, ou seja, atividades relacionadas à gestão do território. A localização das sedes de grandes corporações, consultorias especializadas, importantes institutos de pesquisa, empresas de comunicação e tecnologia da informação impulsiona a especialização do território, o surgimento de comércio e serviços específicos no atendimento ao público que por aí circula, bem como restaurantes caros, redes de mercados

⁵ A análise que se debruça em compreender as relações entre a cidadania, o consumo e as finanças na organização do território deve abarcar a noção do espaço banal, que é o cotidiano, de acordo com Milton Santos e María Laura Silveira. Este é permeado pela complexidade atribuída ao conjunto dos sistemas de ações e objetos – o espaço geográfico – compreendidos pelo espectro do lugar, o qual é carregado tanto pela convergência de forças verticais, quanto pelas existências horizontais – resultando na existência da pluralidade de acontecimentos definidos enquanto circuitos da economia urbana. “A cidade é um grande meio construído e um grande mercado, e pode ser analisada a partir dos diversos circuitos de produção e consumo que nela se desenvolvem. Quando as atividades são realizadas com altos graus de capital, tecnologia e organização, podemos reconhecer um circuito superior, contendo também uma porção marginal. Quando os graus são baixos, é do circuito inferior que falamos. Ambos os circuitos estão interligados pela oferta e pela demanda sendo resultados das modernizações capitalistas.” (SILVEIRA, 2017, p. 373).

especializadas, *redes de academias de ginástica voltadas para públicos de alta renda*, etc. A centralidade do quadrante sudoeste de São Paulo torna-se, portanto, um dos nós da rede conectada aos demais lugares do acontecer simultâneo do mundo globalizado e favorece a realização dos fluxos informacionais, tecnológicos e financeiros no território (SANTOS, 2009b [1994], 2012b [1996]).

Há também, em algumas porções do território, o desenvolvimento de subcentralidades no município de São Paulo, áreas onde se concentram certas atividades voltadas para o comércio e serviços em relação aos seus entornos, porém exercem um papel hierarquicamente secundário se comparadas à grande centralidade econômica do quadrante sudoeste da capital paulista (SANTOS, 2009b [1994]).

Embora a metrópole paulista se constitua como território privilegiado na formação socioespacial brasileira em favor de seu dinamismo econômico voltado aos vetores da globalização e seus fluxos informacionais, tecnológicos e financeiros, a fragmentação do espaço urbano não deixa esquecer a realidade do desenvolvimento desigual de uma economia subdesenvolvida. Espaços de riqueza e pobreza se justapõem no mosaico urbano, articulando fluxos, ações e movimentos na cidade (SANTOS, 2009a [1990], 2009b [1994]).

A fragmentação do espaço condicionou as atividades urbanas a frações definidas da cidade, privilegiando a concentração da atividade econômica em certas áreas em detrimento de outras, em razão do zoneamento estabelecido. Dessa forma, os empregos (com especial ênfase no setor terciário) se aglomeraram, agravando a situação de saúde e qualidade de vida dos trabalhadores que se localizavam cada vez mais longe (SANTOS, 2009a [1990], 2009b [1994]).

Espacialmente, observa-se o padrão centro-periferia exposto a seguir, no Mapa 1, no qual se verifica a localização e a concentração das residências na RMSP. As áreas mais valorizadas e equipadas do quadrante sudoeste da capital são as mais rarefeitas de ocupação, enquanto as periferias da mancha urbana, que se extrapolam para os municípios vizinhos, estão densamente ocupadas. As áreas periféricas de baixa ocupação, próximas aos limites formais dos municípios da RMSP, representam o cinturão verde, áreas de maior predominância de atividades agrícolas e de Unidades de Conservação da mata nativa, onde a ocupação é controlada ou proibida.

Ao se verificar a densidade de empregos por hectare no mesmo recorte metropolitano, observa-se uma dinâmica oposta à encontrada no mapa referente aos locais de moradia da população. No Mapa 2, em seguida, nota-se a concentração da oferta de empregos no Centro expandido do município de São Paulo e com especial predominância no Centro antigo e

algumas áreas da Zona Sul e Oeste. Verificam-se também algumas exceções de oferta de empregos em porções dos municípios do ABCD Paulista, Guarulhos e, em menor grau, Osasco e Barueri.

Mapa 1: População Residente, segundo Unidades de Informações Territorializadas (UITs), em 2010

Fonte: EMPLASA (2012)

Mapa 2: Empregos por Hectare (Pesquisa OD), segundo UITs, em 2007

Fonte: EMPLASA (2012)

Comparando-se as tendências notadas nos Mapas 1 e 2, apura-se um forte elemento de desigualdade territorial que se traduz em deslocamentos pendulares diários dos locais de descanso e moradia da população trabalhadora aos locais de empregos.

Da mesma forma, aspectos relacionados ao desenvolvimento do processo de urbanização e metropolização resultaram em contínuas áreas construídas, impermeabilizando extensas porções da cidade com ruas, avenidas e habitações. Diante da rapidez da expansão populacional acrescida à metrópole e à falta de planejamento urbano da administração pública, devido ao espraiamento, não houve a priorização de arborização nas vias públicas e pouco se priorizou a inauguração de parques públicos na periferia da RMSP, as áreas mais densamente ocupadas (ANTAS JR., 1995). Tais fatores incidem em uma percepção negativa da qualidade de vida da população (MELO, 2011).

O Mapa 3⁶, elaborado pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), em 2002, em razão da divulgação do Atlas Ambiental do Município de São Paulo, confirma o cenário gerado pelo processo de urbanização e a intensa ocupação impermeável do solo com pouca arborização. O quadro comparativo mostra a vegetação e a densidade urbana da capital paulista com a incidência de temperatura na superfície do mesmo recorte.

⁶ A imagem processada representada no Mapa 3 referente à temperatura na superfície do município de São Paulo tem como base a banda termal do Landsat 7, em 03/09/1999, às 9:57h. A escala cromática compreende 16 faixas de pseudocores associadas à temperatura aparente da superfície de registro (SVMA/PMSP, 2002).

Mapa 3: Variação de Temperatura na Superfície do município de São Paulo, conforme Densidade Urbana e Vegetação (2002)

Fonte: ATLAS AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2002 *in* INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (IPT), 2017.

Conforme se observa no Mapa 3, os tons avermelhados indicam as áreas de maior temperatura aparente da superfície, em contraposição às áreas indicadas pelos tons azulados, onde as temperaturas são mais amenas. Em áreas distintas da cidade, as diferenças microclimáticas podem variar em até 8°C, contrapondo-se áreas bem arborizadas às áreas intensamente ocupadas sem planejamento adequado, indicando um sério problema de desconforto térmico (com especial ênfase na Zona Leste do município de São Paulo). Esses fatores são fundamentais na percepção do agravamento da saúde e qualidade de vida na metrópole (ATLAS AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2002).

O distanciamento das áreas de habitação da classe trabalhadora e a predominante localização das ofertas de trabalho nas áreas centrais, conforme mostrados na comparação entre os Mapas 1 e 2, consolidam o padrão centro-periferia de deslocamento pendular vivenciado por grande parte da população diariamente. Conforme a Pesquisa Origem-Destino (OD), em 2017, “das 42 milhões de viagens realizadas na RMSP, 18,5 milhões (44%) foram feitas por motivo de trabalho [...] Quando se verifica o modo de viagem, 76% das viagens a trabalho são motorizadas, sendo, principalmente, coletivas (54,5%)” (COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO, 2019, p. 53). Já o tempo médio diário de deslocamento para este tipo de viagem é de 2h 43, conforme pesquisa realizada pelo IBOPE e Rede Nossa São Paulo, em setembro de 2018 (SOUZA, 2019). A Foto 1 ilustra o gargalo da mobilidade rebatida no corpo do trabalhador, que se submete a diversos constrangimentos e situações estressantes para se deslocar na metrópole.

Foto 1: Superlotação do Metrô em horário de pico, Estação da Sé, em São Paulo

Fonte: Autoria própria (2019)

O impacto gerado na qualidade de vida dos trabalhadores foi relatado por meio da reportagem da BBC News Brasil, em janeiro de 2019, em artigo e no vídeo “Uma Vida no Ônibus”, o qual mostra o dia-a-dia de pessoas que passam até um terço de suas vidas no transporte público. Segundo o economista Raphael Bicudo, entrevistado no artigo, a manutenção da tendência de distanciamento da classe trabalhadora aos locais de emprego resulta na perpetuação do que o professor chama de “Ciclo Intergeracional de Pobreza”⁷, além

⁷ De acordo com a análise do professor de economia, o “Ciclo Intergeracional de Pobreza” se desenvolve em razão da perda de tempo dispendido no transporte público, conforme comenta: “Os pais dessas pessoas viveram em

da contínua precarização das condições de saúde e produtividade dos mais pobres (SOUZA, 2019).

O espraiamento da mancha urbana e o adensamento das periferias acarretaram também no aumento dos custos da administração pública em prover serviços básicos à população com eficiência. Logo, serviços públicos ligados à infraestrutura urbana, saneamento básico, transporte público, equipamentos de saúde, educação, lazer e cultura são mais escassos à maior parte da população moradora de áreas mais distantes dos Centros (SANTOS, 2012a [1996]). Com isso, também aumentam os gastos públicos para fomentar a infraestrutura em localidades mais distantes, dado que a mesma infraestrutura já é existente no chamado centro expandido de São Paulo e a habitação é rarefeita, conforme ressalta Maria Guimarães (2017):

[...] O município de São Paulo tem, porém, uma particularidade. Apenas 10% dos 12 milhões de paulistanos vivem no chamado centro expandido, que oferece uma infraestrutura melhor para a locomoção a pé, de bicicleta ou transporte público. Os demais 90% têm que atravessar longas distâncias dependendo de um transporte ineficaz, na maior parte dos casos, ou enfrentando engarrafamentos pesados. (GUIMARÃES, 2017, p. 20).

Portanto, as consequências da administração pública junto à influência de diversos atores na orientação do planejamento do espaço urbano metropolitano no decorrer de décadas se refletem tanto na população (sobretudo as classes mais baixas), quanto nos elementos do meio físico e biótico existentes na metrópole, tais como a presença de vegetação, a qualidade do solo, do lençol freático, dos rios, do ar e a fauna urbana. A professora Sandra Lencioni (2008) resume a problemática:

Uma metrópole espraiada e dispersa significa maior tempo de deslocamento de seus habitantes, maior tráfego de veículos e maior movimento pendular entre o local de moradia e o local de trabalho. Produz-se nessa metrópole uma irracionalidade que cobra do capital maior dispêndio de tempo com a locomoção pela cidade, com possibilidades de se multiplicarem os acidentes de trânsito e de se aumentar o ambiente carregado de poluentes. (LENCIONI, 2008, p. 10).

Há, pois, uma forte vinculação entre a produção do espaço urbano e os desdobramentos na saúde e qualidade de vida da população. Uma ampla contextualização crítica a respeito do

situação pior ou semelhante a elas e, salvo raras exceções, seus filhos não conseguirão romper esse ciclo e também viverão assim. Isso ocorre porque as dificuldades fazem essas pessoas terem uma perda de oportunidade e ascensão social. Elas não conseguem se dedicar a cursos, faculdades e têm dificuldades para chegar pontualmente em entrevistas e no trabalho porque dependem de ônibus e trens e algumas ainda enfrentam enchentes [...] A longo prazo, isso causa um desgaste físico e emocional, que resulta numa perda de produtividade. Isso faz com que essas pessoas sejam inseridas em empregos com salários menores e precários. Eu tenho alunos que saem 23h da faculdade, chegam 1h em casa e acordam às 4h para o trabalho. Como essa pessoa pode concorrer a uma vaga com outra que vai à faculdade de carro com ar condicionado e não precisa trabalhar?" (SOUZA, 2019, s/p.)

processo de urbanização e metropolização de São Paulo fornece elementos para problematizarmos como o uso do território – da forma como tem sido empregado historicamente pelos atores hegemônicos – tem resultado na constituição de um ambiente nocivo à saúde física e mental de seus moradores.

Além da produção de um ambiente nocivo em decorrência da degradação dos elementos do meio físico e biótico no espaço urbano, a população também está exposta ao desenvolvimento de problemas físicos e psíquicos, em virtude das péssimas condições de transporte público coletivo e/ou condições do trânsito aos usuários de veículos particulares, o consumo de alimentos calóricos e pouco nutritivos, bem como o fomento ao sedentarismo como modo de vida atual (RIO, 1996; GUIMARÃES, 2017). Dessa forma:

Vias congestionadas, temperatura elevada, entraves sociais. A descrição de uma cidade grande pode ser facilmente percebida como a de um organismo doente. Da mesma maneira, suas células – os moradores da cidade – tendem a ser igualmente malsãs. A mobilidade (ou a sua falta) é a faceta das cidades que congrega os problemas mais aparentes. Os veículos motorizados conduzem ao sedentarismo e são responsáveis por boa parte das emissões de poluentes que causam uma série de malefícios. A dificuldade de locomoção resultante do excesso de carros aumenta a exposição à poluição e reduz o tempo que poderia ser dedicado à vida social e ao usufruto da própria cidade. É um entroncamento problemático, mas a boa notícia é que ele pode ser encarado como rumo para soluções, e não como fatalidade. (GUIMARÃES, 2017, p. 19).

O espaço urbano da metrópole paulista adentrou no século XXI agravando alguns problemas produzidos décadas antes, porém articulando-se para mitigar diversos outros. Dentre os quais, questões referentes à mobilidade urbana têm sido minimizadas em favor da população trabalhadora por meio da promoção de políticas de reestruturação de vias urbanas para a acomodação de corredores de ônibus, tarifas integradas para o uso multimodal de transporte metropolitano⁸, ampliação (ainda que lenta) da malha metroviária e a difusão de ciclovias e ciclofaixas como promoção do lazer, exercícios físicos e locomoção alternativa⁹ (CET, 2019; COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO, 2019; SOUZA, 2019).

Ainda que esteja aquém do conjunto de necessidade da população – sobretudo a mais carente – de equipamentos públicos de educação, cultura e lazer, alguns esforços do poder público têm possibilitado a ampliação do número de parques públicos na RMSP nos últimos

⁸ Projetos destacados por alguns dos trabalhadores entrevistados da reportagem especial da BBC News Brasil sobre pessoas que dispendem muitas horas diárias no transporte público. Tanto os corredores de ônibus, quanto o uso de tarifa integrada multimodal (o Bilhete Único, no município de São Paulo, que é aceito nos sistemas de trem, metrô e ônibus municipais), receberam elogios por facilitar a vida ou agilizar um pouco mais o deslocamento dessas pessoas, que já é demasiadamente cansativo (SOUZA, 2019).

⁹ Discussão mais aprofundada no subcapítulo 3.3.3, da pesquisa, sobre a Implementação de Ciclovias.

anos (LIMNIOS; FURLAN, 2013). Ademais, os paulistanos incorporaram o uso lúdico, recreativo e esportivo de algumas avenidas da capital abertas à população aos domingos e feriados durante algumas horas do dia, cuja principal referência do projeto é a Avenida Paulista. A aderência ao projeto continuou mesmo após a troca da gestão municipal que, ainda que de orientação político-partidária diferente, foi convencido a manter¹⁰. (RUAS ABERTAS, 2019).

A resposta positiva da população aos projetos que mitigam os percalços da mobilidade urbana através de décadas do rodoviarismo em São Paulo ou de fomento a áreas de lazer, cultura, recreação e esporte, como ciclovias, parques públicos e avenidas abertas, reflete a problemática atribuída à nocividade à saúde encontrada no espaço urbano apresentada acima. Rio (1996) argumenta que:

[...] as grandes cidades constituem ambientes sociais altamente produtores de stress. Muitos dos estudos sobre o stress social tratam de problemas próprio das metrópoles. Tudo o que foi abordado até aqui, em relação à dimensão sociocultural do stress, encontra-se aí exacerbado. Pequenas cidades e vilas chegam a desconhecer questões como fragmentação e diversidade, ou delas só tomam conhecimento indireto através dos meios de comunicação. [...] As grandes cidades mostram aspectos positivos para a vida humana, tanto que atraem multidões para o seu bojo, seja a passeio, a trabalho, a negócios ou para a instalação de uma nova residência. Mas os aspectos estressantes são exuberantes e incluem agentes físicos, como ruído, poluição atmosférica e visual, além de aglomeração, trânsito truculento, grandes distâncias a serem percorridas, etc. Por isso os grandes centros urbanos constituem os principais 'laboratórios' para estudo, *in vivo*, do *stress* que assola a humanidade atualmente. (RIO, 1996, p. 63; 65 – 66).

A *nova vida urbana*, contexto apresentado até este momento do texto, está impregnada de stress. Por si só, o stress possui importância conferida desde os primórdios da humanidade, por representar um conjunto de respostas do organismo a estímulos internos ou externos percebidos como pressões, as quais permitem o corpo reagir a tais estímulos de forma enérgica, resguardando a integridade física do ser humano (RIO, 1996).

No entanto, observamos que o desenvolvimento do modelo de cidade que propicia a nova vida urbana do início do século XXI, permeada por um acúmulo de pressões das mais diversas origens e rebatida de formas diferentes nas diversas classes sociais e porções do espaço onde se encontram, o stress vivenciado nesse período se encontra disseminado no tecido social e possui características singulares na história humana. O stress atual se relaciona com o uso do território e o advento de tecnologias presentes na contemporaneidade.

¹⁰ Discussão mais aprofundada no subcapítulo 3.3.4 da pesquisa, sobre o Programa Ruas Abertas.

A disseminação do stress psíquico crônico pelo mundo está relacionada com a evolução da história, especialmente com as violentas transformações ocorridas nas últimas décadas. As maneiras como a cultura se dispõe nas diversas sociedades, as formas de funcionamento dessas sociedades, as novas extensões do ser humano (megalópoles, videogames, carros, computadores, fax, televisão, etc.) interferem radicalmente na percepção que cada pessoa tem do mundo, dos outros e de si mesma. Hall (1989, p. 166) considera errôneo imaginarmos que os seres humanos sejam completamente independentes de suas extensões: ‘a relação do homem com suas extensões constitui simplesmente uma continuação, sob uma forma especializada, da relação dos organismos em geral com seu meio ambiente’. (RIO, 1996, p. 34).

A nova vida urbana, no entanto, não se relaciona apenas com a configuração material da cidade. O espaço geográfico, compreendido por meio da teoria elaborada por Santos (2012b [1996]) é composto tanto pela materialidade existente no território – a *tecnosfera*, bem como o conjunto de ideias, crenças, paixões, da racionalidade e do imaginário – *psicosfera*, ambas imbricadas entre si e indissociáveis.

Permeando diversos elementos que compõem a tecnosfera e a psicosfera, a nova vida urbana compreende o conjunto de comportamentos – cristalizados já como estilos de vida para grande parte da população urbana – relacionados com objetos técnicos construídos com alto grau de desenvolvimento tecnológico, informacional e científico (SANTOS, 2012b [1996]). Um dos comportamentos mais observáveis conferidos na reprodução da nova vida urbana se refere acerca da aceleração do ritmo de vida (RIO, 1996; BAUMAN, 2004, 2008; SANTOS; SILVEIRA, 2014 [2001]).

A temporalidade acelerada – característica conferida aos espaços como a RMSP – é marcada pela transformação do paradigma do meio técnico-científico-informacional, que atribui a característica da rapidez à nova vida urbana. Nestes espaços, não somente os fluxos de produção, os deslocamentos de transportes ou a circulação da informação correm aceleradas pelo território, mas também a vida social se encontra cooptada e sufocada pela necessidade da produção capitalista, do horário marcado, da pressa no deslocamento urbano e, até mesmo, da alimentação (RIO, 1996; GARCIA, 2003; BAUMAN, 2004, 2008; SANTOS; SILVEIRA, 2014 [2001]). A celeridade crescente dos ritmos da vida colabora também para a produção do stress, de acordo com Rio (1996, p. 51):

Um dos aspectos mais impressionantes da época atual é a vivência que temos do tempo. O corre-corre do cotidiano é um dos principais gatilhos que disparam os mecanismos do stress em nós. O sentimento de estarmos constantemente pressionados pelo tempo tem razões objetivas e subjetivas. Dentre as objetivas, encontramos a sobrecarga de atividades e responsabilidades, a necessidade de percorrer grandes distâncias para cumprir nossos compromissos, etc. As dificuldades subjetivas decorrem de fatores, como a ideologia do sucesso, a competitividade indiscriminada, a voracidade de consumo, dentre outros, que nos

impellem à preocupação de fazermos e conquistarmos o máximo no menor tempo possível. Mesmo a sobrecarga de atividades e responsabilidades pode derivar desse tipo de atitude. Nossa visão do tempo tem base essencialmente quantitativa. Ele nos parece algo palpável, que deve ser esquadrinhado, medido, manipulado, a fim de que mais e melhores resultados possam acontecer com um gasto mínimo dessa ‘matéria-prima’. Baseando-se no estilo de vida norte-americano, que influencia muitas sociedades atuais, Albrecht conclui que se torna difícil para as pessoas sequer ‘imaginar uma cultura sem relógios e que não considere o tempo uma *mercadoria* – uma ‘substância’ a ser comprada, vendida, medida, manipulada e estruturada’ (ALBRECHT, 1988 *apud* RIO, 1996, p. 51).

Muito embora a rapidez permeie os ritmos de vida social no cotidiano das diversas classes na metrópole paulistana, a gama de objetos técnicos existentes na modernidade também proporcionou uma nova relação do corpo humano com o uso do território. Tanto o transporte individual quanto o coletivo minimizaram o esforço físico de deslocamento, assim como a existência de elevadores, telefones, computadores, celulares e todo um conjunto de objetos hoje comuns na vida urbana, que reduziu o esforço outrora necessário para se comunicar, se locomover ou trabalhar, possibilitando a ampliação do sedentarismo na população urbana (ANJOS; MENDONÇA *in* DA COSTA, 2006).

As interações existentes entre as pessoas e o espaço urbano, nos comportamentos relacionados à alimentação urbana, nas demais esferas do consumo consumptivo e na produção do imaginário também compõem o entendimento sobre o que há de novo nesse urbano que analisamos. Uma análise pormenorizada a respeito dessas transformações está disponível na sequência do texto.

2.2 – A comensalidade contemporânea: transformações no campo e na cidade

A alimentação foi também alvo de profundas transformações em âmbito global nas últimas décadas no que se refere aos modelos de produção, circulação, comercialização e consumo. A análise da comensalidade, ou seja, do hábito de comer e a relação do comedor com a comida, quando observadas no contexto da nova vida urbana, possibilita compreender algumas das causas raízes que refletem questões como o sedentarismo, o sobrepeso e a obesidade, fatores motivacionais para a rápida expansão das academias no período atual.

Rosa Garcia (2003), ao se debruçar sobre a comensalidade urbana contemporânea, destaca a impossibilidade atual de dedicação ao preparo e ao consumo alimentar tal como era costumeiro na estrutura rural de décadas passadas pela escassez de tempo para isso. No atual período há uma vasta oferta de alimentos pré-prontos industrializados, os quais são resultados de novas técnicas de conservação e preparo, além de uma gama de estabelecimentos que

comercializam alimentos prontos – fatores que, em sua análise, modificam hábitos tradicionais da cultura alimentar, conforme comenta:

Produto deste *modus vivendi* urbano, a comensalidade urbana contemporânea se caracteriza pela escassez de tempo para o preparo e consumo de alimentos; pela presença de produtos gerados com novas técnicas de conservação e de preparo, que agregam tempo e trabalho; pelo vasto leque de itens alimentares; pelos deslocamentos das refeições de casa para estabelecimentos que comercializam alimentos – restaurantes, lanchonetes, vendedores ambulantes, padarias, entre outros; pela crescente oferta de preparações e utensílios transportáveis; pela oferta de produtos provenientes de várias partes do mundo; pelo arsenal publicitário associado aos alimentos; pela flexibilização de horários para comer agregada à diversidade de alimentos; pela crescente individualização dos rituais alimentares. (GARCIA, 2003, p. 484).

A comensalidade contemporânea está, portanto, inserida na nova vida urbana. A construção desse cenário foi gradual e acompanhou diversos movimentos que ocorreram no decorrer do século XX, os quais modificaram a paisagem tanto do campo, quanto da cidade. As transformações resultantes da reorganização do espaço rural e agrário, oriundas da mecanização do trabalho agrícola, a introdução da agropecuária intensiva, dotada de ciência, tecnologia e informação, ocorreram concomitantes àquelas que modificavam a geografia do espaço urbano (GARCIA, 2003).

A comensalidade tradicional, existente na antiga estrutura social de vários países, incluindo o Brasil, anterior ao processo de intensificação da urbanização do século XX, possuía fortes vínculos com as características culturais e biogeográficas locais (POULAIN, 2006). Esse modelo foi refletido na formulação do estudo sobre as áreas alimentares por Josué de Castro (1980 [1946]), nas quais predominavam determinados padrões nutricionais em razão das características regionais. A diversidade das dietas conforme as características geográficas e alimentares regionais foi enfatizada pelo autor, que posteriormente as mapeou:

[...] O país está longe de constituir uma só área geográfica alimentar. As variadas categorias de recursos naturais e a predominância cultural de determinados grupos que entraram na formação de nossa etnia nas diferentes zonas tinham que condicionar forçosamente uma diferenciação regional dos tipos de dieta. (CASTRO, 1980 [1946], p. 58).

Para o autor, o combate à fome coletiva, entendida enquanto fenômeno social e universal recorrente em todos os continentes, deveria ser pensado por meio do estímulo à produção familiar e à Reforma Agrária (CASTRO, 1980 [1946]). No entanto, as alterações no espaço

agrário no decorrer do século XX resultaram em profundas mudanças para a população camponesa mais pobre, cada vez mais vulnerável ao flagelo da fome.

Josué de Castro (1980 [1946], p. 281) denuncia acerca do modelo de produção alimentar: “orientada a princípio pelos colonizadores europeus e depois pelo capital estrangeiro, expandiu-se no país uma agricultura extensiva de produtos exportáveis ao invés de uma agricultura intensiva de subsistência, capaz de matar a fome do nosso povo”. Assim, as transformações no campo em razão da mecanização e intensificação produtiva para a lógica das exportações (e não para a garantia de atendimento ao próprio povo) passaram a modificar também a comensalidade, de forma geral, gradual e contínua.

“[...] A comida deixa de ter um vínculo territorial” (GARCIA, 2003, p. 489). A globalização e o advento industrial incorporaram a produção alimentar, que passou a se caracterizar cada vez mais com a lógica de intensa produção (dissociando-se de empecilhos climáticos sazonais), circulação global e consumo – descaracterizando quaisquer ligações da comida com o território ou a cultura (GARCIA, 2003; POULAIN, 2006).

O sociólogo Jean-Paul Poulain (2006, p. 29) comenta que “[...] o alimento moderno está deslocado, ou seja, desconectado de seu enraizamento geográfico e das dificuldades climáticas que lhe eram tradicionalmente associadas”. Para ele, a importância do vínculo alimentar com o território vai além de questões nutricionais, mas adentra na esfera da construção da identidade da pessoa ou grupo e interliga o homem à natureza:

[...] o alimento não é um produto de consumo banal, ele é incorporado. Ele entra no corpo do comedor, torna-se o próprio comedor, participando física e simbolicamente da manutenção de sua integridade e da construção de sua identidade. Comer é também um ato que religa o homem à natureza, ao real. A cozinha e as maneiras à mesa de uma sociedade são uma maneira original de regular as relações entre a natureza e a cultura. Industrializada, a alimentação suscita questões que podem rapidamente transformar-se em angústias. De onde ela vem? Que transformação ela sofreu? Por quem ela foi manipulada? (POULAIN, 2006, p. 53).

As transformações políticas e econômicas pelas quais o Brasil passou em decorrência da redemocratização e a abertura do mercado aos vetores da globalização marcaram a etapa definitiva de transformação da comensalidade urbana dos brasileiros, sobretudo na RMSP. A partir dos anos 1990, a introdução de diversos tipos de alimentos importados, produzidos pela indústria com o uso de modernas tecnologias, comercializados em embalagens chamativas, passaram a compor o cardápio da população, sobretudo daquela cuja necessidade de consumir algo prático e ágil eram latentes em razão do cotidiano acelerado nas cidades (GARCIA, 2003; POULAIN, 2006).

“[...] No período de 1992 a 1995, a importação de produtos alimentares industrializados cresceu 409%” (GARCIA, 2003, p. 485 – 486). Atualmente, a globalização da alimentação possibilita transformações que vão desde a origem do alimento, por meio da manipulação genética de sementes e animais, o uso de agrotóxicos e fertilizantes para garantir a alta produtividade com o mínimo de perdas, novas técnicas de processamento e condicionamento para expansão da durabilidade dos produtos, bem como a adoção do modelo predominante de comercialização através de grandes cadeias globais de varejo supermercadistas (SOUZA; ALMEIDA, 2007; SATO, 2009; CARNEIRO *et al.*, 2015; ZORZETTO, 2018).

A concentração fundiária e a mecanização do campo decorridas da Revolução Verde, a partir da década de 1970, no Brasil, transformaram a produção agroalimentar pela introdução de tecnologias que aumentaram e aceleraram a capacidade produtiva. Os incrementos não se restringiram aos maquinários. A “quimificação da agricultura” (CARNEIRO *et al.*, 2015, p. 128) resultou no crescente uso de defensivos agrícolas como herbicidas, fertilizantes, entre outras substâncias, para corroborar com a intensificação agrícola – padronizando técnicas de produção e potencializando os negócios do setor, conforme aponta a análise do Dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), em 2015:

A modernização da agricultura no Brasil aprofundou a concentração de terras, levando tanto à migração de milhares de pequenos proprietários, parceiros, arrendatários e colonos para áreas de expansão da fronteira agrícola, nas regiões Centro-Oeste e Norte, quanto ao êxodo rural para os centros urbanos mais industrializados. Assim, o incremento do pacote tecnológico da Revolução Verde resultou no agravamento de diversos problemas sociais e ambientais, que a história do desenvolvimento da agricultura no país perpetuava, assumindo a forma de modernização conservadora (HESPANHOL, 2008b). (CARNEIRO *et al.*, 2015, p. 117).

Estima-se que em cerca de 30% do consumo alimentar servido à mesa dos brasileiros cotidianamente tenha a presença de agrotóxicos, inclusive em culturas nas quais não há autorização para o uso, gerando um quadro de insegurança alimentar na população (CARNEIRO *et al.*, 2015).

Embora os ativistas de movimentos sociais pela agricultura familiar e alimentação livre de agrotóxicos se organizem internacionalmente levantando denúncias e questionamentos do uso de tais substâncias como nocivas à saúde humana e ao ambiente, o posicionamento da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), bem como de outros órgãos regulatórios internacionais, continua favorável à utilização dos agrotóxicos, ainda que com ressalvas à dosagem (BBC NEWS BRASIL, 2019a). Diversos setores da indústria têm interesse na manutenção de seu uso, a exemplo do glifosato, elaborado pela Monsanto em 1974, a patente

do herbicida foi expirada em 2000 e agora é comercializada por diferentes empresas e amplamente difundida no país (BBC NEWS BRASIL, 2019b), conforme mencionado na reportagem jornalística de fevereiro de 2019:

O glifosato é o principal ingrediente ativo de diversos agrotóxicos usados em plantações e jardins. São 110 produtos com a substância comercializados no Brasil, produzidos por 29 empresas diferentes, segundo a agência [ANVISA]. Em 2017, cerca de 173 mil toneladas de produtos com glifosato foram usadas no país. (BBC NEWS BRASIL, 2019b)

No período de globalização da alimentação, o modelo produtivo representado pelo agronegócio¹¹ se torna hegemônico, uma vez que se associa com grandes empresas transnacionais dos setores de distribuição e consumo, as quais difundem esses alimentos nos centros urbanos com forte poder de capilaridade e apelo sanitário (SOUZA; ALMEIDA, 2007; SATO, 2009). A hegemonia observada no modelo produtivo da agroindústria possui sólidas ligações com os atores responsáveis pela massificação do consumo alimentar, mais precisamente as redes de supermercados de grande superfície (GARCIA, 2003; SATO, 2009).

O desenvolvimento do setor de varejo supermercadista nas cidades contribuiu para a modificação dos hábitos de consumo da população, antes vinculados às pequenas mercearias, armazéns, açougues e feiras locais até a década de 1950 no Brasil. A partir desse momento, as imagens de higiene e assepsia associadas aos alimentos comercializados nos supermercados, em razão da padronização e industrialização produtiva, corroboraram para a consolidação da confiança do consumidor final pela opção a esses estabelecimentos, além de reforçar o ideal do estilo de vida ocidental como padrão no imaginário social (SOUZA; ALMEIDA, 2007).

O efeito do crescimento das redes de supermercados de grande superfície no espaço urbano é impactante, pois altera toda a relação de comércio e consumo na escala da cidade ou bairro na vida cotidiana entre comerciantes e consumidores. O comércio local, formado por pequenos açougues, mercearias e armazéns se mostra, via de regra, incapaz de se manter competitivo frente aos preços, à diversidade e à variedade dos produtos e serviços oferecidos nos supermercados (SOUZA; ALMEIDA, 2007; SATO, 2009). Em decorrência desse processo,

¹¹ Segundo o Dossiê da ABRASCO (2015): “A palavra “agronegócio” tem origem na década de 1990 e representa uma construção ideológica na tentativa de consolidar uma imagem de novo modelo de desenvolvimento da agricultura: sofisticado, eficiente, produtivo, em contraposição à imagem da agricultura capitalista vinculada ao latifúndio, que carrega o estigma da exploração, do trabalho escravo, da extrema concentração da terra, do coronelismo, do clientelismo, da improdutividade e do desmatamento. Na verdade, representam o mesmo modelo que domina historicamente a produção agrícola no país – grandes propriedades de terras que produzem para exportação –, mas que sofre modificações e adaptações em suas diferentes fases, intensificando a exploração da terra e do homem (FERNANDES, 2004)” (CARNEIRO *et al.*, 2015, p. 172).

ocorre o enfraquecimento da agricultura de pequeno porte, em geral, não abarcada pela produção hegemônica ligada às grandes redes, de acordo com Geni Sato (2009), do Instituto de Economia Agrícola (IEA), do estado de São Paulo:

Os supermercados no mundo são o local de compra da elite saudável, da classe média e das classes populares. Se por um lado a atuação globalizada acabou por democratizar o consumo pela igualdade de acesso, por outro também padronizou a demanda pela irradiação de um dado padrão de consumo de massas com inquestionáveis ganhos de escala. Além disso, resultou em um efeito perverso, pois muitos pequenos produtores rurais ficaram marginalizados do processo de fornecimento para esta massa consumidora. (SATO, 2009, p. 3).

Em suma, o processo de globalização resulta em impactos severos no campo em virtude do movimento de padronização do tipo de alimento obtido por meio de alta tecnologia, ciência, insumos químicos e modificação genética, atrelados à lógica da concentração fundiária e das grandes redes que operam mundialmente na produção, a distribuição e no consumo varejista. Contudo, novas estratégias de resistência dos pequenos produtores rurais têm mostrado eficácia em consolidar modelos alternativos de consumo alimentar e estilos de vida nas cidades (SOUZA; ALMEIDA, 2007; SATO, 2009).

Justamente, a valorização do lugar, da sociabilidade em comunidade, das relações participativas e autossustentáveis ganham centralidade como estratégia dos pequenos produtores rurais, os quais passam a se associar em cooperativas ressaltando o discurso da alimentação saudável, orgânica, isto é, livre de agrotóxicos e “ambientalmente correta” devido ao uso de insumos orgânicos e policultura (SATO, 2009).

As alternativas para os pequenos produtores têm sido se organizarem em cooperativas para obter certificações de produtos orgânicos, *fair trade* e os ambientalmente corretos. Para os pequenos produtores, o sistema orgânico oferece um lucro maior, pois os preços são melhores. A maior rentabilidade é derivada de preços maiores e de custos menores, pois se retira a dependência com insumos químicos aumentando o uso do fator mão-de-obra, cujo custo é menor. (SATO, 2009, p. 2).

Como resposta ao associativismo dos pequenos produtores que obtêm a certificação orgânica, a comensalidade urbana se diversifica em torno do nascimento do nicho de mercado voltado ao consumo de alimentos orgânicos. Diante da dificuldade de se manterem competitivos frente à alimentação convencional, oriunda da produção em larga escala do agronegócio, os produtores e comerciantes de orgânicos, na maior parte dos casos, vendem a preços mais caros em comparação aos produtos convencionais, fato que inviabiliza grande parte da população a ter acesso à alimentação livre de agrotóxicos e transgênicos (CASTRO NETO

et al., 2010). Em contrapartida, também os produtos convencionais se beneficiam em vista de incentivos tributários para o agronegócio (ROSSI, 2016).

Em oposição ao modelo representado pelo agronegócio, o movimento de produção orgânica representado pelas associações e cooperativas de produtores rurais tem crescido no campo. A comercialização desses produtos nas grandes cidades, no entanto, volta-se para segmentos de alta renda, cujo perfil de consumidor está predominantemente associado a pessoas com elevado nível de instrução e expressam preocupação pela saúde e meio ambiente (CASTRO NETO *et al.*, 2010). Diante desse movimento de mercado, algumas redes de varejo supermercadistas voltadas também para segmentos de média e alta renda passaram a incorporar sessões de alimentos orgânicos em suas prateleiras para captar esse nicho de mercado, ainda que em menor escala (CASTRO NETO *et al.*, 2010).

Ainda assim, a agroecologia não está somente associada à segmentação de alta renda. Como forma de dialogar com a sociedade civil e viabilizar a Reforma Agrária, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) passou a incorporar o discurso e a prática da agroecologia a partir dos anos 2000. Como efeito, o Movimento foi reconhecido, em 2017, como o maior produtor de arroz orgânico da América Latina (SPERB, 2017). A precificação dos produtos comercializados é feita de modo a garantir o acesso amplo da população, por meio de experimentos modelos, tal como a loja Armazém do Campo, administrada pelo MST, no centro de São Paulo, que serve de “vitrine” para atrair novos adeptos à alimentação saudável e a discussões críticas sobre o movimento social (RABELLO, 2016).

O ativismo ligado à agroecologia também se faz presente no espaço urbano como modelo oposto à alimentação convencional difundida pelo agronegócio. O cooperativismo em razão da produção orgânica por meio de hortas comunitárias também se difunde através de ações locais conjuntas na luta pelo direito à cidade e pela alimentação livre de agrotóxicos com preços acessíveis às populações mais pobres (NAGIB, 2016).

Rosa Garcia (2003, p. 484) afirma que “[...] o acesso aos alimentos, na sociedade moderna, predominantemente urbana, é determinado pela estrutura socioeconômica, a qual envolve principalmente as políticas econômica, social, agrícola e agrária”. De fato, as iniciativas populares de difusão da agroecologia são ainda pontuais e, em geral, o mercado de orgânicos se consolida por meio do segmento de um tipo específico de consumidor que possui condições financeiras para investir em alimentos mais saudáveis.

Em geral, a maioria da população consome em seu dia a dia a alimentação proveniente da agroindústria distribuída pelas grandes redes varejistas de supermercados. O oligopólio

formado por empresas transnacionais, característica das redes formadas no período de globalização da economia, as quais possuem grande poder de capilaridade para a venda de seus produtos. “[...] A concentração do varejo em poucas grandes redes de supermercados tem conduzido à padronização das exigências quanto ao produto alimentar e às mudanças nos sistemas produtivos agroalimentares de alta qualidade” (SATO, 2009, p. 2).

Listadas pela Organização Não-Governamental (ONG) OXFAM, conforme a Tabela 1, as 10 maiores empresas globais que dominam o mercado e toda a cadeia produtiva de laticínios, refrigerantes, doces e cereais faturam juntas diariamente US\$ 1,1 bilhão (R\$ 3,4 bilhões) e empregam milhões de pessoas em diversos países são (BBC NEWS BRASIL, 2016):

Quadro 1: As dez maiores corporações globais do setor alimentar, conforme campanha “Behind the Brands”, da ONG OXFAM, em 2015

País de Origem		Empresa	Produtos
Suíça		Nestlé	<i>Alimentos para bebês, produtos lácteos, café, cereais matinais, doçarias, água engarrafada, sorvetes, rações animais</i>
Estados Unidos		PepsiCo	<i>Refrigerantes, bebidas achocolatadas, chás, biscoitos, salgadinhos</i>
Reino Unido		Unilever	<i>Alimentos, bebidas, agentes de limpeza, produtos de cuidados pessoais</i>
Estados Unidos		Mondelez	<i>Alimentos</i>
Estados Unidos		Coca-Cola	<i>Água, refrigerantes, chá, cafés, bebidas energéticas, esportivas, sucos, produtos lácteos, sopas</i>
Estados Unidos		Mars	<i>Bebidas, rações animais, doçaria</i>
Espanha		Danone	<i>Laticínios, água engarrafada, alimentos para bebês, nutrição médica</i>
Reino Unido		Associated British Foods (ABF)	<i>Alimentos</i>
Estados Unidos		General Mills	<i>Cereais matinais, condimentos, pizzas, sorvetes, alimentos em geral</i>
Estados Unidos		Kellogg's	<i>Cereais matinais, alimentos em geral</i>

Fonte: BBC NEWS BRASIL (2016).

A alimentação industrializada tem origem nos países centrais do sistema capitalista, justamente onde se localizam as sedes das grandes empresas transnacionais do setor. O padrão alimentar homogêneo se torna, portanto, um dos símbolos da globalização e urbanização (POULAIN, 2006).

Para compreender melhor os efeitos da alimentação industrializada na população consumidora, o epidemiologista professor Carlos Augusto Monteiro (FSP – USP) desenvolveu uma classificação desses alimentos de acordo com o grau de processamento. O trabalho, publicado em 2009, tem servido de base para outros estudos ao redor do mundo, os quais

aproximam a relação entre o consumo dos alimentos chamados de *ultraprocessados* com o desenvolvimento da obesidade, hipertensão e câncer, bem como para a formulação de políticas públicas por parte do Ministério da Saúde, em 2014 (ZORZETTO, 2018).

Em suma, a classificação alimentar elaborada pelo professor Monteiro se divide em 3 categorias, a saber (ZORZETTO, 2018, p. 22 – 23, **negrito nosso**):

- **Alimentos *in natura* ou minimamente processados:** alimentos obtidos diretamente de plantas ou de animais. Podem ser submetidos a limpeza, extração de partes, fracionamento, moagem, secagem, fermentação, refrigeração, congelamento ou pasteurização. Ex.: Abacaxi
- **Processados:** Alimentos produzidos com adição de sal, açúcar ou substâncias de uso culinário para torná-los duráveis ou mais agradáveis ao paladar. Ex.: Abacaxi em calda
- **Ultraprocessados:** Formulações industriais feitas inteira ou majoritariamente de substâncias extraídas de alimentos (gordura, açúcar, amido, proteínas), derivadas de constituintes de alimentos (gordura hidrogenada, amido modificado) ou sintetizadas (corantes, aromatizantes, realçadoras de sabor). Ex.: Gelatina de Abacaxi

Diante da globalização da alimentação, “[...] o padrão alimentar antes característico dos países desenvolvidos é atualmente uma preocupação também dos países em desenvolvimento” (GARCIA, 2003, p. 484). Para o professor Monteiro, tem havido a difusão dos alimentos ultraprocessados ao redor do mundo, os quais são, via de regra, os alimentos mais rentáveis para o setor produtivo e varejista global, pois possuem pouco ou nada do alimento natural, são fabricados para serem transportados por longas distâncias e durarem por meses nas prateleiras, acabam sendo os mais apetitosos e baratos. No entanto, a qualidade nutricional é baixa, ou mesmo prejudicial à saúde (ZORZETTO, 2018).

Ainda de acordo com Raquel Mendonça (2016), uma das pesquisadoras que também adotou a classificação por grau de processamento elaborada por Monteiro:

Os alimentos e bebidas classificados como alimentos ultraprocessados são em sua maioria manufaturados por grandes e poderosas empresas transnacionais. Essas empresas concentram seu marketing na falta de tempo do indivíduo em comparação ao expediente, conveniência e acessibilidade desses produtos. No entanto, os alimentos ultraprocessados tendem a ser nutricionalmente desequilibrados e têm um alto conteúdo energético e quantidades de gordura, açúcares adicionados ou livres, sódio e aditivos químicos, além de serem pobres em micronutrientes e fibras. Essa composição nutricional é causada por vários processos industriais, como a remoção de água, o que aumenta a vida de prateleira e reduz os custos de transporte, porém aumenta a densidade de energia por porção. Além disso, para conferir maior estabilidade, os alimentos ultraprocessados apresentam maior quantidade de gorduras *trans* e saturadas e aditivos sintéticos. Os alimentos ultraprocessados também são projetados para serem irresistíveis e para favorecer o consumo (devido ao uso de sal, açúcar e gordura, mas também devido ao marketing e outras características como tamanho da porção e conveniência), e o processamento também afeta o

comportamento alimentar e capacidade de autocontrole. Essa nova proposta de classificação de alimentos segundo o grau de processamento, portanto, parece ser uma boa maneira de avaliar sua ingestão e relação com os desfechos de saúde, pois pode identificar o consumo de um grupo de alimentos e bebidas com baixa qualidade nutricional e não apenas alimento ou nutriente.”¹² (MENDONÇA *et al.*, 2016, p. 1437, tradução nossa).

A classificação-síntese elaborada pelo professor Monteiro para a definição dos alimentos de acordo com o grau de processamento também auxilia na identificação dos caminhos percorridos pelos produtos até os locais de distribuição, comércio e consumo. A saber, as grandes operações globais do setor agroindustrial e varejista têm expandido continuamente seus negócios para os países do Terceiro Mundo, conforme reportagem da Revista FAPESP (ZORZETTO, 2018):

No estudo, publicado em 2013 na *Obesity Review*, eles [em análise feita por Popkin, Monteiro e Jean-Claude Moubarac sobre as vendas entre 1998 e 2012 em 79 países] identificaram o avanço da indústria transnacional de produção e distribuição desses alimentos [industrializados ultraprocessados] em nações com população de média e baixa renda. No período, as vendas aumentaram, em média, 2,8% ao ano no Peru, no México, no Brasil e na Turquia e 5,5% ao ano na China, na Bolívia e na Indonésia, entre outros. ‘Essa indústria é a força que agora molda o sistema alimentar mundial’, escreveram os pesquisadores. (ZORZETTO, 2018, p. 24 – 25).

A nova classificação também contribuiu para identificar não somente o “onde”, mas “quem” e “o quanto” se consome dos alimentos ultraprocessados no mundo. Dessa forma, o acompanhamento a longo prazo do desenvolvimento dessa nova comensalidade pode auxiliar na mensuração das consequências, as quais são importantes para fundamentar os dados e formular políticas públicas:

Desde que propôs essa classificação dos alimentos, Monteiro e sua equipe verificaram que a participação dos ultraprocessados no prato dos brasileiros aumentou 22% na década passada e que a disponibilidade desses alimentos é maior na casa de pessoas

¹² Texto original em inglês, a saber: “The food and drinks classified as ultraprocessed food are mostly manufactured by large and powerful transnational companies. These companies focus their marketing on the individual’s lack of time compared with the expediency, convenience, and accessibility of these products. However, ultraprocessed foods tend to be nutritionally unbalanced and have a high energy content and amounts of fat, added or free sugar, sodium and chemical additives in addition to being poor in micronutrients and fiber. This nutritional composition is caused by several industrial processes, such as the removal of water, which increases the shelf life and reduces transportation costs but increases the energy density per portion. In addition, to confer greater stability, ultraprocessed foods have a greater amount of *trans* and saturated fats and synthetic additives. Ultraprocessed foods are also designed to be irresistible and to favor consumption (because of the use of salt, sugar, and fat but also because of marketing and other characteristics such as portion size and convenience), and the processing also affects the food behavior and the capacity for self-control. This new classification proposal of foods according to the degree of processing therefore seems to be a good way of assessing their intake and relation to health outcomes because it can identify the consumption of a group of foods and drinks with low nutritional quality rather than just a certain food or nutrient.” (MENDONÇA *et al.*, 2016, p. 1437).

com sobrepeso e obesidade. Também constataram que quem consome mais deles (mais de 35% das calorias diárias) ingere níveis altos de açúcares livres e baixos de fibras, o que reduz a saciedade. (ZORZETTO, 2018, p. 24 – 25).

Portanto, tem sido notável o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, mesmo em países como o Brasil, onde o tradicional “arroz e feijão” sempre ocupou lugar de destaque na alimentação comum dos brasileiros. A cultura alimentar tem refletido as mudanças de natureza sociodemográfica, culturais e econômicas que reorganizaram o espaço rural e urbano brasileiro nas últimas décadas, conforme as características observadas pelo processo de globalização da economia.

“A opção por facilidades que poupam tempo de preparo e diminuem a frequência das compras é característica do comensal urbano contemporâneo [...]” (GARCIA, 2003, p. 486). A praticidade e agilidade da alimentação têm origem nas mudanças sociais que impõem, numa esfera mais ampla, à necessidade de racionalização do tempo diante de sua percepção cada vez mais acelerada nas grandes cidades. Esse componente de análise é fundamental para estabelecer pontes sobre como a nova vida urbana tem refletido nas mudanças da comensalidade e resultado em quadros de stress e patologia para o corpo e a mente. Conforme Rio (1996, p. 51):

Um dos aspectos mais impressionantes da época atual é a vivência que temos do tempo. O corre-corre do cotidiano é um dos principais gatilhos que disparam os mecanismos do stress em nós. O sentimento de estarmos constantemente pressionados pelo tempo tem razões objetivas e subjetivas. Dentre as objetivas, encontramos a sobrecarga de atividades e responsabilidades, a necessidade de percorrer grandes distâncias para cumprir nossos compromissos, etc.

As dificuldades subjetivas decorrem de fatores, como a ideologia do sucesso, a competitividade indiscriminada, a voracidade de consumo, dentre outros, que nos impõem à preocupação de fazermos e conquistarmos o máximo no menor tempo possível. Mesmo a sobrecarga de atividades e responsabilidades pode derivar desse tipo de atitude. Nossa visão do tempo tem base essencialmente quantitativa. Ele nos parece algo palpável, que deve ser esquadrinhado, medido, manipulado, a fim de que mais e melhores resultados possam acontecer com um gasto mínimo dessa “matéria-prima”. Baseando-se no estilo de vida norte-americano, que influencia muitas sociedades atuais, Albrecht conclui que se torna difícil para as pessoas sequer “imaginar uma cultura sem relógios e que não considere o tempo uma *mercadoria* – uma “substância” a ser comprada, vendida, medida, manipulada e estruturada. (ALBRECHT, 1988, p. 85 *apud* RIO, 1996, p. 51, negrito e itálico do autor).

Diante do crescimento das críticas na literatura científica, governo, mídia e sociedade civil em relação ao consumo de alimentos processados e ultraprocessados vendidos nas redes de supermercados e amplamente difundidos no cotidiano urbano, a indústria alimentar passou

a incorporar em diversos produtos as variáveis com rótulos *light*¹³, *diet*¹⁴, *fit*, *detox*, *zero*, entre outros. “[...] De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos Dietéticos (ABIAD), entre 1991 e 2000, o faturamento dos fabricantes de produtos *light* e *diet* foi multiplicado por dez” (CASTRO, 2007, p. 42).

A mudança de comportamento do mercado acompanhou a crescente demanda por alimentos que contivessem menor quantidade de açúcares, sódio e gorduras em suas composições sem, no entanto, perder a característica singular da praticidade e rapidez do consumo do alimento industrializado, oferecendo nos supermercados, conforme a Foto 2. No entanto, tal como ocorre com os alimentos orgânicos, a precificação dada ao consumidor é, via de regra, mais cara para esse segmento do que para os produtos convencionais, dado que desestimula o amplo consumo por parte das classes de renda mais baixa da população, que prioriza o preço em detrimento da qualidade, muitas vezes (MANTOVANI, 2010).

Foto 2: Ala de alimentos saudáveis no supermercado (*light*, *diet*, *fit* e *detox* e orgânicos)

Fonte: Autoria própria (2019).

¹³ Definição de alimento com rotulagem *light*, segundo reportagem jornalística: “Os produtos com a distinção *light*, que em inglês significa “leve”, não precisam, necessariamente, ter isenção total de certo ingrediente. Basta uma redução de, no mínimo, 25%, indicada na embalagem.” (MANTOVANI, 2010).

¹⁴ Definição de alimento com rotulagem *diet*, segundo reportagem jornalística: Um alimento *diet* é aquele isento de determinado nutriente, como o glúten, o açúcar, o sódio, o colesterol ou a gordura, por exemplo. São produtos que foram desenvolvidos para atender a grupos específicos, como as pessoas que têm diabetes ou que são alérgicas a glúten, por exemplo.” (MANTOVANI, 2010).

A escassez de tempo, diante da percepção de sua crescente celeridade (RIO, 1996; BAUMAN, 2004, 2008), possui rebatimentos dos mais diversos na modificação e uso do território, com especial ênfase de análise na RMSP. Ao espaço urbano, a pressa no caminhar e a urgência nos afazeres também se reflete na rapidez necessária ao preparo e consumo da comida para o ato de se alimentar, ou mesmo na incapacidade de dedicação ao preparo, recorrendo-se às comidas prontas ou pré-prontas – muitas das quais são justamente as comidas processadas e/ou ultraprocessadas.

Ademais, questões de gênero também embasam as mudanças ocorridas nesse processo, pois o fato das mulheres conquistarem mais espaço no mercado de trabalho e redirecionarem o tempo e a energia até antes gastas para os afazeres domésticos e a criação dos filhos influenciou na construção desse cenário nas sociedades ocidentais (SOUZA; ALMEIDA, 2007).

A comida, que até outrora era feita pelas donas de casa, passou a estar disponível em restaurantes *por quilo* – chamados de *self-service* – ou os de *prato feito*, principalmente em localidades da metrópole onde existe a predominância do público trabalhador inserido no setor terciário (comércio e serviços), cuja necessidade de comer precisa ser feita de maneira rápida e ágil. Nesses restaurantes, há a possibilidade de se manter a dieta com algumas opções saudáveis e a sensação da comida “caseira”. A variação de comércios também assegura o amplo consumo por parte da população, desde opções baratas até as mais caras.

Em razão da necessidade de economia ou da falta de opções de restaurantes populares em algumas localidades, as marmitas são a principal forma de alimentação de muitos trabalhadores. As “quentinhas”, como são chamadas popularmente, representam a manutenção da alimentação ainda preparada em casa, diante de condições de adaptação ao tempo e aos locais de moradia e trabalho, e representam a possibilidade de economia frente aos preços dos restaurantes por comporem alimentos comprados em maiores quantidades (em supermercados ou feiras), portanto mais baratos. São comuns à classe trabalhadora de diferentes setores da economia, que mantém a comida caseira no horário de almoço.

Em resumo, “[...] ao comensal é imposta a necessidade de reequacionar sua vida segundo as condições das quais dispõe, como tempo, recursos financeiros, locais disponíveis para se alimentar, local e periodicidade das compras e outras.” (GARCIA, 2003, p. 484). No entanto, a aceleração dos ritmos da vida também imprime no espaço urbano outras formas de alimentação que reforçam ainda mais a celeridade atribuída ao comensal, atrelada a valores de

juventude e modernidade, são os chamados restaurantes *fast-foods* (GARCIA, 2003; POULAIN, 2006).

A ampliação das redes de restaurantes *fast-food* como McDonald's, Burger King, entre outras, tem sido objeto de análise e crítica por parte de especialistas das áreas da saúde, nutrição, ciências sociais, educação física, etc., pois são os responsáveis pela difusão de um tipo de alimentação altamente calórica e com baixo teor nutritivo, predominantemente feita com base em alimentos processados e ultraprocessados, e cujo apelo publicitário volta-se primordialmente para os jovens, os quais se identificam na modernidade e juventude expressas no consumo dessas marcas (GARCIA, 2003).

A hiperpalatabilidade¹⁵ condicionada aos alimentos processados e ultraprocessados facilita a adesão e fidelização dos consumidores pelos lanches rápidos, os quais se fazem presentes e amplamente difusos nas cidades, sobretudo nas praças de alimentação de *shopping centers* como lojas âncoras, ou seja, aquelas capazes de atrair grande número de consumidores. A adaptabilidade conferida a essas empresas é notável, pois para garantir a rentabilidade de suas operações em diferentes países ou regiões com contextos socioculturais diversos, os lanches costumam se flexibilizar por meio de alguns ingredientes ou temperos mais próximos ao paladar regional e assim, garantir as vendas sem perder os traços básicos que definem a marca (GARCIA, 2003; POULAIN, 2006).

Muito embora a rapidez permeie os ritmos de vida social no cotidiano das mais diversas classes na metrópole paulistana, a gama de objetos técnicos existentes na modernidade também proporcionou uma nova relação do corpo humano com o uso do território. Tanto o transporte individual quanto o coletivo minimizaram o esforço físico de deslocamento, assim como a existência de elevadores, telefones, computadores, celulares e todo um conjunto de objetos hoje comuns na vida urbana, que reduziu o esforço outrora necessário para se comunicar, se locomover ou trabalhar, mas também desencadeou na ampliação do *sedentarismo* (ANJOS; MENDONÇA in DA COSTA, 2006).

O quadro gerado neste cenário é complexo, pois ao mesmo tempo em que os avanços da tecnologia na vida cotidiana e no trabalho, além das características do estilo de vida urbano vinculadas às facilidades de acesso ao consumo de bens e serviços são vistas com bons olhos pela sociedade contemporânea, existe um contrapeso refletido na saúde individual, conforme afirma o filósofo Gilles Lipovetsky (2007):

¹⁵ Exagero dos sabores acrescido às comidas processadas e ultraprocessadas.

[...] Chegamos a este ponto: propagando valores de conforto e os desejos imediatos, a sociedade de hiperconsumo ocasionou uma inatividade física de massa, bem como um imenso processo de desestruturação ou de relaxamento das disciplinas corporais. **Se o indivíduo hipermoderno sonha com um corpo perfeito, no cotidiano ele come demais, alimenta-se mal, é cada vez mais sedentário.** [...] A sociedade de hiperconsumo não é apenas a dos excessos do desempenho, é mais ainda a dos excessos de inatividade física e do lazer espetacular, da *junk food* e outras desordens alimentares (LIPOVETSKY, 2007, p. 278 – 279, negrito nosso).

O descompasso entre a *aceleração dos estilos de vida urbano* e o *ritmo do metabolismo do corpo humano*, além da incorporação de uma refeição comumente industrializada, carregada de calorias, se convergem nas diversas facetas da vida cotidiana moderna, modifica uma série de rotinas de movimentação existentes anteriormente à invenção e incorporação de determinado objeto para o conforto do indivíduo, estimula o sedentarismo e o conjunto de doenças relacionadas a este comportamento a longo prazo (ANJOS; MENDONÇA *in* DA COSTA, 2006).

Um dado importante a ser incrementado na análise é relativo ao aumento exponencial de pessoas com índices de sobrepeso e obesidade¹⁶. De forma geral, esta tendência crescente tem sido observada em todo o mundo, indicando, no ano de 2014, cerca de 2,1 bilhões de pessoas nessas condições (IHME, 2013).

Embora seja uma tendência observada com maior frequência nos países desenvolvidos, as pesquisas apontam para uma realidade similar em países em desenvolvimento com predominância de sociedades urbanizadas, tal como o Brasil. Os índices de obesidade (diferente da classificação de sobrepeso) seguem avançando na maioria dos países industrializados e urbanizados. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde – OMS, em 2014, o Brasil seguia com cerca de 17,9% da população obesa. A tendência nacional também é verificada na capital da RMSP, pois de acordo com a pesquisa realizada pelo programa Meu Prato Saudável, em coordenação com o Hospital das Clínicas em 2013, notou-se que em um total de 15 mil entrevistados, 66,3% estavam acima do peso, indicando 37,4% com sobrepeso e 28,9% com obesidade (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2013; BLOG DA SAÚDE, 2015).

Atentar para os dados crescentes de sobrepeso e obesidade pode ser entendido como indicador importante de que há mais pessoas se alimentando inadequadamente no país e,

¹⁶ As classificações de “sobrepeso” e “obesidade” são relacionadas à padronização mundial reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e utilizada pelo Ministério da Saúde que leva em conta o Índice de Massa Corporal (IMC), baseando-se nos parâmetros de peso e altura, além da circunferência abdominal e taxa de colesterol no sangue. A convergência de dados possibilita a avaliação dos índices de gordura de cada pessoa. O cálculo básico é o resultado do peso dividido pela altura ao quadrado, assim os resultados seguem: Menor que 16 = magreza grave, 16 a 18,5= magreza moderada e leve, 18,5 a 25= saudável, 25 a 30= sobrepeso, 30 a 40= obesidade (em 3 graus, analisados em severa e mórbida, nos dois últimos graus). (OLIVEIRA, 2013, p.6).

portanto, que auxiliem no direcionamento de políticas públicas de alimentação saudável e práticas de exercícios físicos. Não obstante, a simples representação de uma pessoa gorda não deve significar sinônimo de sedentarismo ou má-alimentação, o que leva a formas de preconceito. Conforme a entrevista com a nutricionista Patrícia Rung, há pessoas que se alimentam mal e, por pré-disposição genética, não engordam, mantendo a magreza e uma falsa aparência de saúde (GLOBO ESPORTE, 2013).

Dialeticamente, embora exista toda a problematização feita em torno das características do estilo de vida urbano no período contemporâneo, apesar da generalização do consumo de alimentos industrializados, com baixo teor nutritivo e alto teor calórico, neste período da hipermodernidade “a saúde se impõe como obsessão das massas” (LIPOVETSKY, 2004, p. 63). Ou seja, cresce a demanda de pessoas que buscam reverter a lógica do sedentarismo a fim de praticar exercícios físicos, seja em academias de ginástica e musculação ou mesmo em espaços públicos na cidade.

Embora o número de pessoas que se mostram mais atentas a esses novos hábitos seja gradual e crescente se comparado a gerações passadas¹⁷, tais comportamentos ainda não estão presentes na maioria da população. Contudo, este dado não impede que o discurso sobre a necessidade de alimentar-se bem e praticar exercícios não seja conhecido pela ampla maioria, sobretudo em recortes espaciais urbanos metropolitanos, onde os aparatos comunicacionais e tecnológicos estão já de tal modo inseridos no cotidiano das pessoas e a exposição a este tipo de informação transmitida por canais jornalísticos e campanhas governamentais de saúde é frequente (G1, 2017). Dado que sinaliza um aspecto de racionalização do cotidiano da população voltado ao consumo alimentar, resultando na contabilização de cada quilograma e cada caloria existente nos alimentos.

Nesse contexto, a alimentação se torna instrumentalizada, pois cresce o hábito de se contabilizar as quilocalorias da refeição consumida a fim de estabelecer critérios para emagrecer ou ganhar massa magra. A racionalização da dieta se torna um meio para atingir objetivos de modelagem do corpo no intuito de se adequar a determinados parâmetros, os quais, via de regra, podem se misturar entre o que se espera enquanto “ganho em saúde” e “ganho estético”, na busca de se enquadrar em padrões estipulados como “belo”.

¹⁷ As preocupações acerca da manutenção de exercícios físicos e alimentação balanceada em gerações passadas basicamente estavam restritas a segmentos específicos da sociedade, como os esportistas, por exemplo (CAPINUSSÚ *in* DA COSTA, 2006).

2.3 – Consumo e produção do imaginário estético idealizado

A nova vida urbana, conceito que traçamos no decorrer da pesquisa para apresentar as mudanças que dão suporte ao processo de expansão das academias de ginástica e musculação, sobretudo na RMSP, se estende de forma ampla para as dimensões subjetivas da vida, permeando o imaginário e produzindo padrões estéticos a fomentar o consumo. Uma vez que o espaço geográfico é formado a partir da indissociabilidade e interação entre os sistemas de ações e de objetos (SANTOS, 2012b [1996]), o fomento à subjetividade na atribuição de um novo conjunto de valores, símbolos e discursos resulta em uma nova configuração espacial e novos usos do território.

O estudo da subjetividade que envolve a produção do imaginário estético associado à eleição de padrões de beleza guarda, pois, profunda relação com o espaço geográfico, levando em consideração o caráter histórico que a instância espacial carrega. Conforme Scarlato (1988, p. 20):

Esquecem-se que as ideologias religiosas, políticas, econômicas, estéticas, e outras mais, aparecem na história em certas condições geográficas. Assim sendo, o ponto de partida para a compreensão das mesmas é admitir que aquelas relações concretas entre os homens das quais elas nascem são também definidas no e com o espaço geográfico. (SCARLATO, 1988, p. 20).

Sendo assim, admitimos que a produção de todo o imaginário que permeia, sustenta e reforça a materialidade presente no território por meio da expansão de academias de ginástica e musculação e seu universo *fitness* advém da convergência de arranjos socioculturais, políticos, econômicos e históricos que imprimem no espaço urbano as necessidades estimuladas a partir de certas condições da vida moderna.

De acordo com a formulação teórica elaborada por Santos (2012a [1996]) a respeito dos espaços da globalização, que fornecem o suporte ao meio técnico-científico-informacional, o mundo dos objetos e a esfera das ações são representados, respectivamente, pelos conceitos de tecnosfera e psicosfera, as quais funcionam de modo indissociável e redutíveis entre si. Para o geógrafo (2012a [1996], p. 255 – 256),

Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicosfera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse

entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnosfera e psicosfera – são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas. (SANTOS, 2012a [1996], p. 255 – 256).

A base técnica material de academias no território, bem como a gama de objetos técnicos associados ao universo *fitness*, é impulsionada pela produção do imaginário estético, ao qual permite que seja proposto a expressão *psicosfera do bem-estar e da boa forma*. O imaginário estético produzido nesse processo elenca diversas formas de linguagem, discursos, símbolos, valores, crenças e imagens difundidas por diferentes meios comunicacionais – como revistas, jornais, *outdoors*, televisão, computadores, celulares, redes sociais, etc. – que elegem o estilo de vida “ideal”, criando padrões normativos do corpo como expressão de saúde e felicidade na modernidade, conforme os exemplos das Imagens de 1 a 4, na sequência (TRINCA, 2006; CASTRO, 2007).

Imagem 1: Capas da Revista Men's Health

Fonte: Autoria própria (2019).

Imagem 2: Capas das Revistas Women's Health e Boa Forma

Fonte: WOMEN'S HEALTH (2019); BOA FORMA (2014).

Imagem 3: Outdoor com publicidade de roupas íntimas em prédio, em Los Angeles, EUA

Fonte: GLOBO ESPORTE (2010).

Imagem 4: *Prinstscreen* da rede social Instagram de Graciane Barbosa, ícone do universo *fitness* (detalhe para grande número de curtidas)

Fonte: Autoria própria (2019).

A linguagem da psicosfera do bem-estar e da boa forma, de certo modo, se tornou um discurso comum em conversas banais nos mais diferentes meios, seja no trabalho, no lazer com os amigos, familiares, na internet, redes sociais ou mesmo na mídia. A estética corporal passou a figurar com centralidade na produção dos valores subjetivos de uma sociedade em transformação com a globalização, a comensalidade urbana contemporânea e o meio técnico-científico-informacional.

A relação da produção da psicosfera do bem-estar e da boa forma com a exacerbação do consumo consumptivo é intrínseca. O frequente estímulo a desejos e necessidades pautadas em padrões estéticos idealizados parecem ter ganhado corpo no decorrer da estruturação do tipo de sociedade compreendida por Zygmunt Bauman (2008) como “sociedade de consumidores” ou ainda “sociedade líquido-moderna”.

Segundo o sociólogo, a era líquido-moderna da sociedade de consumidores é composta por um conjunto de fatores que caracteriza os estilos de vida contemporâneos no contexto de

globalização da economia. Aspectos como a aceleração do tempo e a busca frenética pelo prazer hedonista; a fragilidade e a dissolução dos vínculos outrora duradouros como o casamento, as amizades, o trabalho; o descrédito na política, no Estado e nas instituições; e, sobretudo, o apelo desenfreado ao **consumismo** como forma de vida e expressão do *self*, caracterizado pela crescente obsolescência das coisas e pela satisfação que o ter ou o parecer podem trazer (BAUMAN, 2004, 2008).

A compreensão do mundo líquido-moderno da sociedade de consumidores é pautada não pela simples ideia de consumo enquanto atividade banal e corriqueira, inerente à vida humana, às funções metabólicas do organismo ou mesmo às atividades econômicas da sociedade, mas sim pela tamanha exacerbação do consumo consumptivo que gera uma ruptura na construção dos estilos de vida ao ponto de se tornar centralidade para o funcionamento social, conforme afirma Bauman (2008, p. 41):

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-o na *principal força propulsora e operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais.

O “consumismo” chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho. Como insiste Mary Douglas, “a menos que saibamos por que as pessoas precisam de bens de luxo [ou seja, bens que excedem as necessidades de sobrevivência] e como os utilizam, não estaremos nem perto de considerar com seriedade os problemas da desigualdade”. (BAUMAN, 2008, p. 41, *itálico do autor*).

O modelo de organização da sociedade *líquida* de consumidores emerge enquanto oposição ao período antecessor, o da sociedade de produtores. A metáfora permite compreender que a organização dos processos sociais existentes na modernidade *sólida* estava pautada pela ética do trabalho, que garantia a formulação de um ambiente social de segurança, crença nas instituições, no Estado, no coletivo, no planejamento a longo prazo e no futuro, bem como na manutenção de vínculos interpessoais duradouros e no ímpeto pelo trabalho voltado para a ampla produção (BAUMAN, 2008).

Entretanto, os referenciais outrora duradouros representados pela modernidade sólida-moderna da sociedade de produtores foram diluídos. O esvaziamento do senso de coletividade, da crença na política e nas instituições, bem como na incursão de projetos de longo prazo como as relações de trabalho ou os vínculos de casamento se dissolveram em meio à consolidação do

capitalismo globalizado, que adentrou nas profundezas da esfera da vida social (BAUMAN, 2008).

Com a perda da identidade social e da solidariedade coletiva, restaram ao sujeito as preocupações com os anseios individuais e momentâneos – o consumismo voltado para a estética corporal e o prazer hedonista se tornam uma das centralidades da vida social nesse momento (BAUMAN, 2008).

Paralelamente, o filósofo Jean Baudrillard (2008 [1970]) identifica o mesmo processo, no qual a emergência do consumo desenfreado, estimulado na sociedade desde as últimas décadas do século XX, tem atribuído à estética do corpo humano tamanha centralidade ao ponto de, em sua visão, tornar-se o *objeto* mais carregado de conotações e signos, conforme afirma:

Na panóplia do consumo, o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos – ainda mais carregado de conotações que o automóvel que, no entanto, os resume a todos – é o CORPO. A sua “redescoberta”, após uma era milenária de puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual, a sua onipresença (em especial, do corpo feminino – ver-se-á porquê) na publicidade, na moda e na cultura das massas – o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o Mito do Prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou *objeto de salvação*. Substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideológica. (BAUDRILLARD, 2008 [1970], p. 168, itálico do autor).

O corpo humano passou a figurar na produção da subjetividade coletiva com maior centralidade a partir da mudança do paradigma cultural e econômico que a esfera do consumo adquiriu na sociedade, bem como nos diferentes usos do território. Baudrillard (2008 [1970], p. 168, itálico do autor), ao se debruçar sobre a análise do que define enquanto “sociedade de consumo”, afirma que “[...] o estatuto do corpo é um fato de *cultura*. Ora, seja em que cultura for, o modo de organização da relação ao corpo reflete o modo de organização da relação às coisas e das relações sociais”.

A convergência identificada em ambos os autores corrobora para que estabeleçamos correlações de princípios similares que emergem no mesmo período e redefinem tanto padrões éticos e morais da sociedade, atribuindo parâmetros de beleza, ou do que seja aceito/não aceito. O princípio da produção da psicosfera do bem-estar e da boa forma se dá em virtude do câmbio de padrões éticos.

A *estética do consumo*, que pauta a modernidade líquida da sociedade de consumidores, emerge enquanto oposição à *ética do trabalho*, que pautava o mundo sólido da sociedade de produtores. Na modernidade líquida, a busca desenfreada pela felicidade obtida no consumo

imediatamente se torna regra, sobretudo em virtude da rápida e programada obsolescência dos objetos (BAUMAN, 2008).

A consolidação do ambiente líquido-moderno enfatiza a estética do consumo como o novo parâmetro de relações sociais. Não somente a natureza em geral passou a ser vista sob a ótica do valor de troca, mas da mesma forma os próprios corpos humanos foram condicionados à lógica do capital, transformados em mercadorias vendáveis (BAUMAN, 2008).

Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente. [...] “Fazer-se de si mesmo uma mercadoria vendável” é um trabalho do tipo faça-você-mesmo e um dever individual. (BAUMAN, 2008, p. 76).

Na análise de Baudrillard (2008 [1970]), a ética fomentada na sociedade de consumo centraliza no corpo humano a atribuição de conotações e signos mais que em qualquer outro objeto. Tal mecanismo também resulta em uma redefinição subjetiva e valorativa do corpo, que reforça a lógica capitalista da transformação dos valores de uso em valor de permuta.

Adentremo-nos mais na mesma lógica: a ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos “valores de uso” do corpo (enérgico, gestual e sexual), ao único “valor de permuta” funcional que, na sua abstração, resume por si só a ideia de corpo glorioso e realizado, a *ideia* do desejo e do prazer – negando-os e esquecendo-os precisamente na sua realidade para se esgotar na permuta dos signos. A beleza reduz-se então a simples material de signos que se intercambiam. Funciona como valor/signo. (BAUDRILLARD, 2008 [1970], p. 174, itálico do autor).

Tanto a partir da *ética da beleza*, quanto da *estética do consumo* da modernidade líquida, o corpo passa a adquirir valor e *status* social. O apelo consumista, no entanto, possui padrões rígidos definidos que atribuem qual o modelo de corpo se torna o parâmetro a ser “vendido” (BAUDRILLARD, 2008 [1970]; BAUMAN, 2004, 2008; CASTRO, 2007; TRINCA, 2006). Dessa forma, se constrói a composição valorativa subjetiva do “corpo ideal”, aquele produzido na academia, resultado da magreza e definição muscular, conforme evidenciado nos mais diversos meios midiáticos e fomentados na produção da psicosfera do bem-estar e da boa forma, conforme exemplo da Imagem 5:

Imagem 5: *Prinstscreen* da rede social Instagram de Jonas Sulzbach, ícone do universo *fitness*, juntamente com sua esposa, Mari Gonzalez (detalhe para grande número de curtidas)

Fonte: Autoria própria (2019).

As referências à sociedade de consumidores, no entanto, guardam profundas singularidades quando analisadas sob a ótica do processo de divisão social e territorial do trabalho, especialmente, para o nosso caso, quando se refere à formação socioespacial brasileira. As profundas e repentinas transformações territoriais ocorridas a partir das últimas décadas do século XX resultaram no dilaceramento de uma cidadania já imperfeita para a consolidação do consumidor mais que perfeito, alvo da cultura de massas, por meio dos apelos publicitários como marcadores de estilo de vida (SANTOS, 2007 [1987]).

Os mecanismos de expansão do crédito e o estímulo ao consumo consumptivo como ideia de participação da sociedade – especialmente no decorrer das primeiras décadas do século XXI, no Brasil – consolidaram a estética do consumo como pressuposto fundamental de vida nas mais diversas classes. “Em lugar do *cidadão* formou-se um *consumidor*, que aceita ser chamado de *usuário*” (SANTOS, 2007 [1987], p. 25, *itálico do autor*).

Embora o caso brasileiro guarde especificidades no que se refere à consolidação do tipo de cidadania mutilada para viabilizar “o consumidor insatisfeito e, por isso, votado a permanecer consumidor” (SANTOS, 2007 [1987], p. 29), o apelo à estética do consumo fomentada pela psicosfera do bem-estar e da boa forma possui correspondência com os padrões estéticos disseminados a partir de outros países (centrais do sistema capitalista) em decorrência da globalização e da ampliação do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2012a [1996]).

A psicosfera do bem-estar e da boa forma, construção subjetiva dos valores, crenças, imagens e da ideia do bem-estar associado à forma física elaborada na academia e atrelada às práticas de estilo de vida *fitness*, possui padrões estéticos bem definidos, tecidos por uma linguagem e discurso globalmente singulares. Henri Lefebvre (MARTINS; FORACCHI, 1977) já denunciava, em processos semelhantes a este¹⁸, os mecanismos de reprodução das relações sociais de produção, conforme comenta:

[...] a linguagem e o discurso dependem do poder que o alimentam [...] Como todas as instituições, o discurso e a linguagem são polivalentes: eles veiculam necessidades e desejos, poesias e ideologia, símbolos e conceitos, mitos e verdades, mas também as condições do poder (estatal), os seus símbolos e as suas palavras-chave. Contribuem, portanto, para reproduzir as relações de produção. (LEFEBVRE in MARTINS; FORACCHI, 1977, p. 243).

A linguagem e o poder são provenientes de uma estrutura ampla que determinam os padrões estéticos lançados pela moda, primeiramente através das grandes passarelas em circuitos de eventos internacionais como as Semanas da Moda (*Fashion Weeks*) em Londres, Nova York, Paris, Milão e São Paulo (a Foto 3, após os gráficos, mostra o evento de São Paulo), por exemplo, e posteriormente, reproduzidos em revistas, filmes, novelas, redes sociais, entre outros. A pujança econômica global movimentada pelo universo da moda, que é composto pelas grandes grifes, estilistas conceituados e famosos editoriais de revistas pode ser constatada

¹⁸ Importante salientar que Lefebvre (MARTINS; FORACCHI, 1977) critica os mecanismos de poder e linguagem oriundos, majoritariamente, do aparelho estatal para fomentar o ambiente de controle, burocratização e reprodução das relações sociais de produção num contexto de Guerra Fria, de consolidação do *Welfare State* nos países centrais do modelo capitalista e de início do despertar da globalização econômica suportada por novas tecnologias de comunicação e informação para o Estado e as empresas transnacionais. Ademais, Lefebvre também notava similares mecanismos de burocratização, controle e aparelhamento estatal no mundo socialista, sobretudo por meio da propaganda soviética. Destarte, a crítica do livro se direciona a ambos os espectros políticos, pois busca identificar os movimentos de seus mecanismos codificados através da linguagem e dos discursos. Diante da consolidação da globalização econômica assistida nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, o papel do Estado passou a ser diminuído diante do modelo neoliberal. Com o Estado perdendo protagonismo na vida social, o mercado passa a ditar as regras e, gradualmente, os mecanismos de poder orquestrados pelos discursos e pela linguagem da publicidade disseminados pelas corporações e a indústria da moda se tornam hegemônicos na cultura de massas a fim de se estimular o consumo desenfreado.

através da expressividade econômica das Semanas da Moda em todo o mundo, conforme os Gráficos 2, 3 e 4 a seguir, na sequência, os quais analisam a receita gerada, o volume de visitantes e o gasto médio dos mesmos em cada evento.

Gráfico 2: Global Fashion Week – Receita Total (em milhões de Euros)

Fonte: FASHION UNITED BUSINESS INTELLIGENCE UPDATE (2017).

Gráfico 3: Global Fashion Week – Número de Visitantes

Fonte: FASHION UNITED BUSINESS INTELLIGENCE UPDATE (2017).

Gráfico 4: Global Fashion Week – Gasto Médio por Visitor nos Eventos (em Euros)

Fonte: FASHION UNITED BUSINESS INTELLIGENCE UPDATE (2017).

Foto 3: São Paulo Fashion Week (SPFW), em 2017

Fonte: OSKLEN (2017).

Os Gráficos 2, 3 e 4 mostram uma evidente proeminência da Semana da Moda de Nova York em todos as análises, seguida de Londres, numa proporção menor. Uma relação interessante de ser observada é a dimensão do território numa perspectiva de divisão internacional do trabalho associada à produção da indústria cultural (VALVERDE, 2015) da moda, pois mesmo as grandes grifes europeias têm maior destaque de suas marcas no evento norte-americano, que possui forte impacto na movimentação econômica do setor. A SPFW, mostrada na Foto 3, possui uma performance média frente às demais. Posiciona-se em 8º lugar em termos de faturamento, em 6º lugar em número de visitantes e cai para 14º quando avaliado o gasto médio por visitante. No Brasil, porém, é o principal evento do setor (FASHION UNITED BUSINESS INTELLIGENCE UPDATE, 2017).

O destaque à cidade de Nova York também é mostrado no filme *O Diabo Veste Prada* (2006), que ilustra como a indústria da moda determina, nos mínimos detalhes, as tendências de consumo em mercados no mundo todo, bem como apregoa o modelo de corpo idealizado como padrão estético, com especial ênfase às mulheres. A ficção se inspira nos bastidores do editorial da revista *Vogue*, considerada a mais influente do universo da moda, localizada em um dos mais imponentes endereços do centro financeiro da cidade. No entanto, outras revistas mundialmente famosas como *Elle* e *Marie Claire* também são exemplos expressivos de

veículos de comunicação que definem os parâmetros do que seja “boa forma”, segundo a estética do consumo, conforme a Imagem 6:

Imagem 6: Capas das Revistas Marie Claire, Vogue e Elle

Fonte: MARIE CLAIRE (2019); VOGUE (2019); ELLE (2019).

Nesse sentido, torna-se pertinente reforçar o território e a divisão social internacional do trabalho sob a influência das verticalidades produzidas pela indústria da moda, desde a produção dos bens de consumo – e sua obsolescência programada – até a dimensão do impacto na corporeidade exposta aos valores da ética da beleza como parâmetro de aceitação na sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 2008 [1970]; SANTOS, 2012a [1996]).

O papel da moda é também analisado por Grant McCracken (2003) ao se identificar a preponderância que a estética havia criado em decorrência da utilidade de um certo objeto. Para o antropólogo, esse elemento corresponde com a ascensão da nova ética da beleza (BAUDRILLARD, 2008 [1970]) e com a estética do consumo (BAUMAN, 2008) devido ao comportamento do consumidor, que prioriza os discursos sobre o que está atualmente na moda e descarta o objeto obsoleto, ainda que útil, para se posicionar socialmente.

[...] A moda transforma de tal maneira os gostos e as preferências nos dias modernos que é difícil imaginar uma economia na qual ela não tivesse total preponderância. É igualmente difícil apreciar as dimensões da mudança que ela introduziu na vida e nas expectativas dos consumidores ocidentais. Com o crescimento da moda, emergiram um hábito mental e um padrão de comportamento inteiramente novos. Cada vez mais, as considerações de estilo e estética passaram a preceder as utilitárias. Que um objeto não tenha se exaurido em sua utilidade não é mais motivo suficiente para a sua preservação; se ele é ou não capaz de satisfazer a condição mais importante de estar na moda é agora o fator decisivo.

Este desenvolvimento representa **um triunfo do estilo sobre a utilidade, da estética sobre a função e, mais importante, exprime uma redefinição radical da ideia de status e do uso dos bens para expressar status**. Se antes os bens carregavam a

mensagem de *status* através da sua 'pátina'¹⁹, agora eles carregam através de seu aspecto novo. (McCRACKEN, 2003, p. 39 – 40, **negrito** nosso).

A importante colocação de McCracken (2003) identifica o triunfo do estilo sobre a utilidade funcionando como mecanismo central do consumismo. Em razão da produção constante de bens e a criação das mais supérfluas “necessidades” na sociedade consumista, a manutenção do ritmo de consumo desenfreado é fundamental para manter o ciclo. A moda, nesse sentido, possui importância crucial em redefinir, de tempos em tempos, o que é aceitável ou não se vestir (e se desfazer do que é considerado obsoleto, ainda que esteja em condições perfeitas de uso) – e essa premissa vale também para a estética corporal como, por exemplo, cortar o cabelo de um jeito ou de outro, deixar ou não a barba crescer, etc.

O filósofo Guy Debord (2003 [1967]) aprofunda enfaticamente a crítica ao consumo desinibido face à ascensão do que considera como *sociedade do espetáculo*. Em sua análise, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD, 2003 [1967], tese 4). Sendo assim, o espetáculo é o principal meio pelo qual os mecanismos de publicidade e propaganda constroem o cenário em que a *aparência* se torna o centro da vida social, ao passo que também há o movimento de negação do visível da vida (a realidade em *essência*) (DEBORD, 2003 [1967]).

A ideologia do consumo emerge num contínuo processo de “economização da vida social” (SANTOS, 2007 [1987], p. 29), em que se identifica a degradação moral do **ser** em **ter**, e posteriormente, do **ter** em **parecer** (DEBORD, 2003 [1967]), conforme comenta o autor:

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação do visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível.” (DEBORD, 2003 [1967], tese 10, **italico** do autor).

A elaboração teórica de McCracken a respeito do “triunfo do estilo sobre a utilidade, da estética sobre a função” (2003, p. 40) analisa a mudança de paradigma no universo das

¹⁹ **Definição de “Pátina”**, conforme o autor: “[...] A pátina, tomada como uma propriedade ao mesmo tempo física e simbólica dos bens de consumo, foi um dos meios mais importantes de que dispunham os indivíduos de alta classe para se distinguirem dos de baixa classe, bem como para policiar e conformar a mobilidade social. Como um sistema de consumo, ela funcionou como esteio e base para a organização social até o momento em que, no século XVIII, se eclipsou. Suplantada pelo sistema ‘moda’ de consumo, a pátina recolheu-se em sua posição atual: uma estratégia de *status* usada somente pelos muito ricos.” (McCRACKEN, 2003, p. 53).

mercadorias produzidas no contexto da sociedade do consumo. Porém, diante da eclosão desse modelo de sociedade, como o corpo humano também emergindo como “o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos” (BAUDRILLARD, 2008 [1970], p. 168), o processo identificado por Debord (2003 [1967]), que define a sociedade do espetáculo na degradação moral do ser – ter – parecer, constata o surgimento da ideia do corpo como mercadoria vendável neste período (BAUDRILLARD, 2008 [1970]; BAUMAN, 2008).

Portanto, para promover o corpo como mercadoria vendável, é necessário que se invista num processo em que, muitas vezes, a aparência (de beleza, de saúde, de bem-estar) figure como centralidade nas relações sociais mediatizadas por imagens, ainda que necessariamente não haja saúde ou bem-estar na essência desse corpo (CASTRO, 2007; BAUDRILLARD, 2008 [1970]; BAUMAN, 2008; DEBORD, 2003 [1967]). A socióloga Ana Lúcia de Castro (2007, p. 27) complementa que “[...] o século XX tem sido marcado pelo desnudamento e flexibilidade cada vez maiores, a aparência física passa a depender cada vez mais do corpo e cuidar dele torna-se uma necessidade: o corpo é para ser mostrado”.

O objetivo da promoção [da imagem] do corpo enquanto mercadoria neste período da história humana se vincula diretamente às questões econômicas do atual modo de produção (BAUDRILLARD, 2008 [1970]; BAUMAN, 2008; DEBORD, 2003 [1967]). Baudrillard (2008 [1970]) afirma ainda que, para esta fase do modelo capitalista, **é importante que haja a emancipação do corpo, assim como a libertação sexual, a fim de que participem da sociedade de consumo engajados narcisisticamente**. A desconstrução acríica do corpo neste contexto se insere enquanto estratégia biopolítica de cooptação ao consumismo.

[...] O corpo ajuda a vender. A beleza ajuda a vender. O erotismo promove igualmente o mercado. E não é este o menor dos motivos que, em última instância, orientam todo o processo histórico de ‘libertação do corpo’. Com o corpo acontece a mesma coisa que com a força de trabalho. *Importa* que seja ‘libertado e emancipado’ de modo a ser racionalmente explorado para fins produtivistas. Assim como é necessário que atuem a livre determinação e o interesse pessoal – princípios formais da liberdade individual do trabalhador – para que a força de trabalho possa mudar-se em procura salarial e valor de troca, também é preciso que o indivíduo consiga redescobrir o próprio corpo e reinvesti-lo narcisisticamente *princípio formal de prazer* – a fim de a força do desejo se poder transformar em procura de objetos/signos manipuláveis racionalmente. *Importa que o indivíduo se tome a si mesmo como objeto, como o mais belo dos objetos e como o material de troca mais precioso, para que, ao nível do corpo desconstruído, da sexualidade desconstruída, venha a instituir-se num processo econômico de rendibilidade.* (BAUDRILLARD, 2008 [1970], p. 177 – 178, *italico do autor*).

A aparência do corpo padrão fomentado por meio da estética da beleza, trabalhado a partir dos exercícios físicos para estimular o prazer narcísico, se coloca em lugar privilegiado

nas relações sociais da sociedade do espetáculo. Além de não sofrer constrangimentos, a imagem idealizada do corpo padrão é socialmente prestigiada e se insere no processo de rendibilidade econômica na medida em que é comercial, ou seja, impulsiona as vendas a ela associadas (BAUDRILLARD, 2008 [1970]).

Associar a imagem corpórea a qualquer produto, de modo indubitável, implica agregar valor no produto/marca no exercício da publicidade como estratégia midiática. Observamos que, nos procedimentos de persuasão da técnica publicitária, a imagem corporal potencializa o produto/marca, diante da formatação de malhas (inter/trans)textuais. O corpo emerge como aspecto fecundo na publicidade contemporânea e torna-se objeto aglutinador de características identificatórias entre o público e o produto. (GARCIA, 2005 *apud*: ARAÚJO, 2008, p. 81).

A publicidade há muito identificou esses mecanismos, os quais contribuem diretamente para o consumo no universo *fitness*, ou até mesmo produtos alimentares associados ao apelo *fitness* também como forma implícita de que o consumidor conseguirá chegar no padrão de corpo que se mostra na publicidade, caso consuma tais produtos. Por isso Baudrillard (2008 [1970]) pensou os mecanismos de libertação do corpo/libertação da sexualidade inseridas dentro do modo de produção capitalista, pois é necessário que se venda, que se estimule o consumo e o corpo considerado belo é fundamental nesse processo. As Imagens 7, 8 e 9 mostram exemplos pertinentes dessa questão envolvendo diferentes produtos para o mesmo objetivo:

Imagem 7: Publicidade de academia enfatizando a musculatura do corpo como atrativo para a adesão do cliente ao serviço

Fonte: FERRO PROPAGANDA (2016).

Imagem 8: Publicidade de alimentos *fitness* “emagrecedores” com o corpo de mulher seminua à mostra para enfatizar a instrumentalização do corpo ao ingeri-los

Fonte: PORTAL SBO (2019).

Imagem 9: Publicidade de produto do universo *fitness*: gel modelador corporal (reductor de medidas).

Fonte: HINODE (2019).

Em razão da ampla difusão da imagem do corpo padrão e todo o prestígio a ele associado na sociedade do espetáculo, torna-se anseio por parte de muitos homens e mulheres construírem em si próprios os corpos idealizados que veem na mídia, na internet e nos mais diversos meios comunicacionais. O indivíduo, cooptado pelo arsenal imagético associado ao “corpo perfeito”, se motiva a modificar os estilos de vida (dietas alimentares e comportamento sedentário) e procura realizar exercícios físicos numa academia ou mesmo em espaço público. Todavia, a busca pode tornar-se frenética ao ponto de desenvolver sérios transtornos psíquicos.

A influência exercida pelo fomento ao “corpo perfeito” para homens e mulheres é capaz de adquirir tamanha perversidade ao ponto de manifestar patologias específicas associadas à não aceitação da imagem corporal devido ao descolamento da imagem idealizada que constantemente é projetada no imaginário social com a imagem real do próprio corpo (TRINCA, 2006; ARAÚJO, 2008; RODRIGUES; CANIATO, 2009; MARQUES, 2014). A angústia advém da tentativa de fazer dietas e mudar comportamentos sem obter o “resultado esperado”, qual seja, a adequação da imagem de si próprio aos padrões estéticos vigentes na moda, conforme comenta a socióloga Tatiane Trinca:

Valoriza-se o corpo e a aparência individual cada vez mais amplamente, como resumo de tudo o que restou do ser humano e como único local onde se encontra a condição para a felicidade e a prosperidade. Ao mesmo tempo em que cresce o número de aparelhos, tratamentos e mercadorias voltadas aos cuidados e modificações do corpo e amplia-se a disseminação de padrões estéticos de beleza, cresce também o número de indivíduos insatisfeitos e preocupados com a própria imagem. Não obstante, apenas 8% da população mundial, masculina ou feminina, tem chances de apresentar um corpo compatível com aquele atualmente veiculado como ideal, como afirma o

educador físico Henrique Luiz Monteiro, em pesquisa publicada no site da Universidade Estadual de São Paulo. (TRINCA, 2006; p. 62).

Para os médicos psiquiatras José Carlos Appolinário e Angélica Claudino (2000), a busca pelo “corpo perfeito” fomentada na produção do imaginário estético *fitness* é um dos principais motivos para o acometimento de transtornos alimentares como a *anorexia nervosa* – alterações de apetite acompanhada da distorção da imagem corporal, associada ao sobrepeso, quando, na verdade, se está muito abaixo do peso – e a *bulimia nervosa* – prática de se induzir a eliminação da comida ingerida por meio da provocação ao vômito ou pelo uso de laxantes, diuréticos, hormônios, etc. – conforme explicam:

[...] Evidências sugerem que fatores psicossociais desempenham um importante papel na distribuição dos transtornos alimentares. A influência da “cultura do corpo” e da pressão para a magreza que as mulheres sofrem nas sociedades ocidentais (especialmente as adolescentes) parece estar associada com o desencadeamento de comportamentos anoréticos. Determinadas profissões que exigem leveza para melhor desempenho (como ginastas, jogadores, patinadoras, bailarinas) ou esbeltez para a “comercialização” da imagem (modelos, atrizes) se encontram em risco aumentado para o desenvolvimento do transtorno. [...] O medo de engordar é uma característica essencial, servindo muitas vezes como um diferencial para outros tipos de anorexia secundárias a doenças clínicas ou psiquiátricas. Gradativamente, as pacientes passam a viver exclusivamente em função da dieta, da comida, do peso e da forma corporal, restringindo seu campo de interesses e levando ao gradativo isolamento social. [...] A prática de exercícios físicos é frequente, sendo que as pacientes chegam a realizar exercícios físicos extenuantes com o objetivo de queimar calorias e perder peso. Há uma ausência completa de inquietação com sua condição física com negação dos riscos. (APPOLINÁRIO; CLAUDINO, 2000, p. 28 – 29).

O recorte de gênero se mostra fundamental para compreender os impactos que a produção do consumo do imaginário estético idealizado exerce sobre os corpos femininos em comparação aos masculinos. Além dos mecanismos descritos por Baudrillard (2008 [1970]), que resultam em rendibilidade econômica, os movimentos que demandaram a libertação dos corpos das mulheres incidiram de maneira ainda mais perversa como forma de controle e pressão para aderir ao consumo por meio da moda (ARAÚJO, 2008).

Más notícias nessa entrada do século XXI: as mulheres continuam submissas! De nada adiantou a propalada revolução sexual, a queima de sutiãs em praça pública, a difusão da pílula. [...] Trocamos a dominação de pais, maridos e patrões por outra, invisível e por isso mesmo mais perigosa. A dominação da mídia e da publicidade. É ruim e até pior, pois diariamente enfrentamos a tarefa de ter de ser eternamente jovens, belas e sadias. Não há prisão mais violenta do que aquela que não nos permite mudar. Que nos bombardeia com imagens de eterna juventude, nos doutrinando a negar as mudanças. (DEL PRIORE, 2001 *apud*: ARAÚJO, 2008, p. 240).

A cobrança pelo enquadramento aos padrões estéticos, crescente há décadas nos países ocidentais, se configura ainda cedo para as meninas e adolescentes e se estende à fase adulta afligindo a autoestima das mulheres.

De acordo com a pesquisa realizada pela Universidade de Harvard em dez países, a insatisfação com o próprio corpo revelou números surpreendentes. Mais de 90% das brasileiras pesquisadas se dizem descontentes com o que veem no espelho e apenas 1% estão satisfeitas com a aparência. (TRINCA, 2006, p. 61).

Além da correlação com transtornos alimentares, a prática excessiva da academia pode esconder transtornos associados à compulsão por manter a forma física em razão da repulsa pela gordura e pelo anseio exacerbado em se enquadrar nos padrões estéticos, como é o caso da *vigorexia* – compulsão por exercícios físicos ao ponto de se desencadear na distorção da própria imagem corporal em razão da inatingível satisfação pelo ganho muscular, com maior ênfase em homens (RODRIGUES; CANIATO, 2009; SOLER *et al.*, 2013).

“[...] vive-se um momento da história humana em que a beleza tem sido cultuada, procurada quase como uma determinação. Nunca a beleza e os cuidados com o corpo foram colocados tão em evidência quanto nos dias atuais. ” (ARAÚJO, 2008, p. 13). O triunfo da estética jovial (e, muitas vezes, da mera aparência) como parte da psicossfera do bem-estar e da boa forma tem estimulado o anseio de parcelas crescentes da população (sobretudo mulheres) a se submeterem aos mais diversos procedimentos oferecidos pelo universo *fitness*.

Além das academias de ginástica e musculação, uma série de serviços voltados ao consumo da beleza também se fazem presentes nas formas urbanas da RMSP, tais como clínicas de estética, que oferecem serviços que vão desde consultorias de nutrição, cirurgias de lipoaspiração, procedimentos semi-invasivos como a criolipólise (Foto 4) ou a carboxiterapia a vácuo, até a comercialização de produtos como gel redutor para a diminuição de gorduras e a conquista do corpo idealizado.

Foto 4: Item do universo *fitness*: tratamento de beleza com máquina de criolipólise (congelamento da gordura localizada para posterior eliminação facilitada pelo organismo)

Fonte: G1 (2018).

A pujante necessidade de alterar a forma corporal em razão de adequá-la aos padrões estéticos vigentes pela estética da beleza contribui com a movimentação de um mercado que já se posiciona entre os mais promissores do mundo em termos de rentabilidade econômica, sobretudo no Brasil. “Pela primeira vez, o Brasil supera os EUA como o país com o maior número de cirurgias plásticas para fins estéticos no mundo” (Isto É, 2014).

Assim sendo, o culto à forma corporal emerge como um dos componentes centrais do uso do território no contexto atual de produção da psicosfera do bem-estar e da boa forma, alicerçada pela ética/estética da beleza. A imagem do “corpo ideal” – a construção do valor estético do corpo forte, sem gordura, de musculatura definida e/ou hipertrofiada – converteu-se no símbolo a ser atingido, uma mercadoria-signo (BAUDRILLARD, 2008 [1970]) possível de ser conquistada através do consumo.

A *corpolatria* (CASTRO, 2007) empregada nesse contexto possui parâmetros definidos, não se restringindo somente à frequência às academias de ginástica e musculação, mas também abrange a consolidação de hábitos associados à prática de atividades físicas e alimentação controlada, cujos resultados são observados na construção da imagem corporal, como indica Castro:

[...] Culto ao corpo está sendo entendido aqui como um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividade física, mas também as dietas, as

cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo o que responda à preocupação de se ter um corpo bonito e/ou saudável. (CASTRO, 2007, p. 17).

Não há de se negar que esta relevante demanda de pessoas tenha, de fato, intensões voltadas para a manutenção da saúde, cujo intuito seja tornar o corpo mais ativo e gastar o excedente calórico adquirido na alimentação cotidiana. No entanto, em virtude da lógica consumista presente na modernidade líquida, o hábito de praticar exercícios e fortalecer a musculatura tem sido apropriado pela indústria cultural, a qual conduz os estilos de vida atuais como forma de autoexpressão e originalidade (CASTRO, 2007).

Não cabe aqui estabelecer juízo de valor sobre atletas de alto nível ou amadores, sarados ou marombeiros, usuários ou não de anabolizantes. Cabe, isto sim, dizer que as anatomias emergentes do século XXI se constituem na tensão entre essas diferentes representações culturais e nas formas pelas quais os sujeitos se encontram nelas identificados. Como diz Denise Sant'anna, são as relações entre os sujeitos e as práticas sociais historicamente datadas que produzem nossos sentimentos, preferências, aparências e fisiologia, ante toda a tentativa de essencialismo. (FRAGA, 2006 *apud* ARAÚJO, 2008, p. 66).

Ainda assim, o espaço físico da academia de ginástica e musculação parece ter proeminência no universo *fitness*, pois a máxima da obtenção da qualidade de vida moderna continua sendo: *prática de atividades físicas e alimentação balanceada*. Submeter-se a diversos procedimentos estéticos e não estar em consonância com este preceito máximo pode significar não manter a médio e longo prazo a forma corporal desejada.

Pensar o território significa se atentar para a tamanha expressividade que a psicossfera do bem-estar e da boa forma fomenta no Brasil. Tanto o conjunto de ações quanto os objetos associados à produção e ao consumo estético possuem forte relevância na formação socioespacial brasileira, sobretudo no período de inserção do país aos vetores da globalização econômica e na divisão territorial do trabalho entre o final do século XX e início do século XXI.

Os papéis preponderantes da moda e da produção do imaginário estético, por meio dos grandes veículos de comunicação e informação, oferecem elementos sólidos que auxiliam no entendimento deste fenômeno, que é mundial e está ancorado na consolidação da globalização, na difusão tecnológica e do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2012a [1996]).

O que teria levado a sociedade, a partir dos anos 80, a intensificar a preocupação com o corpo como um dos elementos centrais na vida das pessoas? Tal intensificação está ligada à história da moda, que pode ser entendida como as imagens sociais do corpo, o espelho de uma época. (CASTRO, 2007, p. 26).

No entanto, a reflexão a respeito da construção ideológica da cidadania brasileira historicamente mutilada e voltada para a priorização do consumo como forma de vida indica possíveis explicações para a expansão e o sucesso do mercado *fitness* no país. Embora o fenômeno de expansão das academias de ginástica e musculação seja observado em diversas partes do mundo na contemporaneidade, a singularidade do caso paulista, inserido no contexto socioespacial brasileiro, merece atenção especial. A busca pela compreensão da natureza e do desenvolvimento do processo em sua totalidade passa, necessariamente, pela análise do uso do território.

3 – A EXPANSÃO DAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO NA RMSP

Fonte: Freepik, s/d.

A análise do uso do território para a compreensão de determinado fenômeno requer o entendimento das múltiplas determinações relacionadas com a temática. Até o presente momento, optamos por apresentar os principais aspectos que delineiam o contexto recente no qual se formaram as condições necessárias para a eclosão das academias de ginástica e musculação na RMSP.

Os aspectos identificados na construção da *nova vida urbana*, as formas de nos relacionarmos com a alimentação na metrópole no período de globalização econômica, o estímulo ao consumo exacerbado, bem como o entendimento da saúde e da corporeidade do sujeito na sociedade atual permitem elucidar o potencial que o território possui em expressar geograficamente as ações por meio da criação e refuncionalização dos sistemas de objetos direcionados às práticas de atividades físicas na metrópole.

A ênfase empregada a partir deste momento se volta para a análise dos elementos dispostos no espaço geográfico enquanto componentes da *tecnosfera do bem-estar e da boa forma*, ou seja, as academias propriamente ditas, assim como toda a gama de objetos técnicos constituintes do universo *fitness* que se relacionam com novas práticas corporais na cidade. Portanto, não apenas a essência do fenômeno, mas a aparência também se revela enquanto componente da totalidade (SCARLATO, 1988).

O movimento do mercado de academias no território brasileiro no decorrer do tempo possui diferentes características associadas à natureza dos objetos, ao valor social que detinha em determinada época e mesmo a sua expressão diante da organização espacial no transcurso histórico. Assim sendo, torna-se fundamental a proposição analítica de *periodização histórica* (SANTOS, 2012c [1978]) do fenômeno na análise, compreendendo a importância da sucessão dos sistemas temporais no desenvolvimento do processo geográfico, a fim de atribuir a significância dada ao objeto de estudo relativizando-o dentro da noção espaço-temporal.

Cada período delineou-se pelo acionamento de um conjunto de novos objetos técnicos, que, ao refuncionalizar os objetos preexistentes, promovem maior importância do lugar na divisão social e territorial do trabalho em escala global. Estes, por sua vez, apresentam-se em constante transformação, dado que, desde a época moderna, as técnicas e a produção tecnológica apresentaram intermitentes inovações. (ANTAS JR., 1995, p. 7).

Somente a partir do esforço de periodização do fenômeno que é possível compreender os movimentos de expansão contextualizados em meio à totalidade do espaço geográfico. Esse esforço de periodização será desenvolvido no decorrer do Capítulo 3 que, primeiramente, tratará de maneira sucinta no transcurso histórico a noção de corporeidade e práticas corporais

atreladas ao nascimento dos ginásios, pontuando diferenças entre o surgimento na Antiguidade e o ressurgimento na Modernidade.

Em seguida, uma análise mais detalhada se debruça em compreender o desenvolvimento do processo de expansão das academias de ginástica e musculação, bem como a cadeia produtiva do universo *fitness*. A curva exponencial do número de academias de ginástica e musculação no Brasil, observada no final do século XX e início do século XXI, converge aspectos políticos e econômicos, quanto profundas mudanças de paradigmas sociais, culturais e éticos expostos anteriormente no Capítulo 2.

A partir de aqui, discussão buscará apontar características que identifiquem a eclosão de um novo período dentro do desenvolvimento do processo de expansão das academias, que recentemente ganhou novos contornos a partir do final da primeira década dos anos 2000. Este período representa uma reorganização do espaço metropolitano da capital paulista voltado para a consolidação da financeirização e creditização do território, da concentração e centralização de capital no contexto de globalização econômica, além da reelaboração de estratégias biopolíticas associadas à necessidade de desempenho e produtividade no contexto neoliberal contemporâneo. Tais elementos serão minuciosamente examinados no decorrer dos Capítulos 3 e 4.

3.1 – O nascimento dos ginásios e a construção da corporeidade na História aos dias atuais

O corpo humano passou, no decorrer da história e das sociedades, por diversas concepções sobre si próprio, com ênfase ora religiosa e cultural, ora política e econômica. A concepção sobre o corpo na construção da cosmovisão ocidental iniciou-se na Grécia Antiga – sociedade em que se entendia o corpo enquanto uma unidade-totalidade formada por mente e estrutura biológica, sem dualismo ou reducionismo, e cuja preparação física nos ginásios se associava às atividades importantes para a vida pública como a política, a religião, as artes, a filosofia e os esportes, indo além do militarismo (RODRIGUES; CANIATO, 2009; LESSA; COLDEÇO, 2011; VIEIRA, 2013).

Os ginásios no contexto grego antigo possuíam uma conotação profundamente distinta do atual entendimento das academias de ginástica e musculação. Embora o termo “academia” também remonte à Grécia Antiga em razão de sua fundação por Platão em 378 a.C., em homenagem ao herói ateniense Academos, sendo um espaço que também “se relacionava a um local de práticas de ginástica e de atividades lúdicas em meio a transações filosóficas”

(CAPINUSSÚ *in* DA COSTA, 2006, p. 6.1), o termo “academia” propriamente dito se consagrou na história enquanto espaço destinado ao saber intelectual e artístico, representado por uma agremiação ou associação científica, literária ou artística²⁰.

Conforme os historiadores Fábio Lessa e Vanessa Codeço (2011), os ginásios eram espaços públicos constituintes da *polis* grega, voltados para a preparação e exposição do corpo do atleta, envolvendo as práticas militares e, sobretudo, o fomento às atividades cívicas e à educação, ainda a partir dos séculos VIII a VI a.C., porém com maior ênfase entre os séculos V e IV a.C.

Os ginásios eram espaços fundamentais para o exercício da cidadania e civilidade na *polis* grega. Eram compostos pelo conjunto constituído pelas palestras, locais destinados à corrida, caminhada, luta, pugilato e diversas atividades atléticas, além de vestiários, salas de banho, massagem e espaços de interação intelectual, artística, filosófica e sexual. O prestígio dos ginásios era compreendido em meio ao fomento à educação dos jovens cidadãos e à diferenciação social (LESSA; CONDEÇO, 2011).

A origem do termo “ginástica” provém de *gymnos*, que significa “nu”. A prática da ginástica no contexto da Grécia Antiga era feita exclusivamente por homens despidos (cidadãos gregos), que honravam a cidadania por meio da virilidade, da força e da coragem – valores fundamentais prestigiados socialmente – de igual para igual, juntamente com outros homens de diferentes *poleis* (cidades-estados) do mundo helênico. Para os gregos antigos, a construção valorativa da beleza do corpo estava associada ao porte atlético, pois este representava o ideal do desenvolvimento humano, abarcando a diferenciação dos povos bárbaros, o culto aos deuses, a prática da cidadania, o exercício da filosofia e a valorização da educação holística (LESSA; CONDEÇO, 2011).

Os espartanos representavam uma exceção à construção hegemônica da corporeidade grega antiga, pois destinavam os jovens desde muito cedo às atividades físicas com vistas ao treinamento militar, dispensando as demais concepções voltadas para a arte, a filosofia, a política e a cultura como primordiais, tal como era feito em Atenas. O corpo, para os espartanos,

²⁰Particularmente no Brasil, a “academia”, a despeito de seu significado tradicional, se popularizou também, somente no decorrer da história recente (precisamente, século XX), a conotação vinculada enquanto um espaço de condicionamento físico, lutas e práticas desportivas em geral (CAPINUSSÚ *in* DA COSTA, 2006; ANTUNES, 2009).

detinha o caráter utilitarista unicamente voltado para a guerra (RODRIGUES; CANIATO, 2009; LESSA; COLDEÇO, 2011).

Após o período de hegemonia da sociedade grega, a formulação da corporeidade na cosmovisão ocidental se fragmentou definitivamente. O Império Romano foi o primeiro responsável por fomentar profundas transformações filosóficas no entendimento holístico do corpo que relegou a essência espiritual e intelectual ao segundo plano para enfatizar o utilitarismo corporal e mecânico voltado à guerra, como os espartanos (RODRIGUES; CANIATO, 2009).

Diferentemente da concepção holística da Grécia Antiga, que envolvia o corpo, mente e espírito como unidade-totalidade e, por isso, exaltava o desenvolvimento filosófico-intelectual, a beleza atlética e o culto ao divino como parte de um processo único, a dominação representada pela Igreja Católica, mantida mesmo após a dissolução do Império Romano, compreendia qualquer forma de exaltação do corpo como algo pecaminoso e impuro. Para aproximar-se de Deus era necessário, intrinsecamente, negar o prazer carnal, negar o corpo e cobri-lo. Portanto, a ascensão da Igreja ampliou a cisão no entendimento da corporeidade, impingindo um novo patamar de controle social por meio da religião (RODRIGUES; CANIATO, 2009).

[...] A natureza humana, o corpo em sua integridade, foi execrada. O corpo passa a ser considerado um empecilho ao homem na conquista da contemplação divina. Destarte, o corpo foi subjugado e desprezado, visto como depreciador do indivíduo, identificado como algo pecaminoso a ser castigado. (RODRIGUES; CANIATO, 2009, p. 650 – 651).

A moral religiosa imposta pela Igreja durante a Idade Média submeteu o corpo à censura e privação pelos “pecados da carne”. O código normativo exercido pela instituição religiosa e garantida pelos aparatos feudais fixava o controle social em função do domínio político-econômico, até então concentrado no clero e nobreza. Porém, a cisão da Igreja, que resultara no nascimento da ética protestante e o advento do Iluminismo (e de uma nova moral burguesa) colocou em xeque a arcaica definição da corporeidade medieval relegada (WEBER, 2004 [1905]; RODRIGUES; CANIATO, 2009).

É neste período, ainda entre os séculos XVIII e XIX, que surgem os primeiros ginásios modernos em cidades da Alemanha, Suécia, França e Inglaterra²¹. Numa espécie de resgate aos ideais da Grécia Antiga, calcados agora pelas concepções de redescoberta do corpo no Iluminismo, os ginásios modernos se inserem no contexto filosófico do cartesianismo, reforçando o entendimento utilitarista, instrumental e fragmentado do corpo humano, já o associando às possibilidades de desenvolvimento de domínio corporal por meio de técnicas de ginásticas recém-criadas (RODRIGUES; CANIATO, 2009; VIEIRA, 2013).

A consolidação do capitalismo industrial, sustentado pela doutrina liberal, pelo cientificismo cartesiano, pelo redesenho da ética fundada no trabalho e na “livre escolha”, se sobrepunha à ordem feudal e pautava como superada a concepção “moralmente suja e pecaminosa” de corporeidade do período anterior. As artes no Renascentismo contribuíram no processo de “redescoberta do corpo” com os ginásios modernos, porém o que parecia como um movimento libertador das antigas amarras, na verdade, se configurou em novos mecanismos de coerção e controle (WEBER, 2004 [1905]; RODRIGUES; CANIATO, 2009; FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]). Michel Foucault discorre sobre o processo de intensificação dos mecanismos coercitivos e dominadores do corpo na modernidade:

[...] Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. [...] Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2014 [1975], p. 135).

²¹ Nesses países, se fundaram Escolas da ginástica moderna, onde se consolidaram os métodos básicos que definem o nascimento da Educação Física enquanto disciplina e que ainda influenciam no entendimento das práticas corporais nos dias atuais. Tais estabelecimentos surgiram como espaços privados fechados, onde se ensinavam e praticavam diversas atividades físicas, como o halterofilismo, as diferentes modalidades de ginástica, dança e lutas marciais (CAPINUSSÚ *in* DA COSTA, 2006; ANTUNES, 2009; VIEIRA, 2013).

O capitalismo industrial configurou um patamar novo e ainda mais poderoso de controle dos corpos e seus movimentos para o incremento da produção fabril²². O exercício do controle dos corpos apregou o retorno à concepção utilitarista e instrumental do corpo e, dessa vez, alçados à manutenção da espiritualidade (a ética protestante voltada para o trabalho) que, na verdade, corroborava com o apelo de domínio, sujeição e docilidade ao Capital (WEBER, 2004 [1905]; RODRIGUES; CANIATO, 2009; FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]). “[...] O corpo ganhou uma concepção positivista e reificada: passou a ser visto como propriedade privada passível de controle – submisso agora ao Capital. ” (RODRIGUES; CANIATO, 2009, p. 652).

A eclosão da ginástica moderna, por meio do nascimento da Educação Física na Europa entre os séculos XVIII e XIX, casava com os interesses biopolíticos de dominação, sujeição e controle da força de trabalho no período de produção industrial, conforme comenta Soares (2001 *apud* VIEIRA, 2013, s/p.):

O século XIX é particularmente importante para o entendimento da Educação Física, uma vez que é neste século que elaboram conceitos básicos sobre o corpo e sobre a sua utilização como força de trabalho. [...] É nesta perspectiva que podemos entender a Educação Física como a disciplina necessária a ser viabilizada em todas as instâncias, de todas as formas, em todos os espaços onde poderia ser efetivada a construção deste homem novo: no campo, na fábrica, na família, na escola. (SOARES, 2001 *apud* VIEIRA, 2013, s/p.).

No decorrer do desenvolvimento do modo de produção capitalista entre os séculos XIX e XX, os mecanismos de coerção e disciplina foram se aperfeiçoando. O caráter instrumental e utilitarista do corpo humano se consolidou tanto nas instituições de controle social, como a fábrica, a escola, o quartel, quanto nas ciências (exatas e biológicas – com forte ênfase na medicina – mas também nas sociais, cujos métodos estavam fortemente influenciados pelo cartesianismo e o positivismo). (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]; ZIMMERMANN; SAURA, 2016).

No século XX, a disciplinarização e a instrumentalização da corporeidade ganham um novo patamar devido à complexização das relações de produção em meio ao contexto de globalização econômica e massificação do consumo pela indústria cultural²³. O advento da

²² Uma discussão mais aprofundada sobre o tema se encontra no subcapítulo 3.1 desta pesquisa “Biopolítica e governo dos corpos na produção do espaço urbano”.

²³ A conceituação de “indústria cultural” não é única nem simples. Conforme revisão bibliográfica em Valverde (2015, p. 391 – 392), o termo pode se referir, por vezes, a um “ modelo teórico da dominação social via manipulação das artes e das comunicações (ADORNO, 2002); em outros casos, se refere à exploração econômica

tecnologia da informação contribui com a intensificação das estratégias de publicidade e propaganda no sentido de atribuir valores estéticos a serem consumidos, assim como tornar o próprio corpo uma mercadoria a ser desejada, vendida e consumida.

Neste período, os elementos que formularam a construção fragmentada da corporeidade ancorada na docilidade e disciplina se entrecruzaram gradual e continuamente com os vetores da indústria cultural, a qual passou a associar aspectos econômicos, como formas massificadas de expressão cultural e artística nos corpos (RODRIGUES; CANIATO, 2009; VALVERDE, 2015; PUPIO, 2017). A exemplo disto, tem-se a ampliação do consumo estético relacionado às mais diversas possibilidades de modificação corporal. A popularização de tatuagens, *piercings*, ou até mesmo, em alguns casos, a “escarificação” (marcas impingidas por meio de bisturis formando símbolos sobre a pele) para algumas “tribos urbanas” remete à busca de autoexpressão, originalidade e individualidade supondo se associar a uma identidade cultural específica, porém estão ancoradas no consumo (RODRIGUES; CANIATO, 2009). Compreendemos as transformações estéticas decorrentes da ginástica e musculação igualmente inseridas neste processo, guardadas as respectivas singularidades.

A fase neoliberal do modo de produção capitalista possui características singulares no processo de desenvolvimento da percepção da corporeidade, que compreende mecanismos biopolíticos os quais já vinham se consolidando em fases anteriores do modelo produtivo, agregado ao aperfeiçoamento da indústria cultural – ancorada no desenvolvimento tecnológico e na globalização da economia e informação.

Como resultado, as mudanças observadas em diferentes instâncias corroboram para a construção do atual cenário. A partir da década de 1980, novas teorias administrativas passam a reorganizar e profissionalizar os ginásios existentes, incorporando padrões corporativos de lucratividade, gerenciamento de recursos e crescentes metas de expansão – incluindo também a crescente adesão do termo “academia”, ao invés de “ginásio”, dando a ideia de *novidade* de mercado, alinhado às grandes tendências globais do setor (FURTADO, 2009; PUPIO, 2017).

de produtos voltados para o entretenimento e para a troca de informações, como livros, jornais, revistas, moda, cinema, videogames, música e cultura urbana (KONG; GIBSON, 2005); há ainda quem associe sua ideia à difusão de valores através de produtos, na medida em que qualquer atividade produtiva atual se constrói também através de um referencial cultural que o qualifica (GERTLER, 2010; VALVERDE, 2010)”. A complexidade no entendimento do conceito reside justamente por compreendermos a possibilidade de adotar como válidas as diferentes nuances abordadas pelos teóricos do tema. De forma geral, tem-se a massificação de produtos/serviços dotados de valorização simbólica, artística e cultural com vistas ao sentimento de diferenciação e exclusividade pelo consumidor, mas que reflete a homogeneização do consumo (e, em certa medida, a alienação ou perda do potencial de expressão e comunicação das artes), sobretudo em lugares onde o intercâmbio de informações e ideias é maior a nível global pelo aparato tecnológico-comunicacional, como nos grandes centros urbanos.

A profissionalização das academias de ginástica e musculação redefiniu estratégias de comunicação com o público (neste patamar, enfatizados enquanto clientes). Parte do estímulo para adquirir os serviços ofertados pela academia passava pela forma como as peças publicitárias reforçavam os aspectos estéticos (apreciativos ou depreciativos) do corpo do sujeito, corroborando com a forma de entendimento de sua própria corporeidade no intuito de motivá-lo a consumir o serviço. Em contrapartida, o corpo que atendessee aos padrões estéticos se enquadraria enquanto “*case* de sucesso” – objetivo final da relação de compra e venda do “corpo mercadoria”.

[...] Segundo Furtado (2007), as práticas corporais foram convertidas em mercadorias e comercializadas nas academias. Atividades que até então eram protegidas das mercantilização, tornaram-se mercadorias e passaram a circular no mercado capitalista, impulsionadas pela lógica da competitividade. (PUPIO, 2017, p. 180).

A percepção da corporeidade no contexto neoliberal consolida o entendimento de si próprio enquanto “consumidor-mercadoria” (BAUMAN, 2008), pois ao passo em que se consome o serviço da academia, o apelo estético obtido resulta em autopromoção e prestígio social a ser objetificado. Ademais, este processo opera em diferentes escalas, redefinindo a percepção política do sujeito em meio à sociedade num movimento individualizante e alienante, no qual tende a se perceber dissociado da condição de cidadão e do coletivo, percebendo-se enquanto indivíduo-consumidor.

Dessa forma, no contexto da expressão do neoliberalismo e do individualismo associado às práticas de atividades físicas nas academias na contemporaneidade, além da fragmentação do entendimento do sujeito em relação ao coletivo, há também a fragmentação da percepção da corporeidade do sujeito sobre si próprio. Como consequência, o sujeito inserido neste processo se enquadra no desejo de racionalização e instrumentalização do corpo e do movimento humano em busca da hipertrofia muscular ou da rápida produção da imagem estética (associada à magreza ou definição muscular) em voga (JESUS, 2017).

A execução de movimentos fragmentados em grupos musculares, por meio de sessões dolorosas e treinos repetitivos, distancia-se de uma percepção holística da corporeidade e se associa ao culto ao corpo, dado que a própria disposição dos elementos estruturantes da academia permite valorizar o impulso narcísico através de espelhos e vitrines espalhados pela sala de musculação para o reforço e valorização da imagem estética (CASTRO, 2007; RODRIGUES; CANIATO, 2009).

O questionamento acerca do entendimento da corporeidade e, sobretudo, os rebatimentos desse processo em meio às etapas do desenvolvimento do modo de produção capitalista se mostra como elemento fundamental para a leitura crítica, política e emancipadora do sujeito em relação à sociedade, ao Estado, às demais instâncias espaciais com as quais se relaciona e também em relação consigo mesmo. O fomento ao entendimento holístico da corporeidade torna-se pretérito.

Neste sentido, as análises desenvolvidas pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty agregam elementos necessários para a compreensão de uma corporeidade holística: *a percepção do corpo situado no espaço e toda a interação decorrente desta percepção*. Não se pode compreender, a princípio, o corpo humano e seu movimento, sem atrelá-lo ao espaço ao redor onde ele está localizado, pois “ser um corpo, é estar amarrado a um certo mundo, como nós temos visto; essencialmente, nosso corpo não está no espaço: ele é dele”²⁴ (MERLEU-PONTY, 2002 *apud* ZIMMERMANN; SAURA, 2016, p. 9).

Klaus V. Meier em seu texto “Incorporação, Esporte e Significado” (originalmente “*Embodiment, Sport, and Meaning*”), publicado no livro “Inquérito Filosófico no Esporte”, de 1988, adiciona uma perspectiva importante também formulada por Merleu-Ponty a respeito da uma visão abrangente da corporeidade. A análise indica que o homem apenas pode ser entendido como “sujeito-objeto” ou “consciência encarnada”, ou seja, uma *unidade* (não apenas uma união justaposta) de eventos psicológicos, físicos e biológicos participando todos em uma relação dialética. Assim, não há separação entre mente e corpo, consideradas como noções limitadas da realidade – visão cartesiana reproduzida ainda hoje – mas sim, uma *unidade em interação*, uma entidade singular “corpo-sujeito” simultaneamente mental e corporal (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988).

A noção de existência é apenas compreendida mediante o “ser no mundo”, ou seja, através do corpo localizado no espaço, para o qual projeta a sua ação, orientação e movimento. A percepção dos sentidos do corpo perante o mundo no qual ele se encontra dá todo o sentido de sua existência (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988; ZIMMERMANN; SAURA, 2016).

A ênfase em trazer a noção de que a mente e o corpo são, na visão de Merleu-Ponty, uma entidade única, uma “consciência encarnada”, é que a corporeidade não pode ser compreendida pela ideia de que o homem “usa” seu corpo, justamente porque “[...] o corpo é o

²⁴ Tradução nossa. Originalmente escrito: “*To be a body, is to be tied to a certain world, as we have seen; our body is not primarily in space: it is of it*” (MERLEU-PONTY, 2002, p. 171 *apud* ZIMMERMANN; SAURA, 2016).

meio de percepção e ação dos homens sobre os objetos e o mundo”²⁵ (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988, p. 91). Sendo assim, não há como o homem se dissociar de seu corpo e usá-lo tal como usa um martelo ou uma cadeira, pois a consciência e o corpo são considerados inexoravelmente inseparáveis (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988).

Desse modo, torna-se imprescindível que compreendamos a complexidade do movimento humano, entendendo a constituição da corporeidade – como uma unidade dialética e inter-relacional entre corpo, mente e espírito, ou seja, uma “consciência encarnada” – e sua interação perceptiva com o espaço, interagindo com e sobre ele. Tais elementos colaboram na definição da corporeidade, da existência do sujeito e na constituição do movimento humano como algo físico, psíquico e socialmente construído (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988; RIO, 1996; ZIMMERMANN; SAURA, 2016).

Em virtude da expansão das academias de ginástica e musculação inseridas enquanto modelos de negócio que estimulam determinados padrões estéticos com vistas à acumulação de capital, cabe refletir a dimensão de como os crescentes processos individualizantes, narcísicos e hedonistas rebatem acerca da corporeidade no contexto das sociedades pós-industriais do século XXI – tanto a partir da percepção sobre si próprio, quanto da relação política, econômica e cultural do corpo com o território.

O desenvolvimento da percepção da corporeidade na cosmovisão ocidental se orientou no transcurso histórico para um entendimento fragmentado e utilitarista do corpo, e este foi reforçado no advento do modo de produção capitalista como estratégia biopolítica para o atendimento do incremento produtivo. O surgimento do mercado de academias acrescido à promoção de valores subjetivos pela indústria cultural para a ampliação do consumo estético parece encerrar a definição da corporeidade, corroborando com a individualização do sujeito perante a sociedade, quanto na visão setorizada e narcísica sobre si próprio.

Entretanto, quais seriam os redutos que indicam contraditoriedade ou ainda resistências ao processo hegemônico posto? É possível encontrar elementos que, dialeticamente, viabilizam o intuito oposto da tendência de afirmação da corporeidade fragmentada e individualista da academia, mesmo inserido neste ambiente? O esforço no olhar da totalidade deve procurar respostas a esses questionamentos.

Um dos elementos observados tanto no levantamento bibliográfico e jornalístico, quanto em campo, indica justamente um aspecto destoante da tendência descrita acima. Existem

²⁵ Tradução nossa. Originalmente escrito: “[...] *the body is man’s means of perception of, and action upon, objects and the world.*” (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988, p. 91).

modalidades que têm se respaldado no aumento do número de academias de ginástica e musculação e que apontam um sentido oposto à crescente instrumentalização do movimento humano para fins individualistas, narcísicos e hedonistas. Modalidades atreladas à dança têm ganhado espaço dentro das academias e figura como uma prática de grande procura – tal como se observa com a *Zumba Fitness*.

A modalidade de dança “*Zumba Fitness*” é registrada como marca nos Estados Unidos desde 2001 e agrega ritmos latinos e algumas misturas de músicas pop nacionais e internacionais. Nesta modalidade, os alunos reproduzem as coreografias que são ensinadas e coordenadas pelo professor na sala de ginástica, às quais são acrescentadas uma disposição de luzes e amplificação do som para potencializar as batidas e motivar as pessoas, conforme na Foto 5, em seguida (ANDRADE, 2015).

Embora seja uma atividade física pensada enquanto um modelo de negócios inserido no contexto mais amplo de expansão das academias, modalidade atrativa para a fidelização de clientes e, até mesmo, banalização do simbolismo artístico, cultural e político da dança para alguns, a prática da atividade tem possibilitado o fomento da sociabilidade e de uma percepção mais complexa da corporeidade, que se distancia da noção puramente instrumental e racionalista do corpo, conforme análise dos sujeitos frequentadores constatada nos levantamentos jornalísticos, trabalhos de campo e entrevistas da pesquisa (FERREIRA, 2015; Informação Pessoal²⁶).

²⁶ RODRIGUES, R. **Entrevista 2**. Mensagem recebida por re.rodriguesrocha@gmail.com em 06 de dez. 2017.

Foto 5: Aula de Zumba em academia, em São Paulo

Fonte: Autoria própria (2017).

Sendo assim, podemos acrescentar a noção de um processo dialético de percepção e reprodução do movimento humano no atual contexto neoliberal individualizante das academias, em um primeiro momento, induz à reprodução da lógica racionalista e instrumental do corpo-máquina, resultando em uma percepção fragmentada e dissociada da corporeidade do sujeito. Ainda assim, há casos em que tais nexos são questionados, pois há o fomento de uma percepção mais holística do corpo, observada tanto pela necessidade de aperfeiçoamento dos movimentos (equilíbrio e coordenação para iniciantes) na dança, quanto na indução do prazer associados ao ritmo, à música e o estímulo à sociabilidade.

Portanto, a análise do entendimento da corporeidade em meio ao desenvolvimento do processo de expansão das academias de ginástica e musculação na contemporaneidade pode ser feita sob diferentes prismas que identificam aspectos negativos e positivos da prática de atividades físicas em tais ambientes. Embora seja constatado amplamente pela literatura as questões relativas ao culto ao corpo, a medicalização dos corpos e, em muitos casos, a violência empregada nos exercícios com vistas à construção de um padrão estético socialmente difundido e aceito, há de se constatar o surgimento de modalidades que permitem a prática de atividade física na academia de maneira divertida, simples e sociável, como o exemplo de algumas modalidades de dança.

3.2 – A hipertrofia das academias: desenvolvimento do processo de expansão geográfica do fenômeno

A elucidação dos elementos que compõem o entendimento da corporeidade numa perspectiva histórica, em que se dispõem a sucessão de períodos com características singulares – tanto na relação de percepção do sujeito na sociedade, quanto do sujeito consigo mesmo, expostas no texto anterior – nos fornecem pistas necessárias para nos debruçarmos mais precisamente sobre as questões que eclodem na expansão geográfica das academias de ginástica e musculação.

Conforme foi analisada a questão da corporeidade, o desenvolvimento do modo de produção capitalista em sua fase industrial-financeira, que percorre, mais precisamente, o transcurso dos séculos XIX e XX, *convergiu de forma inédita alguns elementos de controle social e biopolítico* que estavam, em maior ou menor grau, dispersos em diferentes instituições como os quartéis, fábricas e as escolas²⁷ (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]; ZIMMERMANN; SAURA, 2016) *com novos elementos associados ao consumo por meio da indústria cultural* (RODRIGUES; CANIATO, 2009; VALVERDE, 2015; PUPIO, 2017).

Esta associação, que ganhou corpo no decorrer do século XX em razão da globalização econômica e informacional, bem como do advento de diversas tecnologias²⁸, possibilitou a configuração de um novo período, em que, cada vez mais, o estímulo ao consumo massificado se aperfeiçoasse por meio de estratégias biopolíticas vinculadas à diferenciação e autoexpressão pela valorização estética como uma das possíveis formas de produção de estilos de vida, sobretudo em grandes cidades.

A divisão do trabalho reconhece, assim, a articulação resultante dessa nova configuração de elementos sociais e biopolíticos acionados pela demanda de incremento do modo de produção. Como consequência, *ações* passam a refletir no território essas mudanças mediante o surgimento de um novo conjunto de *objetos* técnicos carregados de intencionalidade para o atendimento das necessidades sociais emergentes dessa confluência. Conforme Santos (2012b [1996], p. 59 – 60):

²⁷ Uma discussão mais aprofundada sobre o tema se encontra no subcapítulo 3.1 desta pesquisa “Biopolítica e governo dos corpos na produção do espaço urbano”.

²⁸ Podemos destacar as tecnologias vinculadas à informação e comunicação (jornais, revistas, televisão, rádio e, posteriormente, computadores e *internet*), bem como todas as demais tecnologias que facilitaram a condução física da vida das pessoas, principalmente no espaço urbano, como a popularização dos meios de transporte, elevadores, escadas rolantes, etc. – as quais contribuíram para a **consolidação do modo de vida sedentário na cidade**.

A cada nova divisão do trabalho ou a cada um novo momento decisivo seu, a sociedade conhece um novo movimento importante, assinalado pela aparição de um novo elenco de funções e, paralelamente, pela alteração qualitativa e quantitativa das antigas funções. A sociedade se exprime através dos processos que, por sua vez, desdobram-se através de funções, enquanto estas se realizam mediante formas. Tais formas, sem as quais nenhuma função se perfaz, são objetos, formas geográficas, [...] as funções se encaixam, direta ou indiretamente, em formas geográficas. [...] A cada movimento social, possibilitado pelo processo de divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender a novas funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes. Daí a estreita relação entre divisão social do trabalho, responsável pelos movimentos da sociedade, e sua repartição espacial. (SANTOS, 2012b [1996], p. 59 – 60).

A configuração resultante do processo que converge aspectos biopolíticos de controle social, o sedentarismo no espaço urbano e o estímulo ao consumo estético pela indústria cultural, ancorados pela ampliação da comunicação e informação a nível global, sobretudo nas grandes cidades, possibilita o surgimento de novas formas urbanas – *os ginásios* – que pressupõem o atendimento da demanda emergente pela prática exercícios físicos. Cabe ressaltar que esta convergência não se deu de forma homogênea no território, ou seja, ao mesmo tempo em que alguns elementos já estavam postos e desenvolvidos em algumas cidades, outros ainda estavam em elaboração.

Embora já existissem há séculos desde a Antiguidade e estacionadas na Idade Média, o reaparecimento dos ginásios na modernidade aponta como a eclosão de novas formas urbanas, resultantes de um novo elenco de funções surgidas em decorrência da configuração de uma nova divisão do trabalho (SANTOS, 2012b [1996]; VIEIRA, 2013). Este processo se intensificou e se complexizou nas décadas seguintes até a consolidação do mercado de academias propriamente dito, no final do século XX, agindo de forma seletiva e diferenciada nos lugares em razão das características locais e das reações ou adaptações observadas em diferentes sociedades, o que confere um processo de desenvolvimento desigual no território em diferentes países e cidades (VIEIRA, 2013).

Na medida em que o processo de globalização se amplia, a difusão da técnica, da ciência e da informação se tornam a norma no uso do território, convergindo gradualmente para o que Santos (2012a [1996]) conceitua de meio técnico-científico-informacional. Neste meio, tanto a técnica, quanto a norma e a intencionalidade são empregadas na construção dos objetos constituintes da materialidade no espaço geográfico. Este processo é observado no advento dos ginásios modernos e consolidado na expansão do mercado global de academias, constituindo especificamente o que sinalizamos enquanto uma *tecnosfera e psicosfera do bem-estar e da boa forma* (SANTOS, 2012a [1996], p. 18):

Uma tecnosfera – natureza tecnicizada com base científica – e uma psicosfera – também artificializada – aparecem como condições sem as quais o presente momento não se afirmaria. Os novos sistemas de objetos respondem, como dados infraestruturais, às novas necessidades do processo direto da produção. A conformação das mentes, para a aceitação das novas condições de existência, a começar pela imersão no consumo, é um dado supraestrutural essencial. (SANTOS, 2012a [1996], p. 18).

Os ginásios surgem nas cidades europeias do século XIX como formas no espaço dotadas de função específica para o condicionamento físico em decorrência da configuração de uma nova etapa da divisão do trabalho que demandou por convergir elementos *biopolíticos*, *disciplinares* e de *controle social* com necessidades de *consumo estético* e *cultural*. Esses elementos entrecruzam aspectos subjetivos difundidos no imaginário social, passam pela *ação* midiática carregada de estratégias neurolinguísticas de apelo publicitário, e se realizam na concretude de formas e *objetos* criados. Sistemas de ações e objetos, psicosfera e tecnosfera na produção do espaço (SANTOS, 2012a [1996]).

Os primeiros estabelecimentos direcionados a práticas de exercícios físicos no Brasil apareceram ainda no final século XIX em algumas capitais²⁹. A introdução dos ginásios se deu devido à influência de colonos trazidos ao país, que passaram a reproduzir os métodos desenvolvidos em seus países de origem (VIEIRA, 2013). De forma geral, o início do processo no país se deu por meio de iniciativas privadas através da prestação de serviço remunerado de atividade física voltados para práticas esportivas, lutas, natação, halterofilismo e/ou ginástica associada à dança (CAPINUSSÚ *in* DA COSTA, 2006).

Desde o primeiro clube de ginástica, fundado em São Paulo, em 1890, até a década de 1970, o surgimento de estabelecimentos de condicionamento físico era irrisório e pontual. Essas iniciativas tiveram origem marcadamente nas capitais e foram inicialmente fundadas por imigrantes europeus e asiáticos que buscavam aflorar no Brasil os valores e as práticas correntes em seus países de origem, sobretudo alemães com as academias de halterofilismo³⁰ e ginástica,

²⁹ Embora os dados historiográficos apontam para o nascimento dos primeiros estabelecimentos de condicionamento físico no final do século XIX, mais precisamente em 1890, em São Paulo, a prática da ginástica já vinha se consolidando desde o início do mesmo século em instituições militares e médicas. Segundo Costa; Perelli; Santos (2016), a ginástica foi introduzida em razão da vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, no intuito de promover a Educação Física para melhor preparação física e treinamento militar inicialmente na Academia da Marinha e na Escola de Medicina. Num segundo momento, a Educação Física foi sendo inserida no âmbito educacional em algumas instituições, no início do século XX, mas com maior ênfase na era Vargas, carregada de forte apelo militar, eugenista e higienista. O advento dos ginásios privados no Brasil caminhou em paralelo a este processo a partir de 1890 também difundindo, aos poucos, os já consolidados métodos europeus de condicionamento físico ao público civil (COSTA; PERELLI; SANTOS, 2016).

³⁰ Prática desportiva de levantamento de peso utilizando “halteres como ponto de apoio/impulso” (SANTOS, 2006, p. 371).

e japoneses com as academias de artes marciais e luta (jiu-jitsu e judô) (CAPINUSSÚ *in* DA COSTA, 2006; VIEIRA, 2013).

A disseminação da ginástica no Brasil, ainda nas primeiras décadas do século XX, por mais lenta e gradual que tenha sido, se apropriou de diversos meios desde o início, não se restringindo somente aos ginásios e clubes. Inicialmente, a difusão se deu por meio de quatro vertentes, sendo:

- a) Voltada para o treinamento militar nas instituições de defesa do Estado;
- b) Por meio da Educação Física nas escolas;
- c) Através de um impulso de massificação por meio da ginástica doméstica (ou “ginástica de quarto”, como foi denominada);
- d) Por meio dos clubes desportivos e ginásios (TOLEDO, 2010; VIEIRA, 2013).

A difusão da ginástica de quarto foi tímida, mas iniciou-se ainda na década de 1920, utilizando os principais meios de comunicação da época. Era feita pela ilustração em manuais e revistas, como a *Educação Physica*, e posteriormente pelo rádio, em 1932, que também se respaldava em mapas ilustrativos para a realização dos exercícios narrados pela rádio-transmissão, conforme a Imagem 10 (TOLEDO, 2010).

A rádio-ginástica era transmitida partir do programa orientado pelo prof. Oswaldo Diniz de Magalhães, da UFRJ, conhecido com o precursor ou o “pai da ginástica de rádio no Brasil”. A “Hora da Ginástica” durou de 1932 a 1973, começava logo cedo e propunha a ampliação da prática da “ginástica de quarto” (Imagem 13). Além da prática de exercícios, o programa incluía a orientações de cunho moral e cívico aos ouvintes, como a execução de hinos, que também estavam descritos nos mapas de movimentos usados pelos ouvintes-ginastas, conforme a Imagem 12 (TOLEDO, 2010).

Imagem 10: Mapa utilizado para a ginástica de quarto via rádio (décadas de 1930 e 40)

Fonte: GOMES, 1989

Imagem 11: O incentivo ao civismo e o nacionalismo era um dos apelos da rádio-ginástica

Fonte: GOMES, 1989.

Imagem 12: Ilustração de execução da rádio-ginástica

Fonte: CARVALHO, 1994.

A massificação começou de maneira lenta e gradual. Havia dificuldades de se vender amplamente a revista, que continha o mapa de exercícios. A transmissão via rádio ampliou o espectro de pessoas que passaram a realizar a ginástica (cuja ênfase estava focada na calistenia³¹). Um maior impacto da difusão da ginástica veio a partir de meados da década de 1970, através das primeiras transmissões televisivas de ginástica^{32,33}. Era um meio mais simples

³¹ Segundo o Blog Educação Física (2017, s/p.), “a Calistenia é definida como um tipo de exercício funcional, em que o praticante usa o peso do próprio corpo para formar e construir a massa muscular [...] Estes exercícios podem ser realizados com alguns acessórios como bastões, barras fixas e também exercícios que não usam acessórios e contribuem para o desenvolvimento dos músculos”.

³² A primeira veiculação de exercícios na televisão brasileira foi gravada entre 1974 e 1975 pelo prof. Geraldo Massucato, denominada “Ginástica na TV” (TV Educativa). Na década de 1980, a Globo passou a transmitir ginásticas no programa TV Mulher, que também auxiliou a impulsionar a prática da ginástica doméstica (TOLEDO, 2010). Outro programa marcante da televisão brasileira foi o Programa Energia, da TV Cultura, entre os anos 1990 e 2000. Apresentado pelas manhãs por Anna Bittar, a atração tinha o intuito de transmitir aulas de aeróbica estimulando as donas de casa a se exercitarem em suas salas (ÉRIU, 2016).

³³ Embora a televisão brasileira iniciasse a transmissão de seu primeiro programa de ginástica na década de 1970, este modelo já vinha sendo praticado nos Estados Unidos pelo programa “The Jack LaLanne Show”, entre 1953 a 1985, pelo nutricionista e *personal trainer* Jack LaLanne, também criador da primeira academia de ginástica daquele país. Em 1961, a texana Debie Drake passou a exibir o programa “Passport to Beauty” (Passaporte para a

para a visualização dos movimentos pela televisão, portanto o estímulo à prática atingiu mais pessoas (TOLEDO, 2010). A Imagem 13 mostra um dos programas de maior sucesso do segmento, entre os anos 1990 e 2000.

Imagem 13: Execução de ginástica pela televisão, Programa Energia (TV Cultura)

Fonte: Autoria própria (2019).

Embora os estabelecimentos voltados para a prática de exercícios físicos já estivessem presentes no Brasil desde o final do século XIX e o estímulo à ginástica também já tivesse tomado outras vertentes de divulgação via rádio e televisão, o número de ginásios e clubes desportivos destinados ao condicionamento físico era ainda inexpressível até a década de 1970. (ANTUNES, 2009; QUELHAS, 2011).

A partir deste momento, a emergência de um novo dinamismo resultou em transformações cada vez mais rápidas e crescentes no território. O posicionamento geopolítico do Brasil no cenário internacional, no decorrer da Guerra Fria e do período militar, compreendeu uma postura de maior aderência do país às influências da cultura norte-americana.

Os estilos de vida e de consumo cultural norte-americanos passaram a ser estimulados no ideal social. A influência estadunidense no Brasil, amparada pela criação de novos aparatos tecnológicos-informacionais através do rádio, da televisão, do cinema nacional e da moda, passou a dinamizar o setor para uma repentina curva de crescimento, impulsionada por

Beleza), cujo objetivo era “estimular as donas de casa a [se] aquecerem antes de iniciar suas tarefas domésticas” (ÉRIU, 2016, s/p). O programa mais famoso, no entanto, estreou em 1982 com a atriz Jane Fonda (“Jane Fonda’s Workout” – A Malhação de Jane Fonda), sendo uma verdadeira febre até o início dos anos 1990, exibindo movimentos de ginástica aeróbica e incorporando ritmo musical – o que estimulou muita gente a procurar por uma academia de ginástica na década de 1980 (FURTADO, 2009; ÉRIU, 2016).

novidades em termos de métodos de exercícios físicos e apoiada também pelo cinema e a mídia norte-americana (CAPINUSSÚ *in* DA COSTA, 2006; ANTUNES, 2009; FURTADO, 2009; QUELHAS, 2011; TOLEDO, 2010).

Os segmentos que, até então, representavam as tendências da prática de atividades físicas para a população civil, desde a origem dos ginásios no Brasil até os anos 1950 e 60 estavam representados pelas academias de lutas marciais e halterofilismo, que já se expandiam timidamente para as capitais do interior e cidades médias (BERTEVELLO *in* DA COSTA, 2006), bem como as atividades físicas desenvolvidas nos clubes privados, onde, via de regra, se integravam exercícios físicos e demais práticas esportivas em geral (TOLEDO, 2010).

Conforme os vetores do modelo cultural norte-americano foram se consolidando no Brasil, algumas novidades despontaram no mercado despertando o interesse crescente das pessoas pela prática de exercícios físicos nos anos 1970 e 80. Dentre as novidades, destacamos o fisiculturismo, a musculação e a ginástica aeróbica (FURTADO, 2009; TOLEDO, 2010).

A prática do fisiculturismo consiste em superdesenvolver a musculatura corporal por meio de exercícios físicos intensos, resultando em elevada resistência e hipertrofia. A prática é antiga, tendo também surgido na Europa, no final do século XIX, porém passou a ganhar grande notoriedade somente nos anos 1970 através das competições internacionais em que se destacava Arnold Schwarzenegger (Foto 6). O austríaco foi vencedor por diversas vezes do prêmio Mr. Olympia e Mr. Universo e passou a influenciar uma nova geração a se exercitar em academias, sobretudo após sua mudança para Hollywood, onde começou a construir uma carreira de sucesso como ator (ÉRIU, 2016).

Foto 6: O fisiculturista Arnold Schwarzenegger antes de defender o quinto título no concurso Mr. Olympia, em 1974.

Fonte: MADISON SQUARE GARDEN CENTER (1974)

Em entrevista realizada em outubro de 2018 com o sr. Arnaldo Pereira, responsável por um dos mais antigos comércios de suplementação alimentar do Brasil – Loja Combat Sport – bem como a revista do mesmo nome, ele comenta a respeito da prática de fisiculturismo em São Paulo (informação pessoal)³⁴:

[...] os primeiros ‘fisiculturistas’ [...] eram quase todos militares. [...] eles se apresentavam num clube chamado Homs, na Paulista, e se apresentavam numa premiação com o melhor físico ali, mas era uma coisa informal – isto eu estou falando em meados da década de 60.

Pereira também enfatiza a influência de Arnold no universo *fitness* como um dos grandes marcos que impulsionaram o desenvolvimento do mercado de academias

[...] a imagem do Arnold era impressionante, ele inovou, criou um outro conceito. [...] ele criou uma coisa diferente na hora de posar, de sorrir, de brincar com o colega, *pro* cara desestabilizar *pra* perder a força e ele ganhar, brincar com o cara. Então ele

³⁴ PEREIRA, A. **Entrevista 3.** Informações fornecidas mediante entrevista realizada em trabalho de campo em 27 de out. de 2018.

inovou, ele é incrível! O mundo da musculação começou a ter um outro conceito a partir do Arnold Schwarzenegger.

O incentivo à prática de exercícios físicos ganhou um novo patamar nos anos 1970 e 80, sobretudo com a influência do fisiculturismo e seus campeonatos mundiais, assim como todo o conjunto de valores estéticos que passaram a ser disseminados com forte influência do cinema, revistas norte-americanas e, até mesmo, brinquedos infantis, como o musculoso boneco *Falcon* (FURTADO, 2009; TOLEDO, 2010). Na medida em que a procura aumentou, viu-se a necessidade de melhorar as condições de treino, despontando na elaboração da musculação como uma das novidades de mercado disseminadas no período.

[...] Aos poucos, as antigas salas de halterofilismo foram sendo reorganizadas a partir da fabricação de máquinas e outros instrumentos com tecnologias que facilitavam a utilização por pessoas que não tinham costume de treinar, garantindo maior segurança durante a execução. Foram, portanto, se transformando em salas de musculação. [...] O termo musculação passou a substituir o halterofilismo. (FURTADO, 2009, p. 3 – 4).

A organização das práticas de halterofilismo e musculação na fase ainda inicial de expansão estava permeada de improvisos. A construção de locais destinados aos exercícios físicos em geral era acomodada em espaços simples e remodelados para a atividade, conferindo nova função às formas pré-existentes (TOLEDO, 2010).

Segundo 70% dos entrevistados, as academias concebidas especialmente para a prática de ginástica, na década de 70 e início de 80, eram em grande parte fundadas em espaços conjugados à moradia do proprietário (edículas, galpões, garagens, salas de estar, etc.), em casas convencionais, ou em salas de prédios comerciais. (TOLEDO, 2010, p. 161).

Além da improvisação com relação aos espaços voltados para os exercícios físicos, os equipamentos também eram improvisados e simples. Muitas vezes, construídos pelo próprio dono utilizando peças de aço, madeira, areia e pedra para conferir os pesos e os movimentos necessários no treino. Em vista das condições políticas do país em meio à ditadura militar, a importação de equipamentos mais sofisticados fabricados em outros países era difícil (FURTADO, 2009).

[...] Os instrumentos de produção eram rudimentares. Um dos pioneiros nesse ramo em Goiânia, em entrevista realizada por Ribeiro (2004, p. 16), assegura: “fiz meus pesos, eram fundidos com cimento; eu pegava brita, cascalho, areia e cimento e fazia os pesos. Os canos a gente cortava e servia de barra”. (FURTADO, 2009, p. 2).

Assim nasceu o primeiro clube focado em fisiculturismo em São Paulo. No edifício Zico, esquina entre as avenidas Ipiranga e São João, a Academia Roldan (Imagem 14) foi fundada em 1966, tornando-se um ponto conhecido entre os praticantes da modalidade nas décadas de 1960 e 70 (TOLEDO, 2010). Atualmente, no local onde funcionou a antiga academia, hoje sedia a Loja Combat Sport, visitada em um dos trabalhos de campo da pesquisa para a entrevista com o proprietário, sr. Pereira (Foto 7, em seguida).

Imagem 14: Fachada da Academia Roldan

Fonte: REVISTA COMBAT SPORT (2018).

Foto 7: Sr. Arnaldo Pereira, proprietário da Combat Sports, loja de suplementação alimentar e revista do segmento

Fonte: Autoria própria (2018).

É no decorrer dos anos 1980 que o cenário começa a mudar. A ginástica praticada nos antigos clubes parecia não acompanhar o ritmo de novidades do mercado, com novas modalidades e atrações. Os clubes desportivos foram sendo associados cada vez mais à tradição, enquanto que as academias eram as vanguardas. Além disso, as facilidades burocrática e financeira de manter uma academia frente a um clube impulsionaram o esvaziamento dos últimos (TOLEDO, 2010).

“A década de 80 consagrou o culto ao corpo e fez muita gente saltitar freneticamente ao ritmo da aeróbica de baixo e alto impacto” (VEJA, 1989, p. 93 *apud* TOLEDO, 2010, p. 93). A psicosfera do bem-estar e da boa forma se consolidou definitivamente neste período: o ritmo da informação e os veículos de comunicação globais haviam se aprimorado, fortalecendo os nexos de influência cultural norte-americana no Brasil, dentre os quais destacava a ginástica aeróbica como a grande novidade do momento. Ademais, a eclosão do novo comportamento associando qualidade de vida e saúde ao consumo estético da ginástica já era plenamente difundido através dos principais veículos de comunicação da época – as revistas Boa Forma e Veja desempenharam forte papel no processo (FURTADO, 2009; TOLEDO, 2010).

A nível internacional, a atriz norte-americana Jane Fonda protagonizou uma influência marcante no engajamento de milhares de mulheres pela busca do “corpo perfeito”. O sucesso da atriz veio a partir da publicação do livro *Jane Fonda's Workout Book* (denominado como “Jane Fonda – Meu Programa de Boa Forma”), que posteriormente, se tornou um programa

televisivo e fitas em videocassete, nas quais estimulava a ginástica aeróbica ao som de música agitada e muita energia, conforme Imagem 15. O método, preconizado por Dr. Cooper³⁵, foi definitivamente consagrado pela atriz na mídia e conduziu homens e mulheres às academias de ginástica (TOLEDO, 2010).

Imagem 15: Ginástica pela televisão com apresentação de Jane Fonda

Fonte: Autoria própria (2019).

O mesmo período sinalizou também mudanças de ordem administrativa, técnica e normativa para o setor. De modo geral, novas teorias administrativas passaram a incorporar as práticas de gestão das academias de ginástica e musculação, principalmente nos novos empreendimentos que surgiram nesta fase, culminando em uma condução gerencial mais profissionalizada, menos pessoalizada, buscando introduzir trabalhadores especializados no assunto (não mais praticantes formalmente leigos que tinham afinidade e experiência nos treinos), bem como um espaço físico mais racionalizado e equipamentos sofisticados (não

³⁵ Muito embora o método da ginástica aeróbica tenha sido criado por Jacki Sorensen, em 1968, considera-se que tenha sido preconizado mundo afora por Dr. Cooper. Conforme Eliana Toledo (2010, p. 140 – 141): “A influência e prática da proposta do Dr. Cooper no Brasil pode por dois grandes fatores. Um deles refere-se ao país estar vivendo um momento político social de forte influência americana, [...] E outro fator que pode ter colaborado foi o fato do Dr. Cooper ter auxiliado no treinamento da seleção brasileira de futebol, vitoriosa na copa do mundo de 1970. Segundo o site do Instituto Cooper, o médico divulgou seus ensinamentos em mais de 50 países no mundo, mas se tornou famoso no Brasil por este ‘feito’ com a seleção, o que desde então, fez com que os brasileiros denominassem as corridas e as caminhadas de ‘Cooper’ ou dissessem ‘fazendo Cooper’”.

improvisados). As transformações ocorridas neste período reestruturaram o modo organizacional do mercado de academias e estabeleceu as bases do processo que culminaria na tendência de concentração e centralização de capital, discutidas no próximo subcapítulo 3.3 (FURTADO, 2009; PUPIO, 2017).

De acordo com Nolasco *et al.* (2006), é de 1981 a publicação do primeiro livro sobre administração de academias de ginástica no Brasil. Teorias administrativas começaram a adentrar este universo e passam a influenciar a organização interna das academias. A organização do espaço e do trabalho foi se modificando. No mesmo período, há um novo impulso às academias de ginástica oriundo da ginástica aeróbica e sua principal divulgadora, a atriz Jane Fonda. A ginástica aeróbica, com a incorporação do ritmo musical, traz um novo estímulo aos praticantes e passa a ser uma ‘febre’ a partir de meados dos anos 80 até início dos anos 90. (FURTADO, 2009, p. 3).

A técnica e a norma têm papel fundamental na constituição dos objetos e das ações que formam, em sistema, o espaço geográfico. Na medida em que ambos os elementos apresentam maior grau de racionalidade e informação, uma nova dinâmica de usos do território é conferida ao espaço (SANTOS, 2012a [1996]). Isto acontece com o setor das grandes redes de academias neste período em razão da introdução de um novo corpo teórico administrativo orientado a partir de concepções mercadológicas neoliberais, bem como um conjunto novo de tecnologias de comunicação e informação para respaldar a acumulação flexível, a produtividade e a lucratividade nos processos (FURTADO, 2009; PUPIO, 2017).

O mercado de academias passou a refletir maior especialização, racionalização e informatização expressas cada vez mais enquanto um complexo recém-criado de técnicas e normas nos objetos e ações. Podemos afirmar que a transformação das concepções administrativa do setor, formuladas enquanto um conjunto novo de ações, resulta na criação de novas academias inseridas no perfil corporativo racionalizado, como também reestrutura parte daquelas academias já existentes, conferindo nova dinâmica no espaço urbano em virtude da transformação do mercado de academias (FURTADO, 2009; PUPIO, 2017).

Em razão desta mudança, um novo perfil de academia surge na cidade. Além dos antigos clubes esportivos (associados ao modelo europeu de desporto e ginástica) e os pequenos espaços de condicionamento físico improvisados para halterofilia e musculação, passam a conviver com grandes academias, cujas plantas passam a ter até 5.000 m² com espaços confortáveis pensados para agregar atividades de ginástica, musculação, vestiários, recepção com catracas, modernos aparelhos, etc. São empreendimentos de médio e grande porte – a exemplo de Companhia Atlética, Fórmula, Runner, Competition, Physis e Bio Ritmo,

mostrada na Foto 8 – ancoradas enquanto negócio (modelo norte-americano, totalmente desprendido dos modelos antigos) (TOLEDO, 2010).

Foto 8: Fachada da Academia Bio Ritmo, na Zona Sul de São Paulo

Fonte: Autoria própria (2019).

A academia de ginástica e musculação, pensada a partir da ótica de negócio que visa lucro, rentabilidade e reforça a ideologia da *segurança* como um elemento promotor do modelo. Esta visão ideológica de segurança pode ser pensada a partir de dois parâmetros, um *interno* e outro *externo*:

- *Interno*: pela promoção de ambientes pensados com metragem ampla, equipamentos modernos e profissionais especializados trabalhando no local – elementos que convergem com um grau maior de racionalização e normatização dos objetos técnicos no território. As pequenas academias improvisadas e simples, quando comparadas com a questão da segurança dos exercícios, ficam em desvantagem.
- *Externo*: leva-se em consideração o contexto demográfico atual, em que população está cada vez mais concentrada em áreas urbanas com transformações espaciais (viárias, ambientais, urbanísticas) crescentes. A prática de atividades

físicas em espaços livres torna-se desestimulante e, até mesmo, perigosa para porções significativas da população, como em contextos como o da RMSP – risco de acidentes, calçadas irregulares, poluição, etc. – exceto em casos específicos privilegiados de pessoas que moram próximas a parques públicos e podem usufruir de sua estrutura conciliando com os tempos de trabalho, estudo e tarefas domésticas, conforme constatações nas Entrevistas 1 e 2, com o gerente de academia Vinícius Dias e a profissional de Educação Física Renata Rodrigues (informação pessoal).

As academias, por sua vez, se constituem como espaço apropriado para este fim, sem a suposta insegurança representada pelos riscos da atividade física ao ar livre e também são reconhecidas como lugares de sociabilidade por alguns grupos de pessoas (CASTRO, 2007). De certo modo, a lógica neoliberal se enquadra não somente na gestão da academia como negócio, mas também na promoção da mesma enquanto imagem de ambiente seguro de práticas de exercícios físicos pela negação do urbano e suas diferenças.

É sobre esse conjunto de elementos que o mercado de academias passa a ganhar corpo na transição do século XX para o XXI, não somente em contextos urbano-metropolitanos, como a RMSP, mas como em diversas outras cidades (grandes e médias, inclusive) no mundo todo a partir, majoritariamente, da ótica de negócio promotora do estilo *fitness*, ou seja, da “boa forma” como estratégia de ampliação do consumo estético.

Furtado (2009) comenta sobre uma mudança de modelo administrativo ocorrida na gestão das academias, que sentiram a necessidade de incorporar mais a questão da saúde e qualidade de vida associados aos exercícios, ou seja, a incorporação do conceito de *wellness*, ao invés de *fitness*. Esta mudança surgiu como tendência no setor, alegando-se que o paradigma do *fitness* foca estritamente na estética corporal, não representando as demais esferas da vida.

O *fitness* caracteriza-se pela ênfase no condicionamento físico do indivíduo. As academias de ginástica surgiram tendo essa finalidade. [...] a visão antes restrita ao *fitness* foi se ampliando e aos poucos foram sendo aglutinados outros enfoques para a academia de ginástica atingir seu mercado de forma mais eficaz e também ampliar seu público alvo. Saba (2006, p. 143) explica que o *wellness* “fortalece-se, aumentando cada vez mais a participação e a manutenção saudável de pessoas em programas de exercícios físicos”. Enquanto isso, o *fitness* com sua ênfase nos “aspectos puramente estéticos, representados pelo modelo da aptidão física, continua aumentando a desistência e promovendo a rotatividade nas academias”. (SABA, 2006, p. 143) (FURTADO, 2009, p. 8).

Entretanto, há uma crítica contundente por parte do autor a respeito do processo, conforme afirma (FURTADO, 2009, p. 8):

O *wellness* engloba o *fitness*. O conceito de *wellness*, embora negue o conceito de *fitness*, também é composto por ele. O condicionamento físico não deixa de ser enfatizado, porém, é trabalhado em perspectivas mais amplas visando à qualidade de vida e bem-estar. A estética não deixa de ser enfatizada, porém, é levada em consideração a saúde nessa busca pela estética. Assim, nas academias que seguem o *wellness* como paradigma, os professores se preocupam em transmitir conhecimentos, explicando para os alunos, por exemplo, prejuízos que podem causar a prática em excesso, os problemas do uso de anabolizantes, a importância da alimentação adequada, entre outras práticas (FURTADO, 2009, p. 8).

Embora o modelo *wellness* nas academias promovam elementos que valorizem a qualidade de vida e a saúde nas práticas de exercícios físicos, sobretudo em meio a um contexto urbano-metropolitano, onde a população está envolvida por stress, poluição, sedentarismo e hábitos ruins ao corpo, entendemos que as questões do consumo estético ainda se sobressaem frente às anteriores, conforme análise mais aprofundada do setor de academias, contextualizada pela psicosfera do bem-estar e da boa forma, apresentada no subcapítulo 2.3. Por este motivo, optamos por manter as referências do setor enquanto *fitness*.

Todavia, o modelo *fitness* predominante nas academias não é o único existente. Um dos exemplos mais recorrentes de modelo alternativo no Brasil é o da ginástica aplicada nas unidades do Serviço Social do Comércio (SESC), visualizada na Foto 9, na sequência. Nessas academias, busca-se promover a atividade física como forma de bem-estar, consciência do corpo e mente, bem como a sociabilidade, se aproximando dos modelos europeus de gestão, os quais prezam pelo bem-estar (mais amplos que o conceito mercadológico do *wellness*), saúde e qualidade de vida e se opondo ao modelo norte-americano do *fitness*. Não há aí o incentivo narcísico dos espelhos, da estética, das luzes ou música estimulante. O intuito é desenvolver consciência corporal combinando força e equilíbrio nos exercícios.

Foto 9: Academia de ginástica do SESC

Fonte: SESC (2019).

O modo organizacional no qual o SESC se ampara é preponderante em alguns países europeus, onde a ginástica possui longa tradição e a organização política e econômica está consolidada no modelo do Estado de bem-estar social – *Welfare State*. Nesses países, o Estado de bem-estar social possui papel relevante de promotor da educação física, da recreação em comunidade e do lazer ativo, em geral. Embora também existam academias no modelo *fitness* nesses países, os aspectos sociais dos modelos europeus exercem forte influência na promoção do bem-estar e da interação entre as pessoas, valores inseridos nessas culturas (TOLEDO, 2010). Dentre os modelos europeus, um dos mais relevantes é o modelo *Rhinerland* (SCHEERDER *et al.*, 2011).

Isto se reflete na popularização da atividade física nesses países, abrangendo parcelas consideráveis e heterogêneas da população – *índice dimensionado como “penetração de mercado”*³⁶ – conforme comenta Toledo (2010, p. 22 – 23):

Países europeus como Holanda, Suécia, Noruega, Espanha, Reino Unido, destacam-se na porcentagem de alunos em relação à população (com números que variam de 16 a 11%). Uma explicação que parece bem plausível para este fenômeno é que nos países escandinavos e na Europa Central a ginástica é praticada em diferentes faixas etárias e em diferentes contextos (escolas, universidades, parques), e ser membro de uma associação/grupo de ginástica é muito comum da idade jovem até a idosa. A ginástica (não necessariamente a de *fitness*) faz parte dessas culturas, o que é

³⁶ O Gráfico 13 mostra o panorama dos países com as maiores taxas de penetração do mercado de academias no mundo, bem como um comparativo com as maiores taxas na América Latina. Conforme a análise, a maioria dos países listados se enquadra dentro do modelo político-econômico de bem-estar social (*Welfare State*).

compreensível se pensarmos que seus governos e seus habitantes incentivam a prática de ginástica como algo que faz parte de toda a vida, geralmente em pequenos grupos, uma influência herdada e enraizada desde o surgimento dos Métodos Europeus de Ginástica e atualmente fortalecida pelo movimento do *Wellness*, da qualidade de vida, da busca da saúde. Estados Unidos e Austrália também possuem dados significativos, com 16% e 19,5% respectivamente, mas provavelmente com outras justificativas. Nos EUA, a justificativa parece clara, uma vez que é o berço da ginástica de *fitness* e que possui um forte movimento capitalista, focado no individualismo, na cultura de si (self), conforme aponta Courtine (1995). (TOLEDO, 2010, p. 22 – 23).

As academias de ginástica e musculação se tornam uma das marcas da globalização e modernidade, que permeiam diversas cidades no mundo todo com formas e comportamentos em comum, valorizando a estética, a saúde e a qualidade de vida como estratégias para a ampliação do desempenho em diversas esferas da vida frente ao stress e as dificuldades da vida urbana e do trabalho no contexto neoliberal.

A presença nas cidades pelas academias ocorre nas mais diversas porções do espaço urbano, mesmo em áreas mais carentes da cidade. São compostas por diferentes graus de conteúdo técnico, normativo e informacional imbuídas desde a racionalização de sua estrutura arquitetônica à composição dos aparelhos de exercícios físicos e organização do trabalho.

Assim, convivem hoje academias as mais modernas e também aquelas tradicionais. Isto varia de acordo com o local em que a academia se situa, com o perfil e poder aquisitivo de seus consumidores e com o tamanho do empreendimento. De qualquer maneira, o que percebemos é um processo de desenvolvimento desigual, com enormes disparidades no que se refere ao modelo de gestão, à estrutura, à tecnologia dos equipamentos, à quantidade de alunos e professores, etc., mas principalmente, no que se refere aos investimentos e faturamento de grandes e pequenas academias, o que implica em sua distribuição também desigual pela cidade, em áreas ricas e pobres, no centro e na periferia. (MASCARENHAS; NITERÓI; PASQUALI, 2011, p. 13 – 14).

O crescimento do setor, despertado de forma embrionária desde das décadas de 1960 e 70, encontrou-se, na década de 80, com o projeto neoliberal, o qual reestruturou a gestão administrativa, a organização do trabalho e o posicionamento no mercado, eclodindo comercial e territorialmente de forma ampla nesta fase. O modelo aplicado às academias possibilitou o desenvolvimento, via de regra, crescente em diversos países nos anos 90 em diante e consolidou a indústria *fitness* como um mercado sólido globalmente, conforme observado nos Gráficos 5 e 6³⁷, na sequência.

³⁷ Os dados apresentados nos Gráficos 5 e 6 pertencem aos relatórios anuais da *International Health, Racquet & Sportsclub Association* (IHRSA), organização internacional dedicada a representar o setor *fitness* em todo o mundo, levantando dados comparativos a respeito do mercado em diferentes regiões, realizando eventos em distintos países e promovendo o mercado de academias nos mais diversos contextos com instituições públicas e privadas.

Gráfico 5: Quantidade Global de Membros e Academias de Ginástica (2009 a 2018)

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT *in* PUPIO (2017); IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 *in* ACAD BRASIL (2018); IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 *in* SOUSA (2019).

Existe muita dificuldade para a obtenção de dados do setor de academias, o qual, por vezes, apresenta desencontros de números em diferentes fontes. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável por realizar amplas pesquisas e sistematizar o conjunto da economia nacional em números, não disponibiliza, até o momento, de recortes específicos de análise sobre o setor de academias em suas pesquisas. Para os dados relacionados às análises municipais e metropolitanas, disponibilizadas nos Mapas 4 a 13 neste subcapítulo, utilizamos os levantamentos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), sistematizadas pela empresa *COGNATIS – GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018)*, que gentilmente disponibilizou sua base de dados para a nossa publicação acadêmica, com referência aos anos de 2010 a 2016 do setor. Ademais, obtivemos êxito em publicações dispersas do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Revista *Fitness Brasil*, Revista da Associação Brasileira de Academias (ACAD BRASIL), algumas publicações jornalísticas, bem como os relatórios da *International Health, Racquet & Sportsclub Association (IHRSA)* para os dados internacionais do setor (das quais, somente algumas delas estavam disponíveis gratuitamente na internet – sendo “*IHRSA Latin America Report, 2013*”, “*IHRSA GLOBAL REPORT PREVIEW, 2016*” e “*IHRSA Relatório Global, 2017* – traduzido pela ACAD BRASIL”). Outras publicações importantes e atuais são comercializadas no site ao valor de US\$ 149,95 – o que inviabilizou a obtenção).

Gráfico 6: Faturamento Global do Setor de Academias de Ginástica (2009 a 2018)

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT *in* PUPIO (2017); IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 *in* ACAD BRASIL (2018); IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 *in* SOUSA (2019).

De acordo as análises dos Gráficos 5 e 6, o setor de academias de ginástica e musculação vem demonstrando um desempenho crescente em quase todos os anos, exceção feita ao ano de 2015, no qual o setor sofreu abalo da crise do capital internacional, porém logo manteve seu ritmo de crescimento a partir de 2016. Em linhas gerais, podemos admitir a respeito da força que a psicosfera e tecnosfera relacionadas ao bem-estar e à boa forma possuem no mundo, capazes de movimentar a indústria cultural voltada para o consumo estético através de um volume de capital considerável, abarcando um número expressivo de academias, membros e faturamento total, cuja tendência mostra crescimento mesmo após um momento de crise.

No entanto, faz-se necessário expressar geograficamente as disparidades existentes no setor. De modo inicial, optamos por representar os grandes dados dos diferentes mercados agrupados globalmente por macrorregiões, conforme observamos na Imagem 16.

Imagem 16: Indústria *Fitness* Global: faturamento, número de academias e membros, conforme IHRSA (2016)

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT (2017).

Os grandes números observados nos Gráficos 5 e 6, ao serem inicialmente territorializados na visão por macrorregiões, indicam forte disparidade no mercado global de academias, destacando a América do Norte (NA) nas três categorias: faturamento do setor, número de academias e quantidade de membros (também compreendidos como clientes, alunos ou usuários). A proeminência global atribuída à região, composta por Estados Unidos e Canadá, possui forte influência da dimensão do setor no país estadunidense. Os Gráficos 7 (na sequência), 8 e 9 detalham esses números ao mostrar as 10 maiores economias mundiais, conforme as categorias de mercado analisadas pelo IHRSA. De acordo com o levantamento bibliográfico realizado, procuramos sistematizar em uma visão histórica dos anos das publicações obtidos para também agregar a perspectiva de movimento do mercado.

Gráfico 7: Evolução do Faturamento Anual do Setor de Academias de Ginástica nas maiores economias do segmento – exceto EUA (2015 a 2018)

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT *in* PUPIO (2017); IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 *in* ACAD BRASIL (2018); IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 *in* SOUSA (2019).

O faturamento do setor *fitness* nos Estados Unidos correspondente aos anos de 2015 a 2018 é de US\$ 25,8, 27,6, 30 e 32,3 bilhões (IHRSA GLOBAL REPORT in PUPIO, 2017; IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in ACAD BRASIL, 2018; IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 in SOUSA, 2019). A opção por não representá-los no Gráfico 7 se deu em razão do volume muito superior representado pelos dados norte-americanos comparado aos demais, os quais distorceriam a representação da visualização gráfica e impossibilitaria uma análise mais apurada do conjunto dos demais países listados.

Gráfico 8: *Ranking dos 10 Países com o maior Número de Academias de Ginástica (2015 a 2017)*

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT PREVIEW, 2016; IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in PUPIO, 2017; IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in ACAD BRASIL, 2018.

Gráfico 9: *Ranking* dos 10 Países com maior Número de Membros Academias de Ginástica (2016 a 2018)

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in PUPIO (2017); IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in ACAD BRASIL (2018); IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 in SOUSA (2019).

A análise dos Gráficos 7, 8 e 9 indica algumas proposições. A primeira é de que o desempenho do fenômeno de academias de ginástica e musculação obtido em diferentes países, desenvolvidos e em desenvolvimento, indica que a consolidação da psicosfera e tecnosfera do bem-estar e da boa forma está intrinsecamente associada aos nexos da globalização econômica e informacional. A presença das academias permeia a paisagem urbana das grandes cidades globais e, mesmo em países onde não há uma tradição associada ao culto ao corpo, como a China, já é possível notar a eclosão do fenômeno, de acordo com os Gráficos 7 e 9, em que o país desponta nos relatórios a partir de 2017.

O número de academias de ginástica e musculação é o indicador de maior destaque para o Brasil nas análises do setor. A hipertrofia brasileira em quantidade de academias, comparável somente à norte-americana, mantém o país latino-americano em segundo lugar no *ranking* mundial há anos, muito distante do terceiro lugar, e continuamente faz crescer seus números, exceto nos levantamentos mais recentes entre 2016 e 2018, porém sem decréscimos, conforme o Gráfico 10:

Gráfico 10: Número de Academias de Ginástica – Brasil (2007 a 2018)

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT in PUPIO (2017); IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in ACAD BRASIL (2018); IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 in SOUSA (2019).

A análise dos objetos no espaço correspondentes às academias no Brasil dimensiona a forma como a influência da cultura norte-americana de culto ao corpo mobilizou a expansão do setor *fitness*. Até a década de 1970, o número de estabelecimentos de condicionamento físico ainda era irrisório no território brasileiro, somando cerca de 200 estabelecimentos (CAPINUSSÚ in DA COSTA, 2006; ANTUNES, 2009; QUELHAS, 2011). O cenário cresce exponencialmente nas décadas seguintes, passando ao patamar de 4.000 estabelecimentos na década de 2000 (QUELHAS, 2011). Acrescidos mais de 862% em quase duas décadas seguintes, o setor contabilizou 34,5 mil unidades em 2018 (IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 in SOUSA, 2019).

Em média, o crescimento anual no decorrer de 18 anos é de 48% no número de academias no país. Pupio (2017) faz uma ressalva com relação ao aumento registrado entre 2007 e 2008 em razão da ampliação da obrigatoriedade do registro das empresas nos Conselhos Federal e Regional de Educação Física (Sistema CONFEF/CREF). Ainda conforme se observa no Gráfico 10, o número de academias de ginástica e musculação vem crescendo, registrando média anual entre 10 e 30%, com exceção do período 2007/08, que registrou 72,5%. Os maiores números foram registrados entre 2011 e 2013, justamente no período de maior dinamismo econômico e ampliação do consumo no Brasil.

Outra exceção observada no Gráfico 10 corresponde aos anos entre 2016 e 18, em que o patamar de crescimento estacionou mais recentemente. Embora não houvesse decréscimos registrados, o contexto político-econômico extremamente instável à abertura de novos

negócios, o baixo crescimento econômico, assim como a redução do consumo e o aumento do desemprego nesta fase inibiram o ritmo frenético de expansão das academias. Contudo, a desaceleração fica mais evidenciada no Gráfico 7, no qual o Brasil, que já vinha caindo desde 2016, deixa o grupo dos 10 maiores faturamentos do setor *fitness* no mundo em 2018 – figurando em 12º lugar no *ranking* (ACAD BRASIL, 2018).

Analisando o Brasil, o mercado de academias possui forte discrepância territorial, pois em alguns lugares do país ele imprime maior expressividade na reprodução de suas formas e conteúdos, porém não possui relevância em outros. De certo, os processos sociais, históricos, culturais, políticos e econômicos que produzem a geografia urbana brasileira conferem as possibilidades de maior ou menor reprodução do desenvolvimento do fenômeno de academias nos mais diferentes estados. Há nuances da pesquisa que precisam ser melhor investigadas cientificamente, como o grau de desenvolvimento do fenômeno em cidades litorâneas e interioranas, porém, **o elemento que tem se mostrado mais relevante para a análise é a inserção da cidade no processo de urbanização e os nexos com a globalização e o meio técnico-científico-informacional do local** (SANTOS, 2012a [1996]).

Desse modo, a expressão geográfica da temática de academias de ginástica e musculação no estado de São Paulo é bastante proeminente. Embora não tenhamos dados mais recentes, um breve comparativo do cenário em 2013 já indicava o peso do setor conferido ao estado, pois, em termos globais, o Brasil já se posicionava em segundo lugar com mais de 28 mil academias na época. Conforme dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o estado de São Paulo possuía 23% do total nacional – cerca de 6.349 estabelecimentos (RODRIGUES, 2014) e somente o recorte conferido à RMSP correspondia, à época, cerca de 40% do total existente nesta unidade federativa, o que significa 2.514 estabelecimentos³⁸ (COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS, 2018)

Ainda que ponderemos com o total da população concentrada na RMSP, este número se mantém bastante expressivo. Em termos relativos entre população e academias, o pequeno recorte espacial e populacional da RMSP agrega mais academias de ginástica e musculação se comparado a recortes espaciais e populacionais maiores em outros pontos do planeta. A Tabela

³⁸ Optamos por não utilizar os dados públicos disponibilizados, à época, pelo Conselho Regional de Educação Física – 4ª Região SP (CREF4/SP), por não haver uma clara definição da categoria dos números divulgados, o que, potencialmente, pode induzir a distorções. A saber, os números que se acreditavam ser referentes às academias no estado de São Paulo, divulgados pelo autor em artigos em eventos e revista (ROCHA, 2017a, 2017b, 2018), na verdade tratam-se de entidades prestadoras de serviços de atividades físicas e/ou desportivas. A consulta pública de registros ativos no site do CREF4/SP não diferencia, até o momento, uma unidade de academia de eventuais profissionais de educação física atuando enquanto Pessoas Jurídicas, dado pelo qual o número é superior ao montante de unidades de academias no território.

1, a seguir, destaca, na lista do *ranking* de academias no mundo, em 2016, a Alemanha como sendo o país que possui a maior taxa de “academias *per capita*” no mundo e o Brasil também figura em terceiro lugar no *ranking*. Apenas para efeito de comparação e demonstração da densidade do fenômeno na RMSP, a região se enquadraria em 6º lugar no *ranking*, inclusive à frente dos Estados Unidos:

Tabela 1: *Ranking de Academias per capita – Comparativo entre países com maior número de academias no mundo e o recorte espacial da RMSP, em 2016*

País	Núm. Academias (2016)	População (estimativa 2016)	Academia <i>per capita</i>
Alemanha	8.684	43.847.277	1/5.049
Canadá	6.156	36.286.378	1/5.894
Brasil	34.509	209.527.920	1/6.072
México	12.376	80.682.351	1/6.519
Coreia do Sul	6.839	50.503.933	1/7.385
RMSP	2.836	21.242.939	1/7.490
Itália	7.500	59.801.004	1/7.973
Estados Unidos	36.540	324.118.787	1/8.870
Reino Unido	6.728	65.111.143	1/9.678
Argentina	7.910	128.632.004	1/16.262
Japão	5.939	126.323.715	1/21.270

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT PREVIEW, 2017 *in* PUPIO (2017); WORLDOMETERS/ ONU (2019).

A observação da Tabela 1 indica que, segundo dados de 2016, relacionando-se o total de 2.836 academias existentes nos municípios da RMSP com sua população à época, tem-se uma proporção estatística de cerca de 1 academia para cada 7.490 pessoas.

A análise territorial, contudo, identifica as disparidades que não são contempladas em certos levantamentos quantitativos. Neste sentido, a importância da análise geográfica leva em conta a dimensão dos usos do território, o que possibilita constatar a concentração ou a dispersão deste processo ainda que dentro do recorte metropolitano, pois somente o município de São Paulo possui pouco mais de 69% do total de academias da RMSP – equivalendo a 1.957 estabelecimentos de práticas de exercícios físicos em 2016 (COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS, 2018), razão pela qual optamos por não inserir a capital paulista na análise gráfica para evitar distorções que inviabilizassem a visualização pormenorizada da distribuição geográfica nos demais municípios da RMSP. Os demais 31% estão distribuídos desigualmente, conforme se verifica no Gráfico 11, a seguir:

Gráfico 11: Quantidade de Academias por município da RMSP, em 2016 (exceto São Paulo)

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

A observação da distribuição geográfica das academias de ginástica e musculação no município de São Paulo, onde o processo é o mais marcante e abrangente no recorte da RMSP, permite inferir sobre outras reflexões além das que foram trazidas no texto até o momento.

Os mapas a seguir espacializam o fenômeno, possibilitando a visualização em diferentes análises. Os primeiros mapas temáticos (Mapa 4, 5 e 6) apresentam uma visualização da RMSP tendo como referência o dinamismo do processo no decorrer dos anos de 2010, 2013 e 2016, com o detalhamento espacial ao nível de Zonas OD (recortes na área urbana definidos a partir da Pesquisa de Origem – Destino, que possuem particularidades semelhantes aos bairros) (COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO, 2017), mostrando individualmente a concentração de academias, por Zonas OD, em cada ano representado.

As faixas cromáticas dos mapas temáticos se mantêm, sendo acrescidos somente os números-teto com o passar dos anos. Assim, é possível se observar as mudanças com base nos mesmos parâmetros de análise.

Mapa 4: Concentração das academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo, por Zona OD (2010)

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 5: Concentração das academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo, por Zona OD (2013)

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 6: Concentração das academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo, por Zona OD (2016)

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Na medida em que nos debruçamos mais na análise sobre o recorte espacial da RMSP, nos deparamos com uma série de particularidades que podem ser melhor observadas através dos mapas. A disposição dos mapas temáticos, a nível de Zona OD, dispostos em três diferentes momentos históricos (2010, 2013, 2016), ainda que relativamente próximos, possibilita a apreensão do movimento que o setor *fitness* teve, bem como facilita o apontamento de tendências.

Conforme a análise dos Mapas 4, 5 e 6, podemos facilmente notar a disparidade territorial do comportamento do fenômeno no recorte regional metropolitano, concentrando, sobretudo, na capital paulista e destacando somente alguns dos outros 38 municípios metropolitanos. Trataremos especificamente de São Paulo mais adiante no texto.

Observando os Mapas 4, 5 e 6, a região conhecida como ABC Paulista, no sudeste da RMSP, composta pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul se destaca agrupando as cores mais quentes da faixa cromática na medida em que os recortes temporais seguem. De fato, este movimento acontece na análise mais precisa com os números por cidade, pois em termos de quantidade de academias, este agrupamento de municípios é o mais favorecido após a capital paulista.

Dentre os municípios do ABC Paulista, Santo André concentra a maior quantidade de estabelecimentos de atividade física no decorrer dos anos (67, em 2010, e 86, em 2013, um crescimento de 28%), tendo assumido a vice-liderança no *ranking* da RMSP, em 2016, com 105 academias (+22%). Os bairros onde há a maior concentração são o Centro e Jardim do Estádio (a partir de 2013).

Os números do setor em São Bernardo do Campo apontam para um desempenho parecido, agregando, nos anos mapeados, 66, 86 e 103 academias, representando um acréscimo de 56%. Os bairros onde há a maior concentração são o Centro, Baeta Neves, Rudge Ramos e Planalto.

São Caetano do Sul, dentre os três, segue com um desempenho menor na concentração de academias, mas não menos notável. Os números, conforme o período apresentado, são de 47, 55 e 57 academias no município, representando crescimento de 21% do setor, em termos de quantidade de estabelecimentos. Santa Paula e Vila Gerti são as localidades onde o fenômeno mais tem se dinamizado.

Embora não se evidencie nos mapas, Guarulhos é notadamente um destaque também em termos de número de academias. O município se mantém em 2º lugar no *ranking* da RMSP nos dois primeiros anos mapeados (com 84 e 99 academias, acréscimo de 17%) e “perde fôlego”

apenas em 2016, quando cai para a quarta posição (com 103 academias, 4% a mais que em 2013). A distribuição das academias em Guarulhos é dispersa entre os bairros, por este motivo não concentra cores mais quentes nos mapas. Em Guarulhos, o mercado de academias se destaca, principalmente, nos bairros André Luiz, Macedo e Vila Rosália.

Observando ainda os municípios da composição leste da RMSP, destacamos Mogi das Cruzes e Suzano onde o mercado tem crescido na oferta de pontos comerciais de academias de ginástica e musculação. Mogi das Cruzes, no decorrer dos anos cartografados, agregou 27, 40 e 49 estabelecimentos (acrécimo de 81% no município, no total), no qual o Centro e a Vila Oliveira concentram a maior parte deles, sobretudo a partir de 2013.

Em Suzano, houve uma expansão notável de 12 academias, em 2010, para 24, em 2013, e 27, em 2016, somando-se cerca de 125% no período de apenas 6 anos. No Centro do município é onde esses estabelecimentos se agruparam. O dinamismo ocorrido na cidade foi acelerado a partir de 2013, quando o número de academias quase dobrou no curto período observado.

Outro vetor de dinamismo do mercado de academias na RMSP também se volta para o sentido oeste. Nele, os municípios de Osasco, Barueri e Cotia se destacam em nossa análise. O primeiro, no período de 2010 a 2013, contabilizou de 55 a 64 academias (acrécimo de 28%), mas diminuiu o número em 2016, com 61 estabelecimentos (ainda assim, representou um crescimento de 10%, no total). Embora a disposição das academias em Osasco seja, via de regra, bem distribuída em seu território, há um destaque para duas localidades, sendo Nova Granada e Jardim Veloso, principalmente, a partir de 2013.

Em Barueri, o acréscimo de 31, 44 e 49 academias, no período analisado, representou expansão de 58% das unidades no município. O Centro de Barueri, localidade onde concentrava a maior parte dos estabelecimentos em 2010, perdeu para o dinamismo ocorrido nos anos posteriores para os bairros de Alphaville e Tamboré, onde estão concentrados os maiores números atualmente.

No eixo oeste da RMSP, Cotia representou o maior crescimento acumulado em 64%, nos 6 anos analisados, tendo expandido de 25 academias, em 2010, para 37, em 2013 e 41, em 2016. Os bairros do Centro de Cotia e Granja Viana representaram as localidades com maior concentração de academias no município.

A análise da RMSP que compõe o detalhamento oferecido pela informação de recorte de Zonas OD possibilita compreender que o desempenho do fenômeno não é homogêneo no recorte espacial metropolitano. Os arranjos econômicos, culturais, políticos e demográficos que

favorecem a expansão do setor em alguns municípios não se fazem presentes em outros no mesmo recorte regional, no entanto, alguns pequenos movimentos são identificáveis.

Em termos quantitativos, os municípios de Biritiba-Mirim e Guararema, no extremo-leste da RMSP, não apresentavam academias nos dois primeiros anos do recorte temporal cartografado. Porém, em 2016, algumas academias já constavam nos municípios, sendo 1 em Biritiba-Mirim e 2 em Guararema, fato que atenta para a existência de demanda pelos serviços nessas cidades.

Porém, o mercado não apresenta sempre o movimento de expansão em todas as localidades. Na escala de nosso recorte espacial metropolitano, notamos que no município de Francisco Morato, extremo norte da RMSP, inativou-se a única academia que havia na cidade nos primeiros anos dos mapas para o cenário de 2016. Ademais, os municípios de Pirapora do Bom Jesus, noroeste da RMSP, e Salesópolis, extremo-leste da região, se mantiveram zerados nos três anos mapeados.

No intuito de aprofundar a análise, acrescentamos, para as mesmas visões apresentadas nos mapas de Zonas OD, mapas com a geolocalização dos pontos de academias de ginástica e musculação nos municípios da Região Metropolitana. A representação cartográfica proposta para compor uma análise mais robusta agrega a técnica de Kernel, disponibilizada através de mapas de calor, nos quais se observam, com facilidade, o adensamento do fenômeno pela proximidade dos pontos. Os Mapas 7, 8 e 9, a seguir, disponibilizam, para o recorte da RMSP, nos mesmos anos de 2010, 2013 e 2016, uma visão diferenciada do fenômeno.

Mapa 7: Geolocalização e Mapa de Calor por densidade de pontos de academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), em 2010

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 8: Geolocalização e Mapa de Calor por densidade de pontos de academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), em 2013

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 9: Geolocalização e Mapa de Calor por densidade de pontos de academias de ginástica e musculação na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), em 2016

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Conforme se nota nos Mapas 7, 8 e 9, os pontos amarelos que observamos são as unidades de academia localizadas em seus endereços precisos, de acordo com as coordenadas geográficas obtidas na base de dados. Na medida em que o agrupamento de pontos torna-se mais denso no território, a banda de cores acionada pelo algoritmo de Kernel no mapa caminha do azul para o vermelho, indicando alta concentração nas áreas quentes.

No período de 2010, no mapa de Kernel com o recorte da RMSP (Mapa 7), percebe-se, de forma muito bem definida, a concentração destacada em três núcleos na zona quente do quadrante sudoeste da capital paulista, áreas que compõem parte da principal centralidade econômica de São Paulo, bem como a tendência de concentração também existente, em menor grau, nas duas principais subcentralidades econômicas do município, Santana, na Zona Norte, e Tatuapé, na Zona Leste, formando uma densidade mediana, em tons de amarelo. O mesmo adensamento já é observado também em Santo André.

Ainda no mesmo mapa, vemos a maior parte dos pontos de academias ainda envolvidos em uma nuvem azulada, indicando baixa densidade dos pontos. O espectro azul, todavia, se limita ao município de São Paulo, porções de Guarulhos, ABC; de forma mais rarefeita, em zonas entre Osasco e Barueri, a oeste; e, no Centro de Mogi das Cruzes, a leste da RMSP. Há a presença de academias em grande parte dos demais municípios da Região Metropolitana, porém, insuficientes para formar algum adensamento notável pelo mapa de calor, com exceção da capital paulista.

Na tomada de tempo para 2013, uma mudança expressiva ocorre no mapa de calor (Mapa 8). A concentração das academias de ginástica e musculação toma corpo na capital da RMSP e as três zonas quentes de 2010 fundem-se, na visão de 2013, formando uma grande centralidade em que o dinamismo do mercado de academias possui maior efervescência no território. O adensamento de pontos torna-se abrangente no município de São Paulo e reforça a tendência de concentração nas subcentralidades do Tatuapé e Santana, esta última já apresentando colorações avermelhadas. Nas áreas do ABC, Guarulhos e Osasco também se notabiliza a tendência de concentração de academias.

O mapa de 2016 (Mapa 9), entretanto, parece “perder o fôlego”, se comparado com a evolução dos mapas de 2010 e 2013. Neste sentido que a análise deve se respaldar não somente em critérios quantitativos, mas também qualitativos para compreender o movimento do fenômeno. O que, aparentemente, sinalizou um decréscimo, na verdade apontou para o ápice da expansão e capilaridade que o setor obteve nos três anos mapeados. A RMSP, neste período,

saltou de 1979 academias, em 2010, para 2507, em 2013 (+26%) e 2835, em 2016 (acrécimo total de 43% em 6 anos).

A zona quente, que crescera até 2013 e concentrava grande parte do número de academias de ginástica e musculação no quadrante sudoeste do município deflacionou em 2016, mantendo uma pequena zona quente bastante adensada na Zona Sul da capital, no eixo Faria Lima-Pinheiros-Berrini, principal centralidade econômica de São Paulo. Nas demais localidades, via de regra, o fenômeno diminuiu sua concentração geográfica nesta escala de análise para espalhar-se por bairros e municípios onde o setor *fitness* não possuía tanta presença.

Por este motivo, o adensamento de Kernel, em 2016, predomina a coloração amarelada (de média densidade) pulverizada numa área ampliada da capital paulista, ABC, Guarulhos e Osasco, mas a quantidade de pontos luminosos no mapa abarcou as periferias. A Zona Leste e os extremos da Zona Sul e Norte de São Paulo passaram a estar mais populados, bem como já se nota uma ligação contínua de pontos até Mogi das Cruzes, a leste, São Bernardo do Campo, passando por São Caetano e Santo André, a sudeste, e Barueri, a oeste, destacando Carapicuíba, Osasco e Taboão da Serra.

A capital paulista, conforme observamos nos Mapas 4 a 9 até o momento, possui especial destaque no desenvolvimento do fenômeno de expansão geográfica de academias de ginástica e musculação. Por este motivo, entendemos que seja interessante também agregarmos à pesquisa uma análise pormenorizada do município, que possui evidente relação com o desenvolvimento do fenômeno em sua Região Metropolitana. Dessa forma, disponibilizaremos, na sequência, os Mapas 10, 11 e 12, que dispõe sobre a concentração de academias em São Paulo por Zonas OD, identificando os subdistritos para melhor compreensão. Na definição de uma melhor disposição cartográfica dos elementos nos mapas, os nomes de cada subdistrito foram suprimidos em favor de siglas, as quais podem ser correlacionadas aos nomes no Quadro 2, a seguir.

.

Quadro 2: Relação de Nomes de Subdistritos do Município de São Paulo com suas respectivas siglas

Sub-Distrito	Sigla	Sub-Distrito	Sigla	Sub-Distrito	Sigla
Água Rasa	ARA	Ipiranga	IPR	Ponte Rasa	PRA
Alto de Pinheiros	API	Itaim Bibi	IBI	Raposo Tavares	RTA
Anhanguera	ANH	Itaim Paulista	IPA	República	REP
Aricanduva	ARI	Itaquera	ITQ	Rio Pequeno	RPE
Artur Alvim	AAL	Jabaquara	JAB	Sacomã	SAC
Barra Funda	BFU	Jaçanã	JAC	Santa Cecília	SCE
Bela Vista	BVI	Jaguara	JAG	Santana	STN
Belém	BEL	Jaguareé	JRE	Santo Amaro	SAM
Bom Retiro	BRE	Jaraguá	JAR	São Domingos	SDO
Brás	BRS	Jd. Ângela	JDA	São Lucas	SLU
Brasilândia	BRL	Jd. Helena	JDH	São Mateus	SMT
Butantã	BUT	Jd. Paulista	JDP	São Miguel	SMI
Cachoeirinha	CAC	Jd. São Luís	JDS	São Rafael	SRA
Cambuci	CMB	José Bonifácio	JBO	Sapopemba	SAP
Campo Belo	CBE	Lajeado	LAJ	Saúde	SAU
Campo Grande	CGR	Lapa	LAP	Sé	SEE
Campo Maior	CLM	Liberdade	LIB	Socorro	SOC
Cangaíba	CNG	Limão	LIM	Tatuapé	TAT
Capão Redondo	CRE	Mandaqui	MAN	Tremembé	TRE
Carrão	CAR	Marsilac	MAR	Tucuruvi	TUC
Casa Verde	CVE	Moema	MOE	Vila Andrade	VAN
Cid. Ademar	CAD	Mooca	MOO	Vila Curuçá	VCR
Cid. Dutra	CDU	Morumbi	MOR	Vila Formosa	VFO
Cid. Lider	CLD	Parelheiros	PLH	Vila Guilherme	VGL
Cid. Tiradentes	CTI	Pari	PRI	Vila Jacuí	VJA
Consolação	CON	Parque do Carmo	PQC	Vila Leopoldina	VLE
Cursino	CUR	Pedreira	PDR	Vila Maria	VMR
Ermelino Matarazzo	ERM	Penha	PEN	Vila Mariana	VMN
Freguesia do Ó	FRE	Perdizes	PRD	Vila Matilde	VMT
Grajaú	GRA	Perus	PRS	Vila Medeiros	VMD
Guaianases	GUA	Pinheiros	PIN	Vila Prudente	VPR
Iguatemi	IGU	Pirituba	PIR	Vila Sônia	VSO

Fonte: IBGE, 2010

Mapa 10: Concentração das academias de ginástica e musculação no Município de São Paulo (MSP), por Zona OD, em 2010

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 11: Concentração das academias de ginástica e musculação no Município de São Paulo (MSP), por Zona OD, em 2013

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 12: Concentração das academias de ginástica e musculação no Município de São Paulo (MSP), por Zona OD, em 2016

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

De acordo com a análise dos Mapas 10, 11 e 12, temos no município de São Paulo um movimento de expansão bastante peculiar e rápido, no decorrer no período de 6 anos representados cartograficamente. A princípio, no Mapa 10, há uma concentração maior nas Zonas OD de Chácara Itaim (Zona Oeste – Subdistrito de Pinheiros), Granja Julieta (Zona Sul – Subdistrito de Santo Amaro) e Perdizes (Zona Oeste – com o subdistrito de mesmo nome), com 39, 33 e 23 academias, em 2016, respectivamente.

A tendência, conforme análise geográfica por Zonas OD, confirma a concentração de academias nos subdistritos mencionados, além de Lapa (Zona Oeste), Mandaqui e Santana (Zona Norte), Freguesia do Ó e Pirituba, sentido noroeste, bem como Mooca, Tatuapé e Carrão, sentido Zona Leste.

Algumas áreas do Centro Velho e periferias da Zona Leste e Norte possuem pouca ou nenhuma presença de academias, como Tremembé (Zona Norte), Parque do Carmo e José Bonifácio (Zona Leste). Marsilac e Grajaú (Zona Sul) possuem Unidades de Conservação, o que inviabiliza, de fato, a expansão de atividades comerciais como em outras regiões da cidade.

No decorrer dos anos cartografados, fica visível, portanto, a ampliação do número de academias no quadrante sudoeste do município, nas áreas densamente equipadas e onde se concentram a renda e demais outros serviços do terciário moderno (SANTOS, 2012b [1996]). Nota-se também, principalmente em 2016, que houve um acréscimo de academias em áreas onde a densidade era baixa em 2013. Destacamos três eixos, perceptíveis com a análise sequencial dos mapas:

- a) Um primeiro em direção a Butantã, Vila Sônia, Vila Andrade e Jd. São Luís, Zonas Sul e Oeste de ocupação com média e baixa renda;
- b) Um segundo, sentido noroeste, entre Lapa e Pirituba, também com um padrão ocupacional de média e baixa renda;
- c) Um terceiro vetor abrangendo Carrão, Tatuapé, Mooca e Ipiranga, locais onde se predomina um padrão de média renda;

Ademais, notamos também que nos três subdistritos onde não havia academia registrada em 2010, a saber, Anhanguera, Parque do Carmo e Iguatemi, áreas predominantemente de baixa renda, todos já aparecem como novas frentes de expansão comercial. O Centro Velho, todavia, permanece com o mesmo padrão de baixa concentração desse tipo de serviço nos anos analisados.

Adicionaremos também, na análise pormenorizada sobre o município de São Paulo, a sequência de mapas de calor com a técnica de Kernel. Ao diminuir a escala de visualização, os

elementos iniciais discutidos na análise dos mapas de calor da RMSP tornam-se ainda mais perceptíveis. Os Mapas 13, 14 e 15, a seguir, demonstram a particularidade da expansão das academias na capital paulista, no decorrer de 2010 a 2016, em que a concentração no quadrante sudoeste chega a determinado nível de saturação e, posteriormente, há maior capilaridade do mercado de academias abrangendo as demais áreas do município, sobretudo as periferias da cidade.

Mapa 13: Geolocalização e mapa de calor por densidade de pontos de academias de ginástica e musculação no Município de São Paulo (MSP), em 2010

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 14: Geolocalização e mapa de calor por densidade de pontos de academias de ginástica e musculação no Município de São Paulo (MSP), em 2013

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 15: Geolocalização e mapa de calor por densidade de pontos de academias de ginástica e musculação no Município de São Paulo (MSP), em 2016

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018)

Conforme se nota nos Mapas 13, 14 e 15, os pontos luminosos correspondentes às unidades de academias de ginástica no município de São Paulo abrangem quase a totalidade da área ocupada da capital, sendo apenas um pouco mais rarefeita nas regiões periféricas (fato que se minimiza no decorrer dos anos).

No Mapa 13, a visualização das três zonas quentes é bastante nítida, conforme já mencionado no texto, bem como as tendências de adensamento em Santana e Tatuapé. Nesta escala, notabiliza-se também uma concentração que permeia a margem oeste do Rio Pinheiros, mais precisamente entre Butantã e Morumbi, de média densidade; uma segunda, que permeia desde Santo Amaro, Jabaquara, Ipiranga, na Zona Sul, e interliga-se com Mooca e Tatuapé e, dissociada desta última, uma leve concentração na Penha e Vila Matilde.

No Mapa 14, a zona quente parece atingir seu patamar máximo de expansão e concentração, assim como as demais zonas de média densidade também parecem ganhar corpo, com exceção de Penha e Vila Matilde, que se dispersa.

No Mapa 15, com a diminuição geral da área adensada, em 2016, torna-se mais visível que os pontos luminosos individuais se multiplicaram nas periferias, atomizando para regiões onde não havia presença de academias nas outras visualizações cartográficas

No intuito de condensar as análises e fixar os elementos debatidos no texto, os Mapas 16, 17 e 18, a seguir, oferecem uma sequência histórica sintetizada pela representação individual dos mapas anteriores em visualizações únicas por recorte da RMSP e Capital, pela análise temática de Zonas OD e mapa de calor por densidade de pontos.

Embora as capturas históricas tenham pouca diferença entre si (3 anos), nos mapas sequenciais históricos é possível se observar facilmente consideráveis movimentos na medida em que avançamos ano a ano, principalmente para servir de suporte à argumentação desenvolvida no subcapítulo 3.3 a respeito da continuidade do processo frente à concentração e centralização de capital, em que detalharemos os motivos da capilarização ocorrida nos últimos anos em áreas de classe média e baixa. A visualização conjunta reforça o entendimento do movimento no/do espaço geográfico no decorrer dos anos capturados na cartografia.

Mapa 16: Sequência cartográfica da concentração de academias na RMSP, por Zona OD (2010 a 2016)

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 17: Sequência cartográfica da concentração de academias no Município de São Paulo (MSP), por Zonas OD (2010 a 2016)

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

Mapa 18: Sequência cartográfica de geolocalização e mapa de calor por densidade de pontos de academias de ginástica e musculação no Município de São Paulo (MSP), entre 2010 e 2016

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018).

A sequência histórica e cartográfica observada nos Mapas 16, 17 e 18 reforça, portanto, o padrão de concentração do fenômeno nas áreas onde já vínhamos indicando, as porções mais ricas do território paulistano, no primeiro momento. A associação ocorrida na concentração de estabelecimentos de condicionamento físico em centralidades econômicas em determinadas cidades é pesquisada também por Bueno e Andrade (2019) a respeito da capital piauiense. Os geógrafos realizaram uma análise da consolidação de novas centralidades econômicas na Zona Leste de Teresina, tendo como um dos principais elementos, a concentração de serviços de academias de ginástica e musculação e lojas de suplementação alimentar nessas áreas.

Os autores analisam que, diante da produção do espaço urbano teresinense, o redimensionamento dos fluxos de pessoas, mercadorias, informações e capital para a Zona Leste do município favoreceu a multiplicação e concentração de certas atividades e equipamentos associados ao consumo estético. As academias ocupam lugar privilegiado na construção do perfil de cidade que se aproxima dos vetores da globalização e, de certo modo, fundamentam a consolidação de novas centralidades na cidade (BUENO; ANDRADE, 2019).

O desenvolvimento do processo na RMSP, contudo, apresenta-se em um estágio mais avançado, pois expande-se para subcentralidades ou mesmo áreas que não possuem características de concentração de atividades comerciais, como zonas residenciais, por exemplo. Uma vez consolidada nas áreas comercialmente mais atrativas, o fenômeno de expansão busca espalhar-se pelas demais regiões, buscando novos mercados e aumentando a capilaridade no território. A análise detalhada a respeito das áreas onde ocorreram os maiores percentuais de crescimento de academias atesta para este fato.

O Mapa 19, disponibilizado em seguida, destaca as zonas de maior crescimento cumulativo de academias de ginástica e musculação na RMSP, compreendendo o período de 2010 a 2016. De forma geral, houve um crescimento moderado na maioria das zonas da RMSP, porém os maiores percentuais foram identificados justamente em áreas de média-baixa e baixa renda, nas periferias da Zona Sul e Leste da capital paulista.

Mapa 19: Zonas de maior crescimento cumulativo de academias de ginástica e musculação (em %), na RMSP, entre 2010 e 2016

Fonte: COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS (2018)

Conforme análise do Mapa 19, embora não seja exclusividade, tem-se a predominância das zonas de maior crescimento do setor de academias nas periferias. Os maiores destaques são para o Jardim Mitsutani, no Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo e Vila Heliópolis, no Sacomã, Zona Sul de São Paulo, ambas com 800% de crescimento. Embora quantitativamente baixo, de 1 academia em 2010, para 8 academias em 2016, em cada zona, é um crescimento expressivo.

Destacamos também Parque Savoy, em Cidade Líder, Zona Leste de São Paulo (700% - de 1 para 7 academias); Reservatório Billings, em São Bernardo do Campo, Jardim Ângela, Zona Sul de São Paulo e Vila Ré, na Zona Leste de São Paulo, com 600% no período de 6 anos (de 1 para 6 academias). Todas as zonas destacadas compõem a periferia da RMSP, predominantemente de média-baixa e baixa renda e são áreas onde não há um dinamismo comercial notável como subcentralidade econômica. Fatores político-econômicos do período analisado (2010 – 2016) nos fornecem indícios para compreender a natureza do fenômeno, como o aumento do consumo experimentado pelas novas classes médias.

Mesmo após a eclosão da crise que solapou o dinamismo econômico, restringiu o crédito e resultou em desemprego, a expansão continuou ocorrendo, conforme a análise mais abrangente dos Mapas 4 a 19, sobretudo para áreas de classe média e baixa. Como podemos explicar esse fenômeno?

A existência de academias em áreas socialmente periféricas possibilita depreender a respeito da força que este processo de expansão adquiriu, indicando a força que os elementos de ordem cultural podem sedimentar no coletivo desejos, valores e sentimentos expressos pelos meios de comunicação. Castro (2007, p. 50) afirma que:

[...] o culto ao corpo, a preocupação em estar bonito e em forma, perpassa todas as classes sociais. Contudo, embora seja tendência geral de comportamento, atravessando, grupos de diferentes faixas etárias, econômicas e culturais, a maneira como essa prática é desenvolvida em cada grupo é diversificada e expressa uma dimensão do estilo de vida do indivíduo. (CASTRO, 2007, p. 50).

Tal como afirmamos analisando em escala global, podemos também ressaltar que o culto ao corpo (CASTRO, 2007), imbuído na perspectiva da **psicosfera do bem-estar e da boa forma**, possui forte abrangência territorial a nível da metrópole, visto que faz crescer gradativamente a demanda por academias, mesmo em porções do território onde as condições básicas de urbanização e dignidade não estão plenamente atendidas.

O Brasil tem uma particularidade na consolidação de seu processo de desenvolvimento do mercado de academias de ginástica e musculação. Embora o país se destaque no âmbito

internacional em concentrar um número grande de academias frente aos demais países, o faturamento da indústria no país mostra um baixo desempenho. Conforme foi mencionado na análise do Gráfico 7, o Brasil, que ficava entre as últimas posições no *ranking* internacional, já não figura mais no último levantamento divulgado pela IHRSA (2019), referente ao ano de 2018.

Mesmo quando se analisam também os dados sobre a quantidade de membros, conforme os levantamentos do Gráfico 9, o Brasil possui relevância figurando na quarta posição dos *rankings* mais recentes, atrás de Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido. Porém, ao se levar em consideração as populações, sobretudo dos segundo e terceiro lugar da tabela, podemos começar a inferir a respeito da real configuração que o setor possui no país latino-americano.

O Gráfico 12, em seguida, expõe de forma mais explícita a questão. Em uma média comparativa a outros países em que, a princípio, a indústria *fitness* não tem a mesma relevância tal como no Brasil, a proporção de membros por academia é superior em outros países, levando-se em consideração dados de 2016 da Associação Brasileira de Academias (ACAD, 2017 *in* PUPIO, 2017).

Gráfico 12: Média comparativa de número de membros por academia de ginástica (2016)

Fonte: ACAD BRASIL, 2017 *in* PUPIO (2017).

Da mesma forma, esta questão também fica mais clara quando se verificam os números referentes à taxa de penetração do mercado de academias, ou seja, dada à dimensão demográfica do país, qual a proporção de pessoas engajadas no consumo do serviço, de acordo com os dados do Gráfico 13, na sequência. Analisadas por este prisma, o setor de academias de ginástica e musculação perde sua relevância por vezes enfatizada na mídia em razão do número expressivo de academias que possui.

Gráfico 13: Taxa de Penetração de Mercado de Academias de Ginástica: *Ranking* dos 10 países líderes globais e os 3 principais da América Latina – Argentina, Brasil e México (2017)

Fonte: ACAD BRASIL (2018).

O baixo percentual de penetração de mercado, conforme o Gráfico 13, é, no entanto, reconhecido pelos entusiastas do setor *fitness* como um campo de oportunidades no qual há grande potencial de crescimento (ACAD BRASIL, 2018). Embora consideremos as academias de ginástica e musculação os principais objetos técnicos na paisagem urbana impulsionadores da tecnosfera do bem-estar e da boa forma devido ao seu desenvolvimento histórico e o simbolismo de sua forma no espaço urbano, há de se considerar que as práticas de atividades físicas perpetuadas pela psicosfera do bem-estar e da boa forma extrapolam o local da academia, estando presentes de forma ampla no cotidiano da cidade das mais diversas formas e praticadas por públicos de diferentes faixas etárias e rendas (DOMENICO, 2019).

Dados do IHRSA e Mindminers, em 2018, publicados pelo site do Exame, em 2019, indicam que a maioria dos praticantes de atividades físicas estão fora das academias, conforme visualização do Gráfico 14, em seguida (DOMENICO, 2019). Ainda há também uma perpetuação da ginástica de quarto, que vem sendo desenvolvida desde o início do século XX por meio do rádio e televisão, mas que hoje se encontra disseminada pela internet e aplicativos de celulares, os quais ensinam movimentos e estimulam a prática em quaisquer ambientes³⁹.

³⁹ A prática de exercícios físicos realizada de modo autônomo, muitas vezes orientada por “influenciadores” na internet (como *youtubers*, por exemplo) pode representar um risco à saúde pelo alto potencial de ocasionar lesões por posturas eventualmente incorretas. Este tema pode ser melhor explorado em pesquisas que contextualizam as práticas de atividades físicas atreladas ao avanço das tecnologias de informação e comunicação.

Nas Imagens 17 e 18, na sequência após o Gráfico 14, podemos verificar a prática de exercícios através dos meios mais recentes de informação e comunicação.

Gráfico 14: Principais Locais de Práticas de Exercícios Físicos

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT; Mindminers, 2018 *in* DOMENICO (2019).

Imagem 17: Aulas de ginástica de quarto disponíveis pela rede social Youtube

Fonte: Autoria própria (2019).

Imagem 18: *Printscreen* de aplicativo de celular para a atividade física

Fonte: Autoria própria (2019).

Embora a prática de exercícios físicos em academias no Brasil figure por volta de 28%, conforme indica o Gráfico 14, e ainda a taxa de penetração do setor *fitness* seja de 4,62%, em 2017, de acordo com o Gráfico 13, a disseminação das atividades físicas no país é crescente. De forma ampla, de 2006 a 2017, a parcela de brasileiros que praticam atividades físicas (das mais variadas, como caminhada, corrida, musculação, ginástica e esportes, como futebol, vôlei e natação, entre outros) subiu 24%, conforme os dados da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL), elaborada pelo Ministério da Saúde e divulgada pela Agência Brasil (BOND, 2018).

Embora os números levantados demonstrem a dimensão econômica e geográfica do mercado de academias no território, a psicosfera do bem-estar e da boa forma permeia de forma ainda mais ampla, instigando o desejo pelas práticas de atividades físicas e pela construção da estética do “corpo perfeito” mesmo as classes sociais as mais pobres, as quais não possuem condições de pagar pelo serviço de uma academia, conforme verificado no Mapa 18. A “Academia do Dinho”, localizada em uma favela, é um exemplo. Ele montou uma academia com materiais improvisados, filma e posta os vídeos em seu canal no Youtube, dando dicas sobre treinos e aparelhos, conforme a Imagem 19.

Imagem 19: Academia do Dinho, localizada em favela com aparelhos improvisados

Fonte: Autoria própria (2018).

Portanto, a percepção de que há mais pessoas se exercitando no final da década de 2010 é real. Ainda segundo a pesquisa da VIGITEL, em 2017, cerca de 37% da população nas capitais brasileiras realizam, ao menos, 150 minutos de atividade física por semana – parâmetro recomendado como básico pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para a manutenção de um estilo de vida saudável⁴⁰ (BOND, 2018).

⁴⁰ O que é curioso na divulgação da pesquisa é uma provável mudança de comportamento da população em relação ao tipo de atividade física praticada. Conforme a Agência Brasil, “o futebol vem perdendo espaço nas capitais brasileiras. Durante o intervalo analisado [2006 a 2017], o total de praticantes da categoria desportiva caiu quase pela metade (43,5%). [...] a caminhada é o exercício físico mais comum, sendo praticado por 33,6% da população. Na sequência, aparecem a musculação (17,7%), o futebol (11,7%) e as lutas e artes marciais (2,3%) (BOND, 2018, s/p.)

3.3 – A continuidade do processo de expansão frente à financeirização do território, a concentração e centralização do capital

A expansão do mercado de academias de ginástica e musculação possui uma particularidade que merece ser melhor observada. O processo, que começou de maneira muito lenta e gradual no país, adquiriu uma dinâmica crescentemente acelerada a partir da década de 1980 em decorrência de diversos fatores. Os mesmos serão analisados nesta etapa da pesquisa, que se debruça em entender qualitativamente a configuração dessa expansão, que se deu de forma acentuada na quantidade das formas urbanas (as academias), mas sem o mesmo desempenho observado no faturamento e penetração do mercado. Ademais, a própria expansão do número de academias também necessita ser melhor problematizada.

A década de 1980 viu eclodir a demanda pelas academias de ginástica e musculação de forma inédita. Neste período, diversos fatores favoreceram o movimento, como a influência exercida pelos produtos culturais norte-americanos no Brasil através do cinema, televisão, moda, etc. O Brasil ainda vivenciava o enfraquecimento da ditadura militar e o anseio pela democracia. Neste sentido, a *liberdade* almejada como objetivo passou a ser cooptada pelo neoliberalismo promovendo o sentimento de diversificação e *liberdade de escolha* de produtos e serviços como caminho para a abertura de mercado e a *globalização econômica*, bem como o exercício da *liberdade nos próprios corpos*, cujos apelos por mostrar o corpo descoberto se aliava à necessidade de construir uma estética definida que chamasse a atenção (TOLEDO, 2010).

Com relação ao cenário político brasileiro, a década de 80 foi marcada pela transição do final de 20 anos de ditadura e início de um processo democrático. E o modelo democrático a ser seguido era o americano, pautado sobre o pilar da liberdade (neo liberalismo). Um modelo que veio ao encontro do desejo do povo brasileiro, ao mesmo tempo que o potencializou. Este ‘espírito libertador’, e de consequente empoderamento, praticamente toma conta do inconsciente coletivo, em direção a uma nova construção de corpo e de estilo de vida. E é neste momento que os meio de comunicação de massa, as empresas nacionais e internacionais, movem-se a toda velocidade, para seduzir e encantar um corpo cujo prazer foi por tanto tempo reprimido. **Pois é necessário um corpo que deseja, um corpo que consome, que investe em si e que, portanto, gira a economia.** (TOLEDO, 2010, p. 91 – negrito nosso)

Inseridas em meio à eclosão do contexto neoliberal, que já despontava em diversos outros países, as academias criadas na década de 1980 nascem com outro perfil muito diferente das demais existentes até então – o perfil corporativo racionalizado. As mesmas passam a ditar o ritmo de crescimento do setor se firmando enquanto tendências de mercado justamente por

apregoarem os valores subjetivos que ascendiam no imaginário social da época (FURTADO, 2009; TOLEDO, 2010).

A mudança de perfil das academias ocorrida nesta fase não encerrou a existência das antigas academias construídas e gerenciadas ainda com graus variados de improvisação e adaptação. Conforme Roberto Furtado (2009, p. 5), “[...] esse desenvolvimento deve ser entendido como um desenvolvimento desigual e combinado” – tanto no que se refere às práticas administrativas, mas também do ponto de vista territorial e histórico. O despontar de uma fase com um novo perfil não extingue por completo as formas anteriores. Nos lugares onde os nexos da globalização e a concentração da renda no território estão mais presentes, há a tendência de despontarem primeiro as formas mais modernas. Nos demais lugares onde esses nexos estão menos presentes, existe a tendência de permanência das formas mais antigas e os modelos mais modernos se estabelecem num segundo momento ou sequer selecionam essas áreas para expansão.

A título de ilustração, Furtado (2009) qualifica o desenvolvimento do mercado de academias no Brasil estruturando-o em três períodos distintos, nos quais as concepções administrativas do setor marcadamente assumiram determinadas características predominantes.

Um *estágio inicial* caracterizado pela afinidade com a área, como principal motivação para a implementação das academias. Por isso, a administração empírica, amadora ou do senso comum preponderava.

Um *segundo estágio*, caracterizado pela mescla entre a afinidade com a área e a inserção das tecnologias da administração em busca de lucros, surgido, principalmente, a partir dos anos 80.

E um *terceiro estágio*, onde as mais avançadas tecnologias dos instrumentos de produção e da gestão são encontradas nas academias. Há presença da micro-eletrônica nos instrumentos e das mais diversas teorias administrativas de gestão de recursos humanos, de marketing, financeira e contábil, configurando a racionalização nas academias. As academias caracterizadas neste terceiro estágio, as mais avançadas em seu desenvolvimento, denomino de ‘academias híbridas’”. (FURTADO, 2009, p. 5 – *italico nosso*).

A racionalização do setor é o elemento basilar para a eclosão da expansão acelerada das academias de ginástica e musculação. Este elemento já estava inserido na segunda etapa analisada por Furtado (2009) na concepção das academias surgidas na década de 1980 enquanto modelos de negócio que visam lucro crescente e produtividade. Na medida em que novas tecnologias vão sendo incorporadas para a melhoria do desempenho das atividades associadas ao ramo de academias, o grau de racionalização também aumenta, refletindo na infraestrutura das academias, no gerenciamento da mão de obra, na relação das academias com seus alunos e no próprio cotidiano dos frequentadores de academia (FURTADO, 2009; PUPIO, 2017).

Além de novos modelos administrativos e gerenciais, o conjunto de novas tecnologias incluem programas de *software* de avaliação física⁴¹, aparelhos de exercícios físicos com novos *designs* eletrônicos e motorizados, assim como metodologias novas aplicadas à ginástica – tal como o método Jane Fonda (TOLEDO, 2010).

Entretanto, ao passo em que, cada vez mais, as grandes academias diversificavam a oferta de produtos e serviços para atrair mais clientes, com base na tecnologia e racionalização dos processos, as pequenas não possuíam a mesma capacidade de acompanhar as novidades do mercado devido à limitação que tinham de capital investido. Este fato ampliou a heterogeneidade do setor de academias categorizadas por perfis robustos de empresas com amplo capital para investimento, bem como as micro e pequenas empresas com um poder de ação reduzido (PUPIO, 2017).

Alguns elementos de ordem política e econômica, no entanto, precisavam estar reorganizados para que o mercado de academias encontrasse condições mais favoráveis para a hipertrofia do setor, observada nas décadas seguintes. Esses elementos se desencadearam no decorrer dos anos 1990 e 2000, como a consolidação de um ambiente político mais democrático, a abertura econômica para os vetores da globalização, a facilitação de importações e investimentos externos, o maior controle inflacionário obtido pela introdução do Plano Real e a ampliação do consumo de massa através do acesso ao crédito em meio à financeirização do território, sobretudo nas décadas de 2000 e 2010 (FURTADO, 2009; VIEIRA; VERÍSSIMO, 2009; SANTOS; SILVEIRA, 2014 [2001]; SILVEIRA, 2017).

Diante das condições políticas e econômicas mais favoráveis que foram, aos poucos, se consolidando, mais precisamente, a partir da década de 90, “[...] as academias de ginástica entram no contexto da acumulação flexível” (FURTADO, 2009, p. 4). As grandes academias, as quais dispunham de amplo capital para investimento, mantiveram a tendência de ampliar a base de produtos e serviços oferecidos aos seus clientes por meio da segmentação do ramo. Assim, serviços especializados no atendimento à ginástica para idosos, crianças, mulheres foram surgindo. De forma geral, o consumo estético por meio do serviço oferecido pelas academias foi se massificando na sociedade. Ambas as tendências se mostram como reafirmação do modelo de produção toyotista associado ao setor (PUPIO, 2017).

⁴¹ O grau de avanço tecnológico pensados para o ramo da medicina esportiva e utilizados nas academias já era notável no final da década de 1980. Conforme reportagem da Revista Veja (1989 *apud* TOLEDO, 2010, p. 178), cujo o título era “Corpo no computador”, “[...] o novo programa de Avaliação Física utilizado na Academia Overfit podia trazer cerca de 200 informações sobre o organismo humano, o que possibilita ‘restringir ao máximo as chances de acidentes cardíacos e de postura’”.

“[...] A diversificação [*de serviços/produtos por uma única tarifa mensal*] ocorre seguindo uma tendência das empresas na fase de acumulação flexível” (FURTADO, 2009, p. 5). Porém, este mecanismo de atração de clientes inicialmente se deu nas academias em que havia maior aporte financeiro para este tipo de investimento, portanto, maior racionalização aplicada ao gerenciamento financeiro e administrativo da academia era necessário para a ampliação da oferta de serviços por uma tarifa única.

Isto reverberou de forma especial contra os antigos clubes esportivos, que tentavam reter os clientes em meio à eclosão do mercado de academias nas últimas décadas do século XX, no entanto, o pagamento das mensalidades nos clubes incluía todos os serviços (além dos equipamentos de ginástica). Facilidades burocráticas e financeiras, como a possibilidade de pagamento de somente uma tarifa menor para a utilização da academia (que poderia incluir num único pacote mais barato a musculação, ginástica, aeróbica, natação, lutas) culminou na migração de clientes para as academias (TOLEDO, 2010).

Conforme tem sido apresentado na pesquisa, todos esses fatores desencadeiam num vasto processo de expansão das academias de ginástica e musculação. O entendimento de expansão geográfica posto aqui se dá mediante ao surgimento crescente de academias na paisagem urbana, a ampliação do número de objetos constituintes da tecnosfera do bem-estar e da boa forma na cidade. Contudo, é necessário examinar de forma pormenorizada como se deu esse aumento notável.

O crescimento exponencial do número de academias no Brasil deve ser analisado em virtude da manifestação de dois movimentos distintos temporal e espacialmente, mas que se convergem e amplificam o resultado final no espaço urbano e a valorização do capital (LENCIONI, 2008). O primeiro processo é o visível nas formas urbanas na paisagem, cartografável conforme observado nos Mapas 4 a 9 e 16, no subcapítulo 3.2, com referência ao recorte espacial da RMSP. Denota a *concentração do capital* no espaço geográfico, no qual indica a ocorrência de processos de diferentes naturezas que resultaram na capacidade de determinada porção do território em aglomerar a atividade econômica específica atribuída ao consumo estético e da saúde na metrópole, representados pelas academias na nossa pesquisa.

Por concentração entende-se o processo que faz expandir os meios de produção e de trabalhadores, ampliando, assim, a base da acumulação e confundindo-se com ela. [...] As implicações desse processo no urbano são de diferentes naturezas, dentre elas, podemos lembrar a concentração das atividades econômicas que modificam, por exemplo, a malha urbana e a aglomeração. (LENCIONI, 2008, p. 11).

O segundo processo implica num movimento distinto do primeiro, associado à *centralização de capital*. Ele se notabiliza em razão de mudanças no perfil de controle e gerenciamento das empresas do ramo, pois incorpora sob uma mesma gestão os diversos capitais antes individualizados, afunilando para uma única entidade a mais-valia resultante dos processos produtivos do segmento de academias (LENCIONI, 2008). A priori, não é um movimento perceptível na paisagem que denota mudanças físicas das formas urbanas, sendo necessário análises mais aprofundadas para compreender a manifestação dele.

[...] O processo de centralização constitui-se num processo em que frações individuais de capitais se associam, se fundem ou se reagrupam. [...] Altera-se apenas o agrupamento das partes constitutivas do capital social e nesse sentido, é que concentra a propriedade do capital, mas não se constitui num processo de acumulação, não resultando, portanto, em nenhum aumento do capital social (Marx, 1984, Livro I, Vol. 3: 778). [...] com a centralização do capital desaparecem inúmeros capitais individuais, quer por absorção de uns pelos outros, quer por associações ou fusões entre os capitais, dentre outras formas de centralização. (LENCIONI, 2008, p. 12 – 13).

Conforme foi observado nos subcapítulos 3.1 e 3.2, uma expansão inicial do mercado de academias de ginástica e musculação se deu, sobretudo na capital paulista, no decorrer das décadas de 1970, 80 e, em menor escala, 90. Este primeiro impulso dinâmico (de menor proporção) foi resultado de influências culturais e políticas da conjuntura da época, se deu de forma improvisada, via de regra, para acompanhar as demandas socioculturais pelas academias, iniciando um processo de concentração de capital em São Paulo e Região Metropolitana.

Num segundo momento, que percorre as décadas de 1990 e, com maior ênfase, 2000 e 2010, os capitais individuais que já estavam concentrados no território passam a se centralizar sob o controle de alguns grupos empresariais ramo *fitness*. Embora vários desses capitais somente tivessem se associado, se fundido ou reagrupado – denotando o processo de centralização – o que, conforme Lencioni (2008), não configura em si um processo de acumulação de capital – o movimento de concentração de academias continuou em paralelo. Portanto, neste caso, a concentração e centralização de capitais ampliou a base de acumulação da mais-valia obtida por parte das megaempresas do segmento *fitness*. “[...] A acumulação do capital permite o aumento da concentração. Assim, pode haver um maior investimento em capital constante e variável o que permite aumentar a quantidade da produção, ou seja, o número de alunos” (PUPIO, 2017, p. 192).

O cenário resultante é o mesmo encontrado em outros segmentos de quaisquer ramos produtivos do capitalismo na atual etapa do modo de produção. A discrepância observada em

poucas grandes empresas controlando a maior parte do capital gerado e uma grande parcela de pequenas empresas com frações irrisórias do mesmo.

Segundo levantamento feito em 2001 pela Associação Brasileira de Academias – ABA, havia 7.102 estabelecimentos focados na produção de *fitness*, musculação e natação. Delas, 94% eram de pequeno porte e faturavam menos de R\$ 1 milhão por ano. Para se ter uma ideia deste perfil, a maior academia de São Paulo, a *Runner*, dispôs, em 2001 de 24.000 alunos e faturou aproximadamente R\$ 25 milhões, dispondo de fôlego e ambição para abrir seu capital em bolsa (KASZNAR; GRAÇA FILHO, 2002 *apud* PUPIO, 2017, p. 147).

A potência dos processos resultantes da concentração e centralização de capital, conforme foi observada para o setor de academias de ginástica e musculação na RMSP, somente teve tamanho desempenho por estar embasada num processo distinto de *financeirização do território*. O capital financeiro, ancorado pelos sistemas tecnológico-informacionais altamente normatizados e organizados em rede no período da globalização econômica, amplia no território os fluxos das finanças de forma seletiva e contribui para a configuração da topologia de diferentes setores, os quais estão ligados a ele por meio de investimentos e do crédito ao consumidor (SILVEIRA, 2017).

Os aportes financeiros realizados por diversas empresas do ramo de academias de ginástica e musculação para impulsionar o processo de concentração e centralização de capital só foram possíveis, não somente em razão da obtenção de capital advindo dos lucros das próprias empresas do setor, mas também teve grande colaboração de capitais de outros ramos que migraram na forma de investimentos por determinadas empresas (FURTADO, 2009; PUPIO, 2017). Como característica do processo de globalização e financeirização do território, diversos fluxos de investimentos não possuem necessariamente uma correlação territorial ou mesmo produtiva dos grupos financeiros com as empresas favorecidas, sendo, portanto, transações de capital estrangeiro ocorridas na bolsa de valores, cujos capitalistas veem no ramo *fitness* uma oportunidade de retorno do dinheiro investido (PUPIO, 2017).

No período atual amplia-se a rede de transações, aquilo que Cohen (2014, p. 18) entende como uma “argamassa” feita de “trocas mútuas entre agentes autônomos que fora isso podem ter pouco ou nada em comum e que podem até estar situados em locais totalmente diferentes”. **A financeirização é, portanto, uma manifestação empírica da globalização**, talvez a mais evidente hoje, que autorizou a falar de capitalismo financeiro, de momento financeiro do modo de produção, de mundialização financeira. (SILVEIRA, 2017, p. 373 – **negrito nosso**).

Aportes financeiros captados por meio de fundos de investimentos e abertura de capital na bolsa de valores se somam à mais-valia obtida pelas próprias empresas de ginástica e

musculação para a realização de sua ampliação geográfica. Para facilitar ainda mais o processo, os grandes grupos de empresas do ramo *fitness* passaram a incorporar em suas marcas o modelo de franquias, flexibilizando a expansão comercial das empresas, capilarizando a presença das mesmas em diferentes porções do território e aumentando a segmentação de mercado, por meio do nascimento das redes de academia *low cost* (de baixo preço).

O mercado de academias na América Latina vai assumindo aos poucos os contornos da acumulação flexível. A dinâmica de fusão de grandes redes de academias e de investimento de capital externo impulsionam à tendência de concentração e centralização de capital na região. As academias se mundializaram. Atualmente, determinadas empresas/marcas estão presentes em diferentes países. Cresce o número de grandes empresas no setor, que, por meio do sistema de franquias, ampliaram-se para outros países latino-americanos e passaram a competir no mercado exterior – mesmo que com um desempenho ainda incipiente. (PUPIO, 2017, p. 162).

Este processo vem crescendo desde a década de 2000 e sinaliza uma nova etapa de pulverização dos objetos técnicos normados voltados para o setor *fitness*. No segmento *low cost*, o trabalho e o serviço são padronizados e, via de regra, são compostos por equipamentos sofisticados de alta qualidade, ambientes extremamente racionalizados, serviços terceirizados e número de trabalhadores reduzido, dado que tem se mostrado como um desafio recente aos profissionais de educação física que se engajam no setor⁴² (PUPIO, 2017). Detalhamos no Gráfico 15, a seguir, o período compreendido na expansão das academias em que o processo de concentração e centralização de capital ocorre no setor:

⁴² Como uma das tendências observadas na reestruturação produtiva do setor de academias analisada por Pupio (2017), a etapa de racionalização das academias combina a incorporação de novas tecnologias aplicadas aos equipamentos de ginástica capazes de tornar a prática de exercícios físicos mais autônoma possível por parte do usuário. No caso da Smart Fit, os equipamentos utilizados na academia dispõem de um botão que aciona o professor somente quando pressionado. A empresa também disponibiliza aos seus clientes aplicativos em celulares que orientam por meio de imagens e pequenos vídeos a execução dos movimentos de exercício nos treinos. Em linhas gerais, o desenvolvimento das tecnologias presentes nas academias *low cost* possibilitou a redução da força de trabalho (capital vivo) nesses ambientes pela ampliação do capital morto de forma a ampliar a base de acumulação flexível da empresa. Isto tem contribuído para maior fragilização da categoria de profissionais de educação física, os quais tem encontrado menor oferta de trabalho, além da precarização das condições de trabalho diagnosticadas pela associação da capacidade de conquista e retenção de alunos às avaliações de produtividade do trabalhador (inclusive com variação salarial e bonificações) e recorrência de contratos de trabalho (via de regra, como *personal trainers*), que individualizam as relações trabalhistas e impactam na organização coletiva dos trabalhadores (PUPIO, 2017).

Gráfico 15: Número de academias no Brasil com indicação do período compreendido como a fase atual de concentração e centralização de capital no setor

Fonte: IHRSA GLOBAL REPORT in PUPIO (2017); IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in ACAD BRASIL (2018); IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 in SOUSA (2019).

O caso do Grupo Bio Ritmo, no Brasil, é o mais emblemático por possuir a maior rede de academias do país e ser um dos grandes *players* do mercado *fitness* no mundo, na atualidade. O grupo possui a rede de academias Bio Ritmo, fundada em 1996 e voltada para o segmento de média e alta renda, cuja mensalidade, em uma das unidades em São Paulo, gira em torno de R\$ 339,00 (PADILHA, 2019). Possuía, até o início de 2018, 480 academias (próprias e franqueadas) no Brasil e em outros seis países latino-americanos e mais de 1,6 milhão de alunos (ABF, 2018). O mesmo grupo possui o segmento *low cost* da academia Smart Fit, criada em 2009, em que as mensalidades giram entre R\$ 69,90 a 89,90 (FONSECA, 2019). A empresa possuía, em 2017, 588 unidades no Brasil e em países como México, Chile, Colômbia, Peru, Equador e República Dominicana, contando com unidades próprias e franqueadas (ABF, 2018) e bateu a marca de 1 milhão de alunos (TOLEDO, 2017). A reportagem da Revista Exame, em 2017, comenta a respeito das estratégias do grupo empresarial para a sua expansão:

Enquanto muitas concorrentes pisaram no freio e refizeram seus planos em meio à crise, a Smart Fit manteve o pé lá no fundo. Só em 2016 a empresa inaugurou 90 academias e o grupo rompeu a marca de 1 bilhão de reais de faturamento. Para 2017 o objetivo é abrir mais 140 academias e chegar em 497 unidades. Para bancar essa expansão, além de contar com franqueados (que hoje são responsáveis por 20% das unidades da rede), **o grupo recebeu um aporte de 188 milhões de reais no ano passado.**

O dinheiro veio dos dois maiores acionistas do grupo: o fundo *Pátria*, que hoje detém 47% da empresa, e o fundo *soberano de Cingapura (GIC)*. Além do Brasil, a Smart Fit também tem academias no México, na Colômbia, no Peru, no Chile, na República

Dominicana e está em processo para abrir as primeiras unidades na Argentina. (TOLEDO, 2017, s/p. – negrito e itálico nosso)

Outro exemplo é o da recém-criada rede de academias Blue Fit. Fundada em 2015, a rede desponta como uma das maiores marcas do setor e busca captar clientes das demais academias do segmento *low cost*, como a Smart Fit, também com unidades próprias e franqueadas. Com mensalidades em torno de R\$ 89,90 a 99,00, a empresa já possuía, em 2019, 60 unidades e cerca de 150 mil alunos matriculados (FONSECA, 2019). A projeção de investimentos da empresa espera chegar em 2020 com um cenário de faturamento na ordem de 100 milhões, atingindo 120 mil alunos com mais de 200 unidades na Colômbia, Argentina, Peru, Uruguai e Estados Unidos, conforme a reportagem da revista Isto É Dinheiro, em 2018:

A captação de R\$ 40 milhões com fundos de investimentos ligados aos empresários James Oliveira, ex-sócio do BTG, e Marcelo Sanovicz, ex-CEO da Rextur Advance e acionista do Grupo CVC, dará fôlego a essa expansão, antes de passos mais ousados: a inauguração de cinco unidades na Colômbia, em 2019. “Escolhemos a Colômbia para essa primeira fase da expansão. Depois, iremos organicamente para outros países”, diz Fernando Nero, CEO e fundador da BlueFit, que negocia um aporte de R\$ 140 milhões com investidores estrangeiros. “Estudamos entrar nos EUA em 2020”. (MENDES, 2018, s/p.)

Além delas, outras redes seguem o mesmo processo que perpassa pela expansão por meio da abertura de franquias, aportes financeiros através de fundos de investimentos e/ou abertura de capital na bolsa de valores e resulta na reafirmação da expansão das academias de ginástica e musculação por meio da concentração e centralização de capital em meio à financeirização do território. “[...] Hoje já são 22 empresas franqueadoras que, juntas, faturaram R\$ 626 milhões no ano passado. [...] A abertura de uma franquia nesta área pode custar entre R\$ 500 mil e R\$ 5 milhões” (CAPOZZOLLI, 2017 *apud* PUPPIO, 2017, p. 193 – 194). Como exemplo, a rede de academias Just Fit, criada em 2012, possui 35 unidades em São Paulo e recentemente vendeu o controle acionário da empresa para o fundo LGT Capital, de Liechtenstein (JANKAVSKI, 2018).

Como tendência do processo de globalização e financeirização do território, portanto, este processo encontra-se presente entre as principais empresas do ramo *fitness* no mundo, construindo uma rede global que interliga diferentes corporações com distintas atividades econômicas por meio de fluxos financeiros para o investimento e obtenção de lucros em razão da expansão do ramo de academias inserida no contexto de reestruturação produtiva voltada para a racionalização dos processos, alta tecnologia aplicada, ampliação de franquias e segmentação (sobretudo as marcas *low cost* dos respectivos grupos empresariais).

Em função da informalidade de muitas empresas, mas também pela juventude do setor, o mercado financeiro ainda não vê o setor com bons olhos. As taxas de juros são elevadas e os bancos são exigentes em seus requisitos para aprovar financiamento. Com isso, a maioria das empresas deve financiar seu crescimento com capital gerado pelo próprio negócio, o que impacta de forma negativa na velocidade com que estas podem se expandir. No entanto, algumas companhias conseguiram chamar atenção de fundos de investimentos. Os pioneiros foram *Eagle* (2000) com a *Runner*, Brasil, *Nexus Capital* (2005) com a *Sports World*, México, e SEAF (2007), com a *Bodytech*, Colômbia e Peru. Os casos mais recentes, Banco Pátria (2010), com a Bio Ritmo, Brasil, Teka Capital (2012), com a *Bodytech*, Colômbia, e BTG Pactual (2012), com a *Bodytech*, Brasil.

Não são muitas as empresas do setor que atuam na bolsa de valores, mas esta não é uma característica única do setor na América Latina, mas em todo o mundo. (IHRSA, 2012, p. 16 *apud* PUPIO, 2017, p. 189 – 190).

A despeito da consideração de Pupio (2017) de que somente algumas companhias obtiveram a oportunidade de receber investimentos do mercado financeiro e que a maioria continuará a financiar o próprio crescimento por meio do lucro gerado no próprio negócio, entendemos que isto é intrínseco do modo de produção capitalista, o qual é seletivo e somente atuará nos lugares e com as empresas cujas possibilidades de retorno são maiores. Num contexto de concentração e centralização de capital, em que a maioria orgânica do setor é composto por micro e pequenas empresas formadas por um baixo nível de capital e racionalização e possui poucos excedentes para investir, é esperado que somente uma minoria seleta que controla as maiores fatias do mercado são aquelas capazes de serem contempladas com novos aportes financeiros e aumentar ainda mais a desigualdade das empresas do setor, conforme exemplos no Quadro 3, no Brasil.

Quadro 3: As grandes redes de academia do Brasil

Rede	Logotipo	Rede	Logotipo
Academia 24h		Gym Center
Academia Gustavo Borges		Runner
Bio Ritmo/ Smart Fit		Runway
Bodytech		Selfit Academias
Companhia Atlética		Wave Academia
Competition Academia		Well Academia
Fórmula		Xprime Academia

Fonte: Autoria própria (2019).

O controle das maiores fatias do mercado pelas grandes empresas do ramo *fitness* é realizado de forma extremamente racionalizada e decorre, na maior parte dos casos, dos

investimentos do mercado financeiro nas grandes marcas para a ampliação da rede em unidades próprias e, principalmente, por meio de franquias. Para atrair novos clientes, a estratégia dessas marcas é diminuir o *ticket* médio investido para o consumo do serviço e oferecer equipamentos de ponta, um ambiente confortável para a prática de atividade física e a diversificação de produtos para a ampliação do público consumidor, ou seja, além das tradicionais salas de musculação, salas de ginástica com aulas de diferentes ritmos dançantes como *Zumba*⁴³, *Fitdance*⁴⁴, *Pilates*, alongamentos, abdominais, lutas, treinamentos funcionais, entre outros.

A oferta de uma ampla diversidade de produtos e serviços, a possibilidade de usufruto de um ambiente confortável a um custo acessível a boa parcela da população (como no caso da Just Fit, entre R\$ 39,90 a 49,90; Smart Fit, entre R\$ 69,90 a 89,90; Blue Fit entre R\$ 89,90 a 99,90; Fórmula Academia entre 89,90 a 180,00 – apenas como alguns exemplos) (TOLEDO, 2017; FONSECA, 2019), com matrícula partindo de zero a R\$ 3,00, como em alguns anúncios promocionais, amplia a adesão de novos clientes a essas academias (Just Fit, 2019; Smart Fit, 2019). Tais valores não compensam, num primeiro momento, o alto custo da operação de uma academia com tamanha sofisticação e aparelhagem em localizações privilegiadas na cidade. Essas estratégias só são possíveis mediante os investimentos financeiros que resguardam a margem de lucro a longo prazo com base no volume de alunos que essas companhias conseguem agregar, muitos dos quais sequer são assíduos (PUPIO, 2017).

A queda do valor do *ticket* médio forçada pelas grandes redes de academia *low cost* amplia ainda mais o processo de concentração e centralização de capital. As diversas micro e pequenas empresas do setor *fitness* tendem, neste processo, a tentar acompanhar o ritmo do mercado baixando também os valores em suas academias. Isto se torna insustentável às empresas que detêm pouca margem de lucro e poder de investimento frente às grandes redes (PUPIO, 2017). Linhas de crédito às micro e pequenas empresas, disponíveis com maior facilidade no período anterior à recessão econômica, não se encontram mais no horizonte de possibilidade de grande parte dessas empresas, fragilizando ainda mais a sobrevivência das

⁴³ Zumba é um programa *fitness* que mistura músicas latinas e coreografias como salsa, merengue, mambo, reggaeton, samba, hip hop, entre outros estilos. Criado em meados dos anos 1990, tornou-se uma marca nos Estados Unidos, que comercializa a licença da prática da modalidade de ginástica nas academias desde meados dos anos 2000. Além da presença em academias, a empresa disponibiliza DVDs com as músicas e as coreografias para aulas em casa e até videogames nas plataformas Wii, Xbox e PS3 (ANDRADE, 2015).

⁴⁴ FitDance, assim como a Zumba, é uma marca que comercializa a licença da prática da modalidade de ginástica nas academias. Nasceu em Salvador, na Bahia, em 2013. O programa inclui músicas de diferentes ritmos, do axé, samba, funk, sertanejo a ritmos latinos, hip hop, pop, entre outras com coreografias com diferentes níveis de dificuldade. Além da presença nas academias, a empresa está bastante difundida nas redes sociais, especialmente no YouTube, por onde também divulga vídeos, lança coreografias novas e busca ampliar a base de praticantes (SANTOS, 2016).

mesmas num momento de crise, em que a tendência ao consumo “supérfluo” das famílias diminuiu (para *tickets* mais baratos) ou foi cortado⁴⁵ (ACAD BRASIL, 2018). Fatalmente, isto resulta na falência das últimas, que, pela inviabilidade de concorrer, são engolidas pelas maiores.

A migração de capital financeiro para viabilizar o investimento impulsionou a ampla “franquização” do setor *fitness*, que, por sua vez, contribuiu com que o mesmo ganhasse musculatura no Brasil no decorrer da década de 2010, conforme se observa no Gráfico 10, saltando o número de academias para mais de 34,5 mil unidades, em 2018 (IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 in SOUSA, 2019) e se destacando no *ranking* internacional em segundo lugar há anos, atrás apenas dos Estados Unidos. Mas a que custo para o mercado?

O Brasil, que se posiciona no cenário internacional como um país com uma das maiores concentrações de número de academias no mundo desempenha, na análise do setor *fitness*, um baixo faturamento comparado ao seu tamanho – se posicionando no *ranking* internacional em 12º lugar, em 2018 – e uma baixa taxa de penetração de mercado, inferior ao registrado em outros países latino-americanos, inclusive (IHRSA GLOBAL REPORT in PUPIO, 2017; IHRSA GLOBAL REPORT, 2017 in ACAD BRASIL, 2018; IHRSA GLOBAL REPORT, 2019 in SOUSA, 2019). Existe um descompasso no mercado de academias brasileiro em que nem o faturamento, tampouco o número de membros (mesmo em ligeiro crescimento) acompanha o ritmo de crescimento registrado pelo número de academias de ginástica e musculação, conferindo um cenário em que a oferta é maior que a demanda (PUPIO, 2017).

De forma geral, o baixo faturamento do setor *fitness* brasileiro decorre de questões políticas, macroeconômicas e sociais. A queda do desempenho, observada a partir de 2014, se relaciona à uma esfera mais ampla da crise do capital internacional, que também ressoou no setor, mas teve um impacto diferente no Brasil em razão do início da crise política e institucional que eclodiu no país no mesmo período. O golpe jurídico-parlamentar (DEMIER, 2017) criou uma cisão política e gerou um clima de instabilidade político-econômica sentido pelo mercado na forma de retração da atividade produtiva e do consumo. Embora a condução política instituída no país a partir de 2016 respondesse aos anseios do mercado promovendo reformas em diferentes pautas, os resultados não foram sentidos na economia, ampliando ainda mais o

⁴⁵ Em entrevista para a Revista ACAD BRASIL (2018), o economista André Perfeito comenta que, uma possível estratégia para as micro e pequenas empresas do setor, as conhecidas “academias de bairro”, se associem entre si formando grupos econômicos, pelo menos durante o momento de crise, para se fortalecerem frente ao cenário de recessão e evitar a falência ou serem engolidas pelas maiores.

ritmo de desemprego e ampliando a condição de vulnerabilidade socioeconômica no país – tendência que tem se mantido mesmo após o pleito democrático seguinte, em 2018.

A taxa de câmbio teve um papel importante no redesenho da conjuntura do faturamento do setor *fitness* no Brasil, pois na medida em que a moeda brasileira vem se desvalorizando frente ao Dólar, que é o parâmetro para a confecção e análise do *ranking* internacional do faturamento do setor nos diferentes países, a tendência é também a diminuição do desempenho frente aos demais. Quando associado com os outros fatores descritos aqui, a tendência se consolida (ACAD BRASIL, 2018).

Acrescido a estas questões e focalizando na configuração do setor *fitness* brasileiro, o baixo faturamento é também resultado da profunda heterogeneidade do perfil total das empresas, em decorrência dos processos já mencionados no texto de financeirização do território, concentração e centralização de capital, em que cerca de 90% do total era composto por pequenas e médias academias, entre 2010 e 2012 (SEBRAE, s/d *in* PUPIO, 2017), cenário que pouco diminuiu para 80%, entre 2016 e 2017 (ACAD BRASIL, 2017 *in* PUPIO, 2017). Ao passo que grupos como Bio Ritmo, Bodytech e Cia. Atlética detinham, sozinhas, cerca de 34,5% do faturamento do setor (MENEZES, 2013 *in* PUPIO, 2017). O desequilíbrio do mercado reflete na distorção dos números, como a queda do faturamento, a diminuição da taxa média de aluno por academia e a incapacidade de aumentar a penetração de mercado (PUPIO, 2017).

Atualmente, as mudanças são diárias e viscerais. Basta entender a evolução do mercado nacional nos últimos sete anos. Mais que dobrou, em número de academias. E a competição despreparada, baixou ainda mais o faturamento anual médio das empresas do setor: de US\$ 120 mil em 2010 para US\$ 61 em 2016 [...] Temos muitas empresas faturando pouco, vendendo mais barato (*ticket* médio mensal de US\$ 33,54 em 2010 para US\$ 18,23 em 2016), e com menos clientes por unidade (300 por empresa em 2010 para 278 em 2016).

[...] Por aqui, o caos em formato competitivo se instaurou. Nem precisa ser um *expert* em análise mercadológica para constatar que a balança ficou desequilibrada, porque cair em faturamento e crescer em quantidade de empresas e em número de clientes significa avançar vendendo barato. Isso achata o mercado e centraliza o crescimento nas mãos dos poucos que sabem equilibrar: preço competitivo, com baixo custo operacional e entregas de valor definidas. (MENDES, 2017 *apud* PUPIO, 2017, p. 167 – 168).

O que o autor considera quase como uma capacidade cognitiva do empresário em “sabem equilibrar” a balança de entregar um serviço de qualidade com preço competitivo e baixo custo operacional, na verdade esconde um processo mais amplo da etapa atual do modo de produção que seletivamente aporta os investimentos financeiros migrados de outras áreas e

viabiliza a expansão de operações, nas quais chega a se oferecer matrícula gratuita ou a R\$ 3,00 junto com equipamentos sofisticados, caros e mão de obra reduzida.

A financeirização do setor, realizada por meio de investimentos de capital financeiro para expansão, além de gerar a concentração e centralização de capital, também caminha para inflacionar o setor promovendo um ambiente insustentável para as empresas, caso mantenha a tendência atual.

Neste sentido, é bastante assertiva a crítica de Pupio (2017) a respeito de diversas manchetes jornalísticas que enfatizam a expansão do mercado de academias de ginástica e musculação no país destacando o Brasil em segundo lugar no *ranking* como algo positivo, sem mencionar a problemática envolvida na configuração desta expansão. Para a autora, trata-se de uma jogada de *marketing* que cria um contexto favorável de intensa produtividade, quando na verdade existem discrepâncias que merecem ser analisadas.

Que tipo de expansão foi levado a cabo, portanto? Até certo modo, houve, então, uma expansão do consumo estético devido aos aspectos gerais impulsionados pela psicossfera do bem-estar e da boa forma nas cidades, sobretudo nas metrópoles, onde os nexos da globalização e do meio técnico-científico-informacional estão mais presentes. Todavia, uma análise mais aprofundada com os dados do setor identifica que, na prática, houve mais uma expansão das formas urbanas do que, de fato, do consumo das academias.

Assim sendo, é possível afirmar que, atualmente, o desejo de frequentar uma academia, cuidar da alimentação e estética corporal esteja mais presente na população do que em outrora. Este desejo pode ser deflagrado mediante um tipo de vigilância social ainda maior no presente do que em épocas passadas e com um apelo estético acrescido pelo uso das novas tecnologias, dentre as quais, as redes sociais possuem forte influência. Entretanto, o consumo do serviço de academias de ginástica e musculação, bem como da cadeia produtiva que orbita em torno deste serviço ainda continua defasado comparado ao desempenho do universo *fitness* em outros países.

É possível correlacionarmos a reafirmação do modelo de consumo estético impulsionado no país, associado a diversas expressões do neoliberalismo, como o individualismo, o narcisismo e o hedonismo.

Os modelos de serviços *fitness* comercializados nas academias atualmente se distanciam dos modelos amplamente difundidos nos países com as maiores taxas de penetração de mercado, nos quais há a vinculação de valores da sociabilidade que elenca a atividade física e a ginástica como parte de um conjunto maior de práticas que visam o bem-estar e a qualidade

de vida. Esses países são, também, aqueles em que os modelos de política econômica buscam amparar o cidadão em meio a um Estado de bem-estar social, agindo em diversas frentes pela garantia da cidadania, dos direitos básicos, da democracia, da diminuição da desigualdade social e do pleno acesso à educação (a exemplo da Suécia e Noruega com 21,4% e 20,9% de penetração de mercado, respectivamente – Gráfico 13). O economista André Perfeito, em entrevista à Revista ACAD BRASIL, em 2018, defende a promoção dessa visão conjunta, que poderá trazer benefícios do próprio mercado:

A taxa de penetração é do tamanho do mercado consumidor. Devemos lembrar que mais de 50% da população vive em média com mil Reais. Em regra, não é um público que vai consumir além do básico para a sobrevivência. Dá para crescer essa taxa de penetração? Sim, mas só se a renda no país for distribuída com menos desigualdade. O mercado brasileiro é potencialmente gigante, desde que se discuta um novo programa econômico, com previsão de maior distribuição de renda, aumentando a base do público consumidor. (ACAD BRASIL, 2018, p. 20).

O economista aponta que o caminho para o crescimento de mercado passa, necessariamente, por uma nova conjuntura de política econômica para o país (ACAD BRASIL, 2018). O que se nota, muitas vezes, é uma articulação do mercado que não visualiza a conjuntura de forma ampla e não enxerga os efeitos de inúmeros processos que tem estimulado para ganhos imediatos.

É necessário que também o Estado protagonize os interesses da política econômica nacional e pensar bem-estar do público, incentivar a cidadania para que os reflexos sejam sentidos tanto pela população por meio do incremento na educação, na cultura, na garantia dos direitos básicos e universais. Isto pode ter reflexos, inclusive, no mercado, desde que também haja limites e se crie mecanismos de inibição de distorções nos setores produtivos, como a concentração e centralização de capital, os quais são prejudiciais para o próprio mercado (ACAD BRASIL, 2018).

3.4 – O universo *fitness*: elementos constituintes, cadeia produtiva e regulação do território

A expansão das academias de ginástica e musculação, desde as primeiras etapas até as fases de complexização do processo mais recentemente, envolve a mobilização de diversos ramos produtivos responsáveis por prover toda a aparelhagem utilizada para a finalidade de exercícios físicos, a própria estrutura física da academia e, de alguns anos para cá, a difusão de

diferentes tecnologias que se respaldam na questão *fitness* para promover as mais variadas formas de leituras do corpo humano com avaliações físicas detalhadas disponíveis na palma da mão nos celulares.

Ademais, o crescimento do mercado de academias impulsionou, de forma direta, não somente as empresas envolvidas na produção do maquinário presente nas próprias academias, mas também impulsionou diversos outros mercados que orbitam a academia e possuem interfaces com a atividade física, como os setores da alimentação, da medicina voltada para o consumo estético e até mesmo da moda. A presente etapa da pesquisa se debruçará em compreender a relação do mercado de academias e as correlações que o desenvolvimento desses setores tiveram em função do crescimento do *fitness*.

Na elaboração teórica do espaço geográfico, a técnica e a norma são elementos indissociáveis e constituintes dos sistemas de ações e de objetos, sobretudo no decorrer do período de globalização econômica e do advento do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2012a [1996]). Na medida em que o processo de racionalização e informatização vai se adensando nos usos do território em meio à consolidação do processo de globalização, o grau de técnica e de norma incutido nos objetos torna-se maior e isto é observado no desenvolvimento dos elementos envolvidos na cadeia produtiva do universo *fitness*.

3.4.1 – Aparelhos de ginástica e musculação: desenvolvimento tecnológico e noção de conforto ao usuário

Os aparelhos de exercícios físicos no início do processo de expansão embrionária das academias, durante a fase que percorre os anos 1950 e 60, ainda eram feitos de modo improvisado nas academias. A combinação de diferentes materiais para obter a aparelhagem necessária que realizasse os movimentos desejados era comum a ser construída por parte dos antigos proprietários das academias e interessados do setor:

Os aparelhos usados nas academias eram confeccionados basicamente de ferro e madeira, com funcionamento e alavancas mecânicas, principalmente por meio de roldanas. O entrevistado Newton Roldan ainda possui na Academia Roldan alguns aparelhos da década de 50, com roldanas de madeira, e espaldares e barras de ferro que eram usadas no referido período. (TOLEDO, 2010, p. 179)

O mesmo processo ocorrido na academia em São Paulo também foi relatado em outros lugares, conforme a citação da pesquisa de Furtado (2009, p. 2), levando em consideração também as primeiras academias em Goiânia:

[...] Os instrumentos de produção eram rudimentares. Um dos pioneiros nesse ramo em Goiânia, em entrevista realizada por Ribeiro (2004, p. 16), assegura: “fiz meus pesos, eram fundidos com cimento; eu pegava brita, cascalho, areia e cimento e fazia os pesos. Os canos a gente cortava e servia de barra”. (FURTADO, 2009, p. 2).

Além dos aparelhos, o próprio lugar da prática de atividades físicas também era improvisado neste período, conforme já foi mencionado na pesquisa. Os locais possuíam uma estrutura simples, muitas vezes agregadas à casa do próprio dono da academia ou em salas comerciais adaptadas, sem muitas preocupações sobre normas de metragem e dimensionamento dos espaços (PUPIO, 2017). A norma e a técnica ainda não se fazem presentes em graus mais racionalizados, os quais começariam a despontar na medida em que o setor expande com maior dinamismo no território.

Atualmente, a tecnologia permeia a aparelhagem em diversos graus, a depender do tipo da academia, mas a fabricação segue normas padronizadas de ergonomia, mesmo nos aparelhos mais simples. Alguns equipamentos são acoplados com sensores que se comunicam com pulseiras usadas pelos profissionais de educação física. Quando o usuário tem dúvidas sobre a utilização do equipamento, ele pode acionar o botão e o professor se encaminhará até ele, conforme Foto 10.

Foto 10: Aparelho de ginástica com botão de acionamento remoto ao profissional de educação física (indicação em amarelo)

Fonte: Autoria própria (2018).

Dessa forma, fica evidente a relação cada vez mais intrínseca entre a aparelhagem disponibilizada nas academias, sobretudo naquelas em que se recebem os maiores aportes de investimento financeiro, e a tecnologia. Empresas fabricantes procuram se aproximar de mecanismos da microeletrônica para a comunicação à distância com o Educador Físico, como no caso demonstrado na Foto 10, mas também buscam construir o objeto técnico pensando-se nos mínimos detalhes para o máximo aproveitamento biomecânico dos movimentos, oferecendo ao usuário uma experiência confortável de utilização.

Esta noção de conforto ao manipular o aparelho de exercício físico fica menos perceptível na medida em que a academia não dispõe de recursos financeiros para investir na compra da aparelhagem de última geração. Em determinado grau, esse critério é levado em consideração pelo consumidor, que, numa eventual comparação de academias onde deseja se exercitar, escolhe aquelas onde a academia lhe oferece melhor conforto com a aparelhagem

(escolha determinada, obviamente, tendo em mente também um conjunto outros elementos estratégicos de *marketing*, como, por exemplo, a precificação oferecida ao cliente, benefícios, etc.). Em termos gerais, isto contribui para o cenário maior de concentração e centralização do mercado.

3.4.2 – *Cosmética e cirurgias plásticas para fins estéticos*

Muitos elementos envolvidos na esfera do consumo estético se desenvolveram à parte do advento das academias, mas também com forte impacto a partir da década de 1980. De certo modo, os mesmos signos que permeavam o imaginário social brasileiro influenciado pelos produtos culturais norte-americanos impulsionaram o culto ao corpo em suas diversas manifestações, impactando a eclosão de diferentes mercados (CASTRO, 2007; TOLEDO, 2010).

O que teria levado a sociedade, a partir dos anos 80, a intensificar a preocupação com o corpo como um dos elementos centrais na vida das pessoas? Tal intensificação está ligada à história da moda, que pode ser entendida como as imagens sociais do corpo, o espelho de uma época. (CASTRO, 2007, p. 26).

Dentre os diversos mercados atingidos pela necessidade imposta do consumo estético, ainda na década de 1980, a área cosmética terá um grande salto. A área, que já se fazia presente no cotidiano das mulheres há muito tempo, ganha uma nova projeção cada vez mais associando os contornos corporais com a saúde, a qualidade de vida e a modernidade (TOLEDO, 2010).

A área cosmética terá um grande avanço, especialmente os cremes regeneradores da pele. O corpo ativo da mulher moderna é um corpo onde os adjetivos “liso” e “tonificado” estarão em destaque, ficando a cargo dos produtos e da ginástica proporcioná-los. Por isso, não por coincidência, os mesmos adjetivos utilizados nas propagandas dos cremes, serão as do corpo “malhado” (TOLEDO, 2010, p. 74).

Uma diferença sutil, mas fundamental, é a compreensão do uso da cosmética como forma de embelezamento para ressaltar as características físicas individuais do corpo, sobretudo o corpo feminino. O que parece emergir com maior ênfase neste período é a orientação da cosmética (mas não somente ela) para produzir a imagem do corpo condizente com diversos parâmetros estéticos em voga. “[...] Gradativamente os adjetivos vão se tornando sinônimos: liberdade, juventude, ousadia, beleza... e outras marcas de cosméticos irão reforçar estes vínculos” (TOLEDO, 2010, p. 76). Por isso, não somente a cosmética teve forte impulso de

mercado neste período, mas também áreas que promovem a modificação estética do corpo passaram a ganhar espaço.

A cirurgia plástica se insere na centralidade da discussão, pois representa um patamar ainda mais íntimo na modificação do corpo humano e a um nível mais invasivo e recorrente que os demais itens e procedimentos, como no caso das próteses de silicone, cujas trocas têm datas marcadas. Tais cirurgias, realizadas para fins estéticos, movimentam milhões de dólares no mundo todo, representam um dos setores mais promissores do exercício da medicina e são objetos de anseio de homens e mulheres que desejam realizar correções, aumentando ou diminuindo partes do corpo para se sentirem bem.

“No setor de serviços, as academias de ginástica e as clínicas de cirurgia plástica são as instituições mais significativas do mercado de produção da beleza” (ARAÚJO, 2008, p. 42). Não à toa que, conforme reportagem da Revista Isto É (2014), o Brasil foi responsável por 13% do total de cirurgias plásticas para fins estéticos em todo o mundo, em 2013, de acordo com dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética, que reúne 2,7 mil membros em 95 países. O Gráfico 16 ilustra a dimensão do cenário, abordando os três países com o maior número de procedimentos dessa natureza:

Gráfico 16: Países com o maior número de cirurgias plásticas para fins estéticos realizadas em 2013.

Fonte: REVISTA ISTO É (2014).

Conforme a análise do Gráfico 16, em 2013, o Brasil liderava o *ranking* de cirurgias plásticas para fins estéticos no mundo, superando os Estados Unidos, considerado também uma potência nesse segmento e ainda mais distante do terceiro lugar, o México. Quando são analisados os números referentes a tipos específicos de cirurgias, como os seios, nariz, abdômen ou as lipoaspirações, Brasil e Estados Unidos revezam na liderança mundial (ISTO É, 2014).

O desejo pelas plásticas para fins estéticos mobiliza homens, mas principalmente mulheres a recorrerem às mesas de cirurgia no Brasil. A possibilidade de redefinição da aparência física e a consequente melhoria da autoestima conduz, inclusive, jovens e adolescentes para a realização do procedimento. Neste *ranking*, o Brasil também se destaca como sendo líder no número de cirurgias feitas em jovens de 13 a 18 anos. Conforme dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), nos últimos dez anos, houve um acréscimo de 141% do número de procedimentos feitos para essa faixa de idade, chegando a 97 mil cirurgias, em 2016. A título de comparação, no mesmo período foram realizadas 66 mil cirurgias para fins estéticos em jovens da mesma faixa etária nos Estados Unidos (BORGES, 2019).

No final do século XX, Beleza e cirurgia plástica passaram a caminhar de mãos dadas no Brasil, ou seja, não é possível falar em história da beleza no século XX sem mencionar o papel dos discursos que enfatizam a necessidade da obrigatoriedade da beleza através dos avanços tecnológicos das cirurgias plásticas. (ARAÚJO, 2008, p. 149).

A evidência com que o tema emerge em paralelo histórico e geográfico com o advento das academias de ginástica e musculação tendo como componente em comum o consumo estético em decorrência do culto ao corpo é algo notável e ainda pouco debruçado na Geografia.

3.4.3 – Alimentos *light* e *diet* associados à magreza e beleza

O universo *fitness* também mobilizou mercados relacionados à qualidade dos alimentos comercializados pela indústria há décadas. O advento tecnológico observado nas últimas décadas do século XX também possibilitou maior aproximação da indústria alimentar com os anseios da área da saúde. Isto possibilitou a criação das linhas de produtos mais leves ou dietéticos (as versões *light* e *diet*), porém os apelos publicitários associados ao consumo desses alimentos passaram a estar crescentemente associados à estética da magreza e à beleza. No caso da popularização das publicidades de adoçantes, além de valores estéticos, valores ligados ao prestígio social também estavam incutidos na elaboração subjetiva das peças⁴⁶ (TOLEDO, 2010).

3.4.4 – Moda *fitness*: vendas impulsionadas pelo apelo estético

“A busca dos brasileiros por um estilo de vida saudável favorece a venda de produtos *fitness*” (SEBRAE, 2015). A chamada na reportagem do SEBRAE, em 2015, mostra aos desejosos por empreenderem no ramo da moda *fitness* as oportunidades existentes neste setor. A moda *fitness* é um dos ramos que despontou com o advento das academias de ginástica e musculação. A difusão da vestimenta voltada para a ginástica, por sua vez, também teve origens na década de 80 (TOLEDO, 2010).

Outros produtos irão ser criados para a obtenção da boa forma e para a prática da Ginástica, como as vestimentas com base na *lycra*. Segundo as entrevistas da pesquisa, as alunas praticantes de ginástica de academia na década de 70 usavam preferencialmente meias-calças de fios de seda e *collants* de elanca.

Já na década de 80 tem-se o lançamento da *lycra*, pela *Du Pont*, uma tecnologia aplicada a várias vestimentas como calcinhas, sutiãs, cuecas, calças jeans e roupas de ginástica. A marca tradicional de meia-calças TRI-FIL cria com pioneirismo um modelo específico para a prática da dança e da ginástica, combinando a *lycra* com a helanca. (TOLEDO, 2010, p. 174).

⁴⁶ Esta discussão está desenvolvida no subcapítulo 2.2 a respeito da comensalidade urbana contemporânea.

O fomento a um determinado estilo de vida *fitness* não passa somente pelas transformações impingidas ao próprio corpo, como também pela utilização de determinados signos no corpo e, neste sentido, a elaboração de um segmento de moda específico teve um papel fundamental para contribuir na construção de uma identidade de grupo. Há de se destacar também o papel que os meios de comunicação tiveram na difusão dos valores estéticos atribuídos à moda *fitness* como expressão de boa forma e bem-estar, como no caso da Revista Veja, nos anos 1980, e a veiculação da publicidade da meia de lycra para a ginástica feminina, conforme Imagem 18.

Imagem 20: Publicidade com meia de lycra para ginástica feminina

Fonte: TOLEDO (2010).

Atualmente, a moda *fitness* e esportiva representa um ramo importante dentro da indústria têxtil com roupas de *legging*, *shorts* com saia, macacões, macaquinhos, tênis esportivos, etc. A consolidação dos estilos de vida voltados para a prática de ginástica e musculação também fez com que o vestuário *fitness* despontasse enquanto uma identidade, um estilo de vida expresso por aspirantes de práticas esportivas e vida saudável. Mesmo quando a pessoa não está indo ou voltando de uma atividade física, ela pode utilizar o vestuário *fitness* para realizar quaisquer outras atividades. O conforto sentido pelas peças também facilita a gama de usuários, ainda que não sejam esportistas, se tornando um conceito de moda (SEBRAE, 2015).

A reportagem do SEBRAE (2015) destaca alguns números do setor de moda *fitness*, mostrando a relevância em termos de atividade econômica. No Brasil, “o segmento possui mais de 7 mil lojas especializadas em artigos esportivos; mais de 14 mil lojas vendem algum tipo de artigo esportivo; o faturamento anual de varejo esportivo no País é de R\$ 4,7 bilhões”. (SEBRAE, 2015, s/p).

3.4.5 – Instrumentos de medição corporal e o fomento ao consumo estético

Além da moda, diversos outros itens que, inicialmente, não faziam parte do universo *fitness* foram sendo incorporados. O caso da balança, que teve início nas clínicas médicas e farmácias, foi tendo o seu uso médico ampliado e, de certa forma, banalizado nas academias de ginástica e musculação (TOLEDO, 2010).

A balança sem dúvida é um instrumento de medição que merece destaque. Encontrada durante muito tempo somente em hospitais e clínicas médicas, popularizou-se gradativamente à medida que habitou de forma crescente espaços como farmácias e centros de saúde e estética. No caso das farmácias, seu uso não mais estava condicionado a uma exigência do médico ou do farmacêutico. Estava lá, disponível ao uso de todos, geralmente próximo à porta ou ao caixa, ou seja, em lugares centrais que favoreciam seu uso, como se o auto avaliar-se em relação ao peso fosse uma “preocupação natural”. A balança, com o seus mais variados “*designs*”, parece estar cada vez mais adentrando nos domicílios, assim como sua presença cada vez mais se garante nas academias de ginástica de médio e grande porte, nas salas de avaliação física (uma exigência) e nas salas de musculação e vestiários. (TOLEDO, 2010, p. 124)

A interessante colocação de Toledo (2010) a respeito da naturalização da preocupação com o ato de avaliar o próprio peso foi se difundindo de modo tão sutil, sobretudo entre as farmácias e clínicas estéticas, que não há, de fato, uma preocupação com o significado do peso obtido. Esses instrumentos se popularizaram e adentraram nas casas das pessoas como um reforço prático do discurso da boa forma, uma forma de policiamento e quantificação do corpo inseridas no cotidiano. A banalização da medição nas balanças comuns, mesmo para fins estéticos, não leva em consideração as diferenças de gordura e massa magra no corpo, que podem estar distribuídas de maneiras diferentes de pessoa para pessoa e refletem no peso final⁴⁷.

⁴⁷ Como consideração da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO), em 2016, “a medida de massa corporal mais tradicional é o peso isolado ou peso ajustado para a altura. Mais recentemente, tem-se notado que a distribuição de gordura é mais preditiva de saúde. A combinação de massa corporal e distribuição de gordura é, provavelmente, a melhor opção para preencher a necessidade de avaliação clínica. Deve-se notar, a princípio, que não há avaliação perfeita para sobrepeso e obesidade, que pode variar de acordo com fatores étnicos e genéticos” (ABESO, 2016, p. 15).

O avanço da tecnologia associado a este setor, contudo, ampliou as possibilidades de análise das variações de peso do corpo humano. Balanças de bioimpedância, extremamente precisas, identificam os percentuais de gordura corporal, massa muscular, água corporal, gordura visceral, além de calcular o Índice de Massa Corpórea (IMC). Esses equipamentos estão presentes em clínicas nutricionais, clínicas estéticas e, até mesmo, disponíveis em academias de ginástica e musculação. No caso observado em campo na Imagem 21, após a Foto 11, a obtenção dos resultados da aferição está condicionada ao uso de um aplicativo oferecido pela própria rede de academias que mostra os valores e promove contatos virtuais com nutricionistas, que dão dicas de alimentação a fim de construir um quadro evolutivo da avaliação física (Foto 11).

Foto 11: Aferição de gordura corporal com balança de bioimpedância em academia em São Paulo

Fonte: Autoria própria (2019).

Imagem 21: Aplicativo de celular Smart Nutri, vinculado à campanha da rede para o acompanhamento de peso e avaliação nutricional

Fonte: Autoria própria (2019).

As clínicas estéticas também são responsáveis por difundir inúmeros outros procedimentos que promovem o apelo da boa forma. Conforme foi mencionado no subcapítulo 2.3, procedimentos não-invasivos, como a criolipólise e a carboxiterapia a vácuo, entre outros, permeiam os anúncios promovendo emagrecimento, boa forma e a autoestima. O desenvolvimento tecnológico possibilitou a popularização desses aparelhos, bem como a creditização da sociedade, reflexo da financeirização do território (SANTOS; SILVEIRA, 2014 [2001]; SILVEIRA, 2017), também facilitou o acesso ao consumo dos procedimentos pagáveis em parcelas no cartão de crédito, como na Imagem 22.

Imagem 22: Anúncio publicitário de clínica estética para criolipólise no cartão de crédito

Fonte: Autoria própria (2019).

A fita métrica é outro item que foi migrado do mundo da costura e da moda e passou a integrar, de forma intensa, o universo *fitness*. Servindo como instrumento de medição do corpo, em especial da cintura abdominal, as proposições a respeito dos resultados obtidos pela medição também inferem sobre o apelo estético, principalmente sobre as mulheres (TOLEDO, 2010). Associada a isto, desenvolveram-se, em muitas delas, doenças como anorexia e a bulimia, conforme tratado no subcapítulo 2.3 detalhadamente.

“[...] nos anos 80 houve uma diminuição de 2,5 cm nas silhuetas [de candidatas a concursos de beleza], apontando para uma generalização da estética da magreza, especialmente entre as mulheres (SILVA, 2001 in TOLEDO, 2010)”. Ainda que a simbologia representada pela fita métrica esteja ainda fortemente associada à discussão puramente estética, o discurso médico também faz uso deste tipo de aferição tendo como argumento principal a associação da circunferência abdominal às possibilidades estatísticas de desenvolver doenças cardiovasculares, associadas ou não à outras medidas, como a altura (Índice da Relação Cintura-Estatura – RCE⁴⁸), por exemplo (MACIEL, 2019).

Embora o discurso médico-estatístico ressalte a importância de determinados padrões métricos por questões de saúde do indivíduo, a medição da circunferência abdominal vem sendo utilizada para reforçar o discurso estético, assim como ocorre com a aferição de peso. Atualmente, as medições do corpo misturam saúde e estética e estão difundidas pelos mais

⁴⁸ Conforme reportagem da Agência Brasil, além do indicador da simples aferição da circunferência abdominal estar associada ao risco de desenvolver doenças cardiovasculares (caso ultrapasse 94 cm nos homens e 90 cm nas mulheres, segundo a OMS), de maneira genérica, outras aferições podem auxiliar a obter um diagnóstico mais preciso. A reportagem aponta para a Relação Cintura-Estatura (RCE) como um desses indicadores. O cálculo é feito com base na divisão da cintura pela estatura. Se o valor obtido estiver acima de 0,5, há maior probabilidade de desenvolver distúrbios cardíacos. O oposto também é verdadeiro (MACIEL, 2019).

variados meios. Aplicativos de celular, por exemplo, reforçam o apelo da boa forma para a obtenção da “barriga tanquinho” ou o “abdômen sarado” orientando a execução de exercícios físicos que podem ser feitos em casa, como na Foto 12, que relaciona o “velho” e o “novo” neste processo.

Foto 12: O “velho” e o “novo” na aferição corporal: a fita métrica e o aplicativo de avaliação de redução de gordura abdominal

Fonte: Autoria própria (2019).

3.4.6 – A cadeia produtiva

O desenvolvimento do universo *fitness* teve incentivos no Brasil correlacionados com as mudanças de ordem político-econômicas decorridas nas últimas décadas do século XX. Não somente os elementos inseridos num aspecto mais amplo do consumo estético, mas também, mais precisamente os diferentes agentes que se relacionam de modo mais direto com a cadeia

produtiva⁴⁹ envolvida no mercado de academias de ginástica e musculação passaram também a crescer (FURTADO, 2009).

[...] no cenário macro-econômico, o Brasil nesse mesmo período começa a intensificar as reformas neoliberais que compreendem, dentre outros fatores, uma abertura econômica que favorece o aumento das importações. Tecnologias importadas entram com mais facilidade no mercado nacional, dentre elas, tecnologias dos equipamentos de musculação e de ginástica e tecnologias de organização e gestão do trabalho. (FURTADO, 2009, p. 4)

A abertura política ocorrida nos anos 90 facilitou a importação de equipamentos voltados para as academias. Conforme a argumentação desenvolvida com mais detalhes no subcapítulo 3.2, as grandes redes de academias que possuíam maior aporte de capital se beneficiaram com isso, tendo em vista que tinham mais facilidade para realizar os investimentos necessários de maquinário sofisticado, cuja fabricação de ponta, na época, vinha do exterior (PUPIO, 2017).

A cadeia produtiva que envolve, mais precisamente, o ramo de academias não se relaciona somente ao maquinário. De fato, o dimensionamento de uma cadeia produtiva é complexo e envolve a participação de diversos setores produtivos e industriais distintos que, em determinado momento, se entrecruzam para a entrega de bens e serviços ao setor.

Analisando como um todo, uma academia de ginástica e musculação é resultado da convergência que envolve a indústria de construção civil, a qual se especializa na construção do espaço físico, portanto a estrutura física, elétrica, hidráulica se fazem presentes. As indústrias mecânica, eletrônica, plástica, madeireira se entrecruzam na produção da aparelhagem, que envolve os equipamentos de exercícios, mas também determinados tipos de pisos para os ambientes de ginástica e musculação (PUPIO, 2017).

Ademais, outras indústrias compõem uma relação de proximidade por estarem inseridas na composição de bens e serviços do universo *fitness* de modo geral, como a indústria microeletrônica, fármaco-química, têxtil, etc. Todas as correlações resultam na obtenção dos

⁴⁹ Conforme a conceituação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), cadeia produtiva se refere “[...] como o conjunto das atividades, nas diversas etapas de processamento ou montagem, que transforma matérias-primas básicas em produtos finais. Em uma estrutura industrial razoavelmente desenvolvida é praticamente impossível a delimitação de cadeias produtivas no sentido estrito, dada a interdependência geral das atividades, além da possibilidade de substituição de insumos. Essa noção, no entanto, é fundamental para a conceituação de complexos industriais, definidos como conjuntos de cadeias produtivas que têm origem nas mesmas atividades ou convergem para as mesmas indústrias ou mercados. Em cada cadeia produtiva encontram-se indústrias estreitamente relacionadas por compras e vendas concorrentes, constituindo os principais mercados e/ou fornecedores das demais atividades participantes”. (HAGUENAUER *et al.*, 2001, p. 6 *apud* PUPIO, 2017, p. 178 – 179).

mais variados instrumentos, desde aparelhos de medição corporal, equipamentos de informática, segurança, som, suplementos alimentares, moda *fitness*, entre outros (PUPPIO, 2017).

A tese de Pupio (2017) se debruçou em compreender mais profundamente os diferentes nexos que compõem a cadeia produtiva do ramo de academias. A elaboração teórica possibilita enxergar de forma simples a complexidade da cadeia e os diversos agentes envolvidos direta ou indiretamente no setor, conforme ilustração do Fluxograma 1:

Fluxograma 1: A Cadeia Produtiva das Academias de Ginástica

Conforme a análise do Fluxograma 1, o setor de academias de ginástica e musculação se correlaciona com uma gama de outros setores produtivos e industriais. A complexidade constituída neste cenário decorre também da racionalização que o setor passou em seu processo de reestruturação produtiva (discutido no subcapítulo 3.2), que ampliou o conteúdo técnico e normativo no território.

A construção de uma academia de ginástica e musculação envolve, portanto, distintos elementos provindos de diferentes conexões da cadeia produtiva. Conforme orientação do SEBRAE aos empreendedores que desejam montar uma empresa, o Serviço dimensiona de forma detalhada a gama de itens básicos que devem conter na academia, bem como sugere, dentro das condições dos investidores, a maior racionalização dos processos, da construção dos ambientes, do aproveitamento dos recursos para viabilizar a maior margem de lucro possível (PUPIO, 2017). A Imagem 23, em seguida, exemplifica uma planta arquitetônica básica de uma academia simples, em que a racionalização dos espaços e dos processos está bem aplicada dentro das condições observadas. Evidentemente, haverá mudanças consideráveis de acordo com cada caso, sendo recomendada a contratação de profissionais especialistas que irão auxiliar o empreendedor a definir os detalhes do projeto.

Imagem 23: Croqui básico de uma academia de ginástica e musculação, conforme sugestão do SEBRAE (2016)

Fonte: SEBRAE, 2016 in PUPIO (2017).

A depender da dimensão da academia, ela pode ser classificada de Micro, Pequena, Média, Grande e Mega, pela classificação de Bertevello (2006 in PUPIO, 2017). Esta classificação, uma das mais difundidas na área, leva em consideração o número de trabalhadores (dentre os quais, profissionais de educação física, *personal trainers*, atendimento aos clientes, encarregados de limpeza e manutenção, entre outros), quantidade e diversidade de atividades físicas/aulas ofertadas, número médio de alunos, volume do investimento no empreendimento (incluindo a avaliação do imóvel se é alugado ou próprio) e, em alguns casos, a existência da ministração de cursos profissionalizantes e treinamentos a funcionários.

Por outro lado, Furtado (2007 in PUPIO, 2017) considera apenas as categorias de número de alunos e tamanho da área construída como centrais para a classificação do porte das academias. Desse modo, ele varia entre Pequenas, Médias, Grandes e Mega. Sua diferenciação está no fato de considerar que academias pequenas podem incutir um grau avançado de racionalização nos processos pela introdução de teorias administrativas, por exemplo, análise

que foge à classificação atrelada apenas ao tamanho da academia com a gestão administrativa (PUPIO, 2017).

3.4.7 – Regulamentação do Profissional de Educação Física

A norma e a técnica passaram a estar incorporadas de forma intrínseca na composição dos objetos técnicos no território, de modo geral. Na medida em que os nexos da globalização, do meio técnico-científico-informacional e da divisão social territorial internacional do trabalho se adensam, a regulação no território se torna mais ampla e híbrida. Estado, enquanto único ator político e jurídico por excelência capaz de normatizar o território, perde sua força de atuação no período atual frente às corporações e diversas organizações de solidariedade constituem os novos atores responsáveis pelo desencadeamento do hibridismo normativo no território. Este cenário complexo varia em decorrência do jogo de forças dos diferentes atores que operam segundo seus interesses nos usos do território, conferindo o que se convém denominar na literatura como pluralismo jurídico (FARIA, 1999).

No caso do setor *fitness* no Brasil, despontam as instituições que vão atuar na fiscalização, normatização e controle, exercendo um papel intermediário entre o Estado e os interesses do mercado. O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), bem como a rede formada pelos Conselhos Regionais de Educação Física (CREFs), regionalizadas pelo país, são as principais instituições que regulam a atividade Profissional de Educação Física (CONFEF, 2019).

A criação do sistema CONFEF/ CREF possui correlações com a história da ginástica e, sobretudo, com a reestruturação produtiva ocorrida nos anos 1980 e 90 no interior do setor de academias de ginástica e musculação voltada para a maior racionalização das mesmas (PUPIO, 2017).

De forma geral, o interesse em constituir um Conselho ou uma Ordem relacionada aos profissionais do ramo de educação física já era manifesta desde a década de 1940. Naquele período, a organização dos profissionais do ramo estava voltada para a representação dos professores de Educação Física, por meio das entidades da Associação de Professores de Educação Física (APEF) e da Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física (FBAPEF) (CONFEF, 2019).

No decorrer deste momento, a atividade da Educação Física era exercida, predominantemente, por professores em escolas. Os debates ocorridos entre os interessados na

criação de um Conselho ou Ordem não manifestavam ações práticas na formalização de um projeto. Somente na década de 1980 é que o debate tomou um novo patamar. Notou-se que era inviável criar um Conselho ou Ordem de professores de Educação Física justamente por pela função de professor ligar-se ao magistério. Então, o movimento reestruturou o projeto designando o sujeito “Profissional de Educação Física” a ser regulamentado, porém, após aprovações no Congresso, vetou-se o projeto devido a implicações trabalhistas, em 1990 (CONFEEF, 2019).

Somente em 1995 é que uma nova mobilização nacional em prol da regulamentação do profissional de Educação Física ganhou dinamismo e se tornou um novo projeto, o qual foi sancionado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), em 1998. A criação do sistema CONFEEF/ CREF se deu em um momento em que se viam pessoas trabalhando em academias, as quais estavam se expandindo de modo acelerado, sem respaldo regulatório. A regulamentação do profissional de Educação Física veio a atender o mercado emergente que demandava de força de trabalho específica, diplomada e registrada (CONFEEF, 2019).

Formalmente, houve uma cisão na formação universitária em Educação Física a partir do marco legal, em 1998. A licenciatura e o bacharelado passaram a coexistir na área, o que representou uma oportunidade de ganhos por parte dos empresários de faculdades privadas, passando a oferecer dois cursos distintos (PUPIO, 2017). Embora houvesse mudanças curriculares nas duas áreas e, a princípio, a formação do bacharel, fosse direcionada para a atuação enquanto profissional de Educação Física nas academias de ginástica e musculação, Pupio (2017) questiona se o currículo tem atendido, de fato, aos fins que lhe foi designado. Ainda assim, este segmento de formação tem demonstrado tendência de crescimento frente à formação de novos professores, embora ainda seja majoritária, conforme o Gráfico 17:

Gráfico 17: Evolução do número de egressos em ambos os cursos (bacharelado e licenciatura) de Educação Física (2010 a 2015)

Fonte: PUPIO (2017).

Segundo a tese da autora, a reestruturação produtiva ocorrida no setor de academias no decorrer de sua história, que ampliou a racionalização do setor e impulsionou a migração de capital para a eclosão das mesmas, resultou também na transferência de capitais para o ensino superior de modo a produzir uma expansão dos cursos superiores para atender a oferta de profissionais no setor. No entanto, a autora compreende que a aderência dos trabalhadores que atuam no interior da cadeia produtiva, a exemplo de cursos específicos ministrados por profissionais das próprias redes de academias e/ou empresas especializadas (PUPIO, 2017).

O marco regulatório instituído no setor, que reorganizou a formação dos profissionais da área e formalizou a atuação dos profissionais de Educação Física no interior das academias, reforçou os nexos da financeirização do território, concentração e centralização de capital, os quais encontraram respaldo normativo para a continuidade da expansão das academias nas cidades. Contextualizado em meio ao período neoliberal, o processo que cindiu a formação e, consequentemente, a atuação dos trabalhadores do ramo de atividades físicas contribuiu para a fragilização da organização sindical dessa nova categoria (PUPIO, 2017).

3.4.8 – Suplementação alimentar

A regulação no território concernente ao universo *fitness* também envolve as questões relacionadas à suplementação alimentar. Segundo Muñoz-Henao (2017), os suplementos visam atender à melhora no desempenho físico, ao ganho de massa muscular, à perda de peso, à melhora no desempenho sexual, à complementação nutricional e à busca do “corpo ideal”. As primeiras substâncias elaboradas enquanto fármacos que tiveram seu uso reorientado ao objetivo do emagrecimento surgiram, a princípio, com objetivos diferentes de seu uso final (ARAÚJO, 2008).

[...] As primeiras drogas para emagrecer foram as anfetaminas, que surgiram na década de 1940. No princípio, eram usadas como arma de guerra para limitar o sono e o apetite dos soldados. Nos anos 1950 e 1960, tornaram-se o principal remédio contra os quilos em excesso. Logo, porém, apareceram os graves efeitos colaterais provocados por esses medicamentos e de tantos outros que surgiram. Pois, ao mesmo tempo que provocavam efeito de saciedade também produziam irritabilidade, dificultavam o sono e atrapalhavam qualquer trabalho que exigisse concentração. Os laboratórios continuaram investindo na criação de medicamentos contra a obesidade, e nos anos 1990, vários remédios chegaram às prateleiras das farmácias, fazendo sucesso no mundo inteiro, inclusive no Brasil. (ARAÚJO, 2008, p. 69).

Já a suplementação alimentar que tem, como objetivo, o ganho de massa muscular quando associada à rotina de treinos nas academias desponta em meio à fase embrionária de expansão das academias, por volta dos anos 1970, mas ainda não da forma como é concebida atualmente.

Os praticantes de fisiculturismo foram os pioneiros a buscarem alternativas nutricionais que potencializassem a hipertrofia muscular para se lançarem nos concursos pelo maior porte físico. No entanto, a forma como isso se dava era totalmente rudimentar e permeada de improvisos. Conforme a entrevista com Pereira (2018), “os praticantes de musculação batiam o [bife de] fígado no liquidificador e tomavam aquilo, não tinha suplementação alimentar, o negócio era louco”.

O setor de suplementação alimentar e nutrição esportiva, que hoje fabrica e comercializa diferentes suplementos incrementados na dieta de atletas profissionais, esportistas e praticantes de exercícios físicos em geral, ou também chamados de atletas amadores, começou enxergando na necessidade observada pelos praticantes de musculação uma oportunidade de introduzir produtos que não existiam no mercado até então. Pereira (2018) descreve bem o início do processo:

A suplementação alimentar começou no Brasil nas mãos de um médico chamado Dr. Euclésio Bragança, que é o fundador da Integral Médica, que hoje está nas mãos do filho dele. Eu o conheci no final de 1985, quando eu estava comprando a editora, ele apareceu visitando aqui o prédio, ele oferecia nas academias, nas poucas que haviam, ele vendia a proteína da soja, e eu olhei e falei *pra* ele que o produto tinha demanda, só que tinha que mudar o visual dessa caixa, era uma caixinha dirigida às lojas naturais. Aí veio a ideia e ele logo correu atrás e transformou essa caixa numa outra coisa mais dirigida ao segmento, e deu muito certo logo de cara, que tinha demanda. Foi a primeira publicidade dirigida a esse segmento, o primeiro produto e a primeira publicidade. Tudo muito improvisado na época, mas ficou bonito, ela vale até hoje essa publicidade. Se colocar lá hoje, é uma boa imagem. E todo mundo começou a estrear nisso. O fotógrafo da época, que era o Bauer, da Bauer Studio, ele trabalhava na Editora Abril, mas não como fotógrafo, ele era promotor de eventos. [...] [Bauer] começou a trabalhar com isso e foi acontecendo... Logo ele [Dr. Bragança] lançou outro produto (ele é um Midas, onde ele bota a mão, a coisa acontece), logo ele veio para o Natubolic, foi um produto que fez muito sucesso, fígado desidratado... aí veio a concorrência logo em seguida 1 ano depois, a Probiótica... então, na verdade, não existia suplementação alimentar: existiam os mixes, os fortes atletas, etc.

O próprio sr. Pereira foi um dos agentes que participou do início do processo, atuando na vanguarda do comércio de suplementação alimentar, conforme afirma: “Eu inventava, montava, fazia um mix de proteínas com carboidratos, mais pelo instinto do que pela ciência. Não tinha ciência. Montava os mix, comprava na zona cerealista e colocava no balcão” (PEREIRA, 2018).

Somente em julho de 2018 que o marco regulatório específico à categoria foi publicado, no Brasil, através da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e elimina alguns obstáculos na comercialização de produtos e veiculação de informações sem comprovação específica. “Todos os produtos apresentados em formas farmacêuticas e destinados a suplementar a alimentação de pessoas saudáveis com nutrientes, substâncias bioativas, enzimas ou probióticos deverão ser enquadrados como suplementos alimentares e atender regras específicas de composição e de rotulagem” (ANVISA, 2018, s/p.).

Mesmo sem regulamentação, a suplementação alimentar já vinha se consolidando como um mercado sólido e apresentando crescimento robusto no que tange à comercialização e consumo há anos. Conforme dados da Associação Brasileira de Empresas de Produtos Nutricionais (ABENUTRI), em 2019, o mercado de suplementos alimentares registrou um faturamento, em 2018, de R\$ 2,2 bilhões, no Brasil, um incremento de 12% comparado a 2017. O mercado é composto por 568 marcas, das quais 40% são importadas e 60% representam a indústria brasileira (ABENUTRI, 2019).

O desempenho evolutivo do mercado de suplementos alimentares é comentado por Pereira (2018). O comerciante acompanhou de perto o crescimento do setor ao longo dos anos

e se insere na ponta da cadeia produtiva realizando a venda para o consumidor final, quais sejam o atleta profissional ou amador, frequentador de academia de ginástica e musculação.

É impressionante, cara! É impressionante... são todos meus amigos, começaram comigo. Cada um que montava uma empresinha, o primeiro lugar que visitava era aqui, a minha loja, a primeira do Brasil porque quase não tinha loja. Todo mundo aí pelo Brasil se inspirou na Combat, vinham de outros estados conhecer isso daqui, inovador... e eles começaram aqui comigo, quase todas as empresas importantes e começou muito precariamente, era muito precário o negócio. Hoje, você pega (vou citar como exemplo) uma empresa chamada Atlética, que não é tão velha assim, uma empresa que está aí com 18 anos de mercado, deve ser mais ou menos, não tenho exatamente quando foi fundada. Estão lá na cidade de Matão, começaram precariamente em São Paulo pequenininha. Hoje são 15.000 metros de chão de fábrica num terreno de 70.000 metros envolvendo ecologia e essa coisa toda, porque o que eles usam de água lá é recuperado e envolve condição de reuso, a maneira como foi montada, você pode fazer remédio lá, é um fármaco, cresceu demais. As 10 maiores empresas do Brasil estão neste nível... você pega uma empresa como a Integralmédica, por exemplo, deve estar com quase de 15 a 20.000 metros de chão de fábrica e com maquinários importantes importados de qualidade. O nosso produto hoje no Brasil, pode-se comparar a muitos produtos importantes americanos, está no mesmo nível, gozado né... e em pouco tempo! E foi ali, vai balançando pra lá, balançando pra cá, muito precário, muito ruim no começo, foi evoluindo, evoluindo, hoje não perde pra ninguém no mundo.

A Associação Brasileira dos Fabricantes de Suplementos Nutricionais e Alimentos para Fins Especiais (BRASNUTRI) avalia que o panorama de crescimento, que se mostra contínuo a cada ano na década de 2010, decorre, além do aumento da demanda de frequentadores de academias, das inovações tecnológicas da indústria que permitiram garantir maior segurança alimentar e nutricional na fabricação dos suplementos, bem como as mudanças de ordem demográfica, que ampliaram a expectativa de vida da população. Todas essas condições abriram espaço para o incremento da produção do setor no país (BRASNUTRI, 2017). O Gráfico 18 ilustra o desenvolvimento mencionado:

Gráfico 18: Faturamento (em Reais) e Crescimento (%) da Indústria de Suplementação Alimentar no Brasil (2010 a 2016)

Fonte: BRASNUTRI, 2017.

Conforme dados da BRASNUTRI (2017, s/p.), o Brasil conta com, aproximadamente 8 mil pontos de vendas de suplementos alimentares e nutricionais. Os principais canais de distribuição são: i) lojas especializadas ou *body shops* (conforme Foto 13); ii) *e-commerce* especializado; iii) farmácias e drogarias (conforme Foto 14); iv) lojas de produtos naturais; v) distribuidores;

Foto 13: Loja de suplementos alimentares em *shopping center* em São Paulo

Fonte: Autoria própria (2019).

Foto 14: Venda de suplementos alimentares em farmácia, em São Paulo (indicação em amarelo)

Fonte: Autoria própria (2018).

Pereira (2018), no entanto, analisa com preocupação a ampla expansão do comércio de suplementação alimentar da forma como tem ocorrido. Segundo ele, a difusão de pequenas lojas sem muita estrutura ou capital para investimento decorrem de uma certa “irresponsabilidade” das fabricantes e distribuidoras em vender a todo o custo, sem o mínimo de suporte administrativo e gerencial ao comerciante. Isso pode resultar em práticas ilegais e, até mesmo, a falência desses microempreendedores.

Então, eu vou tentar arrumar um exemplo: o camarada ganhou uma indenização do trabalho ou arrumou um sogrão que quer investir nele ou qualquer outro meio e ele enxerga nisso uma possibilidade de se dar bem nesse comércio. Ele vai lá, ele não tem informação nenhuma, ele monta uma lojinha, procura as empresas pra ver como ele compra, se informar. Ele não tem nem a experiência administrativa. Vem uma determinada empresa, entulha ele de produto, mente pra vender... e é um representante comercial, mente, vem o outro e mente e ele compra errado, não aprendeu nada, e vende errado, arrebenta e logo vem outro atrás. [...] tem dois órgãos de classe dos produtores, que é a Abenuutri e a Brasnutri, eles têm condições, eles têm dinheiro suficiente pra levar informação pra essa pessoa que está começando, como ela deve agir? Como ela deve comprar? Qual a margem de lucro? Enfim, dar a informação, dar suporte, fazer palestras motivacionais com esse povo, dar estrutura pra que eles cresçam, mas eles não fazem isso, quer vender e o cara se perde e acaba. [...] Porque assim, quando o empresário pequeno entra em pânico, ele precisa de lucro, ele precisa

pagar as contas, ele começa a desovar o produto dele pra poder ganhar peso e aí começa a vender o proibidinho, começa a vender o proibidão, né? A rede de informação que a polícia tem é importante, porque essa molecada da polícia tudo pratica esporte, pratica musculação, boa parte deles, né? Então fica fácil. A primeira pancada que ele toma, a primeira cana que ele toma, ele perde todo o capital, ele acaba.

Embora o marco regulatório da suplementação alimentar tivesse sido publicado pela ANVISA somente em 2018, a Agência já atuava no controle, fiscalização e regulação de substâncias farmacológicas que, direta ou indiretamente, vinham sendo usadas por frequentadores de academia. É o caso de alguns termogênicos. O produto, em si, é um composto utilizado para acelerar os batimentos cardíacos e estimular o corpo a aumentar o gasto metabólico. Usualmente possui cafeína em sua fórmula e sua finalidade, associada à prática de exercícios físicos intensos, contribui na perda de peso (MUÑOZ-HENAO, 2017).

Em diversas marcas de termogênicos comercializadas nos Estados Unidos, além da cafeína, também se encontra a efedrina na fórmula. A substância age como mais um estimulante e potencializa os efeitos da aceleração do metabolismo por parte do usuário e, consequentemente, a perda de peso associada à atividade física. Termogênicos contendo efedrina são proibidos pela ANVISA por apresentar reações físicas classificadas pela Agência como riscos à saúde humana⁵⁰ (MUÑOZ-HENAO, 2017).

Não obstante, o trabalho de campo demonstrou que a comercialização de substâncias ilegais pela agência reguladora acontece no que tange à suplementação alimentar. Em um box que vende suplementos alimentares em São Paulo, visitado em outubro de 2018, constatou-se a venda paralela. O mesmo termogênico é comercializado com e sem efedrina, conforme Foto 15. Para não sofrer as consequências de uma eventual fiscalização da Agência, os donos oferecem na prateleira o produto regularizado conforme os parâmetros legais. Caso o cliente conheça os interstícios da suplementação alimentar e saiba pedir por determinados produtos, eles oferecem os paralelos que ficam escondidos do público.

⁵⁰ A respeito da proibição da substância efedrina nos termogênicos no Brasil, Muñoz-Henao (2017, p. 18) discorre que “[...] Diferentes reações adversas envolvendo o sistema cardiovascular, SNC, gastrointestinal e neuromusculares estão associadas ao consumo de efedrina, tais como, taquicardia, hipertensão, cardiomiopatia, cardiomegalia, efeitos estimulantes do SNC, ansiedade, psicose, paranoia, excitação, insônia, alucinações auditivas e visuais, hiperatividade, anorexia, tremores e fraqueza (LEIKIN, 2007). [...] De acordo com a Anvisa, a resolução – RDC Nº 87/2016, inclui efedrina na Lista D1 (Lista de substâncias precursoras de entorpecentes e/ou psicotrópicas) (ANVISA, 2016). A Agência Mundial Antidopagem inclui efedrina na lista de substâncias proibidas (WADA, 2015) ”.

Foto 15: Diferença entre termogênicos da mesma marca sem efedrina (lado esquerdo) e com efedrina (lado direito) vendidos em comércio em São Paulo

Fonte: Autoria própria (2018).

Mesmo quando analisados os suplementos alimentares cuja comercialização é legal perante a ANVISA, a fabricação pode envolver processos de adição fraudulenta de determinadas substâncias, não condizendo com a rotulagem em alguns casos. A pesquisa apresentada por Muñoz-Henao (2017) levanta essa problemática, conforme afirma:

A adição fraudulenta de ativos farmacêuticos em suplementos alimentares é um problema mundial. É comum encontrar mensagens de perda de peso, aumento da capacidade intelectual e/ou física e estímulo sexual em embalagens de suplementos adulterados com fármacos sintéticos ocultos em formulações aparentemente inofensivas para os usuários (DECONINCK *et al.*, 2014; VAYSSE *et al.*, 2010; FRANKOS *et al.*, 2010). (MUÑOZ-HENAO, 2017, p. 2).

A análise aponta para um cenário de insegurança nutricional, visto que a literatura específica indica que foram encontrados casos de diferenças entre a rotulagem e a análise farmacológica do produto em suplementos tanto nacionais, quanto estrangeiros (MUÑOZ-HENAO, 2017). Cabe à agência reguladora responsável por assegurar os parâmetros de segurança alimentar no Brasil fiscalizar com mais eficácia as discrepâncias observadas nas pesquisas científicas.

De qualquer forma, é notável que existe demanda e uma rede amparada por organizações de solidariedade internacional que opera no sentido de fabricar, distribuir e comercializar

substâncias consumíveis no universo *fitness* que são ilícitas para os marcos regulatórios de diversos países. O caso do termogênico com efedrina se mostrou como um exemplo bastante nítido deste tema, no entanto, há um conjunto de substâncias, cuja comercialização e consumo se dá por meandros ainda mais intransitáveis, como é o caso do mercado dos esteroides anabolizantes ou, como são popularmente conhecidos, as “bombas”.

Na opinião de Pereira (2018), há uma parcela de preconceito e falso-moralismo na abordagem deste assunto. A questão relativa ao uso de esteroides anabolizantes quase sempre se associa à musculação, mais precisamente ao fisiculturismo. Todavia, o consumo dessas substâncias está mais difundido em outras áreas esportivas do que se estima. Ademais, existe uma confusão no senso comum entre a suplementação alimentar, que é legalizada, e o uso de anabolizantes.

Há um estigma de que tudo que é suplemento, é bomba, é hormônio. Vem lá de trás, é porque o mercado de suplementos nasceu com a imagem do fisiculturismo. A prática da musculação vem imediatamente no seu corpo, aparece, fica uma coisa evoluída, bonita, interessante, sempre foi ligado a isto, “o fisiculturista usa bomba”, mas ninguém fala que o nadador usa, aliás a natação, eu duvido que era bem pior que a musculação, o negócio era feio, barra pesada. Todos os esportes de alta performance fazem o uso de recursos termogênicos, mas quem leva a culpa é a musculação. E o gozado é que a musculação é a base para todos eles fazerem todas as outras atividades.

Embora o uso de anabolizantes seja proibido, ele é facilmente observado em meio a frequentadores de academia. Não é abertamente divulgado, mas seus efeitos no corpo humano são evidentes – eles potencializam a hipertrofia muscular de forma rápida quando associada à musculação. Seu uso deve ser continuado na forma de ciclos para garantir os resultados, porém a investigação da pesquisa, até o momento, não conseguiu aprofundar na temática de modo a compreender os rebatimentos territoriais operacionalizados pela rede de distribuição e consumo, profundamente pulverizada nos ambientes *fitness*.

4 – A BIOPOLÍTICA ASSOCIADA AO USO DO TERRITÓRIO NA PRODUÇÃO DO UNIVERSO *FITNESS*

Fonte: Freepik, s/d.

O advento das academias de ginástica e musculação, bem como toda a cadeia produtiva dos elementos constituintes do universo *fitness* se fazem, hodiernamente, presentes no espaço urbano de modo fundamental em vista dos estilos de vida existentes na cidade relacionados à preocupação com a alimentação, à dificuldade com as formas de deslocamento e ao desempenho no trabalho.

Todas essas questões são decorrentes de impactos no espaço urbano de processos mais amplos, como a globalização econômica e informacional. Esta, por sua vez, também influencia na emergência de uma nova corporeidade, relacionada com os espaços de maior densidade dos fluxos da globalização.

Gostaria de sugerir, para começar esta discussão do cotidiano que, por gentileza, os senhores admitissem comigo que há possibilidade de trabalhar três dimensões do homem: a dimensão da corporeidade, a dimensão da individualidade e a dimensão da socialidade. A corporeidade ou corporalidade trata da realidade do corpo do homem; realidade que avulta e se impõe, mais do que antes, com a globalização. (SANTOS, 1996, p. 9 – 10).

A globalização possibilitou não somente transformações marcantes nos usos do território, como também transformações de como o ser humano lida com sua própria corporeidade nesse período da História. “[...] O corpo é ‘mutável e mutante’ não apenas pelos fatores fisiológicos que sobre ele se operam, mas também pelos fatores sociais e culturais que a ele se atribui” (ARAÚJO, 2008, p. 22).

As academias de ginástica e musculação, bem como os demais conjuntos de elementos elencados em meio ao universo *fitness*, na qualidade de objetos técnicos, despontadas em meio à globalização e aos avanços tecnológicos, influenciam a regulação dos comportamentos sociais por meio do trabalhar o corpo humano, seja para fins estéticos de promoção/aceitação social, seja para fins de saúde e qualidade de vida. “Se num primeiro momento as qualidades naturais essenciais do espaço geográfico, nos seus estágios menos elaborados pelo trabalho, influenciavam fortemente as ações humanas, hoje temos a primazia dos objetos técnicos cumprindo esse papel” (ANTAS JR., 2003, p. 77).

Questões relativas à qualidade de vida, à alimentação saudável, ao sedentarismo, bem como ao consumo estético se mostram como imperativos na relação com dos usos do território para a construção de diversas disciplinas corporais àqueles que desejam, de certo modo, ver em seus corpos as mudanças físicas impulsionadas pelos discursos da saúde e da estética.

A *disciplina* é sempre uma palavra de ordem para quem se sente induzido a seguir este modo de vida, seja pelo reconhecimento de modificar seus hábitos em função de uma vida mais

saudável, seja pela necessidade atribuída por um padrão normativo da estética corporal. Por isso, chama a atenção o modo como a necessidade de disciplinar o corpo vem crescendo, não somente no sentido de exercitá-lo por meio da musculatura, mas também a informação cada vez mais difusa em toda a sociedade sobre meios de como prolongar a vida pelo consumo de alimentos saudáveis, formas cada vez mais preventivas de se proteger de doenças e manter a higiene.

Todos esses aspectos de prevenção são, de certa forma, inéditos no comportamento da população, pois são difundidos pelos mesmos meios de informação hoje densamente capilarizados no tecido social, vigorosamente apoiados pelo Estado, pelos discursos médicos e pelas empresas – sobretudo aquelas voltadas para o setor *fitness* ou mesmo aqueles empresários que admitem a importância da incorporação de hábitos saudáveis para seus funcionários.

Ao fazer uma análise aprofundada sobre o que considera como uma “nova mecânica do poder”, Foucault (1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]) comenta acerca da ascensão de mecanismos disciplinares incorporados ao longo dos séculos XVII e XVIII que serviram como meio do soberano exercer o poder sobre a população a partir do controle e vigilância dos corpos em esferas como a loucura, a medicina e a sexualidade infantil. O autor relata que, basicamente, os mecanismos de controle efetivados por meio da vigilância e disciplina aprendidos nas escolas, por exemplo, objetivavam maneiras de reorientar a força e o vigor para a produção e o trabalho, ou seja, para os interesses da burguesia.

O desenvolvimento desta ideia, com o passar do tempo, abarcou formas mais sutis de cooptação da força de trabalho para o processo produtivo atual. Sandra Caponi (2014) faz uma análise bastante interessante sobre a construção do conceito de *biopolítica*, elaborado por Foucault. Nesta análise, torna-se evidente o entendimento do autor de que os mecanismos de exercício do poder modificaram-se na medida em que as formas políticas também mudaram de um perfil de Estado totalitário para um perfil liberal. Desse modo, os dispositivos de segurança refletem um posicionamento não mais impositivo, mas regulador e incorporado aos comportamentos sociais. As gamas de informações sobre a saúde foram sendo popularizadas de modo que cada cidadão passasse a ter condições de cada vez maiores de cuidar de si próprio, aderir a novos comportamentos saudáveis, construir hábitos preventivos e tomar conta de sua própria higiene e saúde.

O Estado liberal parte de uma certeza: a de que *Homo economicus* será capaz de cálculo racional, que ele saberá evitar os perigos e antecipar os riscos se estiver devidamente informado (DORON, 2007: 2). De maneira sutil e pela mediação de diversas estratégias (comunicativas, médicas, estatísticas, psiquiátricas) nas

sociedades liberais e ainda mais nas sociedades neoliberais onde o Estado de proteção foi desarticulado, o controle dos riscos passou a ser, pouco a pouco, uma responsabilidade de cada um de nós. Saber antecipar os riscos, estar devidamente informado e agir de acordo às exigências impostas pelos últimos estudos epidemiológicos e médicos, se impõe como um dever moral a todos nós e de maneira idêntica. Pois, os riscos e os dispositivos de segurança reduzem a pluralidade humana a um conjunto de funções vitais interessadas exclusivamente na proteção da vida e no prolongamento da espécie.

[...] Responsabilização, culpabilização e obrigação, quase moral, de antecipar os riscos, de não adoecer, de procurar valores tais como a saúde ou a juventude eterna, apresentados sob a forma de um pseudo “cuidado de si” impositivo, representam, segundo entendo, os novos desafios biopolíticos que caracterizam a nossa modernidade. (CAPONI, 2014, p. 35 – 36)

Portanto, como estratégia da biopolítica moderna, identificam-se novas formas de manutenção da saúde, da juventude, o prolongamento da vida, o estímulo à estética e à sexualidade, o desempenho das forças físicas, a preocupação com a alimentação saudável e a prática de exercícios físicos como necessidades da população (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], CAPONI, 2014; HAN, 2017).

Neste capítulo, analisaremos como essas estratégias têm sido elaboradas e empregadas na construção e no controle dos corpos no espaço urbano. Como a eclosão das academias de ginástica e musculação no espaço urbano tem influenciado também o comportamento das pessoas em relação a este tema, sobretudo no decorrer do subcapítulo 4.1.

Aprofundaremos no subcapítulo 4.2 a discussão da biopolítica buscando compreender os vínculos que potencializam a produtividade do trabalhador no atual período do modo de produção capitalista. Nesta etapa da investigação, analisaremos o desenvolvimento da biopolítica corporativa que envolve diretamente o objeto central da pesquisa, as academias de ginástica e musculação, ou seja, como as empresas têm buscado ampliar as possibilidades de desempenho por meio do fomento às atividades físicas em seus funcionários.

Ademais, o comportamento das empresas nesta nova etapa em que a prática de atividades físicas está sendo valorizado e isto também está incluso nesta etapa da pesquisa. A valorização não se circunscreve somente à elaboração do ideal fomentado em meio à construção de padrões estéticos subjetivos com relação ao corpo, mas também em virtude da associação da prática de exercícios físicos com a ampliação do desempenho dos trabalhadores em diversos ramos da atividade econômica.

Por fim, desejamos desenvolver uma breve análise que se debruça em compreender o comportamento do Estado, empresas (nacionais e multinacionais) de diferentes atividades econômicas de médio e grande porte (sobretudo, setor secundário e terciário), instituições e organizações frente ao processo. De que modo geral, como as políticas públicas têm se

relacionado com o estímulo à atividade física, abrangendo ações dos entes federativos, bem como empresas privadas no espaço público. Procuraremos entender essas dinâmicas no subcapítulo 4.3, analisando as transformações nos usos do território decorrentes da implementação de programas de saúde, lazer e atividades físicas pelo poder público.

4.1 – Biopolítica e governo dos corpos na expansão das práticas de exercícios físicos

A partir da concepção do modo de produção capitalista, ocorre o processo da troca realizada entre o trabalhador, que, livremente, vende a sua força de trabalho⁵¹ e o capitalista, que possui os meios de produção, adquire a mercadoria *força de trabalho* e a insere no processo produtivo. Basicamente, na medida em que o trabalhador emprega sua força de trabalho, o capitalista vende a mercadoria resultante, a qual contém o valor dos meios de produção, o valor do trabalho empregado e a mais-valia extraída do processo (MARX, 2017 [1867]). “[...] o modo de produção do espaço-tempo tem vínculos inextricáveis com a produção do corpo.” (HARVEY, 2005, p. 139).

Nesta troca, há o empenho das forças vitais do trabalhador que participa do processo produtivo. O trabalho, em sua análise mais pura, mobiliza o corpo do trabalhador, que opera sobre seu objeto de trabalho. Em última instância, modifica a natureza com o emprego de sua força física e intelectual. Não há como dissociar o trabalhador de sua corporeidade, portanto.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio” (MARX, 2017 [1867], p. 255).

O geógrafo David Harvey (2005) se aprofunda em analisar o papel do corpo humano no processo de produção e reprodução do capital. O autor desenvolveu uma análise ao relacionar o corpo como estratégia de acumulação com base nas teorias do sujeito corporificado em Marx, que leva em conta as formas em que o corpo está presente nas diversas fases de circulação do capital variável: *o consumo produtivo, a troca do capital variável e o momento do consumo*.

⁵¹ Marx conceitua que, “por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o conjunto das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [*Leiblichkeit*], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo” (MARX, 2017 [1867], p. 242).

No cerne da questão, o trabalhador que vende a mercadoria força de trabalho não pode estar dissociado fisicamente dela. Logo, o salário recebido pelo trabalho se reconverte em meio de subsistência física consumido pelo trabalhador para continuar o trabalho e, por consequência, a exploração, que resulta na continuidade da obtenção da mais-valia, no final do processo, pelo capitalista.

O capital dado em troca da força de trabalho é transformado em meio de subsistência que têm de ser consumidos para reproduzir os músculos, os nervos, os ossos e os cérebros dos trabalhadores existentes, e para que novos trabalhadores venham a existir. Logo, nos limites do absolutamente necessário, o consumo individual da classe trabalhadora é a reconversão dos meios de subsistência dados pelo capital em troca da força de trabalho, que o capital pode então voltar a explorar. É a produção e reprodução dos meios de produção mais indispensável do capitalista: o trabalhador. (MARX, 1973 *apud* HARVEY, 2005).

Para assegurar a realização do processo produtivo pelo trabalhador durante a fase industrial-financeira do capitalismo, mais precisamente entre os séculos XIX e XX, a relação de poderes existentes conferia aos donos dos meios de produção e ao Estado a operação de mecanismos disciplinares, vigilantes e coercitivos na sociedade realizando uma forma de *controle-repressão* (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]).

Embora, inicialmente, a ginástica (assim como a medicina social) tenha nascido na Europa, no século XIX, no seio das classes dominantes, onde, portanto, o poder primeiro esquadrinhou e disciplinou os corpos, a biopolítica encontrou, em segundo momento, nas classes operárias, o espaço para ampliar os investimentos de controle-repressão e disciplina para a produção capitalista (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979]). Instituições como a medicina e a ginástica, entre outras, despontaram nesta fase para aperfeiçoar o processo.

Gostaria de tomar posição com relação a certas hipóteses geralmente aceitas. É verdade que o corpo foi investido política e socialmente como força de trabalho. Mas, o que parece característico da evolução da medicina social, isto é, da própria medicina, no Ocidente, é que não foi a princípio como força de produção que o corpo foi atingido pelo poder médico. Não foi o corpo que trabalha, o corpo do proletário que primeiramente foi assumido pela medicina. Foi somente em último lugar, na segunda metade do século XIX, que se colocou o problema do corpo, da saúde e do nível da força produtiva dos indivíduos. (FOUCAULT, 1999 [1978], p. 80).

Uma vez desenvolvido e aperfeiçoado, a partir da segunda metade do século XIX, o controle se fazia pelo investimento de micropoderes, que regulavam, esquadrihavam e

controlavam os corpos dos trabalhadores nas fábricas, nos exércitos, nas escolas⁵² e demais instituições (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2014 [1975]).

Em nome da saúde do bem-estar, a medicina passou a controlar os corpos a partir de “diferentes métodos disciplinares: a classificação das paixões, a definição do que seriam desvios sexuais, as aparelhagens para corrigir as anatomias defeituosas, os banhos de mar, a modelagem do corpo por meio da atividade física”, a criação de tabelas que servissem de base para classificar e estabelecer valores da média da população em peso, idade e das aparências físicas predeterminadas. (GOELLNER, 2003 *apud* ARAÚJO, 2008, p. 25).

O investimento do poder no corpo dos trabalhadores nesta etapa do modo de produção capitalista era denso, rígido, constante e meticuloso. A corporeidade do sujeito deveria estar apta a se enquadrar no processo produtivo, oferecer sua força de trabalho ao nível somático e se inserir no processo de circulação de capital variável. Uma estratégia de “*governo dos corpos*” foi arquitetada (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008b [1978], 2014; HARVEY, 2005).

A biopolítica é entendida, na perspectiva de Michel Foucault (1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978]) como um dispositivo, ou seja, conjunto de estratégias de governo dos corpos associados aos mecanismos de poder e à normatização de práticas ligadas ao cotidiano, à higiene, à alimentação e à saúde com vistas ao prolongamento da vida, do controle populacional e ao aumento da capacidade de força produtiva.

[...] o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1999 [1978], p. 80)

A disciplina, enquanto componente-chave da biopolítica, é incluída no processo de condicionamento do corpo ao trabalho, tornando-o capaz de criar rotinas, se submeter à hierarquia, permanecer no posto de trabalho por longas horas e modificar os ritmos circadianos e metabólicos do indivíduo para a empresa (FOUCAULT, 1999 [1978]; BAUMAN, 2008).

[...] Antigas capacidades do corpo humano são reinventadas; novas capacidades são reveladas. O desenvolvimento da produção capitalista envolve uma radical transformação da própria natureza do corpo que trabalha. O projeto inacabado do

⁵² Sobre as crianças, além da disciplina e da ordem requerida no ambiente escolar como forma de preparação e molde dos corpos ao futuro controle fabril, as crianças e adolescentes eram reprimidos em sua sexualidade. A masturbação se tornou um dos principais pontos a serem rigorosamente combatidos por meio da vigilância e controle social e religioso (FOUCAULT, 1999 [1978]).

corpo humano é impelido num conjunto particular de direções contraditórias. E para explorar essas possibilidades foi se estabelecendo uma gama de ciências para planejar e explorar os limites do corpo humano como máquina produtiva, como organismo fluido. Gramsci (ed. 1971), entre outros, enfatiza assim, repetidas vezes, que o capitalismo está voltado precisamente para a produção de um novo tipo de corpo trabalhador. (HARVEY, 2005, p. 144).

No entanto, Harvey (2005) faz uma ressalva a respeito da forma como o corpo deve ser entendido em meio à análise do capital variável na teoria do sujeito corporificado sob o capitalismo. Segundo o autor, há uma frequente confusão na leitura de Marx sobre o entendimento do corpo de que seja uma instância fechada e passiva no processo de circulação e acumulação de capital, ou seja, o corpo como receptáculo apenas dos processos que impingem sobre ele.

[...] E, embora a teorização de Marx em *O Capital* seja lida com frequência (incorretamente, como espero demonstrar) como um relato pessimista do modo como os corpos, entendidos como entidades passivas que representam papéis econômicos performativos particulares, são moldados pelas forças externas da acumulação e da circulação do capital, é precisamente essa análise que informa seus outros relatos de como podem ocorrer e de fato ocorrem processos transformadores advindos da resistência, do desejo de reforma, da rebelião e da revolução humanos. (HARVEY, 2005, p. 141).

A teoria que investiga o corpo como estratégia de acumulação capitalista centra-se no corpo como uma construção social dialética. O corpo é poroso, ou seja, relacionam-se tanto as influências externas quanto cria desejos internos, convergem-se processos psicanalíticos e socioconstrutivistas que definem o sujeito. Assim sendo, os corpos são o resultado desse processo relacional e dialético com o meio em que estão, com as influências externas e com as experiências e vivências internas que os moldam fisicamente, inclusive, e os posicionam em um determinado lugar socialmente, compondo a divisão do trabalho (HARVEY, 2005).

[...] o corpo não é uma entidade fechada e lacrada, mas uma “coisa” relacional que é criada, delimitada, sustentada e em última análise dissolvida num fluxo espaço-temporal de múltiplos processos. Isso implica uma visão relacional-dialética em que o corpo (concebido como uma entidade semelhante a uma coisa) internaliza os efeitos dos processos que o criam, delimitam, sustentam e dissolvem. O corpo que habitamos, e que é para nós a medida irredutível de todas as coisas, não é ele mesmo irredutível. (HARVEY, 2005, p. 137).

Neste sentido, ainda que sofra influência de questões externas a ele, o corpo humano possui capacidade de ação transformativa em relação aos processos que impingem sobre ele. É neste ponto que reside no ser humano a capacidade de reação às formas de opressão sobre o corpo – elemento mencionado no texto como “o corpo político” (HARVEY, 2005).

Há, sem dúvida, diferenças nas estratégias de reprodução capitalista na medida em que as pessoas adquirem capital cultural e humano e trabalham com estas aptidões. As estratégias aí encontram novas formas de acumulação. De forma geral, é interessante observar a existência de formulações teóricas que envolvam a manutenção física do corpo humano como sendo parte também de estratégias biopolíticas de exercício do poder, ou mesmo como forma de interesse da variação e circulação de capital, ainda como atesta Harvey (2005):

[...] O capital se empenha continuamente em moldar os corpos de acordo com seus próprios requisitos, ao mesmo tempo que internaliza em seu *modus operandi* efeitos de desejos corporais, vontades, necessidade e relações sociais em mudança e interminavelmente inacabados (por vezes expressos abertamente como lutas coletivas fundadas na classe, na comunidade ou na identidade) da parte do trabalhador. Esse processo molda muitas facetas da vida social, como ‘opções’ em termos de sexualidade e de reprodução biológica ou de cultura e modos de vida, ainda que essas ‘opções’ (caso o sejam de fato) sejam plasmadas de modo mais geral pela ordem social e por seus códigos legais, sociais e políticos, bem como por suas práticas disciplinares (incluindo as que regulam a sexualidade). (HARVEY, 2005, p. 157).

Portanto, não há como dissociar a análise do corpo na modernidade com aspectos mais amplos do modelo produtivo atual, uma vez que o corpo é uma construção não somente política, mas social, resultado de relações psicanalíticas e socioconstrutivistas influenciadas por fatores ambientais, por sua localização geográfica e posicionamento na divisão internacional do trabalho.

Tais processos estão também permeados por diferentes recortes raciais, recortes de gênero e sexualidade que conferem aos diferentes corpos, acessos e possibilidades distintos na organização social. O corpo negro, o corpo feminino, o corpo de uma pessoa transexual, o corpo lésbico ou *gay*, ou ainda os corpos de etnias historicamente excluídas como indígenas, latinos, os corpos dos migrantes, os corpos gordos, entre outros, adentram no processo de circulação do capital variável com possibilidades de alcance e tratamento diferenciados na divisão do trabalho, nos acessos privilegiados de círculos de poder e decisão ou mesmo na pura e simples existência enquanto seres humanos (HARVEY, 2005).

O investimento dos micropoderes sobre os corpos, enquanto dispositivos biopolíticos que operaram entre o século XVII até, aproximadamente, meados do século XX, atuavam de modo rígido e constante na forma de controle-repressão e esquadramento da população sobre aspectos ligados à vigilância social, à sexualidade, às normas e à moral. O desenvolvimento deste processo eclodiu, de modo gradual, em um contra efeito que se deu na forma de insurgências sobre a sexualidade, a nudez e a moralidade (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2014 [1975]).

[...] O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo sobre o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que é atacado... O poder penetrou o corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... (FOUCAULT, 1999 [1978], p. 146).

Diante da insurreição do corpo, alvo de processos disciplinadores rígidos que o normatizaram, controlaram e regularam para participar do processo de circulação do capital variável, este corpo – ainda vigiado – passou a responder reativamente. A partir dos anos 1960, uma série de elementos pontuaram a necessidade de libertação do corpo, como, por exemplo, através da revolta sexual (FOUCAULT, 1999 [1978]).

Todavia, o esquema relacional do poder na sociedade, segundo Foucault (1999 [1978], 2008b [1978]), alterou a estratégia de controle e disciplina. Em meio à ofensiva do que parecia apontar para um esquema de libertação dos corpos, o modo de produção capitalista, já operando de modo a estimular o amplo consumo de bens e serviços, cooptou estrategicamente essas pautas e as incorporas como potenciais para novas práticas de consumo.

[...] É o desenvolvimento estratégico normal de uma luta... Tomemos um exemplo preciso: o do autoerotismo. Os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII. Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas **a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo...**

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito dessa ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... **Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não mais a forma controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’** (FOUCAULT, 1999 [1978], p. 146 – 147 – negrito nosso).

O desenvolvimento da biopolítica associada ao *controle-repressão* se transformou em *controle-estimulação*, associando-se à esfera do consumo consumptivo para dar vazão aos impulsos insurgentes resultantes de séculos de repressão do corpo para o enquadramento

disciplinado no modo de produção capitalista. O século XX assistiu a essa transformação das normas morais sobre a nudez, a beleza e a saúde em decorrência dessas mudanças.

Os mecanismos de controle não sumiram; eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação. Já não usam decretos legislativos para proibir as pessoas de fumar; fazem-nas, isto sim, tomar consciência dos efeitos desastrosos da nicotina para a saúde e a expectativa de vida. (LIPOVETSKY, 2004 *apud* ARAÚJO, 2008, p. 37).

Não somente a sexualidade, a nudez e a beleza foram transformadas em meio a este processo, de modo a se resinificarem enquanto canais de consumo. O lazer também passou a ser crescentemente cooptado e racionalizado de modo a garantir que o trabalhador recuperasse a sua força de trabalho, bem como submetesse o sujeito a se enquadrar numa lógica biopolítica de docilidade e obediência. O tempo livre tornou-se alvo de diversas estratégias a ser utilizado para a lógica do consumo (LEFEBVRE *in* MARTINS; FORACCHI, 1977; ANTAS JR., 1995).

Os lazeres entram assim na divisão do trabalho social, não só porque o lazer permite a recuperação da força de trabalho, mas também porque passa a haver uma indústria dos lazeres, uma vasta comercialização dos espaços especializados, uma divisão do trabalho social projetada no território, e que entra na planificação global. De onde um novo perfil do país, uma nova face e novas paisagens. (LEFEBVRE *in* MARTINS; FORACCHI, 1977, p. 247).

O último terço do século XX observou mudanças substanciais em relação às relações sociais, culturais, políticas, econômicas e, sobretudo, às formas de uso e produção do espaço geográfico. Nesta linha, a produção de espaços específicos de lazer em São Paulo, como os parques públicos, compreendeu um processo similar, de estímulo à geração de mecanismos disciplinares e lúdicos para a classe trabalhadora, de modo a converter o tempo livre em lazer orientado ao consumo de mercadorias supérfluas (ANTAS JR., 1995).

A produção de espaços de lazer públicos em meados da década de 1960 ganha significativo impulso, devido à criação de políticas públicas de lazer melhor estruturadas dentro das prioridades do planejamento urbano.

Este fato, aparentemente contraditório com a lógica citada – de que há um detrimento dos investimentos sociais na atual etapa de mundialização –, poderia levar à conclusão de um paradoxo, mas seria certamente falso. A inserção de São Paulo na globalização trouxe também novas necessidades, onde o lazer, com suas características próprias, contribui tanto na gestão quanto no gerenciamento desse processo.

A geração de necessidades no âmbito do lazer – entendido com tempo livre da jornada de trabalho e de obrigações sociais e familiares – podem ser divididas em básicas ou criadas. Por necessidades criadas compreende-se a intervenção no tempo livre dos indivíduos com o objetivo de incrementar o consumo de mercadorias cada vez menos essenciais, ao mesmo tempo em que **se exige uma intervenção nos corpos para a disciplinalização da força de trabalho, manutenção da produtividade espacial e**

também para a sucessiva reconstrução da sociedade (LEFEBVRE, 1976; SANT'ANNA, 1988; SANTOS, 1987). (ANTAS JR., 1995, p. 16 – negrito nosso).

Os parques públicos, inseridos na atual etapa de globalização, convergem vários dos elementos citados acima no texto. Na medida em que são utilizados de forma lúdica ou desportiva, reforçam a sutil intervenção biopolítica voltada para a disciplinarização da força de trabalho assegurando a “renovação” da capacidade de produção física e intelectual ao modo de produção (ANTAS JR., 1995). Como também reafirmam a redefinição das normas morais baseadas no “controle-estimulação” dos corpos à mostra, muitas vezes seminus, praticando exercícios físicos e exaltando a beleza corporal (FOUCAULT, 1999 [1978]) – e não “qualquer” beleza, mas, via de regra, aquela que se enquadra nos padrões criados, enquanto que os corpos destoantes tendem a não se mostrar na mesma proporção, conforme vemos na Foto 16.

Foto 16: Pessoas se exercitando em parque público

Fonte: PARQUE IBIRAPUERA CONSERVAÇÃO – PIC (2019).

O governo dos corpos operado por meio das transformações biopolíticas atuou sobre as questões de cunho moral e sexual na sociedade. O controle-estimulação, ocorrido basicamente após a década de 1960 (FOUCAULT, 1999 [1978]), é um dos principais motivadores para a

expansão geográfica das *academias* de ginástica e musculação – fato que os dados quantitativos apresentados nos subcapítulos 3.2, 3.3 e 3.4 atestam para o aumento do setor. Podemos afirmar que os antigos *ginásios* surgiram em meio à ampla fase biopolítica de controle-repressão e, a partir do desencadeamento da fase de controle-estimulação, a paisagem e os estilos de vida urbanos assistiram a uma crescente efervescência da atividade física destoando-se, cada vez mais, de antigas normas sociais e morais rígidas.

O conceito de saúde também se reconfigurou em meio a este processo. Há o reforço do entendimento da saúde como a ausência de doença e, sobretudo, a *antecipação dos riscos* torna-se um dos principais dispositivos biopolíticos elaborados tanto para a ampliação da força de trabalho no processo produtivo, quanto para o aumento da expectativa e qualidade de vida. Essas intervenções, ocorridas no âmbito de transformações urbanas e sanitárias ocorridas nas cidades europeias entre os séculos XVII e XIX, serviu de parâmetro para se pensar o urbanismo, a medicina e a economia política e tinham, como cerne principal, o adestramento e a normatização da sociedade (FOUCAULT, 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]).

A atividade física, dentre as quais a ginástica se destaca, se posiciona atualmente como uma das principais formas de se manter/melhorar a saúde respaldada no conceito de antecipação dos riscos. Com base neste princípio biopolítico, as academias de ginástica e musculação tiveram grande adesão em meio à eclosão do mercado, marcadamente a partir da década de 1980, sobretudo nas classes altas e médias⁵³, quando houve grande procura pelas atividades aeróbicas da ginástica (TOLEDO, 2010).

[...] a área médica também ajudou a estabelecer um conceito de saúde voltado para ausência de doença, estabelecendo a atividade física (dentre elas a ginástica) como um destes instrumentos, e dando a ela um viés extremamente preventivo ou curativo, desvinculando-a de seus atributos valorativos e humanizadores. (TOLEDO, 2010, p. 58).

Assim como o discurso médico passou a elencar a atividade física em razão de seu potencial de saúde preventiva ou curativa, os professores e profissionais de educação física também incorporaram o discurso da saúde, tendo como o principal benefício a possibilidade de redução de riscos, sobretudo após o surgimento do modelo *wellness* (FURTADO, 2009). Muitos desses riscos são calculados de forma estatística, levando-se em consideração

⁵³ Neste momento, as academias de ginástica e musculação ainda não tinham atingido o período de maior popularização dos serviços, em que se observou a adesão pelas classes média-baixas e baixas em meados das décadas de 2000 e 2010, com o surgimento do segmento *low cost*. Esta discussão está mais detalhada no subcapítulo 3.3, a respeito da “Continuidade do processo de expansão frente à financeirização do território, a concentração e centralização do capital”.

parâmetros médios gerais da população sem analisar individualmente as capacidades físicas de cada corpo, ao menos que a pessoa investigue individualmente com um médico. A busca pela saúde pode resultar na *perda da saúde*, gerando um paradoxo em que se observa como o conceito de saúde foi se transformando em virtude das mudanças sociais e dos usos do território (TOLEDO, 2010).

Interessante paradoxo se instala no discurso da prática da ginástica aeróbica em meados da década de 80. Uma prática de ginástica, que objetivava a melhora da saúde, a partir do aprimoramento do condicionamento cardio-vascular e da diminuição da gordura, fundamentada nos preceitos médicos, é apontada como uma prática prejudicial à esta mesma “saúde” por causar lesões em níveis musculares, tendíneos e articulares. A saúde considerada como ausência de doença, agora vê-se num cheque-mate. Segundo a matéria da revista *Veja*, “A onda atlética que desembarcou em território americano há dez anos e doutrinou a planetária geração saúde, moldou corpos, multiplicou doses maciças de energia, mas trouxe também muita polêmica. A ginástica aeróbica, de alto impacto – aquela do tipo dançante, de pulos em profusão – é acusada de provocar lesões articuladas irreversíveis, sobretudo no joelho e na coluna. Atualmente, o universo dessa atividade, que ficou conhecida como ‘malhação’, se agita pelos moldes científicos da aeróbica de baixo impacto, menos agressiva.” (VEJA, 1989, n. 19, p. 91 – 92 *apud* TOLEDO, 2010).

Este paradoxo, conforme alguns autores, permanece nas práticas de ginástica em academias até hoje (NASCIMENTO, 2005 *in* TOLEDO, 2010). A ampliação da tecnologia observada na reestruturação produtiva do ramo de academias respaldada na acumulação flexível (PUPIO, 2017), amplia ainda mais a possibilidade de lesões ocorrerem nos modelos de negócio *low cost*, os quais se difundiram no território das cidades e reduziram o quadro de profissionais de educação física, atribuindo à máquina e aos aplicativos de celular a função explicativa da operação do exercício. Ademais, a própria avaliação física pré-treino, que é obrigatória para a prática de exercícios físicos, se tornou automática em muitas academias, sendo autorizada mediante a validação de um questionário pelo próprio usuário em um computador na própria academia e não mais presencialmente com um médico, conforme Foto 17.

Foto 17: Tótem de avaliação médica digital da academia Smart Fit

Fonte: Autoria própria (2019)

O conceito de saúde associado à prevenção de riscos e ao corpo ativo também figura na esfera do imaginário social resultando em implicações políticas. A interessante pesquisa de Toledo (2010) levanta a associação midiática construída em torno do corpo ativo, jovial e forte vinculado à democracia, à liberdade, ao prazer e ao individualismo, enquanto que o oposto – o corpo inativo, “decadente” – era a forma que representava a ditadura.

A revista *Veja* irá mostrar esta relação, auxiliando a consolidá-la, mas surpreende ao trazê-la em relação ao cenário político brasileiro vivido em meado da década de 1980. [...] num momento de luta contra a ditadura, nega-se tudo que a ela se refere. Há no cenário brasileiro inúmeros exemplos que mostram as diferentes facetas e virtudes do corpo ativo, em prol da mudança. Exemplos estes que vão desde aqueles que estão num *movimento* político (em partidos, grupos, revistas, etc) até aqueles que estão num movimento de enfrentamento físico (indo às ruas para o embate). Assim, negar a ditadura, neste momento histórico, é negar o corpo inativo [...]. Além disso, o corpo inativo da ditadura, se opõe ao novo modelo de corpo, também reforçado pela cultura norte-americana.

A este respeito, é ilustrativa a matéria sobre a forma física do ex-presidente Figueiredo: “no início do governo, em 79, fotografos oficiais mostravam Figueiredo em **plena forma**. Figueiredo chega ao fim do governo sentindo o peso dos **problemas de saúde**” (grifo nosso). A revista lança um interessante paralelo: Boa forma física, governo forte. Corpo doente, governo instável (ou decadente). (TOLEDO, 2010, p. 42).

Esta associação se repercute também, conforme a pesquisa da autora, no momento político da campanha eleitoral de Fernando Collor, para o qual a imprensa valorizava a jovialidade do mesmo como um aspecto positivo dentro de um novo regime democrático. Inspiradas nesta associação, muitas pessoas procuraram realizar atividades físicas e se matricularam em academias de ginástica e musculação (TOLEDO, 2010).

Portanto, a biopolítica opera de modo sutil em meio à psicosfera do bem-estar e da boa forma. A disciplina, enquanto dispositivo-chave da biopolítica, não é mais forçada ao sujeito por meio dos controles repressivos como outrora, mas até mesmo desejada pelas próprias pessoas que se engajam no intuito de se enquadrarem em parâmetros estéticos e de saúde.

Nesse investimento sobre o corpo, não há a forma de controle-repressão, tão comum nos séculos XVIII e XIX, mas o controle-estimulação. O indivíduo é responsável pelo seu corpo, pela sua beleza, saúde e aparência. Portanto, o cuidado de si é divulgado também como responsabilidade de cada indivíduo que, para se manter dentro da ‘boa forma’, precisa cada vez mais cedo, se submeter aos sacrifícios e cuidados propagados. Assim, seja nas academias de ginástica, através de dietas ou até cirurgias plásticas, as intervenções que são realizadas no corpo oferecem não apenas liberdade, mas também autocontrole e interdição. (ARAÚJO, 2008, p. 183).

Tanto a produção discursiva que permeia a psicosfera da boa forma e do bem-estar, quanto a produção de diversos itens que compõem o universo *fitness*, o desejo pela disciplina ou ainda a estimulação pela manutenção da disciplina é expressa por meio de frases motivacionais em camisetas, peças publicitárias ou até *squeezes*⁵⁴. Nas camisetas da Foto 18, em seguida, várias destas frases motivacionais estão estampadas para vender os produtos. Frases como “*Built for speed*” (construído para a velocidade), “*Your health is an investment*” (sua saúde é um investimento), “*Ready to train*” (pronto para treinar), “*Time to kill some fat*” (hora de eliminar alguma gordura) e “*Push your limits*” (empurre seus limites) são exemplos encontrados em uma sessão de roupas esportivas em um supermercado.

⁵⁴ Garrafas usadas para condicionar líquidos. São comuns para o uso em atividades físicas.

Foto 18: Mensagens de motivação associadas à prática de exercícios físicos em camisetas

Fonte: Autoria própria (2019).

A disciplina se naturaliza como um aspecto fundamental para a biopolítica voltada para os cuidados de si. Assim como a construção do “corpo perfeito”, a constituição ou manutenção da saúde se enquadra, neste discurso, como algo conquistado de forma meritocrática⁵⁵. Ambos os elementos, na verdade, formam nuances do mesmo processo, pois dentro da academia inserida no modelo de negócio *wellness*, o *fitness* não se dissocia, antes, figura em conjunto com o primeiro (FURTADO, 2009). Consideramos que o *fitness* continua sendo mais expressivo nesta relação, conforme discussão apresentada nos subcapítulos 2.3, sobre a

⁵⁵ A estipulação de padrões estéticos e o apelo ao consumo se mostra como algo construído desde a infância, difundido em meio a atividades lúdicas pelos mais novos. Análise de Araújo (2008) discorre sobre como a criação da boneca Barbie (1959) modificou a forma como as crianças brincam, se percebem e se projetam. Até então, as meninas brincavam com bonecas que eram como elas, outras meninas. Posteriormente a esse fato, elas passaram a se ver na boneca adulta e, portanto, tornaram-se, gradativamente, mais sexualizadas. Também é notável o estímulo ao consumo (por ser uma boneca consumista) e a ser “consumida” pelos homens. Nesse processo, as crianças se frustram mais cedo por não se verem com o corpo de boneca com a qual brincam, mas buscam ser como ela. Da mesma forma, os bonecos masculinos também refletem o mesmo processo, porém introduzindo a ideia do corpo hipertrofiado (a exemplo do boneco Action Man). Ocorre, assim, a naturalização de impulsos consumistas e do padrão estético corporal que, recorrentemente, perpetua na vida adulta.

dimensão do consumo estético e a valorização subjetiva atribuída à imagem estética idealizada, e no 3.2, sobre as nuances entre as concepções dos paradigmas *fitness* e *wellness*.

Ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um/a é tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portanto, ‘naturais’ do viver a identidade contemporânea. Já não basta apenas ser saudável: há que ser belo, jovem, estar na moda e ser ativo. [...] A opção é individual e depende do esforço, da dedicação, da disciplina e dos cuidados de cada um/a para construí-lo. (FIGUEIRA, 2003 *apud* ARAÚJO, 2008, p. 59).

O “[...] ‘culto à boa forma’ resulta de um processo histórico o qual transformou os investimentos sobre o corpo em estratégia de poder” (TEIXEIRA; CAMINHA, 2010, p. 204). A busca pelo atendimento aos padrões estéticos do “corpo perfeito” se configura como resultado do esforço empregado através da disciplina impingida ao próprio corpo. As dietas, o controle intenso dos impulsos alimentares (dada à problemática da qualidade da alimentação na cidade, discutida no subcapítulo 2.2), bem como culto aos exercícios físicos⁵⁶ objetivando a magreza, a hipertrofia e/ou o condicionamento físico se colocam como etapas do processo disciplinar biopolítico que, quando atingido com sucesso, torna-se alvo de prestígio social pela *conquista*, ao mesmo tempo em que reforça a estratégia de poder na conformação e controle dos corpos.

[...] a busca pela supervitalidade pode ser compreendida como impulso biopolítico para melhorar a vida ou como resultado de uma saturação do sujeito que percebe seu próprio corpo enquanto uma barreira a qual impede um melhor **desempenho sócio-econômico**. Entretanto, o ímpeto pela supervitalidade está sempre associado à ideia de tornar a vida mais capaz, mais produtiva, mais longa, mais poderosa. (TEIXEIRA; CAMINHA, 2010, p. 207 – 208, negrito nosso).

⁵⁶ Conforme Araújo (2008, p. 43), “O culto aos exercícios físicos começou no final dos anos 1960, coincidindo com a cruzada de Mayer*. Em 1977, o ‘The New York Times’ cobriu o ‘boom dos exercícios vigorosos, algo bom para você’. Em 1980, o ‘Washington Post’ estimou que 100 milhões de americanos estavam participando da ‘revolução do *fitness*’, data que coincide com o início da epidemia da obesidade. O jornal também notou que a maioria dos praticantes ‘havia sido taxada de ‘loucos por saúde’, uma década antes’ [...]. 1990, a revista ‘Newsweek’ declarava o exercício como elemento ‘essencial’ de qualquer programa para emagrecimento. [...]” (O Paradoxo da Academia, Revista Galileu, n. 197, Ed. Globo, nov. de 2007, p. 4 *apud* ARAÚJO, 2008, p. 43).

Ainda conforme a autora, “*O nutricionista Jean Mayer. Ele começou sua carreira na Universidade de Harvard no início dos anos 1950. Já em 1953, depois de alguns anos de pesquisa com ratos em laboratório, Mayer começou a enaltecer as virtudes do exercício para o controle de peso. Em 1959, o jornal ‘The New York Times’ deu crédito a ele por ter ‘derrubado teorias populares’ de que o exercício tinha papel secundário no controle de peso. Mayer sabia que, muitas vezes, obesos comem o mesmo que pessoas magras – ocasionalmente até menos. Isso parecia excluir a gula como causa do ganho de quilos extras.

Nos anos 1960, Mayer documentou a relação entre a inatividade e o excesso de peso. Ele notou que adolescentes gordinhas comiam ‘muitas calorias a menos’ do que as magrinhas. Mayer foi o pioneiro na prática, agora popular, de apontar o sedentarismo como ‘o fator mais importante’ para a obesidade e as doenças crônicas que a acompanham” (O Paradoxo da Academia, Revista Galileu, n. 197, Ed. Globo, nov. de 2007, p. 3 *apud* ARAÚJO, 2008, p. 43).

As academias de ginástica e musculação, em razão de se constituírem como o *locus* da supervitalidade, adentram em meio à discussão biopolítica também resultando em duas orientações dos adestramentos disciplinares que, embora distintas, são manifestadas sempre em conjunto, de forma híbrida (TEIXEIRA; CAMINHA, 2010):

- *Técnicas de dominação*: resultando em corpos dóceis e indivíduos obedientes para o modo de produção;
- *Estratégias de sedução*: estimulando a superexcitação dos corpos (impulsionadas pelo sedentarismo presente na sociedade e combatido na academia) e a superprodução de forças para a transformação física da imagem corporal;

O anseio de muitas pessoas em se associarem aos padrões de beleza estabelecidos pela psicosfera do bem-estar e da boa forma, que motiva as pessoas a consumirem os produtos e serviços oferecidos pelo universo *fitness* e também angustia diversas outras ao ponto de desenvolverem patologias psíquicas, está relacionado ao estabelecimento da imagem corporal idealizada como norma social⁵⁷. Logo, as formas corporais que fogem à norma se tornam desprestigiadas, alvos de ataques e preconceito. “Há um século, nos países ocidentais desenvolvidos, os gordos eram amados; hoje, nos mesmos países, amam-se os magros”. (FISCHLER, 1995 *apud* CASTRO, 2007, p. 76).

O impulso biopolítico que resulta na autotransformação da estética corporal opera para ambas as finalidades (não dissociadas, conforme Teixeira e Caminha, 2010, p. 207 – 208). A melhoria de vida, decorrida do ato de submeter o corpo aos processos disciplinares da atividade física e alimentação balanceada, de forma bem-sucedida, se expressa através de prestígio social e também opera mediante à possibilidade de melhoria do desempenho socioeconômico (TEIXEIRA; CAMINHA, 2010).

Este aspecto possui profunda relação com a organização do mercado de trabalho, sobretudo no período neoliberal, que conhece os resultados das estratégias biopolíticas há muito tempo e tem operado de forma ainda mais prática no controle dos corpos – itens que serão aprofundados no subcapítulo 4.2.

⁵⁷ Discussão desenvolvida no subcapítulo 2.3 da pesquisa, “Consumo e produção do imaginário estético idealizado”.

4.2 – A nova biopolítica corporativa e as academias de ginástica e musculação

A discussão do subcapítulo 4.1 acerca das formas de operacionalização da biopolítica sobre o controle dos corpos de modo amplo na sociedade analisou as transformações dos dispositivos disciplinares a partir do controle-repressivo para o controle-estimulante, desencadeando em novos comportamentos frente à moral, à norma social e nos impulsos do consumo consumptivo (desde os itens do universo *fitness* à pornografia).

O *desempenho socioeconômico*, destacado na citação extraída de Teixeira e Caminha (2010, p. 207 – 208), no subcapítulo 4.1, como um dos resultados do emprego da supervitalidade nas academias pelo impulso biopolítico, pode ser analisado por duas vertentes: *a)* a partir do processo de ***ampliação da força de trabalho*** (físico e intelectual) e *b)* a partir da ***ampliação das possibilidades de acesso a determinadas vagas de emprego ou posições no âmbito do trabalho*** em virtude de questões que permeiam a discriminação contra a imagem do corpo gordo, bem como as associações implícitas relacionadas à falta de motivação, ao sedentarismo, à inatividade física com o eventual desempenho no trabalho.

A ***ampliação da força de trabalho*** (*físico e intelectual*) é um elemento biopolítico advindo desde o início do modo de produção capitalista analisado por Foucault (1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]) sobre o governo dos corpos. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017) analisa criticamente a questão da ampliação do desempenho produtivo na atualidade.

Segundo o autor, a sociedade contemporânea (ancorada no individualismo e narcisismo como reflexos do neoliberalismo), ao passo que afrouxou as normas de repressão moral em diversas instâncias da vida cotidiana, reproduziu comportamentos que levam à busca de níveis de desempenho sempre crescentes e competitivos entre as pessoas (sobretudo no trabalho), resultando em esgotamento físico e mental e desencadeando a nova “paisagem patológica do começo do século XXI” (HAN, 2017, p. 8), a saber, doenças neuronais como depressão e demais transtornos⁵⁸.

⁵⁸ Segundo Han (2017), as formas de controle biopolítico rígido e disciplinado, que caracterizavam a sociedade industrial dos séculos XIX até metade do século XX, eram permeadas de *negatividade*. Na medida em que os controles rígidos se transformaram em crescente estímulo e o desempenho livre e, muitas vezes, auto-impingido passou a estar no centro das relações produtivas, a sociedade passou a se caracterizar pelo excesso de *positividade*. A positividade em excesso está permeada na acumulação flexível do neoliberalismo, na aparente não-obrigatoriedade de horários rígidos, mas sim no cumprimento de tarefas e projetos, bem como na necessidade de ampliar o autodesempenho no trabalho em vista do estímulo à competitividade e ao individualismo. O século XXI evidencia os efeitos do excesso de positividade na saúde humana, dentre as quais o filósofo destaca as doenças neuronais como depressão, o Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade (TDAH),

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal, se tornaram arcaicos. (HAN, 2017, p. 23 – 24).

A análise de Han (2017) identifica o gatilho que permite o emprego da biopolítica corporativa ser ainda mais eficiente na atualidade do que no início do modo de produção capitalista. A disciplina rígida aplicada às práticas de trabalho demonstrava resultados de produtividade, porém há limites no corpo humano que impedem o provimento de mais resultados quando o emprego da repressão é crescente e demasiado. Contudo, a flexibilização dos controles e o afrouxamento das disciplinas associados a um ambiente competitivo e individualista ampliaram para novos patamares as possibilidades de produtividade e inovação.

[...] Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. (HAN, 2017, p. 25).

Neste processo, o autor considera que haja a conversão ou substituição dos dispositivos de controle e disciplina identificados por Foucault pelos paradigmas de desempenho, que investem no corpo do trabalhador o esquema positivo de poder no período atual, resultando num crescimento produtivo sem precedentes (HAN, 2017).

[...] A analítica do poder de Foucault não pode descrever as modificações psíquicas e topológicas que se realizaram com a mudança da sociedade do desempenho. Também aquele conceito da “sociedade de controle” não dá mais conta de explicar aquela mudança. Ele contém sempre ainda muita negatividade. (HAN, 2017, p. 24).

Muito embora análise de Han (2017) examine com precisão as mudanças comportamentais ocorridas na sociedade ocidental, sobretudo, no âmbito do trabalho, que desencadearam na busca incessante pelo desempenho, resultando na disseminação do esgotamento mental e de diversas patologias neuronais típicas do século XXI, não

Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL) e a Síndrome de *Burnout* (SB) – o cansaço mental excessivo. “[...] A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (HAN, 2017, p. 24 – 25).

compreendemos as contribuições de Foucault (1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]) sobre o controle e a disciplina como superadas. De fato, as transformações biopolíticas decorrentes do controle-repressão para o controle-estimulação convergem com a ideia de desempenho elaborada por Han (2017), fundamentalmente quando analisadas as relações do indivíduo no mundo do trabalho.

A disciplina e o controle ganharam contornos ainda mais sutis nesta fase. O controle-estimulação resulta na ampliação do desempenho da produtividade no trabalho mediante a flexibilização das regras formais e a ampliação do conforto do trabalhador. A biopolítica corporativa, ancorada no paradigma do desempenho, configura um patamar novo de sofisticação de dispositivos típicos do neoliberalismo, os quais se basearam em novas metodologias administrativas despontadas a partir da década de 1980 (BARROS, 2012; PUPIO, 2017).

A sofisticação dos dispositivos biopolíticos corporativos para a ampliação da produção capitalista tem incorporado os princípios do controle-estimulação a partir de novas teorias administrativas que orientam o gerenciamento dos trabalhadores de modo a deixá-los mais confortáveis e felizes possíveis. Conhecidos como Programas de Qualidade de Vida Total (QVT), eles partem da ideia de que um ambiente de trabalho agradável estimula os funcionários a produzirem mais. “Os Programas de Qualidade Total exigem pessoas que *saibam* fazer e principalmente que *queiram* fazer mais e melhor, por isso precisam contar com empregados satisfeitos” (FERNANDES; GUTIERREZ, 1988 *apud* BARROS, 2012, p. 25).

De modo geral, a disseminação dos Programas de QVT desponta como uma das manifestações da globalização e do neoliberalismo para o mundo corporativo. Eles se fazem presentes, via de regra, em médias e grandes firmas localizadas em áreas metropolitanas, sobretudo aquelas que empregam mão de obra qualificada, e estimulam o intercâmbio comunicacional para a implementação de tendências de mercado e novidades de modelos administrativos.

Segundo Zavattaro (1999) e Lacaz (2000), a noção de “qualidade de vida no trabalho” está fortemente sustentada nas inovações introduzidas nas empresas a partir da metade dos anos de 1980, quando os “programas de qualidade total” disseminaram técnicas visando aprimorar a qualidade do processo e do produto/serviço por elas oferecidos. [...] o “espírito de colaboração e iniciativa daqueles que acreditam no trabalho” é um importante mecanismo de controle que o próprio trabalhador internaliza, sendo mais eficaz, inclusive, que imposições externas. (BARROS, 2012, p. 25)

A mudança de comportamento corporativo no intuito de tornar o ambiente de trabalho mais “leve” e atrativo é o mote do Programa. Dessa forma, as firmas que implementaram essas mudanças reconfiguraram a política organizacional, permitindo vestimenta casual aos funcionários que antes se vestiam formalmente (ainda que seja em um ou dois dias da semana, a depender da função exercida), oferta de horários flexíveis de entrada e saída, bem como a implantação, no local de trabalho, de salas de descompressão, nas quais o funcionário possui liberdade para descansar por alguns momentos, assistir televisão, navegar na internet, jogar videogame, brincar com jogos de mesa, tomar café, chá, comer alimentos e socializar com os demais colegas. O intuito é possibilitar maior noção de conforto para o trabalhador lidar com a forte pressão do ambiente.

Algumas empresas conseguiram reduzir significativamente seus custos e aumentar sua produtividade, competitividade e lucratividade com a implantação da qualidade total, mas o mesmo não pode ser observado em relação aos funcionários, que não obtiveram aumentos reais em seus ganhos nessa mesma proporção, demonstrando que há contradições nessa “parceria”. (RECHZIEGEL; VANALLE, 1999 *apud* BARROS, 2012, p. 27).

Assim, as empresas que desenvolvem suas políticas corporativas baseadas no controle-repressão do tempo e dos comportamentos têm ficado na retaguarda frente às tendências de mercado no que tange a relação da empresa com o trabalhador. Entretanto, Barros (2012) reflete sobre até que ponto essas mudanças visam melhor qualidade de vida aos funcionários, representando ganhos reais em salário e benefícios ou operando como “entorpecentes” para o trabalhador produzir mais sem retorno valorativo. Esta análise deve ser feita de modo cuidadoso, observando caso a caso, pois a realidade se mostra complexa e as diferenças são sutis.

A disciplina, enquanto dispositivo biopolítico, continua a permear o ambiente corporativo de modo a esquadriar comportamentos, porém de modo diferenciado no modelo atual, estimulando o desempenho (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2014 [1975]; HAN, 2017):

A relevância dessa noção foucaultiana para o estudo de programas corporativos acerca da QVT se mostrou de forma ampla aos nos depararmos com a tendência destes em “ensinar” o trabalhador a desenvolver um estilo de vida considerado organizacionalmente saudável. Nesse sentido, percebemos que essas **ações institucionais se pautavam pela positividade**, ou seja, mostravam-se mais interessadas em **apresentar aos trabalhadores ‘modos de ser’ valorizados** (ser criativo, atento, **esbelto**, calmo, etc.), ao invés de reprimir comportamentos ou atitudes. (BARROS, 2012, p. 30 – **negrito nosso**).

Há ainda empresas de alguns ramos econômicos que operam conforme lógicas mais rígidas de controle do corpo na forma de medição dos tempos de pausa, descanso, vigilância mais incisiva mesmo em meio a atividades ligadas a serviços modernos comuns em grandes metrópoles, onde não é requerida mão de obra muito especializada, a exemplo de empresas de telefonia que oferecem serviços de *call center* (ou *contact center*), em geral, terceirizados de outras empresas. Neste tipo de atividade, a produtividade é contabilizada por meio da aderência⁵⁹ dos trabalhadores em horas, minutos e segundos. Ainda assim, a tendência é a conciliação em modelos híbridos que conciliam o controle rígido com programas corporativos internos que visam a qualidade de vida do trabalhador nos tempos livres.

Uma das técnicas biopolíticas mais sofisticadas incorporadas na implementação de programas de QVT, que se relacionam diretamente com a temática pesquisada, são as academias de ginástica e musculação inseridas nas próprias empresas. Não há dados precisos sobre quando essas implantações ocorreram, no entanto, as veiculações jornalísticas a respeito indicam que se trata de um processo recente, cujo desenvolvimento se dá no decorrer das décadas de 2000 e 2010. Se iniciou nos Estados Unidos, mas já está amplamente difundido em diversos países (NÚCLEO HEALTH CARE, 2014), como no caso brasileiro da academia exclusiva para funcionários da empresa Via Varejo, em São Paulo, conforme Foto 19:

⁵⁹ A aderência é um dos indicadores de performance (*Key Performance Indicators – KPIs*) mais importantes para as empresas de *call center* controlarem o tempo produtivo do trabalhador no atendimento telefônico, a saber se o mesmo está ocupado diretamente com a finalidade do trabalho ou com conversas paralelas, distrações ou outros tipos de pausas que impactam no provimento financeiro do recurso humano com o produto.

Foto 19: Academia de ginástica e musculação na empresa Via Varejo, em São Paulo (acesso aos funcionários)

Fonte: Autoria própria (2019).

A construção de academias de ginástica e musculação em empresas tem se mostrado como um projeto eficaz no que tange à possibilidade de aumento da produtividade dos funcionários. A relação entre as condições corporais dos trabalhadores e o índice de produtividade tem sido objeto de pesquisas públicas do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos (em inglês – *US Department of Health and Human Services*), que ponderou os custos entre funcionários sedentários (tendem a faltar no trabalho 30% a mais que os fisicamente ativos e geram 40% a mais de despesas com saúde para a firma) e funcionários ativos em um programa regular de exercícios físicos (tendem a produzir 30% a mais que os sedentários e são 40% a mais motivados para o trabalho) (NÚCLEO HEALTH CARE, 2014).

Das 1.000 maiores do país [Estados Unidos], 93% hoje possuem uma academia de ginástica. Já são 4.300 empresas equipadas com o que batizaram de “*fitness corporativo*” para seus funcionários. É a malhação capitalista, baseada na constatação de que o funcionário saudável trabalha melhor e falta menos. Em números, isso significa que, para cada dólar investido em atividade física, se economizam 3,2 dólares em custos médicos. (NÚCLEO HEALTH CARE, 2014, s/p.).

Em muitas dessas empresas, a implementação de programas corporativos *fitness* veio em conjunto com um controle mais saudável dos cardápios servidos nos restaurantes internos, quando existem, bem como o estabelecimento de rotinas de exames médicos básicos aos trabalhadores (NÚCLEO HEALTH CARE, 2014). As academias nas empresas brasileiras também resultam em indicadores positivos para a “saúde financeira” das firmas.

Na Coca-Cola [...] a adesão à academia na sede da empresa, no Rio de Janeiro, chega a 40% - um recorde se comparado aos níveis médios mundiais, de 15% a 20%. O caso da maior fabricante de cigarros do Brasil, a Souza Cruz, também é exemplar. Os resultados do programa de *fitness* estão compensando o investimento de 1,2 milhão de dólares: com a adesão de 80% dos funcionários, as consultas nos ambulatórios da companhia caíram quase 40% desde a inauguração da academia, no ano passado. Se boa parte não fumasse, os resultados seriam ainda melhores. (NÚCLEO HEALTH CARE, 2014, s/p.).

A consultoria multinacional *Great Place to Work* (GPTW), conhecida no mundo corporativo por classificar e premiar as melhores práticas das empresas que são modelos de sucesso para as demais, também avalia a presença de academias nas firmas, entre outras categorias. Em 2012, a consultoria indicou que, das 100 melhores empresas para se trabalhar no Brasil, 31% possuem academias dentro de suas dependências, 37% destas dão subsídios à atividade física e 92% têm alguma ação associada à prática de exercícios físicos (CATHO, 2013).

Em setembro de 2019, a REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS trouxe o levantamento feito pela GPTW com referência à divulgação das empresas premiadas nas diversas categorias pela consultoria no ano⁶⁰. A presença de academias na empresa e o fomento à prática de exercícios em convênios com academias externas aparecem como um dos indicadores avaliados na pesquisa. Nos números gerais, conforme se observa no Gráfico 19, das 150 empresas avaliadas, a maioria, 83 empresas (56%), oferecem academias no próprio local de trabalho, ou convênios com academias externas ou ambas as opções. Em 66 empresas (44%) não foram identificadas alguma relação com o tema e 1 empresa optou por não fornecer os dados internos à consultoria.

⁶⁰ Conforme as informações divulgadas pela revista, as etapas da premiação elaborada pela GPTW são as seguintes: “1) Certificação: Para concorrer a um lugar na lista, a empresa deve ter mais de cem funcionários e obter a certificação de bom ambiente de trabalho do GPTW. A certificação é concedida às organizações que têm ao menos 70% de aprovações dos funcionários; 2) Práticas: Uma vez aprovada, a empresa responde a um questionário detalhando suas práticas de RH, como política de remuneração e pacote de benefícios; 3) Avaliação: A média final é resultado da análise do questionário dos funcionários (peso de 67% da nota) e do questionário da empresa (33%); 4) Reunião: Algumas das empresas que se destacam podem receber a visita de um jornalista de Época Negócios para conversar com um grupo de funcionários sorteados pelo GPTW. Essa etapa não interfere na nota; ” (REVISTA EPOCA NEGÓCIOS, 2019, p. 39).

Gráfico 19: Academias em empresas premiadas no Brasil, conforme GPTW (2019)

Fonte: REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS (2019).

A avaliação da GPTW por subcategoria divide as empresas vencedoras do prêmio em *Grandes* (80 companhias brasileiras ou estrangeiras empregando, no mínimo, 1.000 funcionários)⁶¹, *Médias Multinacionais* (35 empresas que empregam entre 100 a 999 funcionários e atuam em diferentes países) e *Médias Nacionais* (35 empresas brasileiras que empregam entre 100 a 999 funcionários) (REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS, 2019). Os Gráficos 20, 21 e 22, na sequência, examinam de forma específica cada uma dessas categorias.

Gráfico 20: Academias em empresas premiadas no Brasil, conforme GPTW – Grandes Empresas (2019)

Fonte: REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS (2019).

⁶¹ O universo de análise do Gráfico 20 possui 79 empresas, em razão do não fornecimento dos dados internos de 1 caso para a pesquisa (REVISTA EPOCA NEGÓCIOS, 2019).

A análise do Gráfico 20 mostra que, das 79 empresas avaliadas dentro da subcategoria *Grandes*, a maioria (61%) possui alguma relação com o fomento de exercícios físicos aos funcionários, seja por meio de academias internas ao ambiente da firma, seja pela oferta de convênios externos ou de ambas as possibilidades. O perfil altera-se um pouco quando analisado dentro da subcategoria de empresas *Médias Multinacionais*, conforme o Gráfico 21:

Gráfico 21: Academias em empresas premiadas no Brasil, conforme GPTW – Empresas Médias Multinacionais (2019)

Fonte: REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS (2019).

Conforme o Gráfico 21, o perfil das empresas *Médias Multinacionais* premiadas pelo GPTW ainda indica que a maioria das 35 companhias (60%) oferece alguma relação com o fomento de exercícios físicos aos funcionários, seja por meio de academias internas ao ambiente da firma, seja por possuir de convênios externos ou ambas as possibilidades. Entretanto, o perfil das empresas *Médias Nacionais*, conforme verificado no Gráfico 22, altera-se bastante em virtude da relação das companhias com o tema:

Gráfico 22: Academias em empresas premiadas no Brasil, conforme GPTW – Empresas Médias Nacionais (2019)

Fonte: REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS (2019).

O universo das 35 empresas *Médias Nacionais* envolvidas na pesquisa e premiação da GPTW (2019) indica que a maioria (60% - 21 empresas) não possuem fomento às atividades físicas com seus funcionários, como visto no Gráfico 22. O perfil das empresas brasileiras ainda se destoa do perfil das multinacionais nesta temática.

Ainda que sejam amostras pequenas de análise, é possível deduzir que, embora fomento corporativo às atividades físicas seja uma tendência global recente nas *melhores* empresas no período de globalização e neoliberalismo, a aderência de empresas brasileiras ainda é baixa se comparada com as grandes firmas de atuação multinacional. Há um descompasso de empresas brasileiras e estrangeiras na implementação de alguns programas de QVT, que se mostram como tendências inovadoras globais no mundo corporativo.

A prática de exercícios físicos é positivamente avaliada nas perspectivas de funcionários e gerentes. A percepção de motivação, melhora do desempenho no trabalho, bem como menos custos médicos e maior disposição aos relacionamentos na empresa são comuns nos depoimentos extraídos da reportagem do G1 (2011), que indica a relação de investimento das empresas com atividades físicas, seja dentro ou fora da firma, resulta no aumento da produtividade dos trabalhadores.

Maria Fernanda Campos, que é analista de RH, não abre mão de treinar todos os dias. “Eu trabalho motivada, que eu pego as energias antes, de manhã, treinando, e vou trabalhar com aquele pique total”, conta.

“A gente acredita que isso melhora a qualidade de vida. Consequentemente é menos gente faltando e menos gente gastando com assistência médica, trabalhando melhor, mais feliz e produzindo mais para gente”, avalia Sérgio Fajerman, diretor de remunerações e benefícios.

[...] A produtividade aumenta, as pessoas se sentem mais leves e mais soltas e elas se relacionam melhor. A prática de exercícios físicos, além de trazer benefícios físicos, ela ainda traz essa parte de relacionamento e de interação que ajuda no clima da empresa”, avalia a gerente de Recursos Humanos (RH), Wanda Csorgo.

[...] “Emagreci e perdi 11 quilos. Eu me sinto muito bem melhor, mais bem disposto no trabalho, com mais força e mais aptidão”, comemora o analista financeiro Antônio Carlos de Macedo. (G1, 2011, s/p.).

Algumas firmas que não possuem academias em suas dependências e desejam estimular a atividade física realizam convênios externos para oferecerem aos seus funcionários o benefício de praticar exercícios físicos. As firmas fazem acordos com determinadas companhias focadas em realizar a ponte entre as redes de academias e as firmas, a exemplo da *Gympass* ou da *Totalpass*, as quais têm atuação global abarcando diferentes redes em diversos países. As empresas que oferecem esse tipo serviço conjugam diferentes academias em seus planos e formam redes específicas com diferentes marcas mediante o seu acesso, a exemplo da Imagem 24:

Imagem 24: Exemplo de redes de academias conveniadas com a empresa *Gympass*

Fonte: GYMPASS (2019).

A contratação dos planos é disponível para pessoas físicas e jurídicas e se dá pelo pagamento de mensalidades. O usuário utiliza o aplicativo de celular para escolher a academia mais próxima de sua localização e utiliza seu passe para acessar, mesmo não sendo cliente daquela rede específica escolhida. Torna-se interesse dessas empresas a difusão da biopolítica corporativa atrelada às práticas de atividades físicas, pois isto é o cerne do negócio dessas companhias. Como argumento de venda, a Imagem 25, no site de uma delas, ressalta os benefícios obtidos quando o funcionário faz atividade física:

Imagem 25: Benefícios da contratação de plano corporativo de atividades físicas ao trabalhador

Fonte: TOTALPASS (2019).

A incorporação de discursos que incentivam a promoção de estilos de vida saudáveis se encontra, hodiernamente, ganhando espaço não somente entre as empresas do setor terciário, mas também no setor secundário da economia. Além da possibilidade de se investir em academias internas na firma ou em convênios externos, algumas empresas têm procurado elaborar estratégias de modificação de comportamentos que motivem os trabalhadores a praticarem ginástica laboral, esportes e deslocamentos (por meio de escadas, a pé, por bicicleta).

O Serviço Social da Indústria (SESI) disponibiliza consultoria para amparar as indústrias a incluírem práticas de atividades físicas em seus ambientes, seja por meio da instalação (adaptação ou implantação) de “Academia Corporativa”, que pode incluir salas de condicionamento físico com aparelhos, ginástica para exercícios funcionais ou programas de exercícios em grupo, ou ainda programas de “Ginástica Laboral”, que adapta a rotina do trabalho a incluir em determinados momentos uma pausa para atividades físicas em conjunto (SESI, 2019).

Conforme a consultora do SESI Geórgia Antony Gomes de Matos (2016)⁶², a promoção da atividade física no âmbito do trabalho nas indústrias impacta na diminuição do absenteísmo, caracterizado pelo excesso de faltas, o presenteísmo, representado pela situação em que o

⁶² Informação colhida de Matos durante o Simpósio Internacional de Pesquisa em Estilos de Vida e Saúde (SIPES), Ipojuca, em 2016.

trabalhador se encontra apenas “de corpo presente” no trabalho, mas não está trabalhando, de fato, devido à falta de motivação com a atividade exercida, problemas pessoais e/ou stress, ou mesmo o desenvolvimento de DCNT⁶³ (informação verbal).

Os discursos sobre a necessidade de incorporação de hábitos saudáveis relacionam diretamente os interesses de ganho do mercado com as academias de ginástica e musculação, enquanto objetos mitigadores dos malefícios da vivência nas grandes cidades. A promoção da mudança de hábitos que perpassam não somente o tempo do trabalho, mas que estejam absorvidas no interior do cotidiano da vida do trabalhador, tendem a aumentar a produtividade do sujeito e diminuir os riscos de doenças ocupacionais, mecanismos os quais ampliam a capacidade de acumulação de capital (NAHAS *et al.*, 2010).

O empenho das empresas, cientistas, pesquisadores e imprensa em difundir os benefícios da atividade física aos trabalhadores ainda é baixo atualmente. Por questão de hábitos culturais, o mundo corporativo brasileiro está apenas iniciando seus movimentos em busca de incluir a atividade física em meio às rotinas de trabalho, pois a ampla maioria das empresas não implementa nenhuma atividade nesse sentido, sendo utilizado por um conjunto pequeno de empresas que se abrem para inovações de programas de QVT e reconhecem os retornos lucrativos que possam lhes trazer. Esta é uma tendência que consolidará no decorrer dos próximos anos no país.

A prática de atividades físicas no âmbito corporativo auxilia na ampliação do desempenho socioeconômico, quanto na consolidação da disciplina como componente biopolítico, expressa pela docilidade dos corpos para o trabalho, como pela capacidade de esquadramento e controle hierárquico, deixando o trabalhador apto a participar com sua corporeidade do processo de circulação do capital variável (HARVEY, 2005). “[...] As pessoas em busca de trabalho precisam ser adequadamente nutridas e saudáveis, acostumadas a um comportamento disciplinado e possuidoras das habilidades exigidas pelas rotinas de trabalho dos empregos que procuram” (BAUMAN, 2008, p. 15).

Além da análise que constata a *ampliação da força de trabalho* incutida na operacionalização da biopolítica corporativa em meio à promoção do desempenho

⁶³ Doenças crônicas não-transmissíveis são aquelas que se relacionam com o estilo de vida, a inatividade física, o consumo alimentar não recomendável e podem ser agravadas com o excesso de peso: Acidente Vascular Cerebral (AVC), Asma, Câncer de Cólon, Câncer de Mama, Câncer de Ovário, Câncer de Pâncreas, Câncer de Pele (Melanoma), Câncer de Reto, Câncer de Tireoide, Câncer de Vesícula Biliar, Câncer do Endométrio, Câncer de Esôfago, Câncer Renal, Colelitíases e Colecistites, Diabetes tipo 2, Doenças Isquêmicas do Coração, Dorsalgia, Embolia Pulmonar, Hipertensão Arterial, Insuficiência Cardíaca Congestiva, Leucemia, Linfoma não-Hodgkin, Mieloma Múltiplo, Osteoartrites e Pancreatite (OLIVEIRA, 2013, p. 69).

socioeconômico inculcada no emprego da supervitalidade nas academias (TEIXEIRA; CAMINHA, 2010), o governo dos corpos no mundo empresarial pode ser analisado também a partir das vinculações entre a ampliação das possibilidades de acesso de determinadas vagas ou posições de trabalho e a forma estética de candidatos (TOLEDO, 2010).

“[...] O culto ao corpo pode, então, ser analisado como *técnica corporal* da sociedade atual, uma vez que garante melhor performance nas negociações presentes na vida cotidiana” (CASTRO, 2007, p. 28). O corpo construído conforme o padrão estético alcança um novo patamar de negociações na vida cotidiana, expressas por um conjunto de possibilidades de relacionamentos amorosos e afetivos que não estariam disponíveis com facilidade para pessoas gordas ou “fora da norma estética”, sobretudo num mundo líquido onde novas formas de relacionamento se dão mediante fotos e depoimentos em aplicativos no celular (BAUMAN, 2004, 2008).

Dentre as negociações da vida cotidiana que atingem um novo patamar de possibilidades com o corpo do padrão estético, identificam-se aquelas relacionadas ao mundo corporativo. Este, por ser feito de pessoas e, logo resulta como um apêndice dos demais comportamentos sociais, reproduz algumas formas de preconceito quanto à aparência de candidatos para determinadas vagas de emprego ou promoções para determinados cargos na estrutura da companhia. Uma vez que, subjetiva ou objetivamente, se constroem associações entre a forma física e a capacidade de disciplina e controle de si, além do sedentarismo como falta de motivação, corpos gordos reduzem as possibilidades de acesso no mundo corporativo (TOLEDO, 2010).

[...] Atualmente, nas metrópoles as tradições e os costumes são re-significados, e ditam imposições de uma educação do corpo, das mais diversas formas, incluindo a ginástica. À medida que demandam pessoas eficientes, disciplinadas, ágeis, também oferecem as formas para obter essas qualidades. Não é à toa que estes adjetivos são solicitados no perfil do cidadão moderno e são avaliados subjetivamente e objetivamente pelos que o cercam. Um exemplo de uma forma objetiva de avaliação encontra-se na pauta de critérios de seleção de candidatos para a aquisição do emprego, utilizadas em muitos casos por supervisores de sessão, psicólogos, dentre outros profissionais, principalmente nas entrevistas e “dinâmicas de grupo”, portanto, aplicadas ao corpo. Isso quando não exigem uma “boa aparência”, que também pode ser obtida pela ginástica, dentre outros tratamentos estéticos. (TOLEDO, 2010, p. 15 – 16).

No período neoliberal do modo de produção, o corpo torna-se, cada vez mais, uma mercadoria a ser promovida e vendida nas relações sociais (BAUMAN, 2008; FOUCAULT, 2008b [1978]). Os cuidados de si se tornam, da mesma forma, uma obrigação individualizada no próprio sujeito, o qual deve procurar por “soluções” no mercado, sobretudo em academias

de ginástica e musculação. Além delas, difundem-se no território diversos manuais de autogerenciamento, autoajuda, manuais de *marketing* pessoal em que esses termos também se fazem presentes para o desenho das melhores estratégias de divulgação de si frente ao mercado de trabalho (TOLEDO, 2010).

4.3 – Políticas e espaços públicos de estímulo à atividade física

Embora a temática central da pesquisa seja a análise da rápida expansão geográfica das academias de ginástica e musculação na RMSP, o tema, necessariamente, envolve as práticas de exercícios físicos praticadas pela sociedade, de modo amplo. Essas práticas, em diversos momentos, ocorrem em espaços públicos⁶⁴, dentre os quais, os parques têm destaque, juntamente com as ruas e canteiros centrais de avenidas.

Os parques públicos ganham proeminência na análise, porém, a prática de atividades físicas, observada no comportamento das pessoas no espaço público, também está difundida em praças, ruas, avenidas e até rodovias (além dos calçadões em cidades litorâneas). A prática de atividades físicas se pulverizou no território e adquiriu tamanha flexibilidade que pode ser feita na maioria dos espaços públicos, bem como nos espaços privados de academias, clubes, condomínios residenciais, prédios ou até mesmo na sala ou no quarto de casa.

A capilarização que as práticas de exercícios físicos possuem no território apontam para a importância que esta atividade tem para a vida das pessoas. A discussão que vem se desenvolvendo no Capítulo 4 reforça esse aspecto, mostrando que tanto o Estado quanto o mercado reconhecem a relevância da atividade física, bem como seus efeitos na produtividade do sistema econômico.

Assim sendo, as políticas públicas possuem papel fundamental no desenvolvimento das práticas de exercícios físicos. Uma análise debruçada sobre o tema permite compreender o posicionamento do Estado frente a esta temática, bem como sua relação com os atores do mercado e demais organizações da sociedade civil. De forma geral, notamos que as políticas públicas e as campanhas de empresas privadas organizadas em espaços públicos reforçam o lugar que a RMSP e o Brasil, de forma geral, estão na divisão territorial internacional do trabalho.

⁶⁴ Conforme Gráfico 14, a respeito dos principais locais de práticas de exercícios físicos, no subcapítulo 3.2, 41% dos praticantes de exercícios físicos realizam suas atividades em locais abertos da cidade, dentre os quais, os parques são preferência. A Resposta 4 do Questionário realizado pela pesquisa, encontrado na sessão de Apêndices, indica que os parques públicos estão em segundo lugar nas preferências de locais de atividades físicas em espaços públicos (com 23,2% das opiniões), logo atrás das ruas (com 35,7% das preferências).

4.3.1 – Parques públicos

A biopolítica manifesta pelos dispositivos disciplinadores de controle dos corpos se faz evidente nas análises que envolvem o papel do Estado na promoção de políticas públicas de planejamento territorial, quanto na formulação e implementação de leis que envolvem atores privados nos usos do território. A criação dos parques públicos em São Paulo é um dos exemplos mais notórios na pesquisa.

Conforme já foi abordado no subcapítulo 4.1, os espaços públicos de lazer na capital paulista se enquadraram dentro do projeto biopolítico de disciplinarização e docilização dos corpos dos trabalhadores para a ampliação da produção. A operacionalização das estratégias biopolíticas por meio do planejamento urbano na criação de parques públicos se manifestaram de formas diferentes conforme os períodos em que São Paulo se inseria no processo de mundialização da economia e divisão social territorial internacional do trabalho (ANTAS JR., 1995).

Num primeiro momento, a criação de áreas públicas de lazer na capital paulista se relacionou com o desejo de produção de um espaço racionalizado na cidade, ocorrido em meio à pujança de São Paulo em decorrência da atividade industrial e do dinamismo comercial. A arquitetura e o urbanismo refletiram o crescimento econômico ocorrido no final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, período em que se planejaram os primeiros parques públicos da cidade (ANTAS JR., 1995).

Diante da centralidade que o rodoviarismo adquiriu no planejamento territorial a partir da década de 1930, houve um decréscimo no fomento de novos parques públicos, bem como ocorreu a extinção de alguns já existentes. Ao passo em que a classe trabalhadora se localizava cada vez mais nas periferias da metrópole, se expandindo para longe do centro, tanto o poder público, quanto o setor imobiliário foram reduzindo as áreas livres da cidade, utilizada para o usufruto do tempo livre dos trabalhadores, para ocupação habitacional. Este processo ocorreu até, aproximadamente, a década de 1960 (ANTAS JR., 1995).

[...] O crescimento dos índices de área construída relaciona-se diretamente com a eliminação daquelas áreas livres e abertas onde se usufruía do tempo livre (cujo melhor exemplo são as várzeas até fins da década de 1950/60) através da ocupação para usos residenciais e não residenciais.

As consequências desse processo interferem objetivamente na reprodução da força de trabalho pura e simples, na medida em que acirra a crise no setor da habitação, onde um mercado consumidor frágil encontra maiores dificuldades para estabelecer-se

devido à valorização crescente do espaço urbano e as condições desumanas apresentadas por determinados tipos de moradia. (ANTAS JR., 1995, p. 24).

A década de 1970 marcou a reorientação do planejamento territorial em difundir novamente os parques públicos na metrópole paulista. Os novos parques, com uma estética moderna, diferente dos primeiros, despontaram como os lugares propícios para o uso do tempo livre. Diferentemente das áreas livres e abertas que foram suprimidas pelo setor imobiliário e o Estado (como as áreas de várzea), os parques respondiam a uma destinação específica, biopolítica, de docilização e disciplinarização do corpo do trabalhador para a recomposição da energia vital e a retomada da circulação do capital variável no trabalho (ANTAS JR., 1995; HARVEY, 2005).

A instrumentalização do lazer, que promoveu a criação de parques públicos a partir da década de 1970 convergiu com verticalidades operacionalizadas, inclusive, na forma de discursos em âmbito nacional e internacional pela necessidade de proteção ambiental. A destruição das áreas verdes e a poluição dos ecossistemas (sobretudo no espaço metropolitano induzido pelo crescimento urbano e industrial) fortaleceram os discursos ecológicos em São Paulo – tendência observada em outras metrópoles globais (ANTAS JR., 1995).

Assim, entender o lazer a partir da necessidade de dominação ideológica pelos militares não explicaria o segundo surto de criação de parques ocorrida após o ano de 1987, momento considerado com o fim da transição democrática que o país atravessava. A pressão de grupos por melhorias nas condições ambientais e melhoria no padrão de vida urbana reconhecido por amplos segmentos da sociedade também pode ser considerado outro vetor importante no tocante à produção de parques. (ANTAS JR., 1995, p. 75).

A eclosão do discurso ecológico teve fundamental importância pressionando a administração pública a continuar o processo de criação de parques públicos em São Paulo após o período de transição democrática (ANTAS JR., 1995). Adicionado a isto, consideramos importante a transformação que os dispositivos biopolíticos sofreram na análise dos mesmos períodos na forma de operacionalização de controle dos corpos no território.

Foto 20: Exercícios físicos em parque público

Fonte: PARQUE IBIRAPUERA CONSERVAÇÃO - PIC (2019).

A transição dos modelos disciplinares de *controle-repressão* para o *controle-estimulação* (tal como resultou em efeitos que dinamizaram o mercado de academias), sucedeu em novos comportamentos sociais, morais e normativos associados à prática de exercícios físicos em espaços públicos, bem como um novo impulso para a criação de parques ancorados nos modelos de cidades globais do meio técnico-científico-informacional (ANTAS JR., 1995; FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979]; SANTOS, 2012a [1996]).

Neste sentido, a emergência dos parques no período técnico-científico-informacional vem de encontro à proposição de que, principalmente neste período, o capitalismo se mantém e se amplia através da produção de um espaço que garanta a reprodução das relações sociais de produção. (ANTAS JR., 1995, p. 80).

O controle-estimulação, na promoção de novos comportamentos sociais, morais e normativos, centraliza no corpo o elemento estético capaz de se tornar a forma-mercadoria a ser desejada, consumida e conquistada. Não é somente nas academias em que o corpo adquire a centralidade estética e consumível da contemporaneidade, mas também nos parques públicos.

A norma e a ética ditaram o comportamento e a vestimenta humana, nos padrões ocidentais, de um modo carregado de roupas no início do século XX. A mesma já se apresentava de forma diferente em meados do século e algo que, em tempos antigos, significaria um escândalo (homem ou mulher correr seminu em público no parque), hoje não é condenável e

sequer é notado. E mesmo quando é notado, é pela a admiração da forma corporal correspondente ao padrão estético estimulado.

4.3.2 – Ginástica em praças públicas

Para além dos parques, a atividade física está presente em diversos outros espaços. A biopolítica de controle-estimulação foi fomentada por meio de políticas que levaram a prática da ginástica em praças públicas, ainda no final da década de 1970. Iniciativas da Prefeitura de São Paulo, como na Foto 21, difundiram a ministração de aulas abertas de ginástica organizadas por Caio Pompeu de Toledo, atual secretário de Esportes, Mauro Guiselini, também da secretaria e Geraldo Massucato, presidente da APEF, entre outros. Algumas dessas aulas abertas chegavam a juntar mais de 2 mil pessoas em uma praça (TOLEDO, 2010).

Foto 21: Aula pública de ginástica promovida pela Prefeitura de São Paulo, no Ibirapuera, em setembro de 1977

Fonte: TOLEDO (2010).

Desde então, tem sido cada vez mais comum a promoção de campanhas de ginásticas em praças públicas da cidade por meio de parcerias entre a Prefeitura e diferentes empresas privadas, a fim de promoverem alguma temática de interesse público, bem como associarem

suas marcas à responsabilidade social. Alguns exemplos estão melhor delineados na sessão 4.3.7, sobre as ações corporativas de atividades físicas no espaço urbano.

4.3.3 – Implementação de ciclovias

As políticas públicas possuem amplo impacto na estimulação das atividades físicas no uso do território. Para uma metrópole como São Paulo, que teve um forte processo de aculturação do modelo rodoviarista baseado no transporte individual do carro consolidado por décadas e que, ainda hoje, o carro figura no imaginário social como símbolo de *status*.

A implementação de ciclovias na capital paulista ocorrida durante a administração do prefeito Fernando Haddad, do PT, (2013 – 2016) resultou em um impacto a diversos setores da sociedade paulistana, representando a vitória da luta de diversos coletivos formados por cicloativistas, organizações em prol de modais alternativos de deslocamento urbano, cientistas, pesquisadores e membros do poder público.

O projeto de implantação da malha cicloviária estava orientado a estimular o uso da bicicleta como modelo de transporte e deslocamento urbano, prática de atividade física e lazer. O Gráfico 23 mensura o impacto ocorrido no período da gestão Haddad na condução das políticas públicas que favoreceram o transporte cicloviário em São Paulo:

Gráfico 23: Implantação anual de estrutura cicloviária (em metros) no município de São Paulo, classificada por tipologia

Fonte: CET, 2019.

“Atualmente, a cidade de São Paulo possui 503,6 km de vias com tratamento cicloviário permanente, sendo 473,3 km de Ciclovias e Ciclofaixas e 30,3 km de Ciclorrotas⁶⁵” (CET, 2019, p. 8). Embora houvesse um crescimento significativo na implantação de uma estrutura cicloviária na RMSP nos últimos anos, a utilização de bicicletas como modal de transporte ainda é baixa, comparada com os demais modais (sendo 0,9% para a bicicleta, 31,1% a pé, 31,2% em veículos particulares e 36,8% em transporte coletivo) (CET, 2019). Particularmente para o município de São Paulo, a análise do uso da bicicleta como meio de transporte sobe um pouco mais para 5,1% (FLORINDO *et al.*, 2018).

As políticas públicas que atuam na capilarização das ciclovias na cidade também influenciam no incremento de atividades físicas em tempo de lazer, como caminhadas. A pesquisa conduzida por Florindo (*et al.*, 2017) indica que a presença de espaços públicos (sobretudo ciclovias e praças públicas) em um raio de até 500 metros de casa aumentaram em 55% as chances de adultos praticarem caminhadas no tempo de lazer.

Já o uso de bicicletas como modal de transporte para o deslocamento a longas distâncias é mais prevalente quando existem estações de trem ou metrô próximas às residências dos ciclistas (também em um raio aproximado 500 m das residências). O acesso a demais ciclovias distantes das residências é dificultado pelo tráfego de veículos automotores, pela topologia da cidade e pela percepção de perigo em determinadas áreas da cidade (FLORINDO *et al.*, 2018).

Florindo (*et al.*, 2018) sinalizam que não basta apenas incrementar o número de ciclovias na cidade, mas também é preciso melhorar os pontos de conectividade da rede e a integração com outros modais de transporte públicos, tais como o metrô e o trem. Uma dificuldade latente para a capital paulista são as limitações de horário liberados para a circulação de bicicletas pela rede metroviária em dias úteis, sendo possíveis somente após às 20:30. Ademais, existem poucas estações da rede metro-ferroviária com facilidades para estacionar bicicletas. Tais empecilhos ainda se apresentam enquanto desafios para a administração pública

⁶⁵ Conforme as definições de tipologias de tratamento cicloviário mencionadas pela Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo – CET (2019), têm-se:

- Ciclovias: “Caracteriza-se como o espaço em nível ou desnível com relação à pista, separado por elemento físico segregador, tais como: canteiro, área verde, e outros previstos na legislação vigente. Quanto à sua localização na via pública, estas podem estar dispostas nas laterais das pistas, nos canteiros centrais e nas calçadas. A sua localização fora da via pública pode se dar em áreas não edificáveis, faixas de domínio e parques públicos” (CET, 2019, p. 39);
- Ciclofaixas: “Parte da pista de rolamento destinada à circulação exclusiva de ciclos, delimitada por sinalização específica” (CET, 2019, p. 40);
- Ciclorrotas ou Rotas de Bicicleta: “vias sinalizadas que compõem o sistema ciclável da cidade interligando pontos de interesse, ciclovias e ciclofaixas, de forma a indicar o compartilhamento do espaço viário entre veículos motorizados e bicicletas, melhorando as condições de segurança na circulação” (CET, 2019, p. 40);

no que confere o estímulo ao uso da bicicleta na RMSP, ainda mais quando se intermediam diferentes instâncias do poder público no planejamento metropolitano.

Apesar das dificuldades visíveis no uso da bicicleta enquanto modal de transporte urbano, as *magrelas* são fortemente indicadas como instrumentos de lazer e exercícios físicos. Os benefícios podem superar, inclusive, alguns malefícios comuns da metrópole resultantes do desenvolvimento urbano-industrial da cidade, como a respiração de um ar poluído (FLORINDO *et al.*, 2018).

[...] Estudos têm mostrado que o transporte ativo e o ciclismo para transporte contribuem para melhorar a atividade física e a expectativa de vida e estão associados a menores chances de obesidade, hipertensão e triglicerídeos altos. Ademais, um estudo publicado por Tainio *et al.* mostrou que os benefícios do ciclismo em São Paulo superam os riscos da exposição à poluição do ar. Portanto, esses resultados são importantes porque um incremento no ciclismo para transporte pode contribuir para o aumento da atividade física, para a promoção da saúde, e a prevenção de doenças. (FLORINDO *et al.*, 2018, p. 8 – tradução nossa⁶⁶).

Para disseminar ainda mais a utilização das bicicletas em São Paulo, seja como modal de transporte ou mesmo como opção de lazer e atividade física, os autores apontam para outras necessidades, como a melhoria e ampliação das facilidades nas estações de trem e metrô para o estacionamento de bicicletas, assim como a expansão dos horários de permissão de carregamento da bicicleta na rede metro-ferroviária. Ademais, programas educacionais comunitários e escolares, bem como campanhas midiáticas pelo uso de bicicletas são práticas que demonstram retorno positivo conforme a literatura pesquisada. Os programas de compartilhamento de bicicletas, que, via de regra, se dão em parcerias da prefeitura com empresas privadas, também se mostram como uma opção viável para o estímulo ao uso de bicicletas na cidade (FLORINDO *et al.*, 2018).

4.3.4 – Programa Ruas Abertas

Além do incentivo ao uso de bicicletas por meio da implementação ampla de ciclovias em São Paulo, a gestão Haddad também se destacou em atender à mobilização coletiva de diversos setores da sociedade civil pelo fomento de políticas que promovessem o lazer e as

⁶⁶ Conforme o original, “Studies have shown that active transportation and cycling for transportation contribute to increased physical activity and life expectancy and are associated with lower odds of obesity, hypertension, and high triglycerides. In addition, a study published by Tainio *et al.* showed that the benefits of cycling in Sao Paulo overcome the risks of air pollution exposure. Therefore, these results are important because an increase in cycling for transportation can contribute to increasing physical activity, for health promotion, and for disease prevention” (FLORINDO *et al.*, 2018, p. 8).

atividades físicas no espaço público por meio da abertura de ruas e avenidas aos pedestres aos domingos e feriados. O impulso do projeto foi a abertura da Avenida Paulista, marco turístico de São Paulo, e resultou na promulgação da lei que institui o Programa Ruas Abertas no município, em 2016 (RUAS ABERTAS, 2019).

O programa abrange, atualmente, 23 ruas e avenidas da capital paulista que são fechadas aos domingos e feriados, exceto em situações excepcionais, em todas as regiões do município (RUAS ABERTAS, 2019).

O Mapa 20 mostra a disposição geográfica das ruas e avenidas participantes do programa no município de São Paulo e busca analisar a proximidade delas em razão de alguns dos principais modais de transporte público, no caso, as estações de trens e metrô de São Paulo como ponto de partida para o questionamento de estar mais acessível à população como um todo (advindas de outros pontos da cidade) ou mais restrito aos bairros próximos, cujo acessos motorizados se dariam por carro, motocicleta ou ônibus..

Mapa 20: Distribuição geográfica do Programa Ruas Abertas no município de São Paulo (2019)

Fonte: RUAS ABERTAS (2019).

Conforme a análise do Mapa 20, das 23 ruas e avenidas participantes do programa, 7 estão juntas às redes metroferroviárias, podendo facilmente conduzir pessoas de diferentes localidades para essas ruas em fins de semana ou feriados. Ademais, 5 outras ruas estão relativamente próximas às estações. Somente em 10 casos, a localização das ruas e avenidas participantes torna mais difícil o comparecimento de pessoas de outras regiões da cidade em razão do acesso dificultado, sendo mais distantes das estações de trem e metrô.

A relação de endereços participantes, conforme o Ruas Abertas (2019) é:

Quadro 4: Lista de endereços participantes do Programa Ruas Abertas

Logradouro e Bairro
Avenida Antônio Estêvão Carvalho - Penha
Avenida Milena Elías - Ermelino Matarazzo
Rua Benedito Galvão - Aricanduva/Vila Formosa
Rua Luís Pereira da Silva - Vila Prudente
Rua Curuçá - Vila Maria
Avenida Santa Catarina - Jabaquara
Avenida Barão de Alagoas - Itaim Paulista
Rua Salvador Gianetti - Guaianazes
Rua Medeiro de Albuquerque - Pinheiros
Avenida Sumaré - Lapa
Avenida Paulista - Sé
Rua Professor Onésimo Silveira - Pirituba/Jaraguá
Rua Salvador Albano - Perus
Rua Major Walter Carlson - Butantã
Rua Pedra Azul - Vila Mariana
Avenida Calos Caldeira Filho - Campo Limpo
Avenida Antônio Cesar Filho - Jaçanã/Tremembé
Avenida Koshun Takara - Casa Verde
Avenida José da Natividade Saldanha Freguesia/Brasilândia
Rua Aída - Ipiranga
Avenida Vereador Abel Ferreira - Mooca
Rua Terezinha do Prado Oliveira - Parelheiros
Avenida Tomás do Valê - M'Boi Mirim

Fonte: RUAS ABERTAS, 2019.

Esta política pública se tornou referência no que tange à promoção da atividade física e do lazer na cidade, como também possibilitou o início de uma mudança de cultura do paulistano no estímulo ao uso e ocupação do espaço público para a sociabilidade, as práticas culturais, esportivas e recreativas. A aprovação popular para a manutenção dessas políticas reforça uma possível mudança no comportamento dos paulistanos com relação ao uso do espaço público (PAULISTA ABERTA, 2019).

4.3.5 – Programa Academia da Saúde (PAS)

O Programa Academia da Saúde (PAS) é uma importante política pública nacional de promoção da saúde com amplo impacto de integração territorial. Foi instituído pela Portaria nº 719 do Ministério da Saúde, em 2011, atualmente regido pelas Portarias nº 1.707, de 2016, e nº 2.681, de 2017, e está ancorado pela Política de Atenção Básica e Promoção da Saúde (MOTA, 2015; BRASIL, 2017, 2019)

De forma geral, o PAS visa a promoção da saúde da população por meio da implementação de polos dotados de infraestrutura específica e recursos humanos destinados ao fomento de atividades físicas, práticas corporais, bem como a conscientização da alimentação saudável e o lazer (MOTA, 2015; BRASIL, 2017, 2019). A dimensão do PAS na integração do território se evidencia pela capilarização que o Programa atingiu, estando presente em 2.678 municípios (48,1% do total de domicílios do país, dos quais 77% possuem menos de 30 mil habitantes) com 3.821 polos habilitados, conforme o Mapa 21 (BRASIL, 2018). Dados do portal do Ministério da Saúde, em 2019, indicam que, atualmente, o Programa já se expandiu para 2.900 municípios de todas as unidades da federação (BRASIL, 2019).

Mapa 21: Abrangência territorial do Programa Academia da Saúde (PAS), em 2018

Fonte: BRASIL (2018).

O PAS está estrategicamente inserido no conjunto de ações de fundamental importância que o poder público vem tomando nos últimos anos no que tange ao enfrentamento da obesidade, das DCNT, bem como do sedentarismo, com especial ênfase em áreas mais carentes. Essas ações impactam no gerenciamento orçamentário do poder público, pois a promoção da saúde da população por meio da atividade física resguarda um grande potencial de economia para o Sistema Único de Saúde (SUS). No mundo todo, estima-se que 5.3 milhões de mortes estejam atribuídas à inatividade física (SIMÕES *et al.*, 2016), enquanto que, no Brasil, os gastos anuais do Governo Federal com doenças relacionadas ao sedentarismo e à obesidade somavam, em 2013, R\$ 488 milhões aos cofres públicos (OLIVEIRA, 2013).

Foto 22: Polo do Programa Academia da Saúde (PAS)

Fonte: MENDONÇA (2018).

A pesquisa, realizada pela Universidade de Brasília (UnB) e divulgada pelo Ministério da Saúde, em 2013, aponta que o perfil de pessoas que se encontram em situação de sobrepeso e obesidade é mais comum nas regiões urbanas, assistidas por um estilo de vida cujo acesso às necessidades é mais fácil. Além de associar obesidade e o sedentarismo com o consumo de alimentos prejudiciais à saúde e à falta de atividade física, a pesquisa indica que a obesidade está mais presente na população com renda menor que três salários mínimos e com menos de oito anos de estudo (OLIVEIRA, 2013), fato que converge com o público-alvo da expansão do PAS.

A implementação do PAS decorre do sucesso de políticas públicas de caráter regional ocorridas em anos anteriores em cidades como Recife, Curitiba, Vitória, Aracaju e Belo Horizonte (BRASIL, 2019). A primeira experiência de instalação de facilidades em locais públicos destinadas à promoção de atividades físicas, lazer e alimentação saudável ocorreu em Recife, em 2002, com o Programa Academia da Cidade (PAC-R), pela Secretaria de Saúde do Recife (MOTA, 2015). Devido ao sucesso do programa, houve uma expansão do mesmo para 184 cidades de Pernambuco, tornando-se o Programa Academia das Cidades (PAC), em 2008 (MOTA, 2015; GUIMARÃES, 2017).

Uma análise realizada sobre o desempenho do PAC para a saúde da população em Pernambuco mostrou que as mulheres que vivem em cidades onde o PAC foi implementado tiveram a probabilidade de atingimento dos níveis de atividades físicas em períodos de lazer acrescidas em 9%, onde o Programa existia há menos de 3 anos e em 46%, onde o Programa estava implantado há 3 anos ou mais (SIMÕES *et al.*, 2016). Ademais, o PAC mostrou ser efetivo na diminuição de desigualdades sociais e de gênero com relação à prática de atividades físicas.

Um ponto forte do PAC é a redução da desigualdade nas atividades físicas. Em todo o mundo e no Brasil, diversas pesquisas mostram que homens são mais ativos que mulheres, a educação está diretamente relacionada com a atividade física em período de lazer, e indivíduos com baixo *status* socioeconômico são menos propensos a se engajarem em uma atividade física em período de lazer (Hallal *et al.*, 2012). O PAC tende a atrair mais mulheres que homens, a maioria são pessoas de baixa renda, de meia-idade e senhoras (Reis *et al.*, 2014). A longo prazo, com a consolidação do PAC em todo o estado, as desigualdades nas atividades físicas em período de lazer poderão ser reduzidas (SIMÕES *et al.*, 2016, p. 71 – tradução nossa⁶⁷).

O sucesso do PAC em Recife contribuiu para a ampliação do Programa a nível nacional com a criação do PAS, conjuntamente com as experiências observadas em outras capitais. Segundo Simões (*et al.*, 2016, p. 71 – tradução nossa⁶⁸), “O PAS poderia potencialmente contribuir para o Brasil reduzir em dois terços todas as mortes decorrentes de DCNT (Malta *et al.*, 2012)”. Até março de 2013, foram instalados 3.725 polos do PAS em municipalidades de todo o território nacional, dentre os quais, as maiores concentrações se encontram em Minas

⁶⁷ Conforme o original, “A key strength of AC-P is the reduction of inequalities in physical activity. Worldwide and in Brazil, multiple surveys show that men are more active than women, education is directly related to LTPA, and individuals of low socioeconomic *status* are less likely to engage in LTPA (Hallal *et al.*, 2012). AC-P tends to attract more women than men, mostly low-income individuals, and middleaged and older adults (Reis *et al.*, 2014). In the long-term, with the consolidation of AC-P across the entire state, inequities in LTPA may be reduced” (SIMÕES *et al.*, 2016, p. 71).

⁶⁸ Conforme o original, “AS could potentially help Brazil reduce two-thirds of all deaths due to non-communicable diseases (Malta *et al.*, 2012)” (SIMÕES *et al.*, 2016, p. 71).

Gerais (com 491 polos) e São Paulo (com 378). Do total instalado até a data da pesquisa, 1.122 obras foram iniciadas, 555 foram concluídas e 476 estavam em funcionamento. Conforme dados mais atuais, as metas estabelecidas no Plano Plurianual 2016 – 2019 prevê o custeio de 3.500 polos (BRASIL, 2019).

As prefeituras de grandes cidades, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e São Paulo, estão investindo cada vez mais em academias gratuitas para a população. A maioria é ao ar livre, em regiões de baixa renda. Em Curitiba, elas se multiplicam mais rápido: foram inauguradas 64 em quinze meses e a meta é atingir 156 unidades até o fim do ano. O Rio de Janeiro também tem dois projetos a céu aberto em plena expansão: os 52 pontos atuais devem chegar a 140 em 2012. Em menor escala, também estão sendo criadas academias cobertas, com equipamentos de musculação semelhantes aos das comerciais. Em Belo Horizonte, já são 30. [...] A maioria dos praticantes são idosos. A capital mineira, por sua vez, abriu sua primeira academia pública em 2006 e hoje conta com 30, espalhadas pelas nove regionais da cidade. [...] Bolas, “steps”, arcos, pesos feitos com garrafas pet e areia, caneleiras, cama elástica e cordas levam a atividade física a 16,3 mil pessoas nas “academias da cidade”, como são chamadas. A média de idade dos alunos é de 45 anos. [...] A maioria do público mora perto dos locais e tem renda entre um e três salários mínimos. (Valor Econômico, 2011, s/p.)

Embora o PAS seja reconhecido como um programa que busca se inserir no contexto da Atenção Básica, sendo um elemento fundamental de integralidade da assistência ao usuário do SUS (MOTA, 2015), o especialista em saúde pública e planejamento urbano prof. Rodrigo Reis, coautor do estudo que analisa os impactos do PAC na saúde da população, critica a forma como se deu a ampliação do projeto. Segundo Reis, “ele passou de um programa de promoção de atividade física para promoção da saúde em geral e acabou perdendo o foco” (GUIMARÃES, 2017, p. 22).

Contudo, a relevância social e territorial de políticas públicas como o PAS é notável. Trata-se de uma ação concreta do Estado para a integração territorial que atinge o cidadão no atendimento da Atenção Básica de Saúde no intuito de prevenir riscos por meio do enfrentamento da inatividade física e diversas outras doenças decorrentes do sedentarismo e obesidade. Ainda assim, a operacionalização do Estado em políticas de antecipação de riscos se enquadra como um componente prático do governo dos corpos para a disciplinarização da população (por meio de conscientização sobre as atividades físicas e a alimentação saudável). Neste caso, o dispositivo biopolítico é empregado dentro da lógica de potencial redução de custos da máquina pública para o SUS (OLIVEIRA, 2013), mas também possui rebatimentos no mercado, em geral.

4.3.6 – Áreas *fitness* em condomínios residenciais

As iniciativas do poder público, além de concretizarem ações que impactam diretamente o espaço público das cidades como na criação de parques, ciclovias, bem como no incentivo à atividade física em praças e academias ao ar livre, também promovem rebatimentos no mercado.

Um dos exemplos mais notáveis que impulsionou mercados constituintes do universo *fitness*, bem como reorientou a forma de concepção de projetos de empreendimentos imobiliários em São Paulo se deu a partir da campanha criada pela Prefeitura de São Paulo em conjunto com a APEF, ainda na década de 1970, promovendo a inclusão de salas de ginástica nos condomínios (TOLEDO, 2010).

Ainda na perspectiva da prática da ginástica domiciliar, mas já num contexto de uma cidade industrializada que vinha crescer vertiginosamente seu número de prédios, outra possibilidade de exercitação foi estimulada. Em 1978, a Secretaria Municipal de Esportes da cidade de São Paulo e a Associação dos Professores de Educação Física (APEF) lançam a campanha: “Um ginásio em cada prédio” (TOLEDO, 2010, p. 152).

A pesquisa, no entanto, defrontou muitas dificuldades em obter mais dados específicos sobre as correlações dos empreendimentos imobiliários de prédios e condomínios com a implementação de áreas *fitness*. Em contato com diferentes empresas e instituições, não existe uma tabulação específica nos levantamentos de dados públicos que permitam quantificar ou ainda analisar a evolução do surgimento de academias em prédios e condomínios em São Paulo, o que é ruim do ponto de vista da administração pública e da elaboração de políticas.

Porém, notamos que a inclusão de áreas *fitness* em prédios e condomínios fechados se deu de modo crescente na RMSP. De fato, compreendemos que há correlações com a campanha ocorrida em 1978, pois, após este fato, gradualmente os lançamentos imobiliários foram oferecendo espaços específicos para atividades físicas (Foto 23), além de prédios que foram projetados sem essas concepções, mas passaram a adaptar salas para comportar a atividade de ginástica.

Foto 23: Academia de ginástica originalmente construída em condomínio residencial

Fonte: Autoria própria (2019).

Atualmente, as áreas *fitness* nos prédios e condomínios são componentes básicos para a comercialização de empreendimentos imobiliários voltados para diversos segmentos de renda. Desde condomínios de alta renda a prédios segmentados para as classes de média e baixa renda também oferecem em seus projetos espaços específicos para exercícios físicos (Foto 24). As áreas *fitness* em condomínios, via de regra, são equipadas com equipamentos de ginástica básicos, alguns conjuntos de pesos livres e também possuem aparelhagem específica de som, televisão e piso.

Foto 24: Planta de lançamento imobiliário com área *fitness*

Fonte: Autoria própria (2018).

Atualmente, as áreas *fitness* em condomínios já se tornaram comuns em metrópoles como São Paulo, porém o uso pelos condôminos tem sido incrementado. A contratação de profissionais de educação física para trabalhar com turmas formadas por condôminos é notada como uma prática recente e promissora. Dados da administradora Lello indicam que o número de clubes-condomínios saltou de 300 para 700, entre 2011 e 2016. Os profissionais contratados nesses espaços atuam como *personal trainers* e/ou professores de ginástica, promovendo aulas de pilates, ioga, balé, *muay thai*, *zumba* e *fitdance* aos alunos (CAMBRICOLI, 2016).

O mercado também passou a se reorganizar em torno deste novo nicho. Segundo estimativa da recém-criada Associação Brasileira de Assessorias Esportivas em Condomínios (ABAECON), considera-se que 150 condomínios na RMSP contam com o serviço. Em geral, a contratação de serviços de atividades físicas nos condomínios é decidida em assembleia e os condôminos dividem as taxas entre si (CAMBRICOLI, 2016). A assessoria, fundada por *CEOs* de empresas do ramo, procura agregar uma rede de profissionais e oferece serviços *fitness* específicos com a elaboração de grades de atividades e modalidades diversas com flexibilidade no atendimento para diferentes públicos de condôminos (ABAECON, 2019).

4.3.7 – Campanhas corporativas de atividades físicas no espaço público

As possibilidades de investigação das relações entre espaços públicos e setores privados para a prática de exercícios físicos e seus desdobramentos são vastas. Atualmente, têm sido notórias as campanhas de empresas privadas promovendo a saúde por meio de práticas de atividades físicas. Há um elemento associado ao *marketing* corporativo, que valoriza, na contemporaneidade, ações que promovam o bem-estar e a saúde associadas à marca ou à empresa, conforme discussão do subcapítulo 4.2 sobre a biopolítica corporativa.

Empresas do setor *fitness*, como algumas redes de academias de ginástica e musculação, também se associam em campanhas no espaço público para a promoção da atividade física (e de suas marcas, obviamente). Um dos exemplos significantes é a rede Smart Fit, que promove aulas abertas de *fitdance* ao público frequentador da Avenida Paulista nos domingos e feriados, quando o espaço permanece aberto à população devido Programa Ruas Abertas. O *Smart Fit Truck* é equipado com caixas de som e os professores ensinam os passos da coreografia ao público, que dança e se diverte gratuitamente, conforme Foto 25.

Foto 25: Aula aberta de fitdance na Avenida Paulista promovida pelo Smart Fit Truck

Fonte: Autoria própria (2018).

Conforme entrevista com Vinícius Dias da Silva, gerente de uma das unidades da Smart Fit, em 2017, entre outras ações pontuais de promoção de ginástica em locais públicos, a rede de academias também apoiou a instalação de estações de ginástica e alongamento em parques públicos e praças da capital paulista, em conjunto com a Prefeitura de São Paulo (informação pessoal)⁶⁹. O projeto, encabeçado pela Mude Indústria e patrocinado pelo Banco Santander, implantou 150 estruturas com facilidades para a atividade física em locais a céu aberto, conforme a Foto 26:

Foto 26: Estação de Ginástica e Alongamento em canteiro central de avenida, em São Paulo

Fonte: Autoria própria (2018)

⁶⁹ DIAS, V. **Entrevista 1**. Mensagem recebida por vdias@smartfit.com.br em 27 de mar. 2017.

Outras ações também ocupam o espaço público da cidade, como a realização de corridas em circuitos na cidade, realizadas tanto por empresas como a Smart Fit, quanto também por outras menores específicas, como a Vem Com Nós (VCN), entre outras. Os circuitos ocorrem, normalmente, em locais como a Avenida Paulista ou áreas pontuais da cidade e agregam grupos crescentes de pessoas. Grandes empresas vinculadas ao universo *fitness* e esportivo como Nike, Adidas e, até mesmo, a fabricantes de bebidas energéticas Red Bull, em muitos casos, patrocinam empresas ou eventos que promovem ações do tipo.

Foto 27: Aquecimento preparatório em calçada para corrida de rua promovida por empresa especializada, em São Paulo

Fonte: VCN (2019).

A VCN não é a única empresa que organiza eventos deste tipo. Existem inúmeras iniciativas no Brasil e no mundo que promovem práticas de atividades físicas por meio de circuitos de corrida de rua e malhação em parques públicos e praças. Muitas dessas campanhas são promovidas utilizando as redes sociais para integrar mais pessoas.

A prática do culto ao corpo, conforme Castro (2007), é algo que está crescentemente permeando a metrópole, pois também se associa à modernidade, à jovialidade e à vitalidade. As metrópoles globais buscam atrelar sua imagem à prática esportiva no espaço público como elemento de promoção do lugar associado à qualidade de vida.

Assim, no momento em que São Paulo assumia feições de grande metrópole, a prática do culto ao corpo associa-se à ideia de modernidade: Por trás disso tudo, a filosofia é: ser jovem, desportista, vestir-se e saber dançar os ritmos da moda é ser “moderno” (SEVCENKO, 1992: 34). A difusão dos esportes carrega a imposição do modelo de corpo esguio e esbelto, capaz de responder aos ideais de leveza e dinamismo presentes no contexto, caracterizado pela urbanização crescente e pela proliferação de espaços públicos, como os locais de consumo e lazer, que levavam as pessoas – principalmente mulheres – a cuidarem mais da apresentação. (CASTRO, 2007, p. 23).

A biopolítica opera de modo sutil no governo dos corpos, disciplinando e docilizando a população, ao mesmo tempo em que estimula o desempenho e a supervitalidade (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979]; ANTAS JR., 1995; TEIXEIRA; CAMINHA, 2010; HAN, 2017). O Estado, as corporações e demais instituições da sociedade civil se inserem na temática da promoção da atividade física em espaços públicos e privados por diferentes meios, cada qual buscando atingir seus objetivos, porém associados, de certa forma, aos mecanismos de controle-estimulação biopolítica, cujos rebatimentos no território são inúmeros.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fonte: Freepik, s/d.

O corpo humano representa a fronteira entre a consciência e o espaço geográfico. Essa fronteira, compreendida enquanto uma unidade físiopsico-biológica, relaciona-se com o território percebendo-o, concebendo-o e o vivenciando, desde os aspectos mais subjetivos até os mais práticos abarcados na racionalização e na programação do cotidiano (MEIER *in* MEIER; MORGAN, 1988; LEFEBVRE, 2006 [1974]; ZIMMERMANN; SAURA, 2016).

Esse conjunto sensorial resultante da relação do corpo com o espaço geográfico responde conforme à qualidade das experiências vivenciadas e percebidas. De forma ampla, a relação do corpo com o espaço geográfico constitui um conjunto de possibilidades que resultam na forma como concebemos a qualidade de vida.

Buscamos compreender a dimensão espacial da qualidade de vida, expressa nas preocupações com o corpo no que se diz respeito à saúde, à alimentação, o desempenho com as atividades da vida, bem como à estética física. As preocupações com a qualidade de vida elencadas aqui possuem profunda correlação territorial, pois são pensadas a partir das relações ocorridas na metrópole paulistana nas últimas décadas, mais precisamente, a partir do século XXI. A “globalização do stress” (RIO, 1996, p. 103) constitui um momento único na história da humanidade que reflete em novos usos do território em busca da melhoria da qualidade de vida.

Sendo assim, conforme sinalizamos na introdução de nosso trabalho, a problemática desta pesquisa se dirige para *a compreensão dos motivos que fundamentam a rápida expansão das academias de ginástica e musculação na RMSP, bem como o surgimento do universo fitness e da cadeia produtiva, que orbita em torno das primeiras*. Entendemos esta temática como sendo a expressão espacial decorrente das preocupações acerca da qualidade de vida na metrópole.

O desenvolvimento da pesquisa, no entanto, se mostra mais amplo diante da análise dos comportamentos das pessoas no espaço urbano. A criação de necessidades associadas à prática de atividades físicas em espaços públicos e privados, pautadas no estímulo ao desempenho, esquadrihadas por um conjunto de disciplinas, restrições e controles sobre os corpos, a alimentação e a saúde, sinalizam como uma espécie de “uso *fitness* do território”, atribuindo ao consumo voltado à estética corporal grande relevância, implícita ou explicitamente.

“[...] uma compreensão das condições de circulação do capital variável é sem dúvida uma condição necessária à compreensão do que acontece com os corpos na sociedade contemporânea” (HARVEY, 2005, p. 158). O atual modo de produção capitalista, ancorado na doutrina neoliberal, manifesta nos usos do território as diversas nuances que potencializam a

temática mediante a consolidação e da sofisticação de aspectos biopolíticos que perpassam a corporeidade dos trabalhadores de forma sutil, acionando dispositivos que disciplinam, controlam e, ao mesmo tempo, estimulam o desempenho e a supervitalidade (FOUCAULT, 1999 [1978], 2008a [1979], 2008b [1978], 2014 [1975]; TEIXEIRA; CAMINHA, 2010).

Os reflexos desses mecanismos são notados em decorrência da ampliação da produtividade, a docilização dos corpos ao trabalho, o individualismo, a competitividade, assim como o narcisismo, o hedonismo e o culto ao corpo (FOUCAULT, 1999 [1978]; CASTRO, 2007). “[...] Nós nos transformamos em zumbis saudáveis e *fitness*, zumbis do desempenho e do *botox*. Assim hoje, estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer” (HAN, 2017, p. 119).

A globalização amplia os alcances desse processo em cidades do mundo todo, com especial ênfase nas grandes metrópoles. Neste contexto, enquanto manifestação do período neoliberal, “[...] o bem-estar da população deixa de ser uma responsabilidade no âmbito do Estado e transfere-se para o âmbito individual. **Não mais Welfare State e sim Wellness**. Nesse contexto, o indivíduo deve ir em busca de seu bem-estar, comprando-o como uma mercadoria” (FURTADO, 2009, p. 9 – negrito nosso). *Wellness* aqui pensado em conjunto com o *fitness*, reforça tanto a necessidade de comprar o seu bem-estar no serviço da academia, quanto de fazer de seu próprio corpo a mercadoria a ser desejada e comprada e consumida (BAUDRILLARD, 2008 [1970]; BAUMAN, 2008).

As academias de ginástica e musculação se consolidam no espaço urbano como alternativas para questões como o sedentarismo, a obesidade, o stress e a qualidade de vida. Diante das tendências mundiais que indicam o crescimento da população confinada em metrópoles, a necessidade de realizar atividades físicas atreladas às dificuldades no espaço urbano e à flexibilidade das academias sinalizam a consolidação da tendência de expansão do mercado *fitness*.

[...] no campo você tem tratores, tem máquina “colheidora”, você não tem mais o cara pra carpir. Tá tudo concentrado na cidade e confinado. O cara come e não mexe com o corpo, nada, é uma vida muito sedentária. A evolução dessas academias, essas “smart da vida”, que eu não sei o que é isso [...] eu acho isso super importante, vai ter que ser assim. A pessoa vai mexer o corpo é dentro de uma academia, não é no campo. [...] Vai ter que ir na academia senão a pessoa vai morrer precocemente, a ideia é essa mesmo. Vai ficar todo mundo doente comendo errado. Na academia, por pior que seja, vai fazer uma dieta, não tem dinheiro pra pagar um nutricionista, mais vai se alimentar um pouquinho melhor. (PEREIRA, 2018).

As academias e todos os elementos relacionados ao universo *fitness* emergem como componentes novos nos espaços metropolitanos, se elencando enquanto respostas aos anseios do neoliberalismo e às pressões urbanas, promovendo-se enquanto ícones da modernidade, da jovialidade e do desempenho – imprescindíveis para uma metrópole vender-se a si mesma como cidade global.

[...] Para além de ser o local dos acontecimentos, a metrópole ainda precisa de outros atributos, como ser inovadora (científica), sedutora e habitada por corpos saudáveis, exigindo de seus cidadãos essas características, que poderão ser proporcionadas pela ginástica, em especial a de academia. (TOLEDO, 2010, p. 17).

A saúde e da qualidade de vida nas metrópoles perpassa pelo incentivo às atividades físicas, seja nos espaços privados ou públicos. O poder público busca inserir-se neste movimento organizando, muitas vezes, em conjunto com a iniciativa privada, parques, praças, ruas e avenidas para o estímulo ao lazer, à recreação e aos exercícios físicos. Além de corresponderem à tendência global que busca promover as áreas verdes, os esportes e a qualidade de vida, a operacionalização dessas ações também se enquadram em meio a estratégias biopolíticas do Estado e de corporações para diminuição de riscos de saúde na população, resultando em economia e produtividade (ANTAS JR., 1995; OLIVEIRA, 2013).

Neste sentido, o cenário construído a respeito da expansão geográfica das academias e da difusão das práticas de exercícios físicos, de modo geral, parece reduzir-se, no período atual, à instrumentalização, disciplinarização e controle biopolítico do corpo. Eliana de Toledo (2010, p. 37 – negrito do autor) questiona: “[...] De maneira geral, como a ginástica na academia **pode** ser uma prática conscientizadora sobre as concepções de corpo e beleza, orientada na direção de uma valorização individual e mais humana? ”

Definitivamente, não é uma resposta simples. O processo está ancorado, de modo hegemônico, na concepção de corporeidade expressa mediante os valores do neoliberalismo, como o individualismo, o narcisismo e a eleição do “corpo perfeito” que movimenta o consumo estético da cadeia associada a ele. A consciência de si se perde em meio à fragmentação dos movimentos da musculação e da hiperestimulação dos impulsos narcísicos através dos espelhos, músicas, luzes, etc.

Entretanto, a busca pela totalidade como compromisso da dialética não pode se restringir à análise dos aspectos hegemônicos do processo. De fato, as contradições e contrarrazões guardam o irredutível que permeia os interstícios revelados nos meandros da pesquisa. Assim, um dos elementos identificados que indicam correspondência com a

indagação levantada é o caso das práticas corporais promovidas no SESC, onde a estrutura e os métodos empregados são pensados de modo a desenvolver a consciência corporal sem a presença de espelhos, luzes ou música estimulante.

Embora careça de diversos problemas comuns da esfera pública e carregue em si a operacionalização de aspectos biopolíticos do Estado, o PAS também pode ser pensado a partir de uma iniciativa que visa ampliar os cuidados de si sem objetivar o narcisismo ou o culto ao corpo. Além disso, constitui-se como uma política de integração territorial fundamental para prover o atendimento da saúde e assistência básica com foco em áreas de maior vulnerabilidade socioeconômica. A presença do Estado em áreas carentes é um dado relevante que merece destaque na pesquisa, sobretudo num período em que, cada vez mais, a cidadania tem sido mutilada em razão da emergência do consumidor (SANTOS, 2007 [1987]).

O Programa Ruas Abertas e as políticas de expansão de ciclovias, mencionadas na pesquisa e circunscritas ao município de São Paulo, também se enquadram em parâmetros de análise similares aos efeitos do PAS, que tem dimensão nacional, no sentido de promoverem, por outros meios, a qualidade de vida, o lazer, a cultura, a recreação e as atividades físicas ocupando espaços públicos. Ações como esta contribuem para o resgate da cidadania, do sentimento de coletividade e de apropriação do espaço público.

Para além das ações que envolvem a intermediação do Estado e a relação com os espaços públicos, as contrarrazionalidades também são encontradas no interior do processo hegemônico que corresponde à expansão geográfica das academias enquanto modelos de negócio direcionados para a fidelização de clientes e o lucro. Algumas modalidades comercializadas em redes de academias têm promovido uma percepção diferente e mais ampla do corpo, além de trabalharem a coordenação motora e o equilíbrio, pontos que são ignorados no dia-a-dia marcado pelo condicionamento da mente no cotidiano da cidade.

Em aulas de dança, como *zumba* ou *fitdance*, aulas de alongamento como *pilates* ou ioga, aulas de esportes ou artes marciais, a exemplo do muay thay, jiu-jitsu ou judô, bem como em aulas de natação, o comportamento observado em campo e também em entrevistas para veículos de notícias tem mostrado o desenvolvimento de um tipo de consciência corporal que, conforme os praticantes, têm melhorado os movimentos, o equilíbrio, a força, a respiração e a coordenação motora, além de estimular a sociabilidade.

Todos esses elementos são encontrados em meio ao processo hegemônico do modelo de academia que tem se expandido aceleradamente pelo território nas últimas décadas, conforme demonstramos em nossa pesquisa. As múltiplas determinações, no entanto, não permitem

indicar que a consciência corporal é algo sempre estimulado nos exemplos indicados e, mesmo quando são, existem graus diversos em que essas práticas são concebidas como opostas à lógica narcisista do culto ao corpo.

Sendo assim, no desenvolvimento da pesquisa, procuramos manter o rigor do método apresentado no capítulo introdutório, buscando desenvolver uma investigação que abarcasse as múltiplas determinações do processo nos usos do território, compreendendo o processo hegemônico e identificando os elementos irredutíveis ou as contrarrazões.

Com base na triangulação de métodos (MINAYO, 2010), nos debruçamos em desenvolver uma análise qualitativa buscando a interdisciplinaridade com diversas áreas do conhecimento em torno do objeto da pesquisa, a fim de se compreender a complexidade do fenômeno e de se estimular a construção intelectual por meio de um diálogo articulado com os autores, introduzindo também o nosso posicionamento, em dados momentos. Objetivando a superação de dicotomias, aplicamos a triangulação de métodos respaldando a análise qualitativa com um conjunto de dados quantitativos a respeito das dinâmicas do mercado de academias e da cadeia produtiva relacionada ao universo *fitness*, conforme se verifica em toda a pesquisa, mas com ênfase no Capítulo 3.

A pesquisa não encerra a totalidade da temática, mas aponta caminhos para a reflexão da rápida expressão geográfica que as academias e o universo *fitness* desempenharam na atualidade da análise do espaço urbano da RMSP. Desejamos também que o desenvolvimento da temática tratada na pesquisa estimule outros pesquisadores, em especial aos geógrafos, a se debruçarem sobre as questões envolvendo as academias de ginástica e musculação, bem como elementos envolvendo a qualidade de vida e os rebatimentos da saúde e da estética na dinâmica geográfica das cidades.

REFERÊNCIAS⁷⁰

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). Publicadas novas regras para suplementos alimentares. **Ascom ANVISA**, 27 de jul. 2018. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/noticias/-/asset_publisher/FXrpx9qY7FbU/content/publicadas-novas-regras-para-suplementos-alimentares/219201?p_auth=mz8pyuL0&inheritRedirect=false. Acesso em: 19 de set. 2019
- ANDRADE, N. Zumba *Fitness*: a aula mistura dança e ginástica, elimina centenas de calorias e turбина a saúde, o humor e a disposição. **Extra**, Rio de Janeiro, 23 de set. 2015. Disponível em: <https://extra.globo.com/mulher/corpo/zumba-fitness-aula-mistura-danca-ginastica-elimina-centenas-de-calorias-turbina-saude-humor-a-disposicao-6021716.html>. Acesso em: 23 de out. 2017.
- ANJOS, L. A. dos; MENDONÇA, C. P. Cenário da prática de atividades físicas e da epidemia do excesso de peso no Brasil. In DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/>. Acesso em: 19 de jul. 2016.
- ANTAS JR., R. M. **Espaços públicos de lazer**: globalização e instrumentalização do tempo livre na cidade de São Paulo. Publicado em 1995. 97 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- ANTUNES, A. **Academias de ginástica e musculação**. Webartigos, 2009. Disponível em: <http://webartigos.com/artigos/academias-de-ginastica-e-musculacao/2964>. Acesso em 10 de dez. 2013.
- APPOLINÁRIO, J. C.; CLAUDINO, A. M. Transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Psiquiatria**; São Paulo, v. 22, p. 28-31, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3793.pdf>. Acesso em: 19 de maio 2019.
- ARAÚJO, E. M. N. “**Espelho meu, agora a mais bela sou eu**”: cartografias da história da beleza no Brasil. Publicado em 2008. 202 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ASSESSORIAS ESPORTIVAS EM CONDOMÍNIOS (ABAECON). Disponível em: <http://abaecon.com.br/>. Acesso em: 22 de set. 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PRODUTOS NUTRICIONAIS (ABENUTRI). Simpósio na Câmara dos Deputados debate a regulamentação e o uso dos suplementos alimentares no Brasil. **ABENUTRI**, 18 de mar. 2019. Disponível em: <http://www.abenutri.org/blog/page/2/>. Acesso em: 19 de set. 2019.

⁷⁰ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FRANQUIAS (ABF). Ele quer dominar o mundo. **Portal do Franchising**, 21 de fev. 2018. Disponível em: <https://www.portaldofranchising.com.br/noticias/bio-ritmo-quarta-maior-rede-de-academias/>. Acesso em: 14 de set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS FABRICANTES DE SUPLEMENTOS NUTRICIONAIS E ALIMENTOS PARA FINS ESPECIAIS (BRASNUTRI). **Panorama do Setor**, 2017. Disponível em: http://www.brasnutri.org.br/arquivos/numeros_setor/2017_atualizado.pdf. Acesso em: 16 de set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA (ABESO). **Diretrizes Brasileiras de Obesidade 2016**. 4ª ed. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.abeso.org.br/uploads/downloads/92/57fccc403e5da.pdf>. Acesso em 14 de set. 2019.

ATLAS Ambiental do Município de São Paulo. São Paulo: SVMA, SEMPLA, PMSP, v. 1, 2002. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/378749.PDF>. Acesso em: 20 de set. 2019.

BARROS, S. P. de. Os discursos sobre qualidade de vida para os trabalhadores enquanto mecanismos disciplinares. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v15n1/v15n1a03.pdf>. Acesso em: 05 de jan. 2017.

BAUDRILLARD, J. (1970). **A sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Vida para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BBC NEWS BRASIL. As dez multinacionais que controlam o mercado mundial de alimentos. **BBC News Brasil**, 30 de out. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37710637>. Acesso em: 31 de mar. 2019.

_____, 2019a. Glifosato: Por que a Anvisa propõe manter liberada a venda do agrotóxico mais usado no Brasil. **BBC News Brasil**, 26 de fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47374656>. Acesso em: 24 de mar. 2019.

_____, 2019b. Glifosato: decisão da justiça americana associa agrotóxico liberado no Brasil a câncer. **BBC News Brasil**, 20 de mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47636506>. Acesso em: 24 de mar. 2019.

BERTEVELLO, G. J. Academias de ginástica e condicionamento físico – Desenvolvimento. In DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/>. Acesso em: 19 de jul. 2016.

_____. Academias de ginástica e condicionamento físico – Sindicatos & Associações. In DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrazil.org.br/>. Acesso em: 19 de jul. 2016.

BIDERMAN, C. A expansão do setor terciário. In SZMRECSÁNYI, T. (Org.). **História Econômica da cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Globo, 2004. p. 59.

BLOG DA SAÚDE. Obesidade estabiliza no Brasil, mas excesso de peso aumenta. **Ministério da Saúde do Brasil**, 15 de abr. 2015. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/35418-obesidade-estabiliza-no-brasil-mas-excesso-de-peso-aumenta.html>. Acesso em 09/07/2016.

BLOG EDUCAÇÃO FÍSICA. Guia definitivo: entenda tudo sobre calistenia. **Grupo VOLL**, 14 de ago. 2017. Disponível em: <https://blogeducacaofisica.com.br/guia-definitivo-calistenia/>. Acesso em: 11 de set. 2019.

BOA FORMA. Sumário Boa Forma. **Boa Forma**, fev. 2014. Disponível em: <https://boaforma.abril.com.br/edicoes/328/>. Acesso em: 25 de set. 2019.

BOND, L. Parcela de brasileiros que praticam exercícios físicos aumenta 24%. **Agência Brasil**, Brasília, 25 de dez. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-12/parcela-de-brasileiros-que-praticam-exercicios-fisicos-aumenta-24>. Acesso em: 14 de jan. 2019.

BORGES, H. Brasil lidera *ranking* de cirurgia plástica entre adolescentes. **Época**, 09 de maio 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil-lidera-ranking-de-cirurgia-plastica-entre-adolescentes-23651891>. Acesso em: 13 de set. 2019.

BRASIL (Ministério da Saúde). **Academia da Saúde**. Brasília, 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/academia_saude_cartilha.pdf. Acesso em: 18 de set. 2019.

_____. **Entendendo o Programa Academia da Saúde**. DAB Comunica, Brasília, jan. 2017. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/sismob2/pdf/Novos%20Gestores%20-ENTENDENDO%20O%20PROGRAMA.pdf>. Acesso em: 18 de set. 2019.

_____. **Panorama Nacional de Implementação do Programa Academia da Saúde: Monitoramento do Programa Academia da Saúde, Ciclo 2017**. 1ª ed. Brasília, 2018. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/panorama_academia_saude_monitoramento_programa.pdf. Acesso em: 18 de set. 2019.

BUENO, P. H. C.; ANDRADE, C. S. P. Consolidação das Novas Centralidades em Teresina (PI): uma análise das academias de condicionamento físico na zona leste da cidade. **Revista Equador (UFPI)**, Vol. 8, Nº 1, p. 45 – 66. Jun. 2019. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/equador/article/view/8962/5330>. Acesso em: 11 jul. 2019.

CAMBRICOLI, F. Modalidades de academia ganham espaço em condomínios-clubes. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 18 de set. 2016. Disponível em: <https://sao->

paulo.estadao.com.br/noticias/geral/modalidades-de-academia-ganham-espaco-em-condominios-clube,10000076650. Acesso em: 19 de set. 2019.

CAPINUSSÚ, J. M. Academias de ginástica e condicionamento físico: origens. In DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrazil.org.br/>. Acesso em: 19 de jul. 2016.

CAPONI, S. Viver e deixar morrer: biopolítica, risco e gestão das desigualdades. **Revista Redbioética/UNESCO**, v. 2, n. 10. 27-37, jul./dez., 2014. Disponível em: <https://redbioetica.com.ar/wp-content/uploads/2018/11/Art3-Caponi-R10.pdf>. Acesso em: 05 de dez. 2016.

CARNEIRO, F. F (Org.) *et al.* **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. Disponível em: https://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf. Acesso em: 23 de mar. 2019.

CARVALHO, S. **Hora da Ginástica: um resgate da obra do professor Oswaldo Diniz Magalhães**. Centro Esportivo Virtual, jul. 1994. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/hora-ginastica-um-resgate-obra-professor-osvaldo-diniz-magalhaes/>. Acesso em: 06 de jul. 2019.

CASTRO, J. de. (1946). **Geografia da Fome**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

CASTRO, A. L. de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura do consumo**. 2ª ed., São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

CATHO. Das 100 melhores empresas para trabalhar, 31% têm academia. **Catho**, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/noticias/das-100-melhores-empresas-para-trabalhar-31-tem-academia>. Acesso em 18 de abr. 2017.

COGNATIS GEOMARKETING, BIG DATA E ANALYTICS. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por reinaldo.gregori@cognatis.com.br em 03 de ago. 2018.

COMPANHIA DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO (CET). **Plano Cicloviário do Município de São Paulo (versão preliminar para discussão)**. Companhia de Engenharia de Tráfego, São Paulo, 23 de maio 2019. Disponível em: http://www.cetsp.com.br/media/866356/planocicloviariodesaopaulo_2019.pdf. Acesso em: 21 de set. 2019.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO. **Pesquisa Origem-Destino (OD) 2017 50 Anos: a mobilidade urbana na Região Metropolitana de São Paulo em detalhes**. Companhia do Metropolitano de São Paulo, 24 de jul. 2019. Disponível em: http://www.metro.sp.gov.br/pesquisa-od/arquivos/Ebook%20Pesquisa%20OD%202017_final_240719_versao_4.pdf. Acesso em: 21 de set. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA (CONFEF). História – Regulamentação da Educação Física no Brasil. **CONFEF**, 2019. Disponível em: <https://www.confef.org.br/confef/conteudo/16>. Acesso em: 17 de set. 2019.

COSTA, M. G. da; PERELLI, J. M; SANTOS, L. J. M. dos. História da Ginástica no Brasil: da concepção e influência militar aos nossos dias. **Revista Navigator**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 63-75, 2016. Disponível em: http://www.revistanavigator.com.br/navig23/dossie/N23_dossie4.pdf. Acesso em: 21 de jun. 2019.

DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/>. Acesso em: 19 de jul. 2016.

DEBORD, G. (1967). A sociedade do espetáculo. eBookLibris, 2003. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 09 de dez. 2016.

DEMIER, F. **Depois do Golpe**: a dialética da democracia blindada no Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2017.

DOMENICO, M. di. Onda *fitness* movimenta US\$ 2 bi no Brasil e só cresce. Veja como aproveitar. **Exame**, 06 de mar. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/onda-fitness-movimenta-us2-bi-no-brasil-e-so-cresce-veja-como-aproveitar/>. Acesso em: 14 de set. 2019.

ELLE. Gisele Bündchen speaks for the trees. **Elle**, 06 de jun. 2019. Disponível em: <https://www.elle.com/culture/a27748416/gisele-bundchen-clean-water-project-environment/>. Acesso em: 25 de set. 2019.

EMPRESA PAULISTA DE PLANEJAMENTO METROPOLITANO (EMPLASA). **Atlas de Unidades de Informações Territorializadas (UITs)**. São Paulo, p. 21-157, 2012. 1 CD-ROM.

_____. Sobre a RMSP. 2019. Disponível em: <https://emplasa.sp.gov.br/RMSP>. Acesso em: 24 de set. 2019.

ÉRIU, V. A TV nos anos 50 a 90 e o Projeto *Fitness*. **Salk Fitness**, Almirante Tamandaré, 11 de ago. 2016. Disponível em: <http://salkfitness.com.br/projeto-fitness-nos-anos-50-a-90/>. Acesso em: 05 de set. 2019.

FARIA, J. E. **O Direito na economia globalizada**. São Paulo: Malheiros, 1999.

FASHION UNITED. The Top 20 Money-Making Fashion Weeks You May Not Know. Fashion United Business Intelligence Update, 10 de fev. 2017. Disponível em: <https://fashionunited.com/news/fashion/the-top-20-money-making-fashion-weeks-you-may-not-know/2017021014655>. Acesso em: 14 de ago. 2019.

FERREIRA, R. M. **Corporeidade e Dança**: reflexões para o ensino. Publicado em 2015. 77f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2015.

FERRO PROPAGANDA. **Moov Academia**. 26 de abr. 2016. Disponível em: <https://ferropropaganda.com.br/moov-academia/>. Acesso em: 24 de set. 2019.

FLORINDO, A. A. *et al.*, Public Open Spaces and Leisure-Time Walking in Brazilian Adults. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 14, n. 553, 1-12, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5486239/>. Acesso em: 03 de jul. 2019.

_____. Cycling for Transportation in São Paulo City: Associations with Bike Paths, Train and Subway Stations. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 15, n. 562, 1-12, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29561755>. Acesso em: 03 de jul. 2019.

FONSECA, M. Corrida das “fits” se acirra: Bluefit começa expansão internacional. **Exame**, 03 de jan. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/corrída-das-fits-se-acirra-bluefit-comeca-expansao-internacional/>. Acesso em: 14 de set. 2019.

FOUCAULT, M. (1978). **Microfísica do Poder**. 14ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. (1979). **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. (1978). **Segurança, Território e População**: curso dado no Collège de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. (1975). **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 42ª ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

FURTADO, R. P. Do *Fitness* ao *Wellness*: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 1, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/4862>, Acesso em: 23 de jun. 2017.

G1. Empresas investem em práticas esportivas para motivar funcionários. **G1**, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/09/empresas-investem-em-praticas-esportivas-para-motivar-funcionarios.html>. Acesso em: 18 de abr. 2017.

_____. Menos de 40% dos brasileiros dizem praticar esporte ou atividade física; futebol e caminhada lideram práticas. **G1**, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/menos-de-40-dos-brasileiros-dizem-praticar-esporte-ou-atividade-fisica-futebol-e-caminhada-lideram-praticas.ghtml>. Acesso em: 06 de jun. 2017.

_____. Criolipólise: o revolucionário tratamento de beleza que veio do frio. **G1**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/especial-publicitario/shopfisio/noticia/criolipolise-o-revolucionario-tratamento-de-beleza-que-veio-do-frio.ghtml>. Acesso em: 25 de set. 2019.

GARCIA, R. W. D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 483-492, 2003. ISSN 1415-5273.

GLOBO ESPORTE. De cueca e ao lado de atriz, Cristiano Ronaldo ‘aparece’ em Hollywood. **Globo Esporte**, Milão, 06 de out. 2010. Disponível em:

<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2010/10/de-cueca-e-ao-lado-de-atriz-cristiano-ronaldo-aparece-em-hollywood.html>. Acesso em: 25 de set. 2019.

_____. Até onde o peso interfere na saúde? Nutricionista explica e passa dicas. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 24 de dez. 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/atlanta/nutricao/noticia/2013/12/ate-onde-o-peso-interfere-na-saude-nutricionista-explica-e-passa-dicas.html>. Acesso em 10 de jul. 2016.

GUIMARÃES, M. Para tirar as cidades do pronto-socorro. **Revista FAPESP**, São Paulo, n. 262, p. 18-25, dez. 2017.

GYMPASS. Como Funciona. **Gympass**, 2019. Disponível em: https://www.gympass.com/como_funciona. Acesso em: 22 de set. 2019.

HAN, B. C. **Sociedade do Cansaço**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HINODE. Gel Redutor Hinode – CORPS – resenha do produto e dúvidas. Hinode, 2019. Disponível em: <http://www.franquiahinode.com.br/gel-redutor-hinode/>. Acesso em: 25 de set. 2019.

INSTITUTE FOR HEALTH, METRICS AND EVALUATION (IHME). Nearly one-third of the world's population is obese or overweight, new data show. **IHME**, Seattle, 2013. Disponível em: <http://www.healthdata.org/news-release/nearly-one-third-world%E2%80%99s-population-obese-or-overweight-new-data-show>. Acesso em 19 de jul. 2016.

INTERNATIONAL HEALTH, RACQUET & SPORTSCLUB ASSOCIATION (IHRSA). IHRSA Latin American Report. **IHRSA**, Boston, 2013. Disponível em: <http://ihrsa.org>. Acesso em 12 de jul. 2016.

_____. The 2016 IHRSA GLOBAL REPORT PREVIEW. **IHRSA**, Boston, 2016. Disponível em: <http://ihrsa.org>. Acesso em 12 de jul. 2016.

_____. Headline Numbers 2017 IHRSA GLOBAL REPORT. **SPA Business**. Disponível em: <https://www.spabusiness.com/detail.cfm?pagetype=featuresonline&featureid=32630&mag=Health%20Club%20Handbook&linktype=story&source=none&ref=n>. Acesso em: 08 de set. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (IPT). Inventário, projetos-piloto e plano diretor: no aniversário de São Paulo, IPT aponta caminhos para a arborização na cidade. **IPT**, São Paulo, 23 de jan. 2017. Disponível em: http://www.ipt.br/noticias_interna.php?id_noticia=1185. Acesso em: 20 de set. 2019.

ISTO É. Brasil lidera *ranking* de cirurgias plásticas no mundo. **Isto É**, 29 de jul. 2014. Disponível em: <https://istoe.com.br/375115-BRASIL+LIDERA+RANKING+DE+CIRURGIAS+PLASTICA+S+NO+MUNDO/>. Acesso em: 13 de jan. 2019.

JANKAVSKI, A. Próxima de IPO, Smart Fit vê a concorrência ganhar músculos. **Exame**, 09 de dez. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/proxima-de-ipo-smart-fit-ve-a-concorrenca-ganhar-musculos/>. Acesso em: 11 de set. 2019.

JESUS, D. S. V. “Vem, Monstro!”: Suplementação Alimentar e masculinidade hegemônica em perfis de homens *fitness* no Instagram. **Record**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/14335>. Acesso em: 15 de abr. 2017.

JUST FIT. Disponível em: <https://www.justfit.com.br/>. Acesso em: 17 de set. 2019.

KNOWLES, B.; COLEMAN, J. E.; FURLER, S. 2013. **Pretty Hurts**. Nova York: Kings Landing; Jungle City Studios; Oven Studios, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa-5n5w>. Acesso em: 27 de set. 2019.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1969.

_____. Estrutura social: a reprodução das relações sociais. In MARTINS, José de Souza; FORACCHI, Marialice Mencarini (Orgs.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

_____. (1974). A produção do espaço. **MOM – Morar de Outras Maneiras**, 2006. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf. Acesso em 09 de dez. 2016.

LENCIONI, S. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. **Revista de Geografia Norte Grande**, v. 39, 2008, p. 7 – 20. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-34022008000100002. Acesso em: 15 de mar. 2017.

LESSA, F. L.; COLDEÇO, V. F. S. O ginásio como espaço de formação de cidadãos: as práticas esportivas na Grécia Antiga. **Phônix**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 38-50, 2011. Disponível em: http://phoenix.historia.ufrj.br/media/uploads/artigos/O_ginasio_como_espaco_de_formacao_d_e_cidadaos_-_as_praticas_esportivas_n_7pzeR85.pdf. Acesso em: 17 de jun. 2019.

LIMNIOS, G.; FURLAN, S. A. Parques Urbanos no Município de São Paulo – SP (Brasil): espacialização e demanda social. In 14º ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2013, Lima. **Anales eletrônicos del Encuentro de Geógrafos de América Latina**. Lima: Colégio de Geógrafos de Perú, 2013. Disponível em: http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografi_aurbana/088.pdf. Acesso em: 22 de set. 2019.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

_____. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACIEL, C. Relação entre cintura e estatura pode indicar risco cardiovascular. **Agência Brasil**, Brasília, 18 de jan. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-01/relacao-entre-cintura-e-estatura-pode-indicar-risco-cardiovascular>. Acesso em: 13 de set. 2019.

MANTOVANI, M. Diet e light: além de mais caros, eles nem sempre são melhor opção. **A Gazeta**, 16 de set. 2010. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2010/09/668978-diet+e+light+alem+de+mais+caros+eles+nem+sempre+sao+melhor+opcao.html>. Acesso em: 26 de maio 2019.

MARIE CLAIRE. Marie Claire Magazine [Spain] (March 2019). **Famous Fix**, 23 de fev. 2019. Disponível em: <https://www.famousfix.com/topic/marie-claire-magazine-spain-march-2019>. Acesso em: 25 de set. 2019.

MARQUES, L. R. **Dependência de exercícios físicos em academias de ginástica e sua interface com suplementação e imagem corporal**. Publicado em 2014. 140 f., Tese (Doutorado em Nutrição Humana) – Programa Interunidades de Nutrição Humana Aplicada (PRONUT) – FCF/FSP/FEA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARX, K. (1867). **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 2ª ed., São Paulo: Boitempo, 2017.

MASCARENHAS, F.; NITERÓI, R.; PASQUALI, D. A indústria do *fitness* e seu desenvolvimento desigual: um estudo sobre as academias de ginástica na cidade de Goiânia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/12311>. Acesso em: 27 de jul. 2019.

McCRACKEN, G. **Cultura e Consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2003.

MEIER, K. V. Embodiment, Sport, and Meaning. In MEIER, K. V.; MORGAN, W. J. **Philosophic Inquiry in Sport**. Michigan: Human Kinetics Publishers, 1988.

MELO, V. O corpo esportivo nas searas tupiniquins – panorama histórico. In AMANDINO, M.; PRIORE, M. D. (Orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo, Editora Unesp: 2011.

MENDES, F. A musculatura da Bluefit. Isto É Dinheiro, 27 de jul. 2018. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/a-musculatura-da-bluefit/>. Acesso em: 13 de jan. 2019.

MENDONÇA, R. D. *et al.* Ultraprocessed food consumption and risk of overweight and obesity: the University of Navarra Follow-Up (SUN) cohort study. **The American Journal of Clinical Nutrition**. Washington, v. 104, p. 1433-1440, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27733404>. Acesso em: 05 de mar. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed., São Paulo: Hucitec, 2010.

MOTA, P. H. S. **A configuração do Programa Academia da Saúde como estratégia para promoção à saúde**. Publicado em 2015. 157f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MUÑOZ-HENAO, M. M. **Desenvolvimento e aplicação de método analítico para detecção de estimulantes em suplementos nutricionais adulterados**. Publicado em 2017. 106p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NAGIB, G. **Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas**. Publicado em 2016. 434f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NAHAS, M. V. *et al.* Lazer ativo: um programa de promoção de estilos de vida ativos e saudáveis para o trabalhador da indústria. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 260-264, 2010. Disponível em: <http://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/736>. Acesso em: 05 de jan. 2017.

NÚCLEO HEALTH CARE. Academias em empresas fazem muito bem aos funcionários – e mais ainda aos negócios. **Núcleo Health Care**, Economia, 28 de abr. 2014. Disponível em: <https://nucleohealthcare.com.br/blog/2014/04/28/academias-em-empresas-fazem-muito-bem-aos-funcionarios-e-mais-ainda-aos-negocios/>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

O DIABO VESTE PRADA. Diretor: David Frankel, Produtor: Wendy Finerman. Nova York: Fox 2000 Pictures; Dune Entertainment, 2006.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Estudo do Incor aponta que 66,3% dos paulistanos estão acima do peso ideal. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 de fev. 2013. Disponível em: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-do-incor-aponta-que-66-3-dos-paulistanos-estao-acima-do-peso-ideal,995176>. Acesso em 19 de jul. 2016.

OLIVEIRA, M. L. de. **Estimativas para o custo da obesidade para o Sistema Único do Brasil**. Publicado em 2013. 95f., Tese (Doutorado em Nutrição Humana) – Programa de Pós-Graduação em Nutrição Humana, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

OLIVEIRA, N. População brasileira passa de 208,4 milhões de pessoas, mostra IBGE. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de ago. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/populacao-brasileira-passa-de-2084-milhoes-de-pessoas-mostra-ibge>. Acesso em: 28 de jan. 2019.

OSKLEN. **SPFW**. N43. 13 – 17 de mar. 2017. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/spfw/n43/>. Acesso em: 25 de set. 2019.

PADILHA, A. Quanto custa a mensalidade das academias mais conhecidas de São Paulo? **Veja São Paulo**, 29 de jul. 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/quanto-custa/mensalidade-academias-sao-paulo/>. Acesso em: 11 de set. 2019.

PARQUE IBIRAPUERA CONSERVAÇÃO (PIC). Disponível em: <https://parqueibirapuera.org/>. Acesso em: 24 de set. 2019.

PAULISTA ABERTA. Disponível em: <http://www.paulistaaberta.minhasampa.org.br/#block-1862>. Acesso em: 24 de set. 2019.

PORTAL SBO. Goji Diet é bom? Saiba tudo sobre as cápsulas de Goji Berry aqui! **Portal SBO**, 2019. Disponível em: <http://www.portalsbo.com/goji-diet-e-bom/>. Acesso em: 25 de set. 2019.

POULAIN, J. P. **Sociologias da Alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

PUPIO, B. C. **Cadeia produtiva da indústria da cultura corporal em academias de ginástica**: em busca dos nexos e determinações da tese da divisão da formação como decorrência da reestruturação produtiva. Publicado em 2017. 232f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

QUELHAS, A. A. Profissional de educação física no segmento *fitness*: reflexões a partir da categoria trabalho. **Revista Montrivência**, Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Ano XXIII, n. 36, p. 1-19, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/download/2175-8042.2011v23n36p75/19644>. Acesso em: 31 de out. 2016.

RABELLO, T. MST abre loja de orgânicos. Os preços? Compensadores. **O Estado de São Paulo**, 26 de out. 2016. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/alimentos-organicos/mst-abre-loja-de-organicos-os-precos-compensadores/>. Acesso em 24 de mar. 2019.

REVISTA ACAD BRASIL. Rio de Janeiro: 3ª ed., n. 82, ago. 2018. Disponível em: <https://www.acadbrasil.com.br/wp-content/uploads/2019/03/edicao-82.pdf>. Acesso em: 29 de ago. 2019.

REVISTA COMBAT SPORT. São Paulo: n. 79, mar/abr. 2018.

REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS. Rio de Janeiro: n 151, set. 2019.

RIO, R. P. do. **O fascínio do stress**: vencendo desafios num mundo em transformação. Rio de Janeiro: Editora Dunya, 1996

MADISON SQUARE GARDEN CENTER. Arnold Schwarzenegger antes de defender o quinto título no concurso Mr. Olympia em 1974. **Madison Square Garden Center**, RMY Auctions, 1974. Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arnold_Schwarzenegger_1974.jpg. Acesso em: 22 de set. 2019.

ROCHA, L. M. Pensando a interdisciplinaridade na pesquisa em Geografia: um ensaio a partir do estudo das academias de ginástica e musculação na RMSP. In VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA HUMANA, 2017, São Paulo, **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Geografia Humana**, São Paulo: USP, 2017a, p. 85-92. Disponível em: <https://sepege2017.wixsite.com/sepege/anais-sepege-2017>. Acesso em 27 de jun. 2018.

_____. Biopolítica e consumo estético nos usos do território: a expansão das academias na RMSP. In XV SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 2017, Salvador, **Anais do XV Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, Salvador: UFBA, 2017b, p. 1-21. Disponível em: <http://www.inscricoesxvsimpurb.ufba.br/>. Acesso em: 16 de fev. 2018.

_____. Pensando a interdisciplinaridade na pesquisa em Geografia: um ensaio a partir do estudo das academias de ginástica e musculação na RMSP. **Boletim Paulista de Geografia (BPG)**, São Paulo, v. 98, p. 63-79, 2018. ISSN 2447-0945. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1159/1299>. Acesso em: 04 de jul. 2018.

RODRIGUES, G. Brasil caminha para assumir liderança mundial em número de academias. **Agência SEBRAE de Notícias (ASN)**, 26 de ago. 2014. Disponível em: <http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/brasil-caminha-para-assumir-lideranca-mundial-em-numero-de-academias,ff8fd455e8d08410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em 24 de set. 2016.

RODRIGUES, A. A.; CANIATO, A. M. P. “Corpo-mercadoria”, sob controle e punição: prenúncios de uma subjetividade aniquilada? **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 2, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200012. Acesso em: 22 de abr. 2019.

ROSSI, M. Agrotóxicos: o veneno que o Brasil ainda te incentiva a consumir. *El País Brasil*, 10 de abr. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/03/politica/1457029491_740118.html. Acesso em: 24 de mar. 2019.

RUAS ABERTAS. Você sabe onde estão as Ruas Abertas? **Ruas Abertas**, 2019. Disponível em: <http://www.ruasabertas.minhasampa.org.br/#block-5386>. Acesso em: 23 de set. 2019.

SANTOS, G. 2016. Fitdance: o segredo do sucesso da empresa de dança que conquistou o mundo. **iBahia**, 28 de nov. 2016. Disponível em: <https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/fitdance-o-segredo-do-sucesso-da-empresa-de-danca-que-conquistou-o-mundo/>. Acesso em: 12 de set. 2019.

SANTOS, L. Halterofilismo. In DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/>. Acesso em: 19 de jul. 2016.

SANTOS, M. A Metrópole: modernização, involução e segmentação. In VALLADARES, L.; PRETECEILLE, E. **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. São Paulo: Nobel, 1990.

_____. Por uma Geografia Cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, v. 21, p. 7-14, ago. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613>. Acesso em: 10 de abr. 2019.

_____. (1987). **O Espaço do Cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. (1990). **Metrópole Corporativa Fragmentada: o caso de São Paulo**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2009a.

_____. (1994). **Por uma Economia Política da Cidade: o caso de São Paulo**. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2009b.

_____. (1996). **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2012a.

_____. (1996). **Da Totalidade ao Lugar**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2012b.

_____. (1978). **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2012c.

_____. (1985). **Espaço e Método**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. (2001). **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL). **História Demográfica do Município de São Paulo**. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php. Acesso em: 23 de fev. 2019.

SATO, G. Globalização e diferenciação no consumo de alimentos. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 4, n. 6, jun. 2009. ISSN 1980-0711. Disponível em: <http://www.ica.sp.gov.br/ftpica/AIA/AIA-26-2009.pdf>. Acesso em: 23 de mar. 2019.

SCARLATO, F. C. **O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro**. Publicado em 1989. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SCARLATO, F. C.; COSTA, E. B. A natureza do urbano. **Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 30, p. 1-21, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/11676>. Acesso em: 04 de nov. 2018.

SCHEERDER, J *et al.* **Understanding the game: sport participation in Europe, facts, reflections and recommendations**. Faculty of Kinesiology and Rehabilitation Sciences, Leuven: KU Leuven, 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Moda Fitness: mercado em ascensão no Brasil**. **SEBRAE**, Boletim de Tendências – Vestuário, jan. 2015. Disponível em: <https://respostas.sebrae.com.br/moda-fitness-mercado-em-ascensao-no-brasil/>. Acesso em: 22 de set. 2017.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. Academia Corporativa. **SESI**, 2019. Disponível em: <https://www.sesisp.org.br/para-industria/academia-corporativa>. Acesso em: 18 de set. 2019.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **SESC**, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/sescrn/posts/1451302814910604/>. Acesso em: 26 de set. 2019.

SILVA, R. B. da. **Mobilidade precária da metrópole:** generalização dos problemas socioespaciais da circulação e dos transportes no cotidiano de São Paulo – da exceção à regra. 2014. 416f., Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVEIRA, M. L. Banalidade das finanças e cidadania incompleta: lugar e cotidiano na globalização. **Revista GeoUSP** (Online), São Paulo, v. 21, n. 2, p. 370-383, ago. 2017. ISSN 2179-0892. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/135155>. Acesso em: 25 de nov. 2018.

SIMÕES, E. J. *et al.* Effectiveness of a scaled up physical activity intervention in Brazil: a natural experiment. **Preventive Medicine**, v. 103, p. 66-72, 2017. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0091743516302900?token=79B15C77C4375BDF383C5DAFB8A089E9AFF7CB47858F1E71B92A2531B7F77D5A289E4A0A22E3DA23B652F54E49A232FB>. Acesso em: 05 de mar. 2019.

SMART FIT. Disponível em: <https://www.smartfit.com.br/>. Acesso em: 12 de set. 2019.

SOLER, P. T. *et al.* Vigorexia e níveis de dependência de exercício em frequentadores de academias e fisiculturistas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Campo Grande, v. 19, n. 5, p. 343-348, set./ out. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-86922013000500009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 de maio 2019.

SOUZA, F. Como é a rotina dos trabalhadores que passam quase um terço do dia dentro de ônibus, metrô ou trem. **BBC News Brasil**, 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46226332?fbclid=IwAR3yyHj7QIL_I0m42Tw6K0JBndwS0hjcXnBqOqhVtEAqskTRwsBTxdOP_d4. Acesso em: 22 de jan. 2019.

SOUZA, I. O mercado *fitness* no Brasil segundo o IHRSA GLOBAL REPORT 2019. **Blog Sistema Pacto**, 2019. Disponível em: <https://blog.sistemapacto.com.br/o-mercado-fitness-no-brasil-segundo-o-ihrsa-global-report-2019/>. Acesso em: 14 de set. 2019.

SOUZA, M. A. F.; ALMEIDA, K. Globalização do Varejo Supermercado: uma análise da influência sobre o formato e dinâmica do funcionamento do sistema agroalimentar. In XLV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2007, Londrina, **Anais do XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, Londrina: UEL, 2007, p. 1-21. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/6/502.pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2019.

SPERB, P. Como o MST se tornou o maior produtor de arroz orgânico da América Latina. **BBC News Brasil**, 07 de maio 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39775504>. Acesso em: 24 de mar. 2019.

SZMRECSÁNYI, M. I. Q. F. A macrometrópole paulistana: 1950 – 2004. In SZMRECSÁNYI, T. (Org.). **História Econômica da cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Globo, 2004, p. 116-143.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. A supervitalidade como forma de poder: um olhar a partir das academias de ginástica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 203-220, jul./ set. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/12295>. Acesso em: 15 de abr. 2017.

TOLEDO, E. **A legitimação da ginástica de academia na modernidade**: um estudo da década de 1980. Publicado em 2010. 257f. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOLEDO, L. O plano da Smart Fit para ir além dos saradões. **Exame**, 06 de maio 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/o-plano-da-smart-fit-para-ir-alem-dos-saradoes/>. Acesso em: 13 de jan. 2019.

TOTALPASS. Disponível em: <https://www.totalpass.com.br/br/principal>. Acesso em: 17 de set. 2019.

TRINCA, T. P. Pesos e medidas: padrões impostos comandam a tirania do corpo perfeito. **Revista Sociologia, Ciência e Vida**. São Paulo, Escala, p. 61 – 68, 2006.

VALOR ECONÔMICO. Prefeituras já disponibilizam academias de ginástica gratuitas! **Saúde Business**, 25 jun. 2011. Disponível em: <https://saudebusiness.com/mercado/prefeituras-ja-disponibilizam-academias-de-ginastica-gratuitas/>. Acesso em: 09 de set. 2019.

VALVERDE, R. R. H. F. A indústria cultural como objeto de pesquisa geográfica. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, São Paulo, v. 29, p. 391-418, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/102082>. Acesso em: 17 de ago. 2019.

VEM COM NÓIS. Disponível em: <https://www.vemcnos.com.br/runningcrew>. Acesso em: 21 de set. 2019.

VIEIRA, C. R. C. Ginástica de academia como conteúdo da Educação Física escolar. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, Londrina, v. 1, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_edfis_artigo_claudia_regina_cayres_vieira.pdf. Acesso em: 24 de ago. 2019.

VIEIRA, F. V.; VERÍSSIMO, M. P. Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas: Brasil, Rússia, Índia, China (BRIC) e África do Sul. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 513-546, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-06182009000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08 de set. 2016.

VOGUE. Gigi Hadid é a cover girl da edição de setembro da Vogue Brasil em 2019. **Vogue**, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2019/08/gigi-hadid-e-cover-girl-da-edicao-de-setembro-da-vogue-brasil-em-2019.html>. Acesso em: 22 de set. 2019.

WEBER, M. (1905). **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

WOMEN'S HEALTH. Disponível em: <https://womenshealthbrasil.com.br/corpo/>. Acesso em: 23 de set. 2019.

WORLDOMETERS. ONU, Dept. de Economia e Assuntos Sociais. Population Division. **World Population Prospects: The 2015**. Disponível em: <https://www.worldometers.info/>. Acesso em: 29 de abr. 2019.

WORLD URBANIZATION PROSPECTS (WUP). **Urban and Rural Populations**. DESA/Population Division. Disponível em: <https://population.un.org/wup/Download/>. Acesso em: 15 de set. 2019.

ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. Body, environment and adventure: experience and spatiality. **Sports, Ethics and Philosophy**, v, 11, n. 2, p. 155-168, 2016. ISSN 1751-1321. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3905064/mod_folder/content/0/adventure%20zimmermann_saura.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 03 de out. 2017.

ZORZETTO, R. Alguns efeitos dos alimentos fabricados. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 265, p. 21-27, mar. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Entrevista 1: Vinícius Dias – Gerente da Smart Fit – Unidade Bonfiglioli

Entrevista realizada com Vinícius Dias, Líder Regional São Paulo e Gerente da academia Smart Fit – Unidade Bonfiglioli (São Paulo/SP), por e-mail, em 23 de março de 2017.

1. Nome e formação/profissão.

Vinicius Dias da Silva. Professor de Educação Física.

2. Há quanto tempo existe a Smart Fit Bonfiglioli?

Inaugurou em 28/02/2010.

3. O que levou a instalação da unidade naquele lugar?

Estudos demográficos e sócio econômicos demonstraram grande oportunidade de possíveis clientes. Local disponível e valor do metro quadrado acessíveis com o modelo da academia.

4. Quantos alunos/clientes a unidade possui?

Essa informação é confidencial da empresa.

5. E a Smart Fit no total?

Essa informação é confidencial da empresa.

6. Desde o início das atividades da Smart Fit até hoje, qual foi o percentual aproximado de crescimento da Smart Fit (alunos, receita)? - sem necessariamente informar os números efetivos (ex: cresceu X por cento desde 2009).

O crescimento ocorre principalmente devido à abertura de novas unidades e com isso o número de alunos somente tem aumentado. Atualmente são 1 milhão e 250 mil clientes. O % de crescimento é muito variável, pois depende muito da abertura de unidades. No início o crescimento era de mais de 300% e agora chega a menos de 50% ao ano.

7. E a Unidade Bonfiglioli?

Unidade Bonfiglioli teve um crescimento de cerca de 15% no primeiro ano, 8% no segundo e terceiro anos. De lá para cá se torna estável o número de alunos.

8. Ao que se atribui o crescimento da Smart Fit? (Seja sobre a empresa ou sobre a unidade Bonfiglioli)

Acreditamos bastante que é referente ao custo X benefício que buscamos oferecer, embasados em metodologias de treino modernas. Além disso sempre buscamos inovações e estarmos com a academia parecendo sempre novas.

9. Quais são as tendências de comportamento da população que a Smart Fit entende como consolidadas ou em fase de consolidação hoje em dia (que possa ser benéfico para a empresa)?

A Smart Fit está disponível para todo mundo que busca um estilo de vida ativo com comportamentos variados, mas sempre ligados ao que há de mais moderno e tecnológico. Além

do estilo de vida ativo, nossos clientes buscam uma alimentação saudável, suplementos vitamínicos, buscam conciliar a vida agitada de trabalho, com atividade física e a parte social (amigos, família).

10. Quais os fatores que você avalia sobre a não-adesão de um percentual da população as práticas de exercícios físicos nas academias?

Acredito que o principal é a dificuldade de manter uma rotina e ter a disciplina para praticar. Hoje em dia para fazer exercícios, basta sair de casa e caminhar ou correr, não precisa de muito dinheiro. Se quiser praticar exercícios de forma estruturada com um profissional de educação física também não é necessário pagar muito, pois diversas academias já oferecem um valor bem acessível com uma entrega de serviço com excelente qualidade. Em cidades metropolitanas acredito que o ritmo de vida também possa dificultar, pois a pessoa pode morar em um lugar distante de onde trabalha, enfrentar trânsito para ir e vir, ainda estudar ou estar com a família. Com isso não é fácil encaixar uma rotina frequente.

11. Quais são as estratégias de adaptação que a Smart Fit tem tomado para atrair mais clientes?

A Smart Fit sempre procura estar em todo lugar para que o cliente possa treinar perto de casa, do trabalho, da faculdade ou no trajeto para ambos. A proposta de preços acessíveis se mantém e estamos consistentemente inovando para surpreender o cliente. Um exemplo disso é oferecermos academias com aulas de ginástica, treinos funcionais, um novo programa de treinos para emagrecimento chamado SHAPE, melhores localizações; isso sem alterar o preço. Temos um lema na Smart Fit que diz: “ A Smart não pára”. Enquanto estamos lançando algo novo, certamente, já temos 2 outras novidades sendo desenvolvidas.

12. Na sua concepção, existe antagonismo (divergência) entre os interesses da Smart Fit (e do mercado de academias, de forma geral) e as políticas públicas de promoção da atividade física, como por exemplo, academias ao ar livre, ciclofaixas de lazer nas avenidas aos fins de semanas e feriados, ou outras atividades que estimulem a atividade física gratuita na cidade?

Acredito que já teve bastante antagonismo, mas isso nos primeiros 3 anos de vida da Smart Fit. Muitos questionamentos por parte de proprietários de demais academias e até de órgãos regulamentares. Em relação às políticas públicas não vejo nenhum antagonismo. Na verdade, acredito que andamos bem perto, pois o nosso objetivo é levar atividade física a todos! Tornar acessível uma rotina de vida ativa! Não é à toa que sempre que possível procuramos nos envolver diretamente. Apoiamos a instalação das estações de treinos espalhadas pela cidade (<http://www.mude.esp.br/projetos/estacoes-na-cidade-de-sao-paulo/?portfolioID=2>), Projeto Garrido (<http://blog.smartfit.com.br/2014/07/31/projeto-garrido-boxe-atividade-fisica/>), Amigo H (<http://saopaulosaudavel.com.br/aconteceu-transpiracao-amigoh/>), e alguns mais.

13. Como você avalia que seja a alimentação cotidiana das pessoas que vivem na cidade? Essa alimentação contribui para o bem-estar e para a boa forma ou é um fator que contribui para a procura pelas academias?

Estou certo que estamos vivendo uma mudança nos paradigmas e uma boa parte da população busca alimentos mais saudáveis, porém a rotina diária, às vezes não permite algo muito saudável, por falta de tempo e/ou dinheiro. Porém também acredito que quem realmente quer, consegue colocar melhores hábitos na mesa, pois facilmente se encontra algum restaurante, por menor que seja, oferecendo algum tipo de salada e alimentos menos calóricos. Uma melhor orientação de como se alimentar, poderia contribuir com melhores hábitos. Por um outro lado, a indústria alimentícia enche de propagandas e produtos que levam as pessoas

para uma alimentação desregrada e isso leva as pessoas para as academias, afinal tudo que se consome precisa ser “queimado” ou vai acumular no organismo.

14. Como você avalia o consumo de suplementação alimentar e demais substâncias que promovem a hipertrofia muscular e/ou o rápido emagrecimento pelos clientes das academias?

A suplementação está banalizada. Como o próprio nome diz, suplementação é para quem já se alimenta bem e precisa de suplementos para suportar a vida agitada, a rotina de vida e os exercícios. Facilmente se conhece pessoas que consomem proteína, porém poderiam ingerir mais carnes, ovo ou outras fontes. Geralmente antes de uma academia abrir, já tem uma loja de suplementos na porta ao lado inaugurando antes e com um “orientador” do que o aluno deve consumir, sem conhecer a vida real dessa pessoa. Qualquer suplemento deve ser prescrito por um nutricionista. Ele que tem o conhecimento adequado para a melhor orientação.

15. Existem estimativas do uso de anabolizantes por parte dos alunos? Quais?

Não temos essa informação e esperamos que não exista isso em nenhuma Smart Fit e em nenhum local. Fazemos campanhas internas para orientação.

16. Mesmo sendo amplamente divulgado e sabido sobre os riscos à saúde e as desvantagens do uso de anabolizantes ou outras substâncias proibidas pela ANVISA, por que, na sua opinião, as pessoas recorrem a esses artifícios, mantendo uma falsa aparência de saúde?

Algum distúrbio psicológico está envolvido com o uso de anabolizantes, geralmente a necessidade de aceitação é presente nos usuários, que buscam emagrecer demais ou ficar muito forte para pertencer a algum grupo, surpreender outras pessoas, se sobressair em algo.

17. Quais são as principais contradições que você identifica no comportamento cotidiano das pessoas que procuram "fazer academia"?

Contradições muito comuns em pessoas que buscam a prática de atividade física é manter uma alimentação desregrada, fumar, consumir bebidas alcoólicas. Esses itens não caminham junto com exercícios físicos. Um outro comportamento é o de achar que só porque se matriculou na academia, já ficará mais saudável. Se a pessoa não treinar de forma regular, não terá efeito.

18. Por que "fazer academia"?

Acredito muito que todas as pessoas devem praticar atividades físicas e, o mais importante, é que cada um deve fazer o que tem prazer. Para alguns ficar fechado em uma academia utilizando equipamentos é prazeroso, outros gostam de jogar um esporte coletivo em algum parque e ainda os que gostam de praticar sozinho correndo em algum local ou dentro de seu apartamento assistindo um vídeo na internet. Não se questiona, que exercícios levam a uma vida com mais saúde, basta cada um encontrar qual a melhor forma de fazer.

APÊNDICE B: Entrevista 2: Renata Rodrigues – Profissional de Educação Física e professora de ginástica e dança da academia Smart Fit – Unidade Augusta

Entrevista realizada com a Profissional de Educação Física Renata Rodrigues, professora de ginástica e dança da academia Smart Fit – Unidade Augusta (São Paulo/SP), por e-mail, no dia 06/12/2017. As modalidades atuais de sua atuação são as danças Zumba, Fit Dance, e a ginástica de Alongamento e Body Balance.

1. Nome e Formação/ Profissão?

Renata Rodrigues / Profissional de Educação Física.

2. Há quanto tempo você trabalha com ginástica/dança? Trabalhou com outras modalidades de exercícios físicos?

Doze anos já. Sim. Futsal, recreação infantil, arbitragem de natação, pilates, ginástica laboral e corrida.

3. Desde que você iniciou sua carreira até agora, em sua avaliação, você acha que houve crescimento pela demanda de alunos que buscam serviços de ginástica/ dança?

Sem dúvidas, cada dia mais está crescendo essa demanda.

4. Quais motivos você considera pertinentes para avaliar tais mudanças?

Acredito que uma conscientização maior pela qualidade de vida e saúde e com isso também aumentou o número de locais para as práticas, desde redes de academias que vem aumentando com um preço justo e boa qualidade de serviço, como também grupos de ruas.

5. Por que você acha que as pessoas procuram as aulas de ginástica/ dança na academia?

Os alunos acabam optando por aulas mais dinâmicas e que te tragam além de resultados um prazer de estar ali com isso o ramo da ginástica vem crescendo cada dia mais com muitas novidades.

6. Por que a Smart Fit passou a agregar estas modalidades de exercícios físicos?

A demanda de alunos foi crescendo bastante e inserir as aulas de ginástica foi uma forma de “desafogar” a sala de musculação e claro que o público também pedia pelas aulas.

7. Como você avalia a relação entre a sociabilidade e a musculação na academia?

Vejo uma relação bem bacana, geralmente as pessoas treinam entre amigos, alguns acabam tendo mais facilidade para interagir com pessoas novas. E com relação à ginástica/danças? Como tenho mais convívio nessa área fica muito mais fácil responder. A sociabilização entre o grupo é muito maior e olha que nosso grupo de alunos é bem grande, os alunos em sua maioria estão presentes todos os dias ali, acaba tornando uma turma fixa e com isso uma sociabilização maior.

8. Em sua avaliação, as relações dentro das academias são efêmeras, passageiras, ou há a possibilidade de estabelecer vínculos duradouros?

Com o tempo de experiência tanto como profissional mais também como aluna, acredito que há grandes possibilidades sim de ter vínculos duradouros, eu tenho vários amigos desde a época que eu só treinava e que permanecem vinculados a mim até hoje.

9. Há muita desistência do grupo de alunos que fazem ginástica/ dança ou não?

O número não é grande não, sempre há algumas desistências mais geralmente e por motivos maiores, mudança de horário ou local de trabalho, faculdade, cursos.

10. Qual o perfil do aluno que busca as aulas de ginástica/ dança na Smart Fit? (e por que outras pessoas não buscam?)

Nas minhas aulas tenho uma turma bem mista, é bem bacana porque tem homens, mulheres, magrinhos, gordinhos, sarados e assim cada um em busca de um objetivo diferente.

11. Como você avalia a presença de pessoas com perfis diferentes fazendo as aulas de ginástica/ dança?

Eu acho bem bacana e só tenho como avaliar positivamente, afinal como eu citei a cima cada um que está ali tem objetivos diferente, seja ele emagrecer, melhorar postura e dores articulares ou muscular ou seja *pra* se divertir.

12. Em sua opinião, o quão presente você acha que a questão do “culto ao corpo” está presente na vida das pessoas?

Digamos que está muito presente, as pessoas vivem atrás da perfeição, porém muitas dessas pessoas acabam esquecendo de pedir orientação de um profissional seja ele, um educador físico, um nutricionista e até mesmo um médico por que muito além de um corpo bonito também não podemos esquecer da saúde.

13. Em sua opinião, você concorda que existem padrões estéticos impostos socialmente?

Acredito que sim, a mídia ajuda muito nisso, em padrões de corpos perfeitos, seja corpo muito magro seja corpos sarados, e algo que infelizmente existe e muito ainda.

14. Como você avalia que seja a alimentação cotidiana das pessoas que vivem na cidade? Essa alimentação contribui para o bem-estar e para boa forma ou é um fator que contribui para a procura pelas academias?

As pessoas precisam melhorar muito a alimentação, embora acredito que com o passar dos tempos vem melhorar um pouco sim devido a mais opções de restaurantes saudáveis mais as pessoas ainda se alimentam muito mal, acabam comendo algo não nutritivo e depois acaba se arrependendo e com isso ganha os quilinhos extras. Acredito que isso contribui muito as pessoas irem à procura de academias, afinal lá tentamos passar que com uma alimentação saudável e um treino pode ajudar ele tanto esteticamente como saúde, sempre lembrando que eles devem ser orientados por um profissional da área.

15. Como você avalia o consumo de suplementação alimentar e demais substâncias que promovem a hipertrofia muscular e/ou o rápido emagrecimento pelos clientes das academias?

Como sabemos as pessoas querem milagres, e não tem paciência de fazer uma reeducação alimentar junto com uma rotina diária de atividade física. Muitas pessoas não sabem nem *pra* que serve aquele suplemento x mais o “fulano” *ta* tomando e *ta* ganhando peso ou emagrecendo enfim. Sempre oriento meus alunos a procurar um nutricionista *pra* saber o suplemento certo a dosagem correta e se realmente precisa fazer o uso do suplemento afinal cada um tem um organismo diferente.

16. Quais são as principais contradições que você identifica no comportamento cotidiano das pessoas que procuram “fazer academia”?

Acredito que o stress é algo que consigo identificar em grande parte que entra nas minhas aulas, com isso eles acabam usando a academia até mesmo como uma válvula de escape.

17. É possível se dissociar a dança das outras modalidades de exercícios físicos oferecidas na academia numa prática diária?

É possível sim, mais sempre oriento meus alunos tentar intercalar a dança com a musculação afinal precisamos cuidar das nossas articulações e músculos.

18. Enquanto professora de zumba em uma academia privada, quais são as vantagens ou desvantagens, ou prós e contras, sobre fazer ginástica/dança em uma academia e usar o

espaço público para os mesmos fins? Existem convergências ou usos diferentes dos espaços?

Bem sempre trabalhei em academias privadas, nunca utilizei espaço público. Vantagem de dar aula na academia é ter um espaço com todo equipamento que preciso e sempre estar lá nos mesmos dias e horários. Não vejo desvantagem nenhuma.

19.Qual o modelo de rotina ideal que você entende como uma boa qualidade de vida/ bem estar? Você acha possível conseguir esse modelo em São Paulo?

Modelo ideal de rotina seria, dormir bem, se alimentar bem, trabalhar no máximo 8 horas por dia, não ter stress no transito ou no transporte público, poder curtir a família no final do dia e ter pelo menos 1 horas de atividade física todos os dias. Agora se é possível isso em São Paulo? Sinceramente acredito que não, mas podemos tentar nos esforçar ao máximo *pra* que isso possa acontecer.

20.Quais os motivos que você apontaria como fatores para o sedentarismo?

Vou apontar alguns que são mais nítidos, sobrecarga no trabalho, a pessoa acaba querendo chegar logo em casa e descansar sem animo nenhum de ir fazer uma atividade física, habito de se alimentar mal é tão natural *pra* eles que já se tornou um habito, as vezes a pessoa precisa até mesmo de um incentivo para poder ter uma vida mais saudável e ativa e geralmente esse incentivo vem nada mais nada menos do que do médico.

21.Em sua avaliação, o que poderia haver para que mais pessoas fizessem ginástica/ dançassem?

Poderia haver um pouco mais de aceitação consigo mesmo, acredito que muitas pessoas deixam de entrar na sala por vergonha, ou por não estar dentro dos “padrões” que a sociedade impõe, com isso muitas pessoas se bloqueiam. Então se aceitar da forma que é, é a melhor opção *pra* ser feliz em todos os sentidos.

APÊNDICE C: Entrevista 3: Arnaldo Pereira – Proprietário da Loja Combat Sport (Suplementação Alimentar) e Editor da Revista Combat Sport

Entrevista realizada com o proprietário da loja de suplementação alimentar e editor da revista de mesmo nome Combat Sport (São Paulo/SP), sr. Arnaldo Pereira, presencialmente, no dia 27/10/2018.

1. Nome?

Arnaldo Pereira da Silva Neto

2. A sua formação/ profissão?

Você fala formação acadêmica? Não tenho. É, antigamente [a formação] era comerciante né, hoje é empresário. Mudou né. Arrumaram outro adjetivo, mas vamos falar que eu sou empresário... me sinto comerciante ainda.

3. O negócio do senhor está voltado primeiramente para as lojas e também tem a edição da revista?

Na verdade, é uma mistura de tudo. Eu fui um jornaleiro, minha vida toda desde pequeno. Minha família tinha uma banca de jornal aqui na [rua] São João com a Ipiranga e meu pai começou com essa banca de jornal desde o final da década de 1950 e eu comecei a trabalhar desde jovem. Era uma banca de jornal diferenciada, ela tinha tudo que as outras bancas de jornais não tinham. Depois foi ampliado na minha mão, eu consegui jornais do Brasil inteiro e

já tinha alguns do mundo, e revistas e publicações do mundo todo. Isso me deu bastante experiência. Se você fosse *pra* alguma banca de jornal aqui em São Paulo e pedisse alguma coisa diferente, os próprios jornalheiros encaminhavam pra mim, porque era minha especialidade que os outros não tinham. E fui adquirindo experiência de tudo um pouquinho, inclusive nisso que estou fazendo hoje: comecei com artes marciais, depois tinha musculação... em 1974 comecei com uma lojinha por lazer, não era nem por dinheiro, me apaixonei por esse assunto. Em 1979, eu oficializei, porque era uma lojinha clandestina, não tinha nenhuma outra lojinha nesse segmento... artes marciais e um pouquinho de musculação. E depois virou profissão mesmo. Eu acabei vendendo a banca de jornal, eu já tinha a loja e em 1985 eu vendi a banca e me dediquei integralmente a isso. Eu iniciei esse trabalho na praça Júlio de Mesquita, fiquei um bom tempo depois mudei *pra* cá – final de 1985, começo de 1986, eu mudei pra esse prédio. Aqui era uma editora, eu comprei a editora, transferi *ela pra* outro lugar (aqui pra rua 24 de Maio) e aqui eu montei a loja – era no 6º andar desse prédio. Até era uma coisa meio maluca porque todo mundo falava que não ia dar certo (uma loja no 6º andar do prédio, esse prédio era meio mal cuidado), mas deu certo, foi a primeira loja do Brasil, sou o pioneiro e estou aqui até hoje...

4. Já de suplementos alimentares?

Não, era Artes Marciais. **Não tinham suplementos alimentares.** Eu vou te dar uma edição da minha revista, no último editorial eu falo disso. Eu inventava, montava, fazia um mix de proteínas com carboidratos, mais pelo instinto do que pela ciência. Não tinha ciência. Montava os mix, comprava na zona cerealista e colocava no balcão. O que eu tinha mesmo eram acessórios de Artes Marciais e um pouco de Musculação, pequenos acessórios. A suplementação alimentar começou no Brasil nas mãos de um médico chamado Dr. Euclésio Bragança, que é o fundador da Integral Médica, que hoje está nas mãos do filho dele. Eu o conheci no final de 1985, quando eu estava comprando a editora, ele apareceu visitando aqui o prédio, ele oferecia nas academias, nas poucas que haviam, ele vendia a proteína da soja, e eu olhei e falei *pra* ele que o produto tinha demanda, só que tinha que mudar o visual dessa caixa, era uma caixinha dirigida às lojas naturais. Aí veio a ideia e ele logo correu atrás e transformou essa caixa numa outra coisa mais dirigida ao segmento, e deu muito certo logo de cara, que tinha demanda. Foi a primeira publicidade dirigida a esse segmento, o primeiro produto e a primeira publicidade. Tudo muito improvisado na época, mas ficou bonito, ela vale até hoje essa publicidade. Se colocar lá hoje, é uma boa imagem. E todo mundo começou a estrear nisso. O fotógrafo da época, que era o Bauer, da Bauer Studio, ele trabalhava na Editora Abril, mas não como fotógrafo, ele era promotor de eventos. Hoje ele é um baita fotógrafo, bem famoso no meio, começou a trabalhar com isso e foi acontecendo... Logo ele [Dr. Bragança] lançou outro produto (ele é um Midas, onde ele bota a mão, a coisa acontece), logo ele veio para o Natubolic, foi um produto que fez muito sucesso, fígado desidratado... aí veio a concorrência logo em seguida 1 ano depois, a Probiótica... então, na verdade, não existia suplementação alimentar: existiam os mixes, os fortes atletas, etc.

Os praticantes de musculação batiam o [bife de] fígado no liquidificador e tomavam aquilo, não tinha suplementação alimentar, o negócio era louco! A coisa veio a acontecer na mão do Dr. Bragança. Aliás, os primeiros “fisculturistas” praticantes de musculação aqui da capital, eu conheci todos. Tem um lá de Santos, Sidney (...), eram quase todos militares. Adão Siri, que é um cara que *tá* vivo por aí rodando. Aqui era a Roldan, uma das primeiras academias de musculação no Brasil, neste prédio aqui (...) ele montou essa academia aqui e aqui era o point. Teve uma concorrência do outro lado. Não tinha categoria de peso, porque não tinham atletas, então eles se apresentavam num clube chamado Homs, na Paulista, e se apresentavam numa premiação com o melhor físico ali, mas era uma coisa informal – isto eu estou falando em meados da década de 60.

5. Era somente esse público que procurava fazer musculação? Era algo muito restrito?

Era muito restrito. A coisa começou a acontecer já em meados da década de 80, que aí começou a aparecer profissionais importantes interessados e a coisa foi evoluindo... começou os campeonatos importantes, apareceu um médico também que teve a coragem de abraçar isso, o primeiro médico que é o dr. José Maria Santarém, que é USP também e que abraçou isso e que os médicos não queriam abraçar isso. Isso era coisa de maluco, isso era coisa de cara que se drogava de bomba, então os médicos não queriam misturar o trabalho deles com isso. Alguns que faziam um trabalho, faziam escondidos *pra* alguém, mas não queriam saber (...) e a coisa começou a acontecer. Por influência, sempre tem uma influência: Arnold Schwarzenegger, óbvio, que antes do Arnold era um camarada chamado Dave Draper, um americano que tinha uma imagem muito bonita conhecido no mundo todo, quando veio o Arnold a coisa começou a acontecer mais e mais nos EUA por meio das revistas americanas que vinham muito pro Brasil (...) mas a imagem do Arnold era impressionante, ele inovou, criou um outro conceito... quando se posava no palco, botava um monte de cara, todo mundo posando, ele criou uma coisa diferente na hora de posar, de sorrir, de brincar com o colega, pro cara desestabilizar *pra* perder a força e ele ganhar, brincar com o cara, então ele inovou, ele é incrível. O mundo da musculação começou a ter um outro conceito a partir do Arnold Schwarzenegger, ele é um gênio né, ele foi governador da Califórnia, ele tem uma fortuna absurda e ele sempre administrou a fortuna dele, não sei se você sabe disso, ele brinca muito com esses caras “ah, fisiculturista é tudo balão de festa”, o pessoal botava uns panos e ele achava aquilo ridículo, ele falava mesmo, de brincar (...) E se formou essa coisa importante de hoje.

6. Indo nessa linha, como o senhor avalia a evolução do mercado de suplementos aqui no Brasil?

É impressionante, cara! É impressionante... são todos meus amigos, começaram comigo. Cada um que montava uma empresinha, o primeiro lugar que visitava era aqui, a minha loja, a primeira do Brasil porque quase não tinha loja. Todo mundo aí pelo Brasil se inspirou na Combat, vinham de outros estados conhecer isso daqui, inovador... e eles começaram aqui comigo, quase todas as empresas importantes e começou muito precariamente, era muito precário o negócio. Hoje, você pega (vou citar como exemplo) uma empresa chamada Atlética, que não é tão velha assim, uma empresa que está aí com 18 anos de mercado, deve ser mais ou menos, não tenho exatamente quando foi fundada. Estão lá na cidade de Matão, começaram precariamente em São Paulo pequenininha. Hoje são 15.000 metros de chão de fábrica num terreno de 70.000 metros envolvendo ecologia e essa coisa toda, porque o que eles usam de água lá é recuperado e envolve condição de reuso, a maneira como foi montada, você pode fazer remédio lá, é um fármaco, cresceu demais. As 10 maiores empresas do Brasil estão neste nível... você pega uma empresa como a Integralmédica, por exemplo, deve estar com quase de 15 a 20.000 metros de chão de fábrica e com maquinários importantes importados de qualidade. O nosso produto hoje no Brasil, pode-se comparar a muitos produtos importantes americanos, está no mesmo nível, gozado né... e em pouco tempo! E foi ali, vai balançando *pra* lá, balançando *pra* cá, muito precário, muito ruim no começo, foi evoluindo, evoluindo, hoje não perde *pra* ninguém no mundo.

7. O senhor acha, além dos EUA, qual a colocação que o Brasil tem nesse mercado no mundo?

Ah é muito pequeno, o Brasil em relação aos EUA. É que no mundo todo não se consome tanto suplemento assim. Consome-se muito nos EUA. Eu tenho números importantes, posso levantar depois *pra* você, mas no Brasil 5% da população consome suplementos, talvez...

isso envolvendo tudo o que acontece por aí. Nos EUA deve ser pelo menos 5 – 6 vezes mais. Mas o Brasil é um grande consumidor com relação ao resto do mundo. Brasil consome mais que a Europa, a Europa consome pouco suplemento, mas teria que falar com algum amigo diretor de marketing de alguma empresa *pra* pegar uma informação melhor.

8. Aqui no Brasil, a evolução que o senhor avalia tem algum marco importante, alguma data importante, um período que o senhor destaca?

Ah sim, (...) se prepararam *pra* isso, construíram as suas fábricas. Mas a coisa aconteceu mesmo, explodiu, começou muita gente a consumir faz mais ou menos de uns 8 anos *pra* cá...

9. Ah, nos últimos 8 anos?

Que ela deu essa deslanchada mesmo. Vinha bem, produzia muito, mas de 8 anos *pra* cá virou essa coisa longa. Eles multiplicaram por muitas vezes o volume de vendas deles, eles tiveram que correr muito *pra* se adaptar, *pra* ter maquinário...

10. Foi 2010 então...

Ah, por aí... 2009, 2010 foi o boom mesmo...

11. Caramba! Mas voltando no cenário do início da sua carreira, como que era? As pessoas não procuravam por... era muito restrito essa questão que o senhor falou?

Tinha demanda, tinha vontade, tinha consumidor que queria e sonhava com isso, mas não tinha o produto. A partir da Integralmédica começou a ter produto, depois veio outras empresinhas copiando, embarcando nessa ideia... Nós tínhamos um problema gravíssimo com a Anvisa, ela é um cargo político, não é um cargo técnico. Era muito restrito, eles não deixavam você ter nada, implicavam com uma simples proteína, tudo eles implicavam. Inclusive, capsular um comprimido, *pra* eles era fármaco. O mercado foi evoluindo com a competência de alguns empresários que abraçaram isso... um vai a Brasília, vai e faz e foram conquistando espaço aos pouquinhos. Não chegou a o que chegou nos EUA, que lá evoluiu muito... conseguiram mostrar para os órgãos fiscalizadores que não era bem assim, sempre envolve a parte política. Evoluiu pela mão desses empresários que abraçaram isso e cresceram em função disso, eles foram competentes *pra* isso...

12. Isso em que época, mais ou menos?

Ah, essa discussão era até pouco tempo. Vamos falar que até 8, 9 anos atrás, era um terror. Ainda é ruim. Eu falo também que isso foi bom, porque assim, é melhor pecar pelo excesso do que pela omissão, porque tinha muita porcaria no mercado também, muita gente fazendo muito lixo. Isso não era bom *pro* consumidor e atrapalhava quem tinha boa intenção. Ainda tem, mas as empresas grandes conseguiram se impor e mostrar que eles têm o melhor e não adianta você pagar baratinho e não ter uma coisa boa, é o custo-benefício. Conseguiram de alguma forma cativar o público, tem muito consumidor fidelizado a essas empresas, mas lógico, sempre tem quem faz o errado, mas até aí como é que você vai controlar isso...? Pega viu, a Anvisa pega, eles punem, viu? Às vezes o cara some, é muito frouxa uma autorização, arrebenta aqui depois some e aparece lá com uma outra empresa e um nome de uma outra pessoa...

13. É muito fácil de...

No Brasil tem essa flexibilidade de burlar a lei, mas o órgão fiscalizador pune sim e é barra pesada. Os órgãos ligados à Anvisa, vigilância sanitária, são regionais, e eles visitam sim e pegam pesado. As grandes empresas estão preparadas *pra* encarar isso, tanto é que isso forçou a eles aprimorarem tanto que *pra* um fiscal chegar numa empresa dessa... é fármaco, tá fazendo remédio, como é que eles vão criar um problema nessa empresa? Tem a fiscalização, mas tem

produto bom, tem que oferecer ao consumidor hoje. Então essa coisa ruim, que se achava muito ruim, de alguma forma obrigou quem produz a se aprimorar cada vez mais.

14. Então, essa maior fiscalização da Anvisa e dos órgãos reguladores vieram em conjunto no mesmo momento em que a procura explodiu?

Não é bem assim, **os caras eram radicais, não queriam saber... comprimido é fármaco**, não pode isso, não pode aquilo... coisa que era vendida num mercado nos EUA não podiam vender numa loja especializada aqui, havia muita confusão no interior desses órgãos fiscalizadores, não estavam preparados pra isso, não existia uma lei que regulamentasse esse nosso mercado. Foi a partir de quem estava produzindo correr atrás *pra* explicar pra esses órgãos que não era bem assim, pra se entender com eles, pra conversar, foi assim que aconteceu. Mas o negócio era horrível da parte deles. Era uma situação ruim, depois evoluiu e melhorou junto.

15. Quais são os principais fatores hoje que o senhor atribui o crescimento e a consolidação do mercado de suplementos?

A conscientização dos profissionais que estão no meio. Palestras, entendimento, enfim. Hoje, o mercado de suplementos não se restringe a vender *pra* fisiculturista ou pro cara da malhação. Hoje, todo mundo consome suplementos (eu digo todo mundo, assim, no segmento musculação, *fitness*, academia em geral). Foi-se, ao longo do tempo, levando informação, então você atraiu a confiança de alguns profissionais do setor de nutrição, que vão à fábrica, reconhecem, se envolvem e se especializaram, porque também você não tinha um profissional especializado na área de nutrição [...] mas a partir desses profissionais a coisa foi evoluindo.

A conscientização... quanto mais honesto o mercado estiver, mais consumidores você vai ter. Não se consome tanto quanto nos EUA por falta desse conhecimento, mas os profissionais dentro das academias hoje, os professores de musculação, hoje, têm acesso a workshops, a seminários importantes, vai lá e tem acesso a informação importante de pessoas que têm o que informar, que são competentes *pra* passar isso.

16. Isso é recente?

Isso é bem recente. Muito recente.

17. Também de 8 anos *pra* cá?

Menos ainda. Porque o profissional mais conceituado do mercado que é o Dr. Rodolfo Peres, ele tem mais ou menos 15 a 18 anos de mercado [...] essa coisa bem evoluída veio dele, que foi passando *pra* outro e se multiplicando, vamos falar que de 10 anos *pra* cá.

18. E como o senhor enxerga hoje o mercado e qual a projeção que o senhor tem para o futuro?

Eu enxergo como um início ainda. Apesar de ter sido lá em 1985, o dr. Bragança, o primeiro produto e tal... passou-se 32, 33 anos... eu vejo como um início, porque teve toda essa dificuldade no começo de não ter uma legislação, a luta desses profissionais que abraçaram... o dr. Bragança vendia suplementos, ele poderia vender qualquer coisa, ele é um empresário, ele tem uma p*** mente do caramba (risos), mas é um negócio que ele meteu na cabeça e veio puxando outras pessoas com ele, então pra eles quebrarem essa barreira que demorou mais de uma década, talvez quase duas e aí começou a evoluir, agora existe a informação, existe o chão de fábrica, eles viajam muito, eles trazem muita informação, então daqui pra frente é só crescer. O Brasil, eu imagino que se eles continuarem evoluindo – e pecam ainda – mas se eles continuarem evoluindo, isso aqui em 10 anos vai... está engatinhando o mercado de suplementos no Brasil. Apesar do volume de dinheiro que rola, você vai numa Feira do Arnold,

numa ExpoNutrition que aconteceu esses dias, um bom espaço tem um custo de 1 milhão e 200 mil reais por três dias [...] eu não fico acompanhando muito o mercado porque eu tenho o que fazer, não é minha especialidade, então de vez em quando eu vou em alguma reunião, pego algumas informações, mas eu calculo que só a Probiótica hoje tenha um faturamento de 23 milhões de reais por mês, depois vem os outros. Aliás, tem algum acesso que dá pra pegar essa informação, se você pegar as 10 maiores e depois juntar com umas 300 marcas que tem aí pelo país, porque tem marcas próprias, marcas regionais, marcas e marcas, porque todo dia algumas saem e outras entram, mas deve ter umas 300 marcas no mercado, eu não vou colocar todo mundo como aventureiro, mas eu também não sou capaz de avaliar cada um, acredito que tenham pessoas sérias, mas eu só confio em 10 no mercado nacional, confio porque vou nas fábricas, conheço os donos, conheço o caráter, a responsabilidade, não estou julgando ninguém, estou julgando os que eu conheço, então só aqueles que eu conheço que eu trabalho mesmo.

19. Não é à toa que se consolidaram no mercado.

Exatamente.

20. Como o senhor acha que a sociedade encara o modo de vida de quem consome suplementos alimentares?

Tem um estigma aí. Há um estigma de que tudo que é suplemento, é bomba, é hormônio. Vem lá de trás, é porque o mercado de suplementos nasceu com a imagem do fisiculturismo. A prática da musculação vem imediatamente no seu corpo, aparece, fica uma coisa evoluída, bonita, interessante, sempre foi ligado a isto, “o fisiculturista usa bomba”, mas ninguém fala que o nadador usa, aliás a natação, eu duvido que era bem pior que a musculação, o negócio era feio, barra pesada. Todos os esportes de alta performance fazem o uso de recursos termogênicos, mas quem leva a culpa é a musculação. E o gozado é que a musculação é a base para todos eles fazerem todas as outras atividades.

O fisiculturista profissional é como um carro, tenho um amigo que fala muito isso, estou copiando isso dele, é um cara importante do mercado, ele fala que o fisiculturista é a Formula 1, ele tem uma estrutura diferente; as corridas, tudo o que acontece dali é que se tira para fazer o carro que você usa, seu BMW, você não vai correr com aquele carro, andar com aquele carro na rua, mas ele é a base importante *pra* você ter o seu carro de passeio ou esportivo. Então, o fisiculturista é isso, é um contrassenso, o cara que é a base *pra* tudo é discriminado e outros esportes que não mostra, o povo não mostra, mas que usa não tá na vitrine. Mas isso vem mudando aos pouquinhos. E outra coisa também, há uma pressão de drogas injetáveis, hormônios, *piriri-pororó*, a imprensa tem um estigma com isso. A nossa imprensa, me desculpe, é uma “imprensa marrom”. O que eles fazem? Eles falam que prenderam o camarada, que apreendeu, mas fotografa sempre o suplemento e põe na frente. Eles não põem o produto que foi apreendido, eles põem a suplementação. Eu acredito que quando a indústria de suplementos estiver tão forte quanto o fármaco *da vida*, porque não é interesse deles que tudo isso aqui cresça, não estou julgando ninguém, mas imagino que seja assim, quando eles tiverem dinheiro *pra* comprar muita mídia, a coisa inverte, aí passa a ser bom.

21. Nos EUA a coisa é assim também? O senhor sabe?

A imprensa tem essa característica no mundo, mas não acredito que seja tão forte. A cabeça norte-americana é outra, o mercado norte-americano é outro. Não posso afirmar, mas aqui eu sei que é assim, fala-se mal enquanto não entrar o dinheiro. Nunca você vai ver a imprensa falar bem de suplementos. Mas o que me incomoda muito é essa coisa [...] “pegou aqui o traficante...” sempre apareceu o suplemento. Por que não fotografa o produto real, aquele que foi produto de apreensão?

22. Como o senhor observa o mercado voltado para as academias de ginástica e musculação? O mercado de academias?

Eu enxergo uma coisa muito boa, sensacional! Tudo é prestação de serviço, no campo você tem tratores, tem máquina “colhedora”, você não tem mais o cara *pra* carpir. *Tá* tudo concentrado na cidade e confinado. O cara come e não mexe com o corpo, nada, é uma vida muito sedentária. A evolução dessas academias, essas “smart da vida” que eu não sei o que é isso, é barato demais pela qualidade... mas aqui perto, eu frequento uma lanchonete, eu frequento o hotel, eu frequento muito o comércio. Eu nasci e fui criado aqui, eu ando *pra* todo o canto. Até a menina que cuida da faxina aqui vai na Smart, *tá* cuidando do corpo! Eu tenho uma amiga que a mãe dela foi zeladora, diabética, gorda, diabética por herança do pai que morreu de diabetes... *tá* super gorda, desanimada e tal... entrou na Smart ali e já perdeu 20 quilinhos, entendeu? Já está muito mais saudável, se sentindo muito melhor. Então, eu acho isso super importante, vai ter que ser assim. A pessoa vai mexer o corpo é dentro de uma academia, não é no campo. A condução é muito fácil, tudo é muito fácil, né?

23. Na cidade, as pessoas tendem a um estilo de vida mais sedentário?

Vai ter que ir na academia senão a pessoa vai morrer precocemente, a ideia é essa mesmo. Vai ficar todo mundo doente comendo errado. Na academia, por pior que seja, vai fazer uma dieta, não tem dinheiro *pra* pagar um nutricionista, mais vai se alimentar um pouquinho melhor. O técnico da academia, o professor, não pode prescrever nada porque existe hoje o Conselho de Nutrição, mas ele sabe pela convivência, pelas palestras, por aquilo que ele faz com o corpo dele, que ele pode passar uma coisa melhor *pra* aquela pessoa naquele momento. E mais lá na frente, podemos também, se esse país maldito tiver um governante mais competente, de disponibilizar nutricionistas *pra* esse povo, *pra* que essas pessoas se alimentem melhor e treinem até melhor do que está treinando agora. Eu acho super importante e vejo como uma coisa que realmente vai acontecer.

24. Questão de Saúde Pública, né?

Exatamente. Isso mesmo. A minha filha mesmo, trabalha comigo aqui. Sabe? Tava desanimada, ela teve umas decepções na vida, engordou *pra* burro, já começou até a tomar um pouquinho de cerveja que ela nunca bebeu. Aí chegou aqui e conheceu ali a Smart, já fez amizade com uma outra mulher mais ou menos da idade dela, que ela *tá* quase nos 50 e já está com um corpo bem melhor, vivendo bem melhor. Levanta mais cedo, corre *pra* chegar cedo *pra* fazer o treino dela aqui. A vida dela melhorou muito, certo?

E tem atletas também. Eu tenho uma atleta aí no fundo, a Maitê, que trabalha no setor de acessórios e cuida de toda aquela parte ali, ela é muito competente. Ela é atleta, a pegada é maior, é mais pesada, ela luta *muay thai*, né? Eu acredito que ela vai fazer um nome, que ela vai ganhar dinheiro com isso e é importante *pra* ela cuidar do corpo. Se ela não tiver com o corpo [...] o lado profissional né, vai ganhar o dinheirinho dela lá na frente, vai se tornar uma profissional importante.

25. Como o senhor avalia a alimentação cotidiana que se faz no dia-a-dia na cidade?

Putz cara, é ruim demais. Surgiu muito esses restaurantes por quilo, tem até algumas alternativas que não tem muita qualidade, essa coisa meio sujinha, mas tem lá, você escolhe um pouquinho. Mas é ruim demais né, se consome essas coxinhas, empadinhas... você percebeu que a população jovem está toda bem gordinha? Eu vejo gordos hoje que eu não via na minha juventude, aquela gordura mórbida, o cara se arrastando pelo calçadão e é resultado dessa comida maluca que começa dentro de casa com a criança que o pai vai dar tudo errado... a salsicha, o jeito... já começa a se alimentar mal dentro de casa.

26. Industrializados?

Muito! [...] É fácil você ver isso, você olha a moçada na rua como é que eles estão hoje. Uma gordura feia, mas se pode reverter, não é verdade? Minha filha estava comendo *fast food* e agora está comendo direitinho, fazendo dieta, perdendo um monte de quilo? Devagarinho isso vai evoluindo, né?

27. Para o senhor, qual é o principal objetivo das pessoas que consomem os produtos que o senhor vende?

Resultado. É assim, é difícil de explicar. Quando você faz uma dieta e você vai numa academia, a academia já te toma um tempo, você tem que trabalhar. Você precisa fazer um número de calorias ou de assimilação de proteína que seja coerente com o treino que você está fazendo. Você teria que comer a cada duas horas e meia. Se você comer um bife de 180g de proteína, você vai assimilar quanto? E você precisa de, pelo menos 2g de proteína por quilo corporal/dia assimilado. 2 é para um atleta de alta performance. Então, você consome muita carne ao longo do dia, comer a cada 2 horas e meia... não dá. O suplemento alimentar, o nome já diz, suplemento alimentar. É menor, mais compactado. Se você usar 3 colheres de *whey protein*, ele vai te dar o suporte de quase 30g de proteína, você precisa comer 180g de carne *pra* ter 30, ali você assimila quase tudo. Ah, mas então vou usar só suplemento? Não, tem muita coisa na carne vermelha, em alimentos, que você não encontra no suplemento. O suplemento alimentar é *pra* você completar a quantidade de proteínas que você precisa – e são pessoas conscientes. E tem os que vêm procurar os milagres imediatos. Ah, eu entrei na academia ontem e quero perder 50kg e quero estar em alta performance bonita porque vou *pra* praia e vem comprar aqueles queimadores de gordura que tem vários nomes, tudo à base de cafeína (efedrina não pode), e quero efeito imediato. Então é difícil você explicar *pra* essas pessoas que elas vão jogar o dinheiro delas embora, porque já veio, olhou na internet e foi informada de uma maneira errada. Então vem aquele que está um pouco mais orientado e vem aquele que quer milagre, né. Aqui a gente não tem por hábito se envolver numa compra, se ele pediu a cafeína, *tá* aqui. Ah, é bom ou não é? Não sei. Eu compraria uma proteína, a gente tenta orientar melhor, mas é difícil.

28. Voltando àquela questão, como o senhor avalia a questão da regulamentação de suplementos alimentares pela Anvisa?

Assim, cada vez os empresários vão ter que evoluir mais e fazer mais política e levar a real para eles, conseguir convencer de que aquilo que eles estão fazendo é uma coisa séria, importante, embasada em pesquisas científicas internacionais, vão ter que ter o poder de convencimento o tempo todo, assim como já tiveram. Não vão poder parar. E a Anvisa, devagar, vai aceitando isso de alguma forma e vai de depender de entendimento entre eles. Infelizmente, no Brasil, os órgãos fiscalizadores, de modo geral, eles são sempre um cargo político, né? Sempre um cargo político, eles pegam um ministério qualquer com lance político de amarrar e vou dar *pra* ele... não é o especialista nunca que está ali. Nós temos esse problema. Não sei como está a Anvisa hoje, pode até ser que tenha uma pessoa importante lá que saiba o que está fazendo e eu não sei, não tenho essa informação neste momento, antes era assim, era horrível.

29. Na opinião do senhor, porque o senhor acha que existe uma procura por determinadas substâncias que são proibidas pela Anvisa e são comercializadas no exterior ou mesmo comercializadas aqui no mercado paralelo?

A Anvisa, quando proíbe um produto, é por falta de conhecimento. Já falei isso *pra* você antes. Alguém que quer pôr esse produto no mercado baseado em pesquisas científicas importantes, que leve *pra* eles, é uma coisa, que eles não têm a informação e eles relutam em aceitar isso, então é mais fácil proibir do que olhar o que está acontecendo. Agora, com relação

ao mercado paralelo, o ser humano é imediatista, é como eu falei *pra* você, tem muita gente que entra aqui pra comprar milagre e milagre não existe. Seu corpo é uma máquina, se você demorou 1 ano, 2 anos, 3 anos *pra* ganhar 20 ou 30kg, se você é sedentário, como é que você vai reverter isso do dia pra noite? Não tem como. É um processo de adaptação, não é verdade? Dá até *pra* correr com isso, no começo você perde bastante peso, mas não tanto quanto devia, até você ficar em condições, demora um tempo. Por imediatismo, por vaidade, narcisismo, e outros adjetivos aí, leva a pessoa a procurar o paralelo e é trágico, muito complicado. Eu tenho visto que isso está melhorando, as pessoas estão tomando mais consciência, mas sempre tem aqueles que arriscam mesmo, geralmente o público jovem. Mas, no futuro, com esse mercado paralelo sendo reprimido de verdade, vai ter muita gente doente daqui a 5 – 10 anos... esses jovens que estão fazendo o uso de esteroides e anabolizantes agora, até porque um adolescente não pode usar esteroide/anabolizante, não pode usar hormônio, porque seu organismo produz muito hormônio até seus 21, um pouco mais que isso. Então, quando você põe de fora, seu organismo é uma máquina inteligente, então ele fala: “opa, *tá* entrando de fora, eu vou parar”, aí dá uma confusão danada e até consertar isso, gasta-se muito dinheiro e arrebenta-se a saúde bastante. Mas infelizmente, tem em qualquer lugar do mundo, tem nos EUA... se bem que a punição lá é complicada. Os profissionais de esportes de lá, quando querem fazer uso, fazer um ciclo, vão *pra* outros países, não faz lá dentro não, lá dentro o bicho pega.

30. Qual o posicionamento do mercado formal regularizado frente ao mercado informal aqui no Brasil?

É impossível você medir porque é de bastidor. Sabe-se que é bastante, sabe-se que é muito, mas quanto? É difícil avaliar, não tem como. Penso que se tiver como, eu desconheço.

31. Como o senhor avalia a dispersão dessas pequenas lojinhas de suplementos alimentares em qualquer lugar? Boxes...

Ah então, é uma briga minha grande com quem produz, uma briga constante, eu brigo demais com eles. São meus amigos e eles me dão essa liberdade, e eu falo *pra* eles o que me vem na cabeça e eles aceitam, porque eu sou o primeiro... o que me vem na cabeça não, aquilo que estou enxergando. Eles evoluíram como empresa, evoluíram como produto, evoluíram de uma maneira geral. O marketing, botaram diretores de marketing lá dentro, a propaganda é boa. Alguns exageram, botam muito músculo, outros não, outros fazem uma embalagem mais *light* querendo conquistar outro público que não seja só o atleta de alta performance, *tá* tudo certo. As lojas (físicas, no chão, que nascem e morrem) não deveria estar acontecendo isso se eles tivessem investido nesse setor – o único setor que eles não investiram. Porque essa coisa de conquistar o mercado é um confronto entre eles: “eu não quero saber, quero vender e vou atropelando, eu vou tocando do meu jeito”. Então, eu vou tentar arrumar um exemplo: o camarada ganhou uma indenização do trabalho ou arrumou um sogrão que quer investir nele ou qualquer outro meio e ele enxerga nisso uma possibilidade de se dar bem nesse comércio. Ele vai lá, ele não tem informação nenhuma, ele monta uma lojinha, procura as empresas *pra* ver como ele compra, se informar. Ele não tem nem a experiência administrativa. Vem uma determinada empresa, entulha ele de produto, mente *pra* vender... e é um representante comercial, mente, vem o outro e mente e ele compra errado, não aprendeu nada, e vende errado, arrebenta e logo vem outro atrás. Se essas mesmas empresas... tem dois órgãos de classe dos produtores, que é a Abenutri e a Brasnutri, eles têm condições, eles têm dinheiro suficiente *pra* levar informação pra essa pessoa que está começando, como ela deve agir? Como ela deve comprar? Qual a margem de lucro? Enfim, dar a informação, dar suporte, fazer palestras motivacionais com esse povo, dar estrutura *pra* que eles cresçam, mas eles não fazem isso, quer vender e o cara se perde e acaba. Eu escuto muito isso: “você tem que investir nesse mercado”, não é verdade? Até há pouco tempo, um colega que entrou no mercado, meio que olhando o

que eu fazia, chama-se Paulo, ele tem uma rede chamada Dr. Shape, que é franquia. Eu acho meio esquisito franquia de multimasas, mas tudo bem. Então, ele vai nas feiras, monta o estande dele, captura gente *pro* mercado, e ele vende a franquia e leva, pelo menos, o mínimo de informação *pro* cara não morrer logo no primeiro, segundo ou terceiro mês. Algumas lojas conseguem continuar, outras não. Mas eu acho que esse seria um papel das entidades, das associações, que a ABENUTRI e a BRASNUTRI e as empresas investirem nisso. Orienta, eu fico com dó. Tem muita loja aqui em São Paulo e até no Brasil, que começaram comigo, eu distribuía (não estou mais distribuindo agora, eu parei com a distribuição), eu vou nas feiras, mesmo aqui na Expo, e encontrei vários dos meninos lá que tem mais de uma loja e eles “eu lembro que o senhor me ensinou, e tal”. Porque assim, quando o empresário pequeno entra em pânico, ele precisa de lucro, ele precisa pagar as contas, ele começa a desovar o produto dele *pra* poder ganhar peso e aí começa a vender o “proibidinho”, começa a vender o “proibidão”, né? A rede de informação que a polícia tem é importante, porque essa molecada da polícia tudo pratica esporte, pratica musculação, boa parte deles, né? Então fica fácil. A primeira pancada que ele toma, a primeira cana que ele toma, ele perde todo o capital, ele acaba. Isso também fecha muita loja, ele acha que nunca vai ser descoberto. Eu tenho um rapaz que é meu amigo até hoje, eventualmente a gente sai *pra* almoçar ou *pra* tomar uma bebida, ele tem 6 lojas importantes lá pela Zona Leste, uma em Santo André, São Caetano, uma na Matheus Bei, eu me esqueci o nome do bairro na Zona Leste, um bairro importante, ele começou comigo, um dos que começou comigo, gosta muito de mim, ficamos amigos por isso, então quando ele vem falar comigo, eu falo: “olha, não rola nem o “proibidinho”, nem o “proibidão”. Se você conseguir passar esse período...” e dou os toques de como funciona o mercado. Muito, mas dezenas deles, me agradecem até hoje, fez uma inicial aqui comigo. Mas isso não é papel meu, isso é papel dos grandes empreendimentos, não é verdade? Eu só sou um comerciante. Não sou a maior rede do Brasil, porque eu montei uma loja com administração familiar e isso (uma loja com administração familiar) vira uma coisa de subsistência, todo mundo quer tirar e não se evolui muito. Mas *pra* mim foi bom, pagamos faculdade, compramos a casa em que a gente mora, não estou mal de vida, mas poderia hoje... Eu sou até hoje convidado a participar de grandes empreendimentos. Há pouco tempo, tive um convite de um camarada que está evoluindo e está com alguns investidores e queriam usar o nome da Combat Sports, o nome da Combat Sports é importante a nível nacional, então você entra no negócio e a gente ganha junto. Não seria uma franquia, mas seria algo parecido. Já estou com 66 anos de idade, vou ganhar dinheiro *pra* quê? Já trabalhei *pra* caramba, né? Não vale mais a pena. Eu gosto de fazer negócio, eu vivo remodelando as lojas, eu corro *pra* lá e *pra* cá, mas dentro do meu padrão. *Pra* grandes empreendimentos eu não tenho mais vantagem. Hoje eu to livre *pra* fazer isso, mas primeiro eu pensei na minha família. Agora, vou me tocando do jeito que dá.

32. E alguma palavra final que o senhor queira dar com relação a esse tema, que o senhor se sente à vontade *pra* falar?

Eu me apaixonei por isso daqui. Você tem que fazer aquilo que você gosta. E as minhas críticas, as empresas aceitam. Aliás, quando eles se reúnem, como empresários, nas entidades deles, eles me põem junto como se eu fosse um membro deles. Só tem 3 lojistas que são convidados a estar no meio deles e eu sou um deles. E eu me apaixonei por isso e sigo feliz em ver isso evoluindo, por estar dando certo. Cada crescimento que eles têm, cada coisa nova, cada máquina nova que chega *pra* eles, eu sempre mando uma mensagem. Eu não vejo o empresário como um cara de dinheiro. Eu enxergo o empresário como uma pessoa importante dentro da nossa sociedade, que trabalha e ganha muito dinheiro, mas ele dá muito emprego e isso é uma cadeia, recolhe-se muito imposto, essa coisa toda. As empresas hoje no Brasil, como eu te falei, as 10 maiores, pagam bastante imposto, a carga tributária aqui é alta. O cara *pra* ser empresário no Brasil, ele tem que ser diferente. O cara que consegue ser empresário no Brasil, ele consegue

ser empresário em qualquer lugar do planeta, porque é paulada *pra* todo o lado, tudo é complicado, você tem vários momentos de crise. Na crise de 2015 agora, eu quase quebrei, porque eu subestimei. Como eu já passei por muitas, então eu subestimei e falei “mais uma”. Caiu as vendas de repente, eu tinha um [custo] operacional muito alto, mantive os funcionários e quando fui tentar respirar eu já estava sendo sufocado. Sorte que eu tinha um capital *pra* indenizar meus funcionários todos. Eu tinha um funcionário com 26 anos de casa, que nunca tinha feito acordo, um funcionário diferenciado. *Pra* eu parar essa maquininha *pra* botar isso aqui em ordem, trouxe um prejuízo muito grande, mas assim, eu fico muito feliz em ver esses caras se dar bem porque socialmente eles são muito importantes. E eu gosto muito disso, fico feliz! Antigamente, um profissional da nossa área não ganhava nada, fazia pelo amor ao negócio, o cara dava aula em musculação e tinha um outro emprego, não conseguia viver disso. Hoje se tem profissionais ganhando muito dinheiro com isso, sendo patrocinado por empresas, ganhando altos salários, executivos ganhando altos salários, que se formou numa universidade e eles contratam pagando muito bem. Então, tem esse lado importante *pra* mim, eu gosto muito. O que eu posso fazer por eles, o que eu posso levar informação, eu levo isso gratuitamente. Tem algumas empresas que me chamam *pra* conversar, porque eu *to* no cotidiano e eles estão trancados lá. Uma determinada empresa me chamou 4 anos atrás, “poxa Arnaldo, onde é que estamos errando?”, a diretoria inteira e eu disse a eles onde eles estavam errando. [...] Eles tinham uma menina que era blogueira, que eles pagavam muito bem e ainda pagam até hoje e eu falei: “olha, você tem essa menina, essa blogueira Fulana de Tal. Vocês querem vender o quê? A sensualidade dela ou o seu produto? Vocês botaram a menina na frente do seu logotipo. Vocês têm 16 anos de mercado e não têm espaço nas prateleiras em São Paulo”. Eu tive uma experiência aqui, mais que uma vez, do camarada chegar e perguntar “que produto é esse?” e eu perguntar: “você conhece a blogueira?” - “Ah, conheço a blogueira” - “e não conhece o produto? Ela está com o logo na roupa dela e o cara está olhando só *pro* corpo dela”. É um investimento errado, eu falei: “pega blogueira e passa *pra* trás e põe o seu logo na frente. Blogueiro é bom *pra* ir dia de evento, que faz uma festa lá dentro e tem o blogueiro, projeta sua marca e vocês estão fazendo o contrário.” Aí “rapidez” eu falei: “põe todo mundo uniformizado aí com o número 16 anos na frente dizendo que vocês têm 16 anos de mercado” [...] a conversa andou e botaram em prática e realmente funcionou, eles me agradecem bastante por isso. Estava ali na cara, mas eles estão lá fechados, eu *to* na rua, eu *to* no dia-a-dia. É mais fácil de eu captar isso.

33. Eu acabei pensando só mais duas perguntas *pra* encerrar. A primeira, é sobre esse último momento da crise que a gente tem vivido. Como foi esse processo? O mercado de suplementos e também o mercado de academias sofreram mas continuam projetando uma boa curva ainda em razão das dificuldades da crise?

Olha, foi um momento importante. 2015 – janeiro, fevereiro e março, tudo andou normal. De repente tem um apagão, parou tudo, do dia *pra* noite. Eles conseguiram sobreviver, eles estavam num momento importante também. Mas teve muito inadimplentes sofreram com isso também, porque as lojinhas foram quebrando. Teve lojistas importantes, eu tenho um colega que tinha 11 anos de mercado e 6 lojas, um cara sério, mas de repente se tornou inadimplente, não conseguiu segurar mais. Eu consegui me salvar porque tinha um capital, ele não tinha, porque ele vai montando loja, [...] numa crise dessas, como é que faz? Hoje ele tem uma lojinha e está devendo a todo mundo, está numa situação muito difícil. Mas eles absorveram isso (as indústrias) e se adequaram, assim como eu tive que me adequar e reiniciar todo o processo. Mas teve muitos inadimplentes.

34. Mas o que manteve o mercado ainda aquecido?

É porque tem demanda, as pessoas querem, tem consumo. Se diminuiu o número de inadimplentes, o mercado seguiu. Acalmou agora, todo mundo pôs a casa em ordem, continua, mas poderia estar melhor. Mas teve essa coisa ruim nesse meio tempo.

35. E a outra é: como o senhor entende – já pegando aquele gancho da blogueira – como o senhor avalia a questão da internet, das redes sociais, como isso tudo está contribuindo para o mercado das academias, de suplementos?

Eu odeio blogueiro, *tá*, e blogueiras. Porque as informações são todas erradas, eles fazem as coisas loucamente. Mas tem o lado bom também, porque eles passam a informação errada, cativa, traz a pessoa *pro* meio, depois a pessoa se arrebenta e vai aprender o certo. Mas blogueiro é problema, rapaz. E é interessante – blogueiro e artista – e outra coisa que eu falo nas empresas, eles me respeitam, eu posso falar, o camarada pega uma fortuna e vai investir no traseiro da louca lá do Pânico, poderia dar outro adjetivo, mas vou dar esse, que nem bunda é, aquilo é um saco de silicone, e não investe no segmento. Eu sempre falo, artista não é importante *pra* vocês, o que é importante pra vocês é o profissional do ramo. Contrate artistas só *pro* dia da festa, fica mais barato. Faz uma festa grande, contrata o artista bonito, bota lá e faz uma festa, pronto. Paga ele e o cachê e vai embora; eles ficam fazendo um link achando que vende e não vende. Quem vende suplemento alimentar é o formador de opinião. Tem um profissional chamado Eduardo Correia, que é o nosso maior fisiculturista que temos hoje no Brasil. Se você botar ele na frente da minha loja, meu freguês não conhece ele, muito menos o meu funcionário. Ninguém vai saber quem é o Eduardo Correia. Só que o Eduardo Correia é um formador de opinião. Todos os professores de academias, técnicos, todos conhecem o Eduardo Correia, sabem quem é ele. Quando alguém vem pedir alguma orientação, alguma informação sobre como consumir, como é que consome. A primeira coisa que vem na cabeça desse camarada é o Eduardo Correia e a empresa que ele representa, e a indicação é imediata dessa empresa.

36. Qual a empresa que ele representa?

O Eduardo Correia hoje está com a Black Skull, mas estou falando assim, pessoas como o Eduardo Correia, profissionais como ele têm uma influência muito grande no consumo e é por reflexo, ninguém sabe quem é ele, porque o consumidor não sabe. Mas o técnico da academia sabe. Então invista mais nos nossos profissionais, *pra* eles saírem do Brasil, terem mais conquistas, pra se tornarem ídolos aqui também no Brasil, assim como o Arnold foi nos EUA, vocês vão gastar menos e ter muito mais com vocês do que com a mulher do Belo ou a blogueira X ou a blogueira Y. Eu acho o investimento errado, mas eles gostam assim, porque vem de escola de fora, eles contratam o profissional que vem com essa coisa na cabeça que não tem nada a ver com suplemento.

APÊNDICE D: Questionário

Questionário estruturado no Google Formulários, respondido por 56 pessoas de diferentes lugares do Brasil, a maioria em São Paulo/SP. Respostas colhidas entre 05/10/2017 e 15/10/2017.

A estrutura se divide em 4 seções descritas após o Enunciado. Entre respostas qualitativas e quantitativas, expomos em gráficos as respostas quantitativas ou mensuráveis. As qualitativas foram usadas na construção da pesquisa de forma abrangente em conjunto com as demais referências.

Enunciado do Questionário:

Olá!! Muito obrigado por colaborar com nossa pesquisa!

O objetivo é avaliar alguns aspectos com relação aos estilos de vida cotidianos em São Paulo e sua Região Metropolitana e a prática de exercícios físicos pelas pessoas. São apenas 20 questões no total, divididas em 4 sessões, alternando entre descritivas e múltipla escolha. O tempo médio para a finalização do questionário é de 5 a 8 minutos.

**** o questionário é absolutamente anônimo, não coleta nenhum dado pessoal ****

Estrutura de Perguntas:

Seção 1: Sobre a prática de exercícios físicos e academias:

1. Quais atividades físicas você pratica?
2. Em média, quantas horas na semana você pratica atividades físicas?
3. Por que você pratica atividade física?
4. Que locais você utiliza para praticar exercícios físicos?
5. Por que você escolheu este(s) local(is) para praticar exercícios físicos? (É perto de sua casa/trabalho/faculdade?)
6. Em sua opinião, por que, atualmente, as pessoas praticam atividades físicas?
7. O que mudou em sua vida após o início da prática de exercícios físicos?
8. Após praticar exercícios físicos, você percebeu alguma influência ou mudança no seu ritmo de trabalho?
9. Você já sofreu ou conhece algum caso de pessoas que tiveram dificuldades de conseguir trabalho por conta da forma estética corporal?
10. Você utiliza (ou já utilizou) algum suplemento alimentar para otimizar seus ganhos na academia, como proteínas, aminoácidos, estimulantes ou termogênicos? Quais?

Seção 2: Sobre sua alimentação cotidiana

1. Em sua avaliação, você reconhece que sua alimentação no dia-a-dia costuma ser de boa qualidade (balanceada, nutritiva) ou de má qualidade (calórica e gordurosa)?
2. Você regula sua alimentação cotidiana diária para alguma finalidade (estética ou de saúde)?

Seção 3: Sobre a estética corporal

1. Defina, em algumas palavras, qual o perfil estético ideal para você?
2. Em seu entendimento, você acha que os meios de comunicação (TV, cinema, internet e as redes sociais, revistas e as publicidades) elegem algum padrão específico de corpo/ de estética corporal?
3. Em seu entendimento, uma pessoa magra ou com definição muscular é vista com mais *status* e/ou socialmente aceita do que uma pessoa gorda ou obesa?
4. Você se sente satisfeito com sua forma física?

Seção 4: Sobre o cotidiano urbano metropolitano

1. Onde você mora? (Cidade e Bairro).
2. Qual o tempo médio de deslocamento diário que você gasta em suas viagens por trecho (para o trabalho/ estudo)?
3. Por favor, selecione os meios que você diariamente utiliza para se deslocar entre moradia – trabalho/estudo:
4. Você se sente estressado com o tempo e/ou a qualidade de seus deslocamentos diários entre moradia – trabalho/casa
5. Os problemas ambientais na metrópole interferem na sua percepção de saúde/ qualidade de vida?

6. Considerando o seu interesse na atividade física e qualidade de vida, o que você gostaria que fosse diferente/ melhorasse na cidade onde você vive?

Respostas:

Seção 1:

2. Em média, quantas horas na semana você pratica atividades físicas?

50 respostas

4. Que locais você utiliza para praticar exercícios físicos?

56 respostas

Seção 2:

1. Em sua avaliação, você reconhece que sua alimentação no dia-a-dia costuma ser de boa qualidade (balanceada, nutritiva) ou de má qualidade (calórica e gordurosa)?

56 respostas

- Sim, sei que minha alimentação é diariamente balanceada e nutritiva.
- Sim, reconheço o balanço nutritivo da minha alimentação, mas não sigo todo o dia.
- Não, não sei avaliar a qualidade da minha alimentação, mas costumo comer de tudo (desde verduras, leg...
- Não, não sei avaliar minha alimentação e não estou preocupado.

2. Você regula sua alimentação cotidiana diária para alguma finalidade (estética ou de saúde)?

56 respostas

- Sim, sempre contabilizo cada caloria e quilograma.
- Sim, apenas faço uma breve estimativa e eventualmente deixo de comer certas coisas.
- Não, apenas faço uma estimativa, mas não deixo de comer o que quero/ gosto.
- Não, não estou preocupado e como tudo o que quero/ gosto.

Seção 3:

2. Em seu entendimento, você acha que os meios de comunicação (TV, cinema, internet e as redes sociais, revistas e as publicidades) elegem algum padrão específico de corpo/ de estética corporal?

56 respostas

3. Em seu entendimento, uma pessoa magra ou com definição muscular é vista com mais status e/ou socialmente aceita do que uma pessoa gorda ou obesa?

56 respostas

4. Você se sente satisfeito com sua forma física?

56 respostas

Seção 4:

2. Qual o tempo médio de deslocamento diário que você gasta em suas viagens por trecho (para o trabalho/ estudo)?

56 respostas

3. Por favor, selecione os meios que você diariamente utiliza para se deslocar entre moradia – trabalho/estudo:

56 respostas

4. Você se sente estressado com o tempo e/ou a qualidade de seus deslocamentos diários entre moradia – trabalho/casa?

56 respostas

5. Os problemas ambientais na metrópole interferem na sua percepção de saúde/ qualidade de vida?

56 respostas